



Elias J. Torres Feijó

PORTUGAL, PARA QUÊ?

**SEIS MARCOS NO
RELACIONAMENTO
GALEGO-PORTUGUÊS**

andavira
editora

PORTUGAL, PARA QUÊ?

**SEIS MARCOS NO
RELACIONAMENTO
GALEGO-PORTUGUÊS**

1.ª edición
Santiago de Compostela, 2019

© ANDAVIRA EDITORA, S. L.
Vía de Édison, 33-35 (Polígono do Tambre)
15890 Santiago de Compostela (A Coruña)
www.andavira.com · info@andavira.com

© ELIAS J. TORRES FEIJÓ

Desenho de capa
DIXITAL 21, S. L.

Impressão e encadernação
TÓRCULO COMUNICACIÓN GRÁFICA, S. A.

Impresso em Espanha · *Printed in Spain*

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial deste trabalho, nem a sua incorporação a um sistema informático, nem a sua transmissão sob qualquer forma ou por qualquer meio (eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros) sem autorização prévia por escrito do proprietário dos direitos autorais. A violação desses direitos pode constituir um crime contra a propriedade intelectual. Dirija-se ao CEDRO (Centro Español de Derechos Reprográficos) se precisar fotocopiar ou digitalizar um fragmento deste trabalho. Pode entrar em contato com o CEDRO através do site www.conlicencia.com ou polos telefones +34 91 702 19 70 / +34 93 272 04 47. Andavira, no seu desejo de melhorar as suas publicações, agradece todas as sugestões que os leitores fizerem ao departamento editorial polo e-correio: info@andavira.com.

Depósito legal: C 2485-2019
ISBN: 978-84-121509-8-8

Elias J. Torres Feijó

PORTUGAL, PARA QUÊ?

**SEIS MARCOS NO
RELACIONAMENTO
GALEGO-PORTUGUÊS**

andavira
e d i t o r a

Para seis marcos de amizade: Rosendo Bugarín, Luís
Cuntín, Antonieta Rodríguez-Cadarso, Xerardo G.
Mera, Xosé Manuel Sarille e Xavier Freire.

Índice

1 Portugal, Sísifo e o galeguismo	11
1.1 Portugal, para quê?	11
1.2 Seis marcos	14
1.3 Relacionamento galego-português	16
1.4 Esta edição	17
2 A receção de Camões na Galiza	19
3 “Dend’as fartas orelas do Mondego (...)”: intimismo e comunidade galego-portuguesa	45
4 A polémica na <i>Revista Gallega</i> sobre o texto da inscrição no monumento “Aos mártires de Carral”: a evidência dum sistema paralisado	51
4.1 Nota prévia	51
4.2 A polémica linguística, umha polémica sistémica	53
5 Relacionamento literário galego-português. Legitimação e expansão com Sísifo ao fundo	65
5.1 Ponto de partida. A legitimação do protossistema galego e Portugal	66
5.2 O relacionamento Galiza-Norte de Portugal	69
5.3 Declínio do relacionamento galeguista e impulso do regionalista nos inícios do século	72
5.4 A quase impossível relação com o modernismo português. O caso de Alfredo Pedro Guisado	75
5.5 A Galiza na fábrica Saudosista	78
5.6 A fase nacionalista galega	81
6 O 25 de abril e as suas imediatas conseqüências para e no protossistema cultural galeguista	93
6.1 O Grupo Galaxia; o ILG	94
6.2 O caso do “Manifesto para a Supervivência da língua galega”	97
6.3 A UPG	99

7	Cultura, cultura galega e mundo lusófono em Valentin Paz-Andrade. Alguns contributos	107
7.1	Considerações prévias	107
7.2	Produção e conceção cultural de Valentin Paz-Andrade no pré-guerra	109
7.2.1	Umha ação vasta e pluridimensional	109
7.2.2	Cultura como ação e dinamismo	110
7.2.3	O jornal <i>Galicia</i> : prática cultural e conceção do mundo lusófono	113
7.3	O após-Guerra Civil: elaboração do corpus conceitual	119
7.3.1	<i>Galicia como tarefa</i>	119
7.3.2	A “dimensão externa”: a lusofonia	122
7.3.3	A produção literária e a sua homologia com a atividade no campo intelectual: <i>Sementeira de Vento</i>	126
7.3.4	“A evolución trans-continental da língua galaico-portuguesa” em <i>La marginación de Galicia</i> : síntese e projeto do pensamento pazandradino	128
7.3.5	<i>O Pranto matricial</i> : convocatória de identidades	133
7.4	O Após-Franquismo: Práticas, convites e caminhos por percorrer	134
7.5	<i>A Galecidade na obra de Guimarães Rosa</i> . Um convite e umha convocatória na lusofonia	134
7.6	Mais umha produção literária e mais umha homologia de repertórios com a produção intelectual: <i>Cen chaves de sombra</i>	144
7.7	<i>Galiza lavra a sua imagen</i> e Valentin a da Galiza	145
7.8	Final	148
	Bibliografia citada	151

1 Portugal, Sísifo e o galeguismo

1.1 Portugal, para quê?

O presente livro reúne artigos ou capítulos de livro já publicados, com exceção do dedicado à polémica linguística em relação à inscrição do monumento dedicado aos Mártires de Carral; este último procede da minha Tese de Doutoramento, defendida em fevereiro de 1996, e parte da qual acabo também de publicar, com o título: *Galeguismo precário e Portugal* (Santiago de Compostela, Andavira, 2019). Este volume insere-se num projeto da Rede Galabra de divulgar, em livro, textos dispersos cuja acessibilidade não é fácil. É o caso, dentro do relacionamento galego-português, e além do referido anteriormente e do presente, do já editado *Sobre conflito linguístico e planificação cultural na Galiza contemporânea* (Através, 2018), de Roberto Samartim e meu, e do volume a sair em 2020 no CEHUM - Universidade do Minho, coordenado por Roberto Samartim e Carlos Pazos-Justo *Portugal e(m) nós. Contributos para a compreensão do relacionamento cultural galego-português*, com achegas de vári@s autor@s.

Utilizei como parte do título principal o que dera a um trabalho dos publicados no livro *Sobre conflito linguístico...* Parece-me expressivo perguntar-nos; não apenas tratar temas mas fazer das perguntas colocadas lanternas, bússolas se se preferir, para orientar a explicação dos factos ou, no seu caso, a leitura das explicações ou análises. O recurso a Portugal e ao seu mundo linguístico e cultural foi, é, importante para a o galeguismo, no sentido de legitimar, reforçar, completar ou depurar a sua proposta. A começar, certamente, pola linguística. Hoje, no quotidiano da Galiza, pode parecer normal e sem dúvida genuíno de primeira classe usar formas em galego como *deus* ou *escola*, nada habituais em tempos pretéritos, quando as funções e instituições que esses conceitos portam, foram veiculadas e impostas em espanhol. Cuveiro Piñol, por exemplo e por se *dúvida* houver, tido por alguns como feliz gramático (e, aliás, dito seja de passagem, vinculado à revolução de 1846, que estará no cerne do levantamento dos infelizes Mártires de Carral, censurava há pouco mais dum século (já agora, palavra esta, *século*, nitidamente *lusismo*, quase inusitada até a segunda metade do XIX na Galiza), o uso de palavras tão galegas como “Deus” e “dúvida”, por portuguesas; fazia-o na *Revista Gallega*, número 35, dezembro

de 1895, e contra a orientação desta plataforma do reintegracionista grupo galeguista liberal da Corunha, que tinha Manuel Murguía à frente.

São alguns desses recursos, usos e transferências, de diferente orientação e intenção mas unidos pela comum origem portuguesa, que diferentes agentes e setores do galeguismo foram praticando no decorrer dos tempos que são aqui divulgados através dos seguintes textos e sentido dos mesmos:

O texto que abre o volume (Torres Feijó 2011) foi umha encomenda do admirado Prof. Vítor M. Aguiar e Silva, que conhecia parte do trabalho por este nutrir parte da minha Tese de Doutoramento. O trabalho buscou ser, sobretudo, documental e relativamente exaustivo, dada a índole do destino. Mas desejei também nele oferecer como o autor mais emblemático de Portugal, interna e externamente, fora recebido e utilizado num âmbito fácil na acessibilidade mas complexo no canal, dadas as apreciações sobre “os galegos”; à partida pouco simpáticas, que aquele descendente de galego deixou impressas n’*Os Lusíadas*...

O segundo texto (Torres Feijó 2013) pode ser visto, na prática como um olhar um pouco mais aprofundado sobre um poema que faz parte do corpus anterior, ao ser a composição que Rosalia escreveu para o periódico *Jornal de Viagens* em 1880, com motivo da comemoração do terceiro centenário da morte de Camões, provavelmente, um dos últimos poemas que a autora escreveu em galego. Como o título do volume indica, o meu trabalho foi solicitado pelas pessoas editoras do livro publicado em honra do meu colega e amigo Tom Earle, aquando da sua reforma como catedrático da Universidade de Oxford. Earle, que me acompanhou em responsabilidades diretas no período em que fui presidente da Associação Internacional de Lusitanistas, é um dedicado e reconhecido camonista, o que explica que escolhesse esse assunto para o meu contributo. Ainda hoje, acho que me fica alguma coisa por explicar de importante nesse poema e o seu significado, que espero algum dia colmatar; acho que a verdadeiramente original produção e conceção poética de Rosalia de Castro fundamenta o quadro geral de parte da sua proposta no fixado séculos antes por Camões... Espero a isso poder dedicar alguma atenção no futuro... Diga-se agora que esse poema me parece unir a dimensão íntima e mesmo metafísica de Rosalia (como modo de tentar entender e estar no mundo) com a mais pública e coletiva expressão da história e dos percursos e da sorte da Galiza. Autoria e texto, que inclui umha bela tradução do poema para inglês, da autoria de Stephen Parkinson, colocam, em minha opinião, umha interessante questão, em que desde há muitos anos penso: o que significa que a figura de Inês de Castro fosse largamente tratada no mundo português e pouco no galego? E que fossem, até tempos recentes, sobretudo Rosalia e Castela (este em *Sempre en Galiza*) quem, desde a Galiza, abordaram essa figura? Por quê? Talvez na mesma perspectiva adotada por umha e o outro tenhamos algumas respostas, e que estas transcendam a mesma figura que tratarom.

O terceiro texto é um sub-capítulo da minha tese *A Galiza em Portugal, Portugal na Galiza a través das revistas literárias (1900-1936)*, orientada pelo Prof. José Luís Rodríguez (Torres Feijó 1996: 1022-1031). Escolhim-no porque reúne, no simbolismo democrático e galeguista, alguns aspetos dumha polémica linguística que espelha bem as dificuldades, em parte incontornáveis, ao menos por muito tempo, que os setores galeguistas que pretendiam e pretendem a constituição dum sistema cultural completo nos seus macro-fatores e dotado de suficiência sistémica enfrentam. Igualmente, dos cercos a que essa atividade pode ver-se submetida, internos e externos, corpetes bem difíceis de quebrar, mais ainda de vencer. Mas também como exemplo da vontade, do investimento de esforços para conseguir objetivos, tudo refletido na inscrição que ali, naquele monumento, podem as pessoas entender hoje como pura normalidade, na língua e na sua grafia, nos *mártires da liberdade* e em quem os lembra...

Foi também umha encomenda (no caso, dum dos editores e curadores, Antonio Sáez Delgado) o motivo do trabalho que figura como quarto capítulo deste livro, inserido no luxuoso volume, editado em 2010, que serviu de catálogo da magna exposição *Suroeste* do MEIAC, de Badajoz. Esta é umha das várias sínteses que tenho extraído para esse período também da minha tese de doutoramento, tendo, como o anterior capítulo e como corpus, as revistas culturais, com muito material inédito e que, espero, poda ver a luz algum dia... A proposta do MEIAC, ao solicitar umha análise de 1890 a 1936, conduziu-me a tratar sinteticamente esse período em conjunto na sua relação com o mundo português. Apenas mais umha nota a respeito deste texto: Sísifo. Recorro a esta figura para sintetizar a continuada frustração do projeto galeguista em diversos períodos e em bastantes dos seus objetivos e o recomeçar, em ocasiões adâmico, dos grupos que seguírom àqueles fracassos sem notícia ou aceitação de herança dos projetos e das experiências anteriores; sem legado. Assim foi no projeto do século XIX em relação à época medieval e não só. O mesmo aconteceu no após-guerra e na década de sessenta. A Galiza vive tempos sísificos na atualidade destas décadas do século XXI geradas nas de setenta e oitenta do passado século; e ninguém ajuda Sísifo, nem a retificar. Acho que bastará analisar os sentidos do relacionamento galego-português nesse período, com as precariedades e limitações em que se processou e com a energia que se verificou, para confirmar esse fenómeno adâmico e essa condena sísifca que, entendo eu, podemos apreciar no galeguismo posterior até aos nossos dias.

O quinto texto foi concebido em 2003 para ser apresentado num congresso da Asociación Internacional de Estudios Galegos, onde participei juntamente com vári@s colegas do Galabra naquela altura, mas foi publicado vários anos mais tarde (Torres Feijó 2007) da sua produção. O texto fazia parte de resultados dum projeto de investigação subordinado ao título “Portugal e o mundo lusófono na literatura galega das últimas três décadas”; em que, apesar da minha errada planificação como investigador principal, trabalharom e bem várias pessoas, entre elas algumas recém licenciadas que seguírom diversos e bem sucedidos percursos, alguns de cujos contributos estão também nessas

Actas. O texto chega a mais umha conclusão *sísifíca*: com exceções, claro, como costuma acontecer de regra, poucos grupos tiraram suficiente partido do significado e efeitos potenciais da Revolução dos Cravos. Igual aconteceu nos finais do século XIX com a produção romancista realista naturalista e simbolista portuguesa; ou com a modernista de vinte anos mais tarde; digamo-lo de forma comunicacional para evitar desenvolver outro argumento *sísifíco*: não sintonizavam a mesma frequência de onda, quiçá porque do lado galego as preocupações, interesses e possibilidades estavam *essencializadas* e eram organicistas demais... E eram (são, ainda?) mui conservadoras: eis umha análise que falta na trajetória cultural do galeguismo desde o século XIX até à atualidade, que, acho, elucidaria bastantes cousas e alguns fracassos...

Nesta arrumação cronológica dos textos, coloquei no final o resultado doutro convite prévio, o da Associação Galega da Língua (AGAL), para participar num ciclo de conferencias em maio de 1997 dedicado à figura do intelectual galeguista, advogado e empresário Valentin Paz-Andrade, com motivo dos dez anos passados desde o seu falecimento (Torres Feijó 1997). Paz-Andrade é umha figura mui complexa, controvertida para alguns setores pola sua atividade empresarial, louvada pola sua visão política e cultural por outros, não necessariamente contrários àqueles. Como for, do meu ponto de vista, a sua trajetória e a desatenção ou até desprezo que as suas propostas e atividades, incluídas as políticas, sobretudo nos anos da restauração da monarquia espanhola, refletem bem o que no capítulo anterior denominava como fenómenos (e processos e atitudes) adâmicos e sísifícos. Depois, chegou aquele ano das Letras Galegas e as cousas continuaram, com exceções notáveis, na mesma; talvez mostrando que essa classe de homenagens não são utilizadas para aprender e debater e orientar políticas e práticas; mais são belos rituais *ad maiorem gloriam* de quem publica uns livros, dá algunhas conferências e vai aos enterros a enterrar; mas, seja dito tudo: tod@s contentes.

Por associação de ideias, deixo ainda um episódio que me contou Carvalho Calero: a despedida de Valentin Paz-Andrade e Daniel Castelao em Madrid, quando aquele comunicou a este que iria candidatar-se nas listas da Candidatura Republicana de Centro de Portela Valladares, abandonando, portanto, a disciplina do Partido Galeguista, de que fora dirigente e co-fundador. Carvalho comentava-me que Castelao se despediu de Valentin dizendo-lhe que as portas do Partido Galeguista eram tão grandes para entrar como para sair; derom-se um grande abraço e mais nunca, parece ser, voltaram ver-se, ao menos com vagar. Foi umha despedida fraternal.

1.2 Seis marcos

Os textos aqui compilados são oferecidos à leitura como marcos; marcos, no sentido de acontecimento, de pessoa ou entidade importante que serve de referência, para utilizar a definição dicionarial do estraviz.org ou do <https://>

dicionario.priberam.org/. Com efeito, o que me interessa sublinhar dos casos reunidos é a sua comum índole de referência no relacionamento galego-português ou, em geral, no relacionamento da Galiza com o mundo de língua portuguesa; isto dentro da esfera das elites culturais alargadamente e, mais em concreto, no uso dado ou procurado por setores ou elementos galeguistas de materiais provindos desse mundo, normalmente entendido como próprio e como inclusivo da Galiza.

Na sua origem e fundamentação, na sua constituição e funcionamento, esses marcos divergem. O primeiro, *Camões*, é umha trajetória e umha obra perspetivadas ou utilizadas com diversos fins por mui variados tipos de agentes, onde se salienta a sua presença continuada e, em ocasiões, central, no campo cultural galego ou no seu espaço sociocultural; dele singularizo um segundo acontecimento, o poema que Rosalia escreveu para a comemoração do seu tri-centenário no *Jornal de Viagens*, de 1880.

Das várias polémicas havidas sobre a orientação codicológica do galego entre finais do século XIX e inícios do século XX que abordei através das revistas culturais da altura, pareceu-me significativo selecionar alguns episódios da havida com motivo do Monumento dedicado aos Mártires de Carral, particularmente com a sua legenda: ali ficou o resultado dumha solução *lusista* na inscrição desse marco, material e simbólico, importante para a história da Galiza e do galeguismo.

Acho que não me engano se afirmo que, na memória construída do galeguismo, há períodos que funcionam como marcos, apesar de não serem um fenómeno, um acontecimento, umha pessoa singular. É o caso, ao meu entender, das cantigas medievais galego-portuguesas, compostas e compiladas através de séculos mas que constituem um marco referencial nessa expressão sintética: as cantigas, a lírica, a poesia medieval galego-portuguesa. Isso mesmo me parece acontecer já com o período aberto pola fundação das Irmandades da Fala e quebrado abruptamente polo golpe de estado de 1936. Esses 20 anos, que podem receber muitas denominações genéricas e, ainda, podem subdividir-se em fases e sub-fases, constituem umha parte extraordinariamente destacada do conjunto de recuperação galeguista desde meados do século XIX; umha parte referencial, que funciona como um todo cujo corolário extra-temporal pode ser o *Sempre en Galiza*, de Daniel Castelao, e que pode ser abstraída como época Nós, das Irmandades, do Partido Galeguista e do galeguismo republicano, mas que acaba por converger nessa síntese de *galeguismo do pré-guerra* que sentou as bases do entendimento do galeguismo na altura e para gerações futuras nos seus traços mais grossos. Isto apesar de, e convém insistir nisto, estar extraordinariamente condicionadas pola rutura *sísifca* que seguiu a julho de 1936. Isso é assim, certamente. Mas acho que convém complementar esse marco com um alargamento maior, igualmente presente de algum modo na sua funcionalidade referencial: levá-lo às origens do galeguismo contemporâneo, em meados do século XIX; ou, ao menos, como o capítulo indica, à última década desse século.

Dissociar drasticamente o período 1916-1936 das décadas anteriores não ajuda a entender, acho eu, de maneira mais completa, o funcionamento social, político e cultural do projeto integral das Irmandades. Passa, assim, o marco *galeguismo do pré-guerra* a abranger esse período, onde, aliás, protagonistas das primeiras décadas prolongam a sua presença e agênciã, de vários modos, nas seguintes.

O quinto marco é o representado por um acontecimento decisivo na história contemporânea de Portugal, com afetação poliédrica na Galiza: o golpe de 25 de abril de 1974 que deitou abaixo a ditadura de Marcello Caetano. Poliédrica e diversa, que provavelmente configurou um novo olhar em muitas pessoas da Galiza em relação ao país de aí ao seu lado. Por algumas, até, sentido como próprio, talvez manifestando a tendência à salvação imaginária e à sublimação que faz parte de alguns recursos tomados historicamente por parte do galeguismo de Portugal, que, de resto, mui poucas vezes são praticados quando os tempos, poucas vezes, foram ou são para esse galeguismo chegados...

O sexto marco enforma-o Valentin Paz-Andrade e a sua trajetória e propostas especialmente em relação a essa entidade saliente do mundo de língua portuguesa que o Brasil constitui. O marco é a própria figura do autor focado e, com ela, as suas reflexões sobre o futuro do idioma e do relacionamento galego no mundo; dentro dele, Paz-Andrade pode ser o intelectual galeguista que maior e mais temporã atenção dedicou ao Brasil como componente fundamental do mundo de língua portuguesa; e esse é igualmente um *sub-marco* relevante na atividade sistémica de Paz-Andrade. Têm, também, essa mesma trajetória, essas propostas, um caráter programático para a Galiza e para a Galiza em relação à Lusofonia que recolhem e atualizam teses oitocentistas, e que descem a profundidade e alargam aquelas dimensões a todos os âmbitos da vida social; elaboradas no pré e no pós-guerra e assim até aos anos oitenta do século XX. Sim, passados muitos anos dessas formulações, Sísifo continua a sua condena.

Instituições, comunidades de toda a classe, povo, organizações, etc., foram referendando essa índole de marco dos nomes principais aludidos: denominações de ruas e praças ou de entidades ou organismos oficiais; comemorações cívicas, feriados nacionais, títulos de prémios ou distinções, de leis e até dumha estrela; e objeto de atenção em âmbitos da investigação ou do ensaio. Camões, Rosalia, os Mártires de Carral e o monumento a eles dedicado, Castela, as Irmandades, a Geração Nós e os seus principais protagonistas, Paz-Andrade, o 25 de abril são marcos que nesta compilação são abordados desde o prisma *demarcado* pola sua incidência no relacionamento antes expressado, ou a um facto concreto ou ao decurso geral do seu desenvolvimento.

1.3 Relacionamento galego-português

Poucas palavras para dar justificação a esta parte do título. Falo nele de relacionamento galego-português. Na verdade, como relacionamento agencial

recíproco, ele só está presente nos capítulos quarto e, em parte quinto e sexto, este excedendo as margens da entidade *Portugal* para alargá-la substantivamente à do *Brasil*. Não toda a presença precisa de relacionamento, certamente; mas a presença é umha forma de relacionamento, ao menos para quem realiza a transferência ou usa a referência. De todos os modos, o que me parece mais relevante do relacionamento, seja qual for e, ao menos, neste caso, é que ele como conjunto mas igualmente tomada qualquer ação singular, constitui umha proposta de entendimento do *Outro*, sendo aqui esse *Outro* fundamentalmente Portugal. Situo aqui a minha principal proposta de receção dos capítulos que seguem. Eles centram-se em marcos importantes na história do relacionamento de determinadas elites culturais galegas com esse *Outro* Portugal: isto é relevante para a história e a memória, serve de bilhete ou prólogo para a compreensão de significados e significações. Mas é a mesma existência do relacionamento galego-português e o seu caráter ao longo de muitos anos, aqui exposto nuns poucos casos, o que acho determinante para entender, em boa medida, o que é a realidade cultural galega dos diversos setores galeguistas no decurso destes tempos nas coordenadas em que a sua vida cultural, tal como entendida nestes trabalhos, se desenvolveu e funciona.

1.4 Esta edição

Todos os textos aqui apresentados são dados integralmente e sem alterações de conteúdo, além de algumha correção de gralhas ou erros materiais e unificados numha ortografia próxima do Acordo Ortográfico para a Língua Portuguesa de 1990, conservando algumhas formas genuínas galegas dentro dele, procurando a harmonia com a *Ortografia galega moderna confluyente com o português no mundo* (Através 2017), da AGAL, e sacrificando outras soluções próprias à unificação com o restante mundo de língua portuguesa, dado o quadro de situação da língua na Galiza e a força das circunstâncias. Só o capítulo da polémica derivada da inscrição do monumento aos Mártires de Carral foi modificado do original procedente da minha tese de doutoramento, incluindo umha nota prévia que pode permitir compreender um pouco melhor o quadro de situação da altura e adaptando alguns parágrafos para umha melhor compreensão, ainda que minimamente. Este respeito polo conteúdo original igualmente obedece à minha pretensão de datar as achegas e as perspetivas; e ele faz com que haja repetições quase literais de alguns parágrafos do primeiro capítulo no início do segundo e algumha recolha dele no quarto; conservo-os sem modificar, também para facilitar a leitura independente de cada um dos capítulos, ao eles darem algumha informação adicional útil para entender processos e sequências e quadros de produção.

Certamente, não estivo na minha intenção nem capacidade umha revisão bibliográfica atualizada que, aliás, não considero relevante por, em geral, os trabalhos aqui divulgados estarem concebidos sobre a base de compilações documentais como um dos seus eventuais contributos. Certamente também,

sobre algumas das matérias indicadas tem havido achegas de relevo que, até onde sei, não impugnam ou contradizem nem a veracidade documental nem a análise feita. Baste só indicar, pola sua extrema coincidência de interesses, o artigo que, sobre “A recepção de Camões na Galiza”, foi publicado no número 182 da revista *Colóquio/Letras* (janeiro-abril de 2013) polo professor Xosé Manuel Dasilva, ou a síntese analítica oferecida polo meu colega da Rede Galabra Roberto Samartim (2014), com recurso a métodos quantitativos e qualitativos, sobre o impacto do ‘25 de abril’ na Galiza, focado na reação dos principais grupos atuantes na altura. De resto, cabe lembrar que o ano das Letras Galegas dedicado à figura de Paz-Andrade em 2012 conheceu grande quantidade de materiais e análises sobre ele e a sua produção; como também as comemorações da fundação das Irmandades da Fala provocaram similar fenómeno no relativo ao galeguismo das décadas de dez, vinte e trinta do século XX. A obra e a biografia de Rosalia de Castro estão sendo objeto igualmente de novas achegas. O caso do Monumento aos Mártires de Carral é assunto de lembrança periódica nos diversos meios de comunicação galegos e ainda alguns forâneos e tem gerado, fundamentalmente na internet, materiais valiosos.

Em todos os textos, respeitei igualmente os critérios editoriais com que foram originalmente publicados (apesar de, em casos não concordar com eles) porque não alteram substantivamente nem a leitura nem o sentido desta, seja na capitulação, na colocação das notas de roda-pé ou da bibliografia, ou até no formato ou seleção desta. Fundamentalmente, este é o caso do dedicado á recepção de Camões na Galiza, em que são incluídas como bibliografia algumas das fontes secundárias citadas no texto; ficam fora outras, algumas que podem ser consideradas de maior importância; aproveitei, sim, para corrigir algum erro na bibliografia e completar, entre [], algumas referências. Mas essa escolha não condiciona minimamente o sentido do texto tendo em conta a classe de trabalho que é: um artigo de forte base documental pertencente ao género de dicionários temáticos que sobre períodos, acontecimentos, autores, etc., tiverom nas últimas décadas particular presença no âmbito das Ciências Humanas e Sociais. De facto, esse é o sentido primordial do verbete original. O que fizem foi agrupar e recolher a bibliografia citada no final do volume. Já no caso de “Relacionamento literário galego-português Legitimação e expansão com Sísifo ao fundo”, seguim os critérios editoriais da fonte original, em que existia umha seleção de fontes bibliográficas, que, como as relativas aos outros textos, coloquei na Bibliografia final e um conjunto, numeroso, de citações de corpus, fundamentalmente, que faz sentido que permaneça no corpo do texto e assim procedim. Essa Bibliografia agrupa, pois, as referências básicas utilizadas nos textos, tanto de fontes secundárias como metodológicas.

2 A receção de Camões na Galiza

A obra de Camões oferece à sua receção galega singularidades: além de acessível, linguística e geograficamente (embora nem sempre garantia de fluída comunicação, cultural e espacial), como mostra a presença de primeiras e segundas edições das suas obras em bibliotecas galegas, fundamentalmente a da Universidade de Santiago de Compostela, provavelmente adquiridas já perto da altura da impressão dos mesmos, e, algumas, legados particulares, o episódio da galega Inês de Castro e as alusões diretas aos galegos, sobretudo III, 19 (“Galego cauto”), e IV, 10 (“A vós outros também não tolhe o medo,/Ó sórdidos Galegos, duro bando”), nos *Lusíadas* salientam do conjunto. Alusões todas controversas: Inês é umha nobre galega assassinada em Portugal por ordem dum rei português, apesar da tendência (e o sucesso) de autores lusos, entre os quais Camões, de converter o episódio sobretudo numha consequência do amor (*Os Lusíadas*, III, 119) e ilibar Afonso IV, que atuaria instigado polo povo, e transformá-lo mesmo num ato do destino irremediável (*Os Lusíadas*, III, 130). As alusões aos galegos são também melindrosas, como as mesmas primeiras traduções para espanhol testemunham, na tentativa de relativizar os adjetivos na sua aceção presumivelmente pejorativa (Extremera Tapia: “Los gallegos en Os Lusíadas y la crítica española”, em *Homenatge a Basilio Losada*, 2000). O melindre aumenta na parte em que os galegos aparecem aludidos (VI.10), logo depois da rápida referência que o poeta dá da morte de Joám Fernandes de Andeiro, Conde de Ourém, o nobre galego de quem se diz andava de amores com Leonor Telles, IV,6.

A sua lírica cedo se converteu em modelo produtivo. Se, na tradição escrita, não chegam a quinze os poemas de carácter culto na língua da Galiza que se conhecem desde a publicação das *Rimas* até à quase ao Romantismo (exceto vilancicos e textos popularizantes), duas delas, as consideradas de maior qualidade, manifestam a influência do soneto camoniano: “Turban corram as Agoas, poña luto” (cfr. “Correm turvas as águas deste rio”), de Juan Gómez Tonel (1612, publicadas na sua compilação *Relacion de las exequias que hizo la Real Audiencia del Reyno de Galicia, á la Magestad de la Reyna D. Margarita de Austria nuestra Señora (que Dios tiene, 1612)* e o do ilustrado José Andrés Cornide y Saavedra (1734-1803), “Viche, Filida amada, o pajariño” (cfr. “Está o lascivo e doce passarinho”).

Ora, a ‘questão galega’ no poema épico vai conhecer, em meados do século XVII, umha nova singularidade: a origem galega do poeta, posta de manifesto, primeiro por Manoel Severim de Faria, que fala dum primitivo solar dos Camões em *Finis Terra*, em *Discursos Vrios políticos*, 1624, e cita Vasco Pires de Camões como primeiro antepassado em terra portuguesa, apoiando-se em Fernão Lopes, depois e mais alargadamente, por Manuel Faria e Sousa (reafirmada pelo “Elogio prévio” de Lope de Vega): neste, os Camões viriam dos Caamaños, com solar em Noia, passando a família daí a morar numha “casa fuerte llamada Rubianes, que tenia de la otra parte de un brazo de mar que llaman ‘Ria de Aroça’”. O apelido, “con alguna corrupcion, pues dezimos Camoens”, passara com Vasco servindo D. Fernando (Sousa, 1639: 17,18). Faria e Sousa alude também aos galegos nos seus comentários, em algumha ocasião de modo relevante, caso da glosa à III, 20, até chegar ao comentário a III, 19 [“Entre los gallegos ay insignes noblezas, i grosserias insignes (...) la mayor çuziedad es la traicion. Pero unos, i otros vicios e entiende en la escoria de la plebe”] e a IV, 10 (“Nuestro Poeta quando dixo esto, o no devia acordarse, que era Gallego, (...) o si se acordò, no la quiso perdonar, ni hasta a si propio, conforme a su libertad”).

Estas circunstâncias vão influenciar o modo de receção de Camões. Fr. Félix de la Gándara em *Armas i Triunfos. Hechos heroicos de los hijos de Galicia* (1662) recolhera já esses comentários, como também os reiterará, no que se refere à origem de apelido e família, Faria e Sousa na primeira página da “Vida del Poeta” das *Rimas Varias* (1685), por exemplo; mas é Fr. Martín Sarmiento, nome mais marcante na história da cultura galega na receção de Camões, cuja importância é significativa para o frade a atentarmos a atenção sistemática que dá ao poeta em duas vertentes fundamentais: a da origem galega e a do tratamento dado aos galegos em *Os Lusíadas*, e com um parâmetro praticamente omnipresente: a defesa da Galiza. E isto nas suas *Memorias para la historia de la poesía y poetas españoles*, publicadas de forma póstuma no ano de 1775, sublinhando a condição de poeta de Vasco Pires de Camões; em “Viaje a Galicia” (1745), no *Onomástico etimológico de la lengua gallega* (c. 1760), em que censura como defeito próprio dos portugueses ocultarem as suas raízes galegas, desde a língua à nobreza, e onde se demora sobre a origem galega de Camões, criticando-o porque “heredó de Galicia la sangre y el numen poético, y sólo tuvo de Portugal el vilipendiar a Galicia y el ser ingrato a sus progenitores”; censurando o que José Adriano de Freitas Carvalho (1981) entenderá como um “choque de patriotismos”, “nos inícios da crise das relações hispano-portuguesas da segunda metade do século XVIII”). Em *Noticia de la verdadera patria (Alcalá) de Miguel de Cervantes* (c. 1761) foca mais umha vez com novos testemunhos Vasco Pires de Camões e renova a censura ao *ocultacionismo* luso e as suas queixas à ingratidão do poeta. É, como indica Dasilva (2007), na obra posterior, *660 pliegos*, onde mais largamente vai tratar, como anuncia no prólogo, “de la abundancia y pureza de la lengua gallega, y con motivo de haber llamado Camões en sus *Lusíadas* sórdidos a los gallegos, y Faria en el comento de ellas interpretado la voz cautos, que los atribuye el primero, por traidores; da

contra los portugueses ridiculizándoles en extremo sus baladronadas, haciendo una rigurosa crítica de las Lusíadas, y manifestando que si algo de bueno tienen los portugueses, y su lengua, todo lo deben a Galicia”.

Na primeira metade do século XIX, Camões aparece como escritor distinto, particularmente na sua épica, e símbolo de Portugal. Mas não se trata ainda dumha rede de entendimento das relações camonianas: sem vinculá-lo ao Poeta, A. Neira alude a Vasco Pires de Camões (n.º 5; outubro, 1841, de *El Idólatra de Galicia*). Fala-se ainda de Gerónimo Bermúdez, autor da *Nise Laureada* e da *Nise Lastimosa*, como poeta galego sem referências ao português (*El Recreo Compostelano*, n.º 9, 11 maio de 1842).

A partir de meados de século, desenvolve-se umha corrente galeguista, complexa. No modo como Portugal é olhado, vai manifestar-se toda essa complexidade, desde perspetivas exclusivamente galego-lusas até, e passando por todo um leque em que o lado galego pode estar mais ou menos salientado no esquema relacional luso-espanhol, as luso-espanholas, explícitas ou implícitas, no mesmo uso do idioma; este é o caso de poemas como o do médico López de la Vega (1857; 1858), de que farão eco Pereira Caldas em 1881 (*Encomio a Camões numa poesia hispanhola de D. José Lopez de la Vega* em 1855), e depois Bernardes Branco, em *Portugal e os estrangeiros*, III, 1895, pp. 338 ss.) ou os de Francisco Añón (“A Lisboa”; 1857, *Revista Peninsular*, recolhido em *Portugal e os estrangeiros*, t. II, 1879; e o soneto com eco dos *Lusíadas* “Para hacer indelebre tu memoria”, com motivo da inauguração da estátua no Chiado (*Diário de Notícias*, Almeida Neto no *Album de homenagens a Luiz de Camões*, 1870; *La concordia*, 1878, *Faro de Vigo*, 1878, etc.).

Cedo aparece Camões como modelo produtivo, nos primeiros poemas com impacto de dous dos poetas mais canonizados da história literária galega: no célebre “A campana de Anllóns”, de Eduardo Pondal (primeira versão: *El País*, de Ponte Vedra, em fevereiro de 1858) é visível a presença do *Sôbolos rios que vão*; e nos primeiros esboços épicos do seu inacabado *Os Eoas* (primeiros versos em *Galicia Médica*, 1857) que canta a gesta da descoberta da América, *Os Lusíadas* são, já desde o título, a referência quase constante. Bouza Brey analisa o exemplar de *Os Lusíadas* de 1891 anotado por Pondal, afirmando seguirem “a inspiración camoeniana en estructura, léxico i-elemento maraviloso, diferenciándose, non embargante, na ausencia de intervenzón cristiana ao par do mundo mitolóxico greco-latino”, concluindo que “o peso terrible do poema lusitano gravita a cada estrofa”. Mesmo a composição de passos tem a sua fonte no poema camoniano (Carvalho Calero, 1960; 1961; 1971; 1975; 1980; vid. Verdini Deus, 1983 sobre o paralelismo temático, a linha argumental, passagens paralelas, métrica e vocabulário; também, Amado Ricón, 1971; Méndez Ferrín 1993; Ángel Brea 1994; Xosé Ramón Pena e Manuel Forcadela 2005, Ferreiro, 2005); já em 1888, Martínez Salazar, sob pseudónimo de *Marsal*, atribuíu usos ortográficos de Pondal à sua presença n’*Os Lusíadas* (Martínez Salazar, 1888). O filocamonianismo de Pondal alarga-se a outros poemas, como “A Fala”, que

conclui: “Verbo do gran Camões/fala de Breogán [o celta herói mítico fundador da Galiza]”

Na composição em duas partes “Roxiña cal sol dourado” e “Franca, pura, sin enganós”, de Rosalia de Castro (*Cantares gallegos*, 1863), Jacinto do Prado Coelho (1952), detetou a ascendência de “Descalça vai pera a fonte” e “Na fonte está Lianor”, “não só nos processos de encarecimento, como no metro e no esquema de rimas”, o que foi sublinhado por Alberto Machado da Rosa, que acrescentou que “Descalça vai para a fonte” fora transcrita por Manuel Murguía no seu artigo “Camoens y sus Rimas” nos números 47, de 18/11, 49, de 2/12 e 51 de 16/12 de 1860 do malacitano *El Museo Universal*, [“Heine in Spain (1856-1867). Relations with Rosalia de Castro”, *Monatshefte*, XLIX, 2, 1957].

Periódicos dedicados ao exalçamento da Galiza começam a apropriação galeguista de Camões, por via da unidade linguística e, sobretudo, da sua origem galega (*Galicia, Revista Universal deste Reino*, n.º 7, 1-4-1862; 11, 1-6-1862); Manuel Murguía, principal ideólogo do galeguismo, na sua *Historia de Galicia* (1865) afirma que o “idioma hablado por el gran Camoens, es idéntico al que nosotros hablamos al presente”; e inicia-se igualmente umha apropriação mais espanholista do que galeguista: José López de la Vega, em “La poesía portuguesa y la poesía gallega” (*Galicia, RUR*, 5, 1-3-1863 e 15, 1-8-1863), por exemplo.

A questão da origem galega vai ocupando o primeiro plano (Vesteiro Torres, “Vasco Pires de Camoens”, *Galeria de Gallegos Ilustres*, 1874; prolongando-se em textos como *Breve compendio de los varones ilustres de Galicia*, de José Pardiñas, ou de J. Areal, *Casas solariegas en Galicia. Apuntes para la genealogía de los Caamaño y los Camoens, La correspondencia gallega*, 2752, 1899) culminando na comemoração do Tricentenário da Morte do poeta. Para o “Portugal a Camões” do *Jornal de Viagens* envia Rosalia “Dend’as fartas orelas do Mondego/ e dend’a Fonte das lágrimas”, centrado em Inês de Castro e na origem galega do Poeta, “esta lembranza doce,/envolta nunha bágua,/che manda dende a terra onde os teus foron/un alma dos teus versos namorada” (Bouza Brey, 1948; Prado Coelho, 1952; Machado da Rosa, 1972; Filgueira Valverde, 1985). Duas revistas se destacam, acolhendo o núcleo fundamental das comemorações camonianas na Galiza, capitaneadas respetivamente por Pardo Bazán e Murguía. A presença do evento, dum ponto de vista luso-galego/ espanhol é quase sistemática na *Revista de Galicia* [n.º 1, 4-3-80; n. 7, 18-4; n.º 9, 10-5 e números 10, 12 (que conclui transcrevendo um soneto em espanhol, outro em português e outro traduzido, seguidos das colaborações de Pardo Bazán - “Á orillas del Tajo”-, Ricardo Sepúlveda e Simões Dias no *Portugal a Camões*), 13 (sobre textos da Homenagem, sob pseudónimo de Torre-Cores), 14, sobre a *Bibliographia Camoneana*, de Teófilo Braga, e 15, de 10 de agosto (polemizando sobre as suas anteriores apreciações e incluindo juízos sobre textos camonianos do colaborador Lino de Macedo), onde em geral a proximidade linguística e a origem galega de Camões funcionam no quadro relacional hispano-luso. Por sua parte, a *La Ilustración Gallega y Asturiana* reedita o extenso artigo

do líder galeguista Manuel Murguia publicado no *El Museo Universal*, que também tinha similar perspectiva relacional, mas desta vez o texto é corrigido, tendente sobretudo a amortecer aspetos críticos e a perspectiva espanhola em que Murguia se situava no texto de 1860, e *galeguizado* na sua leitura por umha nota de rodapé que, além dos muitos vínculos que unem a Galiza a Portugal, justifica a oportunidade da reprodução recorrendo à origem galega e invocando a *auctoritas* do importante aliado dos galeguistas, Teófilo Braga. Murguia alude à obra camoniana do erudito português: talvez à sua *História de Camões* (1873), referindo especificamente o comentário do Marquês de Santillana, que terá fortuna posterior, -ver a biografia de Camões que Marcos Argüelles traduz de *Luiz de Camões e a nacionalidade portuguesa* de Teixeira Bastos na *Corona Poetica e Literaria dedicada a Luiz de Camões por la literatura y artes de España*, (1880); ou então ao seu *Parnaso portuguez moderno*, de 1877, em que Teófilo estima que “a Galliza deve ser considerada como um fragmento de Portugal, que ficou fóra do progresso de nacionalidade”; que “não deixou de influir nas formas da sociedade e da litteratura portugueza”; “através dum grande numero de familias nobres da Galliza”; que passaram a Portugal “como os Camões, os Mirandas, os Caminhas, d’onde provieram os grandes e maiores escriptores da esplendida epoca dos quinhentistas” (XXXVI); em Camões Teófilo deteta formas galegas persistentes, provindas do “dialecto em que o grande epico chegou a escrever dois sonetos”; argumentando que o esquecimento das relações étnicas com a Galiza foi consequência do desprezo que “os escritores tiveram pela tradição nacional”; aludindo a “essa phrase injusta” de IV, 10. Não era unânime a apreciação: na sua *Galeria de Varões Illustres de Portugal* (1882), Latino Coelho duvida do “crédito de Manuel Severim de Faria”; para, logo, frente ao positivismo de Teófilo, manifestar que pouco importa qualquer ascendência nobiliária e afirmar não ser satisfatória a passagem de Caamaños para Camoens. Quanto à translação do artigo de Murguia, ele constituía o primeiro estudo dum galeguista político sobre Camões; nele trata das relações hispano-lusas como presididas polo desconhecimento, que é estendido às *Rimas* (segue a edição de Hamburgo) frente a *Os Lusíadas*; alude a sonetos como *Alma Minha Gentil que te partiste*, que considera só inferiores a alguns de Góngora, La Torre e Rioja; transcreve na íntegra *Quando o Sol encoberto vai mostrando* e, opinando ser o amor o único tema do soneto camoniano, cita inteiro “oh, como se alonga de anno em anno”; os dous quartetos do soneto ao rei D. João III, “desmerecidos” polos dous tercetos, e, como prova de que “manejó nuestro idioma” “Las peñas retumbaban al gemido”. No número 22, de 8 de agosto, volta a referir-se à superioridade do soneto camoniano sobre Petrarca e acrescenta considerá-lo igual a Góngora “en sus fáciles y hermosas letrillas”; toma “Falso cavalleiro ingrato”; como exemplo de “sencillez”; “sentimiento”; “amor”; introduz *Descalça vai para a fonte* indicando que “en los siguientes versos se hallan reunidas á lo fácil y fluido de la versificacion, una verdad y una gracia descriptiva que harian honor al mismo Baltasar de Alcázar”; e, também admirativamente, *Aquella captiva* em que vê ecos de *La Vaquera de la Finojosa* de Santillana: “para comprender la fuerza de expresión que encierran estos dos últimos versos [pretos e cansados/ mas não de matar], para saber lo que son esos *ojos negros*

y *cansados* de que nos habla el poeta, es necesario haber nacido en aquellos suelos, en donde, segun una enérgica frase, *hierva la sangre*”; e cita como outro exemplo *Verdes são os campos*. As canções camonianas são objeto da maior crítica (“en ninguna ocasión se muestra el poeta más desaliñado é incorrecto que en sus canciones”); cita trechos da canção X, justificando a menor qualidade por o poeta estar habituado à descrição, “que es verdaderamente el alma de los poetas épicos, (...) porque en las canciones debe campear por entero y sobre todo el sentimiento”; “lo mismo sucede con las odas”; diz, citando a IX, em que vê semelhanças com a III de Frei Luis de León. O artigo conclui no número 31, de 8-11-80 sobre o género bucólico, que “puede sostener comparación con los mejores poetas bucólicos posteriores á aquéllos [Teócrito y Virgilio], sin que la fama del ilustre cantor portugués sufra menoscabo alguno”.

Entretanto, o periódico publicou “El centenario de Camoens”; no número 18, de 28-6-80, umha crónica sobre os festejos de Lisboa do conhecido jornalista e diretor do periódico Alfredo Vicenti, com marcante perspectiva galego-lusa, na paisagem, na religiosidade popular e na língua; e de grande louvor ao povo português.

Esta base que as origens e a língua de Camões proporcionam (e que Teófilo estende em Portugal na sua perspectiva, caso do seu discípulo Leite de Vasconcellos, *À Galliza*, 1881) vão alicerçando e estendendo a apropriação, não apenas, galeg(uist)a do poeta, como também a espanholista; por exemplo, no circuito católico, em 1888, *Galicia Diplomática* (n.º 34 de 26 de agosto; t. III.) recolhia umha informação do *Boletín oficial del Arzobispado de Santiago*, de “fecha jueves 7 de Junio de 1888”; com um “editorial” intitulado “Camoens” retirado do periódico conservador madrileno *El siglo futuro*, alicerçado na edição do Morgado de Mattheus.

Pola sua parte, Lugrís Freire no livro *Soidades* (1894; antes no *A Gaita Gallega*, Havana, 1885-1889, revista co-fundada por Lugrís, um dos seus diretores), utiliza o poeta para sustentar a legitimidade do uso do idioma, amparado na doutrina do reintegracionista Antonio de la Iglesia em *El Idioma Gallego. Su Antigüedad y vida* (1886) e na origem galega do poeta. Na linha reivindicativa galeguista, Murguía recorre a Camões como mostra de autossuficiência galega (“Camões vale bien Cervantes”) em polémicas como a que mantém nas suas “Ligeras observaciones al discurso leído por el señor D. Antonio Sánchez Moguel en su recepción en la Real Academia de la Historia, de Madrid, el 8 de Diciembre de 1888”; *Galicia*, n.º 4, abril de 1889, já com perspectiva nitidamente luso-galaica. E vai fixar o conjunto legitimador camoniano para o galeguismo, em texto de importância político-cultural transcrito quase na íntegra polo órgão regionalista *La Patria Gallega*, de 15 de julho de 1891, nos números 7 e 8, pronunciado nos Jogos Florais de Tui, em 1891. A base é a origem galega de Camões e, mesmo, a defesa de que a obra camoniana estaria escrita na variante galega da língua comum, o que andava já no ambiente galeguista (caso do artigo solidário com Portugal com que o periódico *A Monteiro* abre o seu número de

25-1-1890, logo após o *Ultimato*). No discurso alude também ao episódio de Inês de castro, “un d’os cuadros mais fermosos e patéticos qu’un poeta pode concebir”; em que julga parecerem ser “as inmortaes estrofas de Camoens” “eco d’aquela narrazón” [*Siervo libre de amor*, do galego Juan Rodriguez del Padrón], o que atribui a umha razão “superior”; a voz do sangue e o lugar comum de origem ainda, vinte anos mais tarde, no *El Barbero Municipal* e numha fase de declínio da atividade galeguista, voltará sobre esta comparação e sobre o episódio de Inês (“Plagio?”, n.º 65, 7-10-1911).

Estabelece-se, também, um relativo paralelismo entre a Renascença lusa e o renascimento galego oitocentista. O caráter fundacional que o Ressurgimento tem na cultura galega fará com que Camões, símbolo a vários títulos de Portugal, da sua cultura e independência, da sua vinculação com a Galiza, polo próprio caráter da sua obra, altamente canonizada, e modelo produtivo, conheça nesse período a sua maior centralidade na cultura galega. Em geral, quanto mais galeguistas os autores mais exalçamento reivindicativo de Camões, o que se estendia a todos os âmbitos. São os anos da afirmação galeguista e da luta pola sua legitimidade. Portugal desempenha um poderoso papel de referente de reintegração, de emulação e de analogia, por vezes, frente ao referente de oposição que representa Castela/Espanha. Camões surge como símbolo, apesar do expresso na estrofe IV, 10. Nesta atmosfera galeguista, que mostra familiaridade no galeguismo com a obra de Camões (nos mesmos Jogos, outro líder galeguista, Brañas, aludia ao verso “esta é a ditosa patria, minha amada”, para referir-se à saudade da Galiza) e umha crescente apropriação, que filogaleguistas como Teófilo Braga reafirmam (*Camões e o sentimento nacional*, 1891, por exemplo), é publicado *Os Calaios* (1894) de Florencio Vaamonde Lores, com *Os Lusíadas* como explícito e eloquente modelo, formal e ideológico. A obra estrutura-se em quatro cantos e cento trinta e nove estrofes, cuja óbvia vontade de decalque se manifesta no paralelismo estrutural, na imitação, de figuras e na transferência dum discurso épico ao ideário galeguista com vontade fundacional (Morán, 2003). A *Revista Gallega*, vinculada ao grupo galeguista de Murguía, publica várias referências a Camões nesta altura, entre as quais o “soneto de Monterrei” (n.º 91, de 29 -11-1896), sob o rótulo “Soneto Gallego atribuído a Luís de Camões” (o que deixa ver as dúvidas sobre a autoria no prudente título e, ao mesmo tempo, a recusa a perder a oportunidade de aproximação), oitavas do Canto V “do mais grande dos poemas da literatura de todo o mundo: *Os Lusíadas* de Camões” referidas a Adamastor (que o diretor, Galo Salinas, transcreve num artigo sobre os festejos da Descoberta da Índia em Portugal, e de afirmação de unidade galego-portuguesa: “inda hoxe o Portugal é tan Galicia como Galicia é Portugal”). E, mesmo num caso em que a situação foi posta no limite, na ofensiva espanholista contra a legitimidade galeguista por meio de ilustres agentes e representantes do polissistema espanhol, como a célebre controvérsia sobre as literaturas portuguesa, galega e espanhola com Juan Valera (“á la gallega la condena á muerte, desde el momento que entiendo que sus destinos son unirse á la portuguesa, ó cuando más dedicarse á los asuntos vulgares, propios de la gente popular”, diz Murguía em “A Don Juan

Valera”, inserida em diversas publicações e que aqui tomamos de *La Tierra Gallega*, n.º 141, de 27 de setembro de 1896, mais uma prova da atenção regionalista das revistas galegas de Ultramar) Murguía reafirma-se, não reagindo apenas defendendo a produção própria, mas replicando e pondo ênfase na patrimonialização de Camões e de *Os Lusíadas*”.

As evidências da recepção camonianiana estão também presentes nas traduções para espanhol do soneto *Alma minha gentil*, uma de Ramón del Valle e outra anónima publicadas em 1886 (*Alma minha gentil*, compilado por Alfredo de Carvalho e revisto por Xavier da Cunha) e nas versões galegas (tentativas infrequentes pelo geral: ainda em 1936 o periódico independentista *A fouce* crítica a versão galega de versos camonianos feita por Caamaño Martínez, que, para eles, é “como traduzir Shakespeare ao inglês”; n.º 87, maio, 1936) que Alberto Garcia Ferreiro publica de *Aquella captiva* em 1890 em *Círculo camoniano* (versão em que Dasilva deteta importante pendor racista, *Agália*, 48, 1996) e Manuel Curros em 1893, as duas presentes, no livro de Xavier da Cunha *Pretidão de amor, Endechas de Camões a barbara escrava* (1893), a que pode ser acrescentada a versão “em asturiano (sub-dialecto de Boal) pelo Dr. D. Bernardo de Acevedo y Huelves”; na realidade, uma forma oriental da língua da Galiza. Da Cunha faz uma significativa referência sobre o “ponto de aproximação” entre a “Serranilha” do Marquês de Santillana e as “Redondilhas” de Camões”, que fora notado por Carolina Michaëlis de Vasconcellos (de que Joaquim de Araújo, o provável intermediário com os galegos, o informara) e ele mesmo, mas correndo-lhe “o dever de ponderar que, tanto S. Ex.^a como eu, fomos ambos precedidos por um estimável poeta [sic] da nossa vizinha Galliza. D Manuel Murguia num substancioso estudo”, aludindo ao “Camoens y sus rimas”, de que cita algum trecho.

A questão da origem vai alargando-se nesta altura, chegando também aos incipientes enclaves galegos além mar e acrescentando-se igualmente o paralelo com Cervantes: no *El Eco de Galicia* de Buenos Aires, em 1898 (n.º 233, de 10 de abril), aparece o artigo “La ilustre familia de los Caamaños” da autoria de Ramón Álvarez de la Brata. O contexto da guerra colonial em Cuba e a crise política finissecular ibérica parecem indiretamente presentes em alguns textos ou, ao menos, condicionar a sua leitura; no *La Idea Moderna*, o 319º aniversário da morte de Camões é referenciado inserindo um extenso artigo (n.º 2564, 14 de junho) assinado por Ramiro Blanco, convertendo Camões em *ibero* por raça, prolongando-o numa apropriação espanhola via galega, que se alarga à tradução de alguns nomes ou palavras-chave (por exemplo nos *Lusíadas* a *isla del amor*), além de narrar o episódio da salvação dos *Lusíadas*; destes, trata Blanco no último quarto do artigo, transcrevendo algumas oitavas em que o compara com Homero e Virgílio, e aproveitando para concluir criticando Voltaire, ao comentar como “el episodio más hermoso y admirable” o da “*isla del amor*”:

A presença camonianiana reativa-se com motivo de acontecimentos, como a visita da Tuna de Coimbra à Galiza em 1902, nos discursos dos galeguistas Tettamancy, Florencio Vaamonde, Carré (*Revista Gallega*, n.º 360 de 9-02-1902), ou nos textos antológicos de literatura portuguesa que polo mesmo motivo *El Norte de Galicia* inclui, seleccionando a canção *Por meio de umas serras muy fragosas*, sem o carácter instrumental galeguista que era costume. Mesmo outros órgãos, como o pan-iberista compostelano *La Gran Patria*, “organo de la Asociación Hispano Americana”; abrem com saudações efusivas aos “literarios portugueses”; assinadas polo director Becerra Armesto, citando a oitava “Outro argumento” e a primeira do Canto I. E noutras publicações da altura, como na estival *La Temporada de Mondariz* aparecem referências à origem galega de Camões ou a Inês de Castro n’*Os Lusíadas*. Nesta publicação do Balneario do mesmo nome, com nutrida presença de clientes portugueses, insere-se em 1904 um artigo, não assinado, intitulado “Camões e Caamaños”; que se apoia nos dados achegados por “un excelente escritor portugués, Antonio de Campos Junior [*Luís de Camões*, 1901]”. Discursos de entrada de académicos na Academia Galega refletem a consolidação da apropriação de Camões pola via linguística (Lago González, 1906) ou originária (Parga Sanjurjo, 1907). Murguía responde a este com a apropriação, *agora popular*, por parte dum representante do povo galego, de *Os Lusíadas*, com umha estratégia comparativa bastante usada na época (“Se hizo la experiencia de leer un canto de *Os Lusíadas* a un campesino gallego y lo entendió todo él, y mejor que si estuviese en castellano”). Camões ganha posição de figura indiscutida: mesmo em ataques à linha galeguista, sustentada na identidade linguística/cultural galego-portuguesa, e encarecendo a superioridade da literatura espanhola, a qualidade do poeta português não é posta em causa (“Carta abierta al Señor Don Manuel Murguía”, de Santiago Abella, emigrante em Buenos Aires, n.º 88, de 9 de agosto de 1907, de *Mondoñedo*). A eclosão do galeguismo prolonga-se mesmo noutros momentos ou mesmo no *El centenario del Quijote en Galicia* (1905) em que Lugris publica “Cervantes y Camoens”; afirmando a galegidade dos dous. E mesmo é utilizado como modelo por algum poeta no início da sua carreira literária, caso de Noriega Varela (“Ó meu difuntiño”, sobre a base de “Alma minha gentil”, *Montañesas*, 1904).

Ao lado da profusão com que a figura de Camões é tratada, a reprodução da sua obra nos meios galegos não corre paralela a tão grande interesse biográfico e poucas vezes os seus textos são transcritos apenas invocando razões estéticas: os agentes galeguistas estão mais preocupados pola legitimação aproximativa de Portugal; nas polémicas linguísticas e ortográficas da altura, textos de Camões aparecem para mostrar a afinidade das duas variantes da língua, casos de Florencio Vaamonde, através dos seus pseudónimos: *Ortófilo* em vários periódicos, como *El Regional* (9, 16, 20 e 24 de janeiro de 1894), reproduz versos de *Os Lusíadas*, afirmando estarem escritos “en un gallego digno de tomar por modelo”; “este si que es gallego puro y correcto”; “Curros ni Ferreiro no lo hubieran escrito mejor”; por vezes, o uso desses textos demonstrativos, serve também para amortecer as interpretações de III, 19 e IV, 10. No número 53,

de 15 de março de 1896, R. (Salinas Rodríguez, ou, talvez, Martínez Salazar) dá um texto dos *Lusíadas* (III, 1, 2,) no original e adaptado para a ortografia que eles usavam, ao lado de aquele, em que pretende mostrar por comparação a unidade de língua. O procedimento é introduzido por um comentário em que Camões é tratado por valente, e, subtilmente, denomina-se “desvíó” as referências camonianas de “sórdidos” e “duro bando”, sem as citar. R. apela a que não seja entendida a apropriação a que procede como um “correctivo” ao poeta. *Fulvio Vergodense* [Florencio Vaamaonde], na *Revista Gallega*, n. 65, 31/05/1896, transcreve a letrilha “Trocae o cuidado” “en galego”; ao lado da de Bocage *Canção à morte de Ignez de Castro*, vínculo de união com o repertório galego. Camões está presente em coletâneas de periódicos ou unido a outros autores, caso do largamente citado Garrett e o seu poema de canto ao vate (por exemplo, *Revista Gallega*, 299, março de 1899).

Num texto em parte balanço da atividade literária galeguista no século XIX, *Literatura Gallega* (1911), numha altura de menor capacidade de ação, E. Carré Aldao oferece várias das dimensões marcantes de Camões para o galeguismo: sem citar a fonte, reproduz o argumento murguiano: “Camoens bien vale lo que Cervantes”; comentando a analogia que alguns detetam entre *A campana de Anllons* (“difícilmente podrá nuestra literatura enorgullecerse de otra joya semejante”) e as quintilhas do *Super flumina* camoniano, alude a *Os Calaicos*, “cuyas estrofas parecen moldeadas en los mismos troqueles en que el gran Camoens fundió las soberbias octavas de Os Lusíadas”; e, a propósito da obra de Vaamonde, usando o recurso de que o português é o galego evoluído, a frase de Herculano por vezes invocada polo galeguismo-, e a admiração e tratamento da obra camoniana polos galegos, anota, como antes Murguia fizera: “Hoy, *Os Lusíadas*, por su lenguaje, que es el nuestro de estos tiempos, pertenece más á la literatura gallega que á la portuguesa actual”); transcreve o soneto de Monterrei (“Anónimo, atribuído a Camoens”: Florencio Vaamonde será o primeiro em notar que não podia atribuir-se ao poeta, no *Resume da Historia de Galicia*, 1898); e cita, p. 512, Juan Núñez Camanes e Vasco Pires de Camões na nómina de autores galegos, embora não os vinculando ao seu provável descendente.

Com o início dumha fase abertamente nacionalista e progressiva, desde 1916, o vigor da presença camoniana será substituído por Junqueiro, Eça, Eugénio de Castro, e, por cima de todos, Teixeira de Pascoaes. Camões está presente em amostras antologais (a bonaerense *Céltiga*, “Busque amor novas artes”; 10-10-1929; *El Pueblo Gallego*, “A formosura d’esta fresca serra”; ilustrado polo pintor Maside, 29-03-1933; *Resol*, “Endechas a Bárbara escrava”; abril, 1933); na poética de escritores novos (Aquilino Iglesia Alvariño, *Señardá*, 1930, -ver Dasilva, 2001a-; Bouza Brey, que, em 1936, afirma ser Camões um dos seus clássicos preferidos, na autopoética que faz para Filgueira Valverde para umha *Antoloxía da poesía galega*, -Filgueira, *El correo Gallego*, 17-7-1992). É a insistência, legitimadora muitas vezes, na sua origem galega a que salienta na altura e durará até hoje (Filgueira Valverde, 1925; 1968; “Camoens es de

estirpe gallega”; *Céltiga*, 11, 28/2/1925, por “Um correspondente de la Geográfica de Lisboa”; Carré Aldao, 1925), já crescente em Portugal (Silveira, 1927) e alargada ao exterior do sistema (de A. Bell, *Luis de Camões*, 1923 a G. le Gentil, *Camões*, 1954, com alusão a IV, 10 incluída), e propiciando igualmente a apropriação espanholista (*Las mejores poesías líricas de los mejores poetas. XXII. Camões*, 192?). Com o Reitor Rodríguez Cadarso e a criação de determinadas instituições (o Centro de Estudios Regionales e o Instituto de Estudios Portugueses, impulsados por galeguistas), Camões começa a estar presente na Universidade de Santiago, como provam, em 1933, as *Líricas escogidas*, com seleção e prólogo do seu titular na altura, António Sérgio, publicando a écloga *Que grande variedade vão fazendo; Sobolos rios que vão; Vinde cá, meu tão certo secretário*, as endechas *A Bárbara escrava*” e as glosas de *Descalça vai para a fonte e Na fonte está Leonor*.

A popularidade camonianiana é visível em usos paratextuais e recurso literários (Cabanillas, o “poeta galego da Raça”, saúda os “Escolares Lusitanos” coimbrões -*A Nosa Terra*, n.º 64, 31-5-22-, aludindo ao “lírico Mondego” e afirmando: “fálanos, como nosa, a vosa gloria; o voo de Sacadura e de Coutinho/ ‘por mares nunca dantes navegados’/ os héroes inmortaes/da epopeia sin par das Descobertas”) e em estudos como o citado de Bouza Brey na *Nós*, 1935. Aumenta o simbolismo Galiza-Portugal/Rosalia/Camões: o emigrante Vidal Carrera, em representação da Juventud de Galicia, propõe como prova de irmandade galego-lusa à Câmara de Lisboa erigir um monumento a Rosalia na cidade e outro a Camões na Corunha, cousa que não se concretizará (*El Pueblo Gallego*, 22-03-1924). A saudade é um vínculo habitual (ver “Carta-prefácio” de Júlio de Lemos a *Señardá*: “a saudade, esse ‘tormento puro, doce e magoado’, como lhe chamou Camões, essa labareda sempre vivaz no peito de galegos e portugueses, que como ninguém a experimentam e definem”).

Em 1924, nos inícios da ditadura de Primo de Rivera, é a Real Academia Galega, na altura desprestigiada aos olhos nacionalistas, que organiza na Corunha umha homenagem, a que se une a Unión de Artesanos, em que, convidados Teixeira de Pascoaes e Eugénio de Castro, entre outros, apenas este, decano da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Coimbra, que presidiu aos atos, assistiu, e que contou com importante presença institucional. O número 166 do *Boletín* da RAG (“La RAG ante el IV centenario de Camoens”) exalta o poeta, “cuya ascendencia galaica es inmarcesible honor de nuestra tierra y nuestra raza”, e sublinha “el carácter de fiesta de aproximación galaico-lusitana”. O presidente da RAG, Ponte Blanco, fizo um breve alocução, numha linha galego-luso-espanhola, seguido do galeguista Lugris Freire, em cujo discurso, o único na língua comum juntamente com o de Eugénio de Castro, citou versos da lírica e épica camonianas, “moimento clásico e modelar da nosa literatura”, cuja forma linguística, afirmou, “é a do noso verbo”, sentenciando: “non se pode ser bon escritor galego sin lêr e estudar primeiro a Camões”. Lugris estende ao campo político o sentido de apropriação galeguista unindo Pondal e Camões como os “glorificadores” das gestas maiores da humanidade

depois do nascimento de Jesus, protagonizadas por um galego, Colombo, e um português, Vasco da Gama, cujos descendentes “non poden cobizar cousa millor nin mais dina dos seus goriosos antepasados”; proclamando o ato ser umha “festa da raza, unha homenaxe ao mesmo ideal que s’acende nas almas portuguesas e galegas” e *Os Lusíadas* “fermento da federación, en que libres e donos do que privativamente sexa cada un, nos amostremos ao mundo como verdadeiros irmás”. Interveu García Acuña, com discurso da perspectiva hispano-lusa, representando o cónsul, que não pudo assistir; também o Marquês de Figueroa, falando da origem galega do poeta, da saudade e da matéria de Bretanha como elementos participados polas duas comunidades e indicando que, “para todas las hispanias” e não só para as “gentes galaicas y lusas”; para quem não há fronteira e sobre as quais evoca os “tiempos gloriosos en que éramos unos”; é Camões citando Oliveira [Martins] “verdadero genio de nuestra civilización peninsular”. No *Boletín* é transcrito “A Fala”, de Pondal, lido por Lugrís; sintetizam a intervenção de Eugénio de Castro, que considera os territórios galego e português prolongamento um do outro e ao contrário, e Camões, “gloria portuguesa” “pero gloria también de Galicia”; lendo depois o discurso intitulado “Boceto sentimental del autor de *Os Lusíadas*”; encerrou os atos o vereador galeguista Carré Aldao.

O órgão nacionalista *A Nosa Terra*, abre com um editorial o seu número 206, de 1-12-1924, indicando, na linha de Lugrís, *Os Lusíadas* terem dado “espresión a consciencia da nazonalidade portuguesa cando a cobiza do unitarismo ibérico tanto levaba traballando na desnazonalización do seu pobo”; e Camões ser o “poeta lumioso que sentindo toda a indomável resistencia da raza á se sometere á estranos poderes, acendéu nas xeneracións dos seus compatrianos os podentes ímpetus da independencia nazonal que á nada nin á ninguén se dobrega”; cujo corolário é a invocação da unidade linguística e cultural. Na continuação, é transcrito o Canto III 120-135 e comentam a “A festa do homenaxe a Camoens”; no dia 27 [de novembro] no Teatro Rosalía Castro, salientando a intervenção do “noso irmán Lugrís Freire”; criticando a de García Acuña (“Ao noso modo de ver, o Sr. García Acuña conoce pouco da obra do grande poeta portugués”) e destacados os comentários galeguistas do Marquês de Figueroa, a leitura de *A Fala* e a intervenção de Eugénio de Castro sobre a identificação galego-portuguesa e a consideração de Camões também como glória galega. No mesmo número, censura-se a homenagem que “intelectuales” espanhóis fizeram ao poeta em Madrid, arguindo-se que desconheciam o poeta, que ignoravam “que en Galicia vive o verbo de Camoes, falado ainda por cerca de dous millós d’habitantes” e que silenciam “que era descendente de unha nobre familia galega, que foi servir “ao señor don Fernando contra do rei don Enrique de Castela”; concluindo que perderam a oportunidade de homenagear Galiza e Portugal. A cumplicidade galego-lusa alarga-se a utilizar portugueses como testemunhas [(Eugénio de) “Castro pode decir se o agasallo de Madrí tivo semellanza coa emoción que os galegos demostramos pol-o épico lusitán, na cerimonia da nosa Academia. Naturalmente: comulgábamos a enxebreza do mesmo verbo nativo”)] ou parceiros no combate anti-madrileno/espanhol

(“¡Boh! Que baduen canto queiran. Leonardo Coimbra xa lles deu nos cotelos. Foi golpe de mestre”) e a defender Portugal das ofensas galegas, reiterando a afirmação da irmandade.

A este uso nacionalista abertamente político da figura de Camões, por várias vias, unem-se outros, como a associação com o autor do texto do *Hino Galego* [*A Nosa Terra*, n.º 234, 1-3-1927, sobre a conferência “Eduardo Pondal e a Poesía Galega”, ditada em Buenos Aires por X. Sigüenza] e conhece também correspondência lusitana (excerto de “À Galiza” de Augusto Casimiro, dedicado a R. Cabanillas, *A Nosa Terra*, n.º 209, 1-2-1925).

Há outras direções no uso da figura de Camões. No dia 12 de agosto de 1934, celebrou-se o “día de Portugal en Vigo”, sendo umha estátua dedicada ao poeta inaugurada, com a assistência do embaixador Mello Barreto, o diretor da Exposição Colonial do Porto e o Ministro de Trabajo espanhol. Tivo lugar um ato militar, com discursos em louvor do vate, acompanhados de “vivas a España y Portugal”, segundo informava o jornal conservador espanhol *ABC*, acrescentando que Barreto falou dos *Lusíadas*, celebrando também a “Galiza’ literaria de Curros Enríquez y Rosalía de Castro”. A imprensa lusa também acolheu a notícia (*A Ilustração*, n.º 209, 1 de setembro de 1934).

No livro mais emblemático do galeguismo, *Sempre en Galiza*, do líder Daniel R. Castelao, síntese também do pensamento político dominante no nacionalismo galego do pré-guerra, Camões é, dentro do quadro galego-português, o autor mais citado, juntamente com Sarmiento, Rosalía, Feijó, Murguía e Brañas. Castelao alude várias vezes a Inês de Castro (“o simbolo do noso reinado moral no além-Miño -un reinado tan sublime como foi o do poético don Sebastián, porque se funda no xenio que nos identifica e que algún día nos axuntará de novo-. Os amores galaico-portugueses sempre foron tráxicos, verdadeiros, e non se borra o sangue que os afogou. Ese sangue trocouse en fronteira de moito proveito para Castela e de moitos males para Portugal e Galiza”) mas a filiação galega é basilar: contesta, em relação a ela, a “incuria” de Sá de Miranda e Camões, “esquecidos de que lle debían a Galiza o seu sangue e o seu xenio”; utiliza-a a propósito dos que negam capacidade da Galiza para a poesia épica (“o sangue e xenio de Camões eran galegos”); argui com ele o seu hispanismo integrador frente ao que julga espanholismo imperialista, referindo trechos do Canto III, incluída a estrofe 19 e os primeiros versos da 20; com base camoniana, e pascoalina, reflexiona sobre a saudade (“o sentimento que abrangue a Portugal e a Galiza n-unha soia eternidade”; “Portugal, ‘non movido de premio vil’, realizou a ilusión cósmica da Galiza, creada no cabo Finisterre, onde a alma viaxeira do mundo antigo se asomaba ao Misteiro”) “que terá curación o día que se borre a fronteira que riscou Alfonso VI: o día que os galegos e os portugueses volvamos a xuntarnos para falar e cantar n-un mesmo idioma.” A Portugal critica o seu “mimetismo degradante” de Castela, metidos já os portugueses, “a decir de Camões,” “no gosto da cubiza”, ainda que “en alarma e desconfianza constantes” (...), fazendo inútil “o consello” do poeta

(e cita os quatro primeiros versos de X, 152), vivendo até hoje “na ‘apagada e vil tristeza’ coa que un día se eclipsou en Alcazarquivir”. Na desejada conciliação galego-lusa, volta aludir a III,17 para ver “Portugal e Galiza como cerebro da Hespaña...”, acrescentando logo: “dentro de Portugal quedounos a metade da nosa terra, do noso espírito, da nosa língoa, da nosa cultura, da nosa vida, do noso ser nacional; e nunca recoñeceremos, de grado, o dereito dos portugueses a pedirnos un pasaporte cando atravesamos o Miño nin o dereito de Hespaña a impedir que os portugueses entren libremente en Galiza. Queremos vivir unidos como vivimos nos séculos que seguiron â primeira e verdadeira independencia de Portugal”. A saudade da Galiza e Camões estão ligados nas páginas finais, que incluem trechos que constituíram o seu discurso mais célebre, “Alba de Gloria”, de 25 de julho de 1948, no Dia da Galiza, em Buenos Aires: “¡Cómo se tornan tristes as alegrías evocadas no desterro! (...) E como para min é certo o que dixo un gran poeta da nosa estirpe: ‘Sen tí perpétuamente estou pasando/ nas mores alegrías, mor tristeza’”.

No pós-guerra, cresce a progressiva atenção à obra de Camões como objeto de estudo. Em 1940, Otero Pedrayo participa no *Congresso do Mundo Português. Memórias e comunicações apresentadas no Congresso de História dos Descobrimentos e Colonização*, com “Camões, poeta do mar” (Dasilva, 2001a), interpretando *Os Lusíadas* como crónica marítima de anelo renascentista de conhecer o mundo, texto de “fraterno amor á terra, ao espírito, ao senlleiro destino de Portugal”. Otero julga *Os Lusíadas* sustentarem-se por vezes no mundo medieval e noutros numha mundivisão renascentista, vendo na obra dous “sentimentos –atlántico e mediterráneo-”. O autor recria umha ideia saudos(ist)a do mar a partir da obra abrangente da ilusão galega e portuguesa, e umha perspetiva do sentimento poético comum de raiz céltica já formulada por Murguía, sobre o “Mar portugués”, “umha fidalga e adusta predestinación no sentido da liberdade”.

Em 1951 saem à luz duas histórias da literatura, umha de Varela Jácome (*Historia de la literatura gallega*), que trata da figura de Vasco Pires de Camões, “antepasado pontevedrés del autor de Los Lusíadas”, e a outra do galeguista Fernández del Riego (*Manual de Historia de la literatura gallega*, que alude ao decalque que aprecia em *Os Calaiicos*). No *Diccionario Biobibliográfico de escritores (1951-1953)*, Couceiro Freijomil reserva um verbete para “Vasco Pérez de Camoens”, citando o Marquês de Santillana e o descendente Luís de Camões. M. Fernández Rodríguez, escreve sobre “El Origen del apellido Camoens”, no *Boletín de la Universidad Compostelana* (n.º 64, 1956), apoiando-se nos trabalhos de Joaquim da Silveira e de Fernández Villaamil (“Los Camoens en Pontevedra. Dos documentos y un comentario”, número especial de julho de 1953 do centenário do *Faro de Vigo*) e em documentação medieval, sustentando a origem em *Camos* e não em *Caamaño*. No especial que o *Primeiro de Janeiro* dedica ao poeta em 10 de junho de 1953, Otero Pedrayo, “a mais alta figura da intelectualidade da Galiza” e “outro grande intelectual galego, José Filgueira Valverde”, evocando “o solar galego dos Camões”, título do seu contributo,

participam na homenagem ao “génio e a universalidade do Poeta, que tanto é de Portugal como da Galiza, pois para ser mais estreita a irmandade dos dois povos até Luís de Camões nos é comum”. Em “No encanto da harmonia camoniana” (Dasilva, 2001a), Otero vê, na obra do poeta, um saudoso dizer adeus à ilusão da Idade Média, com a presença da “cinzelada taça do adeus” com que “sacrificou ao ideal feminino do lirismo galaico-português;” e anota a atualidade do seu sentido da Europa.

Filgueira, galeguista, mas com um percurso posterior ligado ao franquismo, dedica atenção nestes anos a *Alma minha gentil que te partiste* (Braga, 1955/Corunha 1961, *Primera y segunda asambleas lusitano-gallega: Actas y comunicaciones*, 1967), defendendo tratar-se dum poema de amor paternal, tese presente no seu *Camoens*, de 1958 (Labor; 2ª ed., 1975, Editora Nacional; ed. em português, Almedina, 1981) reeditado em 1993 pola Junta da Galiza, em luxuosa edição, com introdução do Presidente, Fraga Iribarne, que salienta a origem galega do poeta, o canto a Inês de Castro e a compartição do autor: “Por innegable parentesco lingüístico, los gallegos podemos estimar al célebre autor de *Os Lusíadas* como algo muy próximo a nosotros; un clásico insuperable de nuestra literatura, que nació en Lisboa, pero tenía sus raíces entrañables en esta otra esquina del Finisterre;” “donde -más que en ningún outro lugar del mundo, según creencia muy antigua- la tierra se acaba y el mar comienza, y donde Febo reposa en el Océano”. Fraga observa o texto à luz do novo contexto político, julgando “la obra del insuperable evocador épico del Reino Lusitano, por ser inmortal y entrañable patrimonio de los dos Estados Ibéricos, que hoy más que nunca deben relacionarse ‘ultrapasando toda fronteira histórica’, en el seno de la Unión Europea (...). Así, el frente atlántico que habitamos deberá ser, por fin, ‘o cume da cabeza de Europa toda’ (...).”

A perspetiva de Filgueira é luso-espanhola no quadro relacional, já desde o “Liminar”: “nuestros lectores”, diz, classificam Camões “como a un extranjero” face ao que indica ser “nada menos que un clásico español”, e soma à origem galega e à auto-definição do poeta como ‘hespanhol’ a frase de Maeztu: “donde acaban los Lusíadas comienza el Quijote” para alicerçar a apropriação (“Camoens merece ocupar en la historia de nuestras letras y en la estima de nuestros lectores un lugar inmediato al de Cervantes”) e “traerlo al caliente hogar de las letras propias”.

A obra, com sistemática comparação com poetas espanhóis, trata da vida do poeta que “encarna el espíritu de su pueblo”, da origem em Camos e dos primeiros Camoens, para depois focar “La lírica y su canon”, o carácter híbrido da sua formação, entre medievalismo e renascentismo, o cultivo poético das formas menores, o seu humanismo e formação clássica, a língua na “poesía literaria”, o virgilianismo, no plano poético, o paradigma humanista, o seu exotismo, etc., e salienta o seu papel “al salvar y fijar la lengua de su Patria” num momento crucial. Afirma o amor, a natureza e a história serem os temas condutores da sua obra; foca a sua Lírica, observando na tradicional características do lirismo

galego-português (duplicidade, motivos temáticos, saudade...); quanto ao *Super flumina*, volta sobre a saudade, aludindo aos estudos de Ramón Piñeiro, e começando a traduzir vários dos textos que comenta. No que diz respeito ao bucolismo, atribui a escolha do nome Vasco, que julga a voz do poeta, à origem em Vasco Pires de Camões; e vê no verso *Porque a tudo Amor se obriga*, de *Na fonte está Lianor*, um elo “con la idea del Descalça vai pela neve”; detetando nesta figura ecos de Inês, e assinalando Rosalia entra as imitadoras das “Letrillas” da donzela Leonor. Também à história de Inês atribuirá, no capítulo dedicado à “la lírica del arte mayor”; “Vão serenas as ágoas”; “frente a la teoría autobiográfica”. Julga, citando Rüegg, *Os Lusíadas*, “el mayor poema histórico-nacional que existe, una de las más nobles epopeyas de la literatura universal, y, entre las del Renacimiento, aquella que más impregnada se halla de la grandeza del antiguo espíritu helénico y latino y renueva sus formas de manera más feliz”; acrescentando ser “paradójico que corresponda a un portugués crear la obra maestra de la épica literaria que las Españas no tenían”; no meio dum tom exalçador, critica umha linguagem poética pouco versátil e “decires poco caracterizados”. Atende ao episódio de Inês de Castro, “degollada por orden de Afonso IV”; “receloso de los supuestos manejos pro-castellanos de la familia Pérez de Castro”, em cujo quadro paisagístico vê ecos da cantiga de amigo, e volta outra vez à obra de Rosalia para ver nela umha derivação do parlamento do velho do Restelo, no “breve y sonoro poema” *Los Tristes*. O livro encerra tratando o teatro e o epistolário, concluindo com a afirmação de Castela como irmã de Portugal, vendo-a elogiada por Camões, nos Cantos X, 139 e VII, 29 e na Écloga I-, e do poeta como “clásico castellano e espanhol” (já nas edições posteriores à Labor, cita March, *Camoens clásico español*); e, afirmando: “si la historia de nuestra épica carecería de ‘clave’ sin la obra de Camoens, la lírica de Camoens no puede explicarse sin la poesía castellana”, conclui: “Por tres motivos há de ser incluída en la historia de nuestras Letras: por lo que de ellas recibe, por lo que en ellas representa y por cuanto sobre ellas influye”: “El legado de Camões” e “Guía bibliográfica”, encerram a obra que, em 1993, se acabou de imprimir a 10 de fevereiro, “año en el que se conmemora el 500 aniversario de la arribada de la Carabela *Pinta* a las costas de Baiona”.

A figura de Camões como presença referencial da cultura e da identidade portuguesas, reflete-se no monográfico que a revista *Vida Gallega* (n.ºs 752-753, 1959) dedica a Portugal, em vários dos principais autores de linha ou antecedentes galeguistas: de Vicente Risco, que abre com umha alusão ao exemplar que na sua casa havia de *Os Lusíadas*, a Fernández del Riego, que vincula virtudes raciais e origem galega do poeta. C. Martínez Barbeito anuncia um trabalho, “Lo español en Camoens” e alude a trabalhos recentes de galegos como Viqueira Barreiro, “El Lusitanismo de Lope de Vega y su comedia *El Brasil Restituido*”, em *Brasilia* (5, 1950), ao *Camoens* de Filgueira e a “A obra espanhola de Camões”; de Vieira de Lemos e do corunhês J. Martínez Almoyna; Otero Pedrayo intitula “Por mares nunca de antes navegados” a sua crónica de Portugal e da expansão ultramarina com ecos da saudade a partir desse verso; Álvaro Cunqueiro invoca nas suas “Memorias lusitanas” com orgulho

“o sórdidos galegos, duro bando”; “no niego que me gusta” diz, ver aparecer o sórdido galego, “terco, cabezón” nas oitavas camonianas; “si yo escribiera alguna vez una historia de mi país” (...) titularía “Los gallegos, duro bando”. Iglesia Alvairiño alude a Inês de Castro, lembra Noriega Varela recitando “Sete anos de pastor Jacob servia” e a evocação da *Alma minha; Espinacho* (Chao Espina) traça novo paralelo entre Cervantes e Camões. Assinando como Chao Espina, alude, em versos em português, ao “Cantando espalharei”; Adamastor ou, sobretudo, a Inês de Castro. Significativamente, pois talvez denuncie ciclos formativos diversos, “El tema de Ines de Castro” do autor mais novo, Manuel María, fala do “cuello de garza” (como num poema posterior dedicado a Inês) sem referência camoniana.

Da mesma data é a *Escolma de Poesia Galega*. II, de Álvarez Blázquez, que alude a Vasco Pires de Camões sem correspondê-lo ao poeta e que inclui o soneto de Monterrei, insinuando a autoria dum nobre ligado à corte dessa povoação. Nesta altura, Ernesto Guerra da Cal no seu *Lua de além mar* (1959, com prólogo de J. do Prado Coelho) dedica o seu ‘tríptico’ inicial a Charinho, Camões e Rosalia; e na “Cantiga a Luís de Camões”, na revista *Gil Vicente*, (Vol. XIII, 2ª série, n.ºs 5-6, 1962), invoca ao poeta como “Pobre Grande mestre do Sonho”, de quem a voz lírica quer ser “leal servidor”.

No número dedicado ao V Centenário do Infante, “De mar a mar”, da revista *Céltica- Cadernos de Estudos Galaico-Portugueses*, impulsionada por Oliveira Guerra no Porto a inícios da década de sessenta, o galego J. M. Castroviejo escreve sobre o mar em *Os Lusíadas*, e sobre o conhecimento camoniano e a vocação marítima lusa; e Hugo Rocha, aborda “Eduardo Pondal, o mais alto expoente do lirismo céltico da Galiza”, com base em Murguia.

Durante o tetracentenário d’*Os Lusíadas*, Cunqueiro publica o artigo “Cuatrocientos años por mares nunca navegados” em *La Vanguardia* (6/2), dous dias mais tarde no *El Progreso* e dois antes no *Arriba*, um texto evocador, no tom contístico do autor, imaginando um Camões que acaba de ver impressos *Os Lusíadas*, voltando a afirmar o seu gosto por III,19 e IV,10 (“los veo humildes y fieles, pobres pero tercós”) e asseverando não haver “crónica de Portugal sin una historia de amor”. O texto evoca também Inês de Castro, e motivos habituais em intelectuais galegos em relação ao canto épico: o mar, como saudade e nostalgia de antigo esplendor. Similar em trechos e perspectivas é o “El Lusíada Luís de Camões”, que dá à luz em *La estafeta literaria*, n.º 507, 1-1-73, recriação fabulada sobre *Os Lusíadas*, em que insinua “reminiscencias dantescas” e que, face à *Eneida*, considera dar a história já cumprida: “nos dijo como se hizo la nación portuguesa, y ahora parece prever su terrible final”. E volta ao Canto IV, 10: “se ha olvidado, ‘en la occidental playa lusitana’, de su sangre gallega, y nos saca a sus paisanos aquello de ‘a vosotros tampoco os quita el miedo, / oh sórdidos gallegos, duro bando’. Soy de los que no se quejan de venir así en *Os Lusíadas*, sórdido y duro, con tal de estar allí. Cuando la obra es enorme,

enormemente hermosa, y según Croce el mayor poema heroico moderno y de todos los tiempos, lo importante es participar...”

No mesmo ano, o número 35 da revista da editora (e grupo) Galaxia, *Grial*, abre com “Camões 72. Proba de ensaio sin aleluias”, de Landeira Yrago (autor do “Elucidário” da *Obra completa de Camões*, Aguilar, Rio de Janeiro, 1963), sobre carácter enigmático d’*Os Lusíadas*, indicando que a emoção camoniana expresa “esa busca caída da conciencia no máximo”. No número 37, aparece “O poeta Camões”, de Rodrigues Lapa, antes publicado no *República*, “polas interesantes referencias que fai á raíz galega de dous grandes escritores portugueses”, Camões e Pessoa, o que, segundo Lapa, põe de relevo que “as maiores realizaciónes literárias surgidas no noroeste peninsular devem-se ao génio criador galego-português”; vendo nas “injúrias” de Sarmiento umha “afronta” “lavada”, por Filgueira e “pelo ensaio de Landeira Yrago”, no qual “sustenta a mensagem futurista, europeizante do poema camoniano, aproximando-o sagazmente da *Mensagem*”.

O na altura denominado Instituto de la Lengua Gallega da USC une-se à homenagem. Na “Presentación” do “IV centenario de *Os Lusíadas*, no seu “1572-1972. Programa de la conmemoración y catálogo de la exposición Bibliográfica (marzo de 1973)”, afirma-se que o ILG, fundado em 1971, “entre cuyas finalidades el estudio de temas de Filología gallega y portuguesa”, considerou “justo y oportuno sumarse” às comemorações de “la gran epopeya camoniana, que constituye la cima más alta de la épica renacentista peninsular”. Invocam-se as “huellas” do poeta em Rosalia e Noriega e citam-se *Os Eoas* e *Os Calaiços*, “en las que Pondal y Vaamonde se muestran epígonos tardíos pero entusiastas, del excelso poeta portugués”, como obrigação para a homenagem ao também indigitado como “clásico de las letras españolas”. A homenagem consistiu num ciclo de conferências com Maria de Lourdes Belchior, presidenta do IAC (Instituto de Alta Cultura), instituição que colaborava nos atos -“A problemática religiosa na lírica camoniana”-, Vitorino Nemésio -“A fúria e a paz n’*Os Lusíadas*”- e Filgueira -“Camoens clásico castellano”-, em março de 1973; e numha exposição dos fondos da USC, com as primeiras edições das *Rimas* e de *Os Lusíadas*, “Obras menores”, “Traducciones”, “La cultura en Portugal en el siglo de Camoens”, com textos do século XV e primeira metade do XVI, “Obras literarias inspiradas en Camoens”, “Estudios sobre la vida y la obra de Camoens” e estudos sobre as descobertas portuguesas. Filgueira ainda comentará para a revista *Colóquio* alguns dos textos e eventos que julga mais representativos daquele ano (“Bibliografía do IV centenario camoniano”, n.º 20, 1974).

Machado da Rosa, em “Camões e Rosalía”, (*Atenea* 1-2, 1973; também *Agália*, n.ºs 73-74, 2003), em termos de “cultura galaico-portuguesa”, entende “apontar um facto (...) que eludiu a atenção da crítica até hoje”: “eles são radicalmente irmãos”, reivindicando a exumação e análise do original impresso de “Dende as fartas” no *Jornal de Viagens*. A força do poema, diz, tem base na

empatia que o impregna, “fecundada pela premonição consciente ou inconsciente e tão dolorida quanto esperançosa, dum destino histórico comum: o apreço dos vindouros e a gratidão do seu povo?”. O poema da sua autoria é umha “glosa” dumha estrofe de Rosalia e dos tercetos de “Erros meus, má fortuna, amor ardente”, e apresenta Rosalia e Camões como os poetas da Raça, “forte, imortal-Galiza e Portugal”, num desenvolvimento de crítica anti-capitalista. Nesta linha vinculativa está o texto de Filgueira “Camoens en Rosalía, *La Voz de Galicia*, 9-12-1985, depois em *V Adral*, 1989, e o de Montezuma de Carvalho, J.: “Rosalía de Castro festeja Camões”; *Atas do Congresso Internacional de Língua, Cultura e Literatura Lusófonas*, VII-IX, in *Temas de O Ensino*, n.ºs 27-38, antes n’*O Arrais* de Peso da Régua), somando Teixeira de Pascoaes. “Dend’as fartas” é incluído por A. Ruivo Mouzinho em *Camões grande Camões*, 2002, em que Dasilva observa a falta de mais poemas galegos, *Boletín Galego de Literatura*, n.º 30, 2003d). Fora do âmbito cultural galego, algum autor desta origem trata assuntos camonianos na altura (Viqueira, 1972).

A atenção analítica a Camões, continuada (por exemplo, Rios Panisse, “Análise estilística de três sonetos de Camões”, *Revista Letras*, de Curitiba, n. 27, 1978), renova-se em 1980. Filgueira Valverde aparece numha posição central, como organizador de eventos (“Seminario-Coloquio” sobre Camões celebrado em Ponte Vedra, com a participação, entre outros, dele, Ramón Piñeiro, Jacinto do Prado Coelho, Carvalho Calero e Álvaro Cunqueiro –ver *Grial*, n.º 69, julho-setembro, 1980-, com um texto publicado na revista universitária poética *Dorna*, n.º 5, 1982, em que o escritor julga ser o sobrenatural “parte esencial” da epopeia camonianiana, salienta Adamastor como “grandiosa” criação, aludindo à influência d’*Os Lusíadas* em Roy Campbell e o seu *Adamastor*, e no *Rainha morta* de Henri de Montherlant, e significando Camões como poeta do amor), acolhedor, como diretor do *El Museo de Pontevedra*, de textos sobre o poeta (“Camões jogava o chinchalhão”, de Santos Junior, n.º 34, 1980) ou de apoio a estudos sobre ele (Galvão Borges sobre a origem dos Camões, ver “Memoria”, *El Museo*, 1981), divulgador (“A ave dos Camoens”, *Faro de Vigo*, 2-XII-1979; in *Segundo Adral*, 1981; “Ainda sobre o nome e a ascendência de Camões”, *Bracara Augusta*, XX-XIV, n.º 77, 1980); ou conferencista noutros lugares, como nas *Cuatro lecciones sobre Camoens*, com Zamora Vicente, Prado Coelho e Aguiar e Silva, organizadas pola Fundación Juan Mach (www.march.es/conferencias/antiores/voz.asp?id=1280) e publicadas pola editora Cátedra (1981), em que trata sobre “Camoens, clásico español”. No número 70 da *Grial* aparece “Luis de Camoens e algunhas olgas suas na poesia posterior”, de Lois Vázquez, que considera o poeta pouco conhecido na Galiza, oferece umha síntese biográfica e trata, sobre o lírico, temas e formas e crítica social; e, sobre o épico, a motivação religiosa e a doutrina oficial, anotando, com base em Filgueira, a falta de unidade histórica e a influência em Lope, Tirso, Xavier de Matos e Tomás Ribeiro.

Xosé Lois García abre o número 12 de *Hora de poesía*, 1980, com “Aproximación a la vida, pensamiento y obra de Luis de Camões”; aludindo à

ascendência galega e parecendo atribuir o soneto de Monterrei a Vasco Pires de Camões; vê na obra a denúncia da nova classe burguesa portuguesa e do monopolismo ideológico “enarbolado” polos jesuítas. Sublinha o seu nacionalismo contra a “expansión imperial de Castilla”; as suas conceções espaciais, filosóficas e mitológicas e a sua influência nas literaturas lusófonas, citando, no caso galego, Rosalía, Pondal, Vaamonde, Lugrís e Noriega, para concluir ser Camões “el centro del reencuentro de los países que componen la comunidad de expresión galego-portuguesa”.

Camões aparece citado em *Com Pólvora e Magnolias*, um dos livros mais emblemáticos logo da morte do general Franco, a abrir umha das três seções: “errei todo o discurso de meus anos”. O seu autor, X. L. Méndez Ferrín, atual presidente da RAG [2010], tem dedicado atenção à figura do autor, focando-o da perspectiva galeguista e apropriatória, especialmente em colaborações no *Faro de Vigo*; em “Camões é noso”, 13-VI-94, fala do “mellor poeta portugués de todos os tempos”: “Son chegados os tempos en que os galegos nos sumemos de verdade á conmemoración. Porque a lingua de Camões, na segunda metade do grande Século do Renacemento, aínda non estaba moito alonxada da xente e da fala galega”, recomendando, para verificá-lo, a leitura em voz alta de algum dos sonetos (sugere *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*, as suas oitavas épicas ou as suas líricas tradicionais nomeadamente “Babel e Sião”). “A lingua de Camões é a lingua renacentista de ouro que os galegos, confinados duramente na ignorancia polas armas de Castela, non tivemos e que, séculos máis tarde, demos recuperado na voz aluarada de Eduardo Pondal”. Ferrín afirma também ser o de Filgueira “un dos mellores *Camões* nunca escritos no mundo” e lembra a origem galega de Vasco Pires de Camões, que “abrazara no tempo de D. Fernando o partido portugués, como bon galego”, representando assim “não só Portugal mas toda a faixa ocidental da Península, a sua cultura, o seu génio lírico e sentimental”, diz citando o seu “Mestre”, Rodrigues Lapa. No mesmo jornal, em “Máis Brasil”, 30-07-2004, alude a Pondal, “o mais camonianiano de nosoutros” e à queima, na Semana de Arte Moderna de São Paulo, dum exemplar de *Os Lusíadas*, talvez emergindo a utilização imperialista do livro, um elemento latente de contradição galeguista em relação a Camões nesta altura: “sentinme feliz e muito máis próximo a São Paulo que ao Terreiro do Paço de Lisboa”). Em “Cornalyna e Camões”, 12-5-2003, alude ao livro de Herminio Barreiro *No solar galego de Camoens* (2002), divagações sobre as origens galegas do poeta, como recolhe *La Voz de Galicia* (24-11-2002), nunha linha entre fantástica e real sobre o poeta, afirmando sentir-se Barreiro “fascinado por Luís Vaz de Camões, pola forza única da súa épica e pola orixinalidade abraiante da súa lírica existencial e amatoria” e seduzido “pola biografía inexistente e fabulosa do poeta, alén de [...] pola hipótese das orixes galegas da súa estirpe”. Barreiro, diz Méndez, “lánzase a buco á exploración das raíces galegas de Camões en Camos”, explora todas as possíveis origens, algunhas das quais “preocupáronlle moito aos falabaratos do universo xenealóxico”, outras “interesaron eruditos cobizosos de trager para Galicia as raíces do Inxenio”. Após aludir a *Os Eoas* (sobre cujo vínculo com Camões volta em 20-2-2006) afirma: “Todos admiraron

o poeta único. O épico humanista, recentemente reivindicado por Óscar Lopes; o lírico tradicionalista e manierista; o mestre da confiança amorosa mais moderna. Eu non rexeito o Camões que mestura brutalmente castelán e portugués, vítima da colonización antes da colonización”, diz do que julga ser “preciosísimo opúsculo” deste professor de Filosofia.

Avilés de Taramancos, recorre a *Os Lusíadas* em *Nova Crónica de Ulises* (1978), cujo primeiro poema, “Limiar”, começa com o verso “Fálame, musa, do varón famoso” e conclui com “por homes nunca dantes navegado”, com versos em que Camões ecoa. Os seus livros últimos e mais célebres incluem referências camonianas; com a citação de “a vós outros não tolhe o medo/ ó!, sordidos galegos, duro bando”, utilizada como reivindicação, abre um poema dedicado ao povo galego. No “Tríptico a Rosalía” (1985) escreve: “Necesitas a patria de varóns asinalados!/ Que o teu ovario púdico xermole!”, e na sua “Epístola”: “Desnorteadada avelaíña o home:/fuxe de si, arríncase asi mesmo,/cruza por mares nunca navegados”, alusão ao verso camoniano talvez mais repetido na cultura galega. No seu derradeiro livro, *Última fuxida a Harar* (1992), reúne três poemas sob o rótulo “As armas e os barões assinalados”, que conclui com o poema a Inês de Castro: “Ouh fermosa, alta era a tua luz:/estabas, linda Inês, vindo do rio”. Guerra da Cal usa “Dend’as fartas orelas do Mondego” para abrir a sua *Antologia Poética. Cancioneiro rosaliano* (1985), “a única composição poética de Rosalia que tem por tema uma figura histórico-literária”, a que soma a Castro, aludindo às várias hipóteses sobre a origem galega, o que, de passagem, fará no mesmo ano em *Futuro Imemorial*, e utilizando trechos da sua lírica como paratextos do poema “Hora da Hera” e no “Madrigal do Amor verde para cravo e coração”. Lírica e maneirismo camonianos estão presentes em *Fentos no mar* (1981) de Xavier R. Baixeras, no dizer do prologuista M. Vilanova: “dicer Camões é xeneroso con nós a condición de ser Camões. Hai que ter paciencia para que, cando Camões nos empreste as suas palabras, non nos empreste a sua presentación do universo. É por iso que se fala do terror que chega a sentir o noso corpo cando anda perdido por entre as ‘Musas inimigas’”.

Em 1994, a editora Laiovento abria a sua coleção “Vento do Sul”, com o apoio do Instituto Camões, “escollendo, para inaugurar-la, o autor que mellor define a universalidade da literatura e da cultura portuguesa, Luís de Camões”; trata-se dumha antologia da lírica, *Doce canto em terra alheia?*, “dirixindo-se a un público diverso que gosta da obra de Camões -nomeadamente a estudantes universitários-” e longe de pretensões legitimadoras (no prólogo apenas se diz que o poeta tinha “talvez” ascendência galega), de grande sucesso (pois é ainda recomendada nos estudos superiores de Literatura Portuguesa na Galiza), ainda que a interrogação do título reforça o objetivo unificador galego-português. Na introdução, da autoria dos editores, os professores da Universidade da Corunha Manuel Ferreiro, Carlos Paulo Martínez Pereiro e Francisco Salinas Portugal afirma-se: “as *Rimas* são um dos testemunhos mais comoventes do combate histórico do homem contra as suas limitações, da literatura posta ao serviço do que de mais positivo tem o ser humano”. Sobre a base da “identidade literária

e cultural galego-portuguesa” e do “valor simbólico e alta qualidade” da obra, anuncia-se umha “natural continuidade” com a publicação de *Os Lusíadas*, o que até agora não se verificou. Neste anos noventa, a editora Boreal-Xuntanza (199?) publicava em edição fac-símile a edição de 1609, com introdução de A. Abuín de Tembra, subordinado ao título “Camões, o vértice dun tempo” e ilustrações de Albuquerque Mendes. Abuín julga ter podido ser o “insigne descendente de galegos” o ponto de partida das mais virulentas páginas contra os galegos, que ele encontra na literatura portuguesa. Abuín alude aos Cantos III, 19 e IV, 10 e, depois, ao Conde de Andeiro e a Inês de Castro; considera Camões “gran poeta lírico”; do amor, da dor e da “vitalidade positiva” e “o maior poeta épico” do Renascimento; como “o máis excelso cantor da lírica da dor”; cita os poemas *Coitado! Que em um tempo choro e rio* e *Alma minha gentil que te partiste*, indicando o português ter chegado à sua plenitude linguística com ele e oferecendo elementos de discussão sobre o sentido da obra, a sua “técnica narrativa” e a “secuencia temporal insólita para aquel tempo” em que se articula. Após desenvolver o esquema argumental da obra conclui citando as “máis notables edicións de *Os Lusíadas* espanholas;”, desejando umha versão “en galego”.

De maneira avulsa, aparecem artigos sobre o poeta em periódicos (Montezuma de Carvalho na revista universitária *Ólisbos*, sobre a estátua de Camões em Estrasburgo, n.º 16, janeiro de 1995; “Camos e Camões: sobre a oriundeiz miñorá do príncipe das letras portuguesas;”, de A. Nieto Pazó, na revista da comarca a que Camos pertence, *Revista de Estudos Miñoranos*, n.º 4, 2004. E em vários poetas: em Marica Campo que, se nos seus sonetos não destaca a presença camoniana, já na sua obra *Sextinario* (2007), Camões é umha das referências invocadas, sendo o “dedicatario” do livro o prologuista Martínez Pereiro, que, aliás, anos antes, dera à luz *Das razóns de fogo e dos versos fabricados* (1999), antologia de sonetos lusos dos séculos XVI a XVIII, onde Camões é o autor mais representado, com sugestões sobre a influência do poeta nos autores posteriores. No “caderno 3” do seu *Ausencias pretéritas*, Miro Villar glosa em sonetos primeiros versos alheios: “Transforma-se o amator na cousa amada” é o camoniano escolhido. Xavier Seoane afirma o seu gosto camoniano em *Vagar de amor e sombra* (2004); citações e presenças aparecem em poemários como *Permiso para o curso* (1995) de Xosé Miranda ou em *Andar ao Leu* (2005) de E. Riveiro Tobío. No ensaio *Para unha filosofía da saudade* (2003), do teólogo Torres Queiruga, a saudade camoniana está presente; e poemas de Camões nutrem a antologia de carácter religioso compilada por Pérez Prieto *Os ríos pasan cheos de Deus. Poesía relixiosa en galego* (2007).

Em âmbitos de difusão alargada, Camões aparece associado aos dous sonetos ‘galegos’, sobretudo ao denominado “de Monterrei”. Cita-o R. Mariño, na sua *Historia da Lingua Galega* (1998); é transcrito nas *Escolma da literatura galega. Poesia I. e Poesia II*, da Grande Enciclopedia Gallega (GEG, 1989), que se baseia nas de Álvarez Blázquez, insinuando autoria camoniana ou anónima galega. Nesta GEG, no verbete sobre o apelido “Camoens”, afirma-se como

“tronco” Vasco Fernández Caamaño, da área de Noia ou Vasco Pires de Camões, “poeta”, das terras de Fisterra, indicando um ou outro serem da linhagem do autor, de quem se diz que “a pesar de su ascendencia”, “denostó duramente a los gallegos por apoyar a Juan I de Castilla en su intento de conseguir el trono portugués, vacante a la muerte del rey don Pedro, para su esposa Beatriz”, citando versos do Canto IV, 10. No verbete sobre Caamaño, alude-se a Vasco Fernández Caamaño como Vasco Pires de Camões. A inconsistente atribuição dos dous sonetos ‘galegos’, faz com que, sobretudo o “soneto de Monterrei”, surja em alguns materiais para o ensino secundário, dado como anónimo e ao lado dos aludidos de G. Tonel e Cornide, de que, de regra, modificados também, não se cita a eventual fonte. É por via de Pondal que a presença camoniana é constante neste tipo de publicações, quer seja na reprodução de “A Fala” quer aludindo a *Os Eoas* como feitos à imitação d’*Os Lusíadas* [*Lingua galega e literatura. Primeiro de Bacharelato*, ed. Xerais, com retrato de Camões; e, no volume *Solucionario* correspondente, pede-se umha breve ficha como exercício umha breve biografia, tirada da *Enciclopedia Encarta-98*, em que se alude à sua vida e diz: “aínda que a obra enxalza as fazañas dos fillos de Lusus, isto é, os lusíadas, ou portugueses, tamén reflicte a amargura con respecto aos aspectos máis crueis do colonialismo portugués. O mesmo ton de pesimismo impregna moita da súa lírica e as poucas cartas que nos chegaron (...). É notable a súa perfección e simplicidade formal, a expresión dun sentimento (sic) profundo e o desenvolvemento do tema da saudade”, sem aludir, porém, às suas origens galegas]; essa influência estava já em *Literatura Galega. 3º de BUP*, também no do INGABAD ou no da editora Anaya, do mesmo nível ou, na rede, em www.apuntamentos.iespana.es/litgal/03_II.doc, ou em www.maldura.unipd.it/romanistica/galizia/freire-manual.pdf, em que se afirma a filiação camoniana de “O canto do vigía” (i. e. “A campana de Anllóns”). No volume para segundo de bacharelato, *Literatura Galega. Século XX*, de A Nosa Terra, indica-se camonianismo em Ferrín. O prestígio de Luís de Camões conduz, na rede, a aludir a Vasco Pires de Camões como ascendente dele, http://gl.wikipedia.org/wiki/Vasco_Pires_de_Cam%C3%B5, e mesmo a que, na linha dos ‘sonetos galegos’, se refiram outras atribuições como erradas dos poucos testemunhos escritos, caso do chamado “Lamento da Frouseira” na Wikipédia (http://gl.wikipedia.org/wiki/Literatura_galega_dos_S%C3%A9culos_Escuros). Também em textos de apoio ou manuais universitários de Literatura galega aparece o nome de Camões associado à atribuição do “soneto de Monterrei”: <http://www.scribd.com/doc/15856736/1-Os-Seculos-Escuros-O-contexto-historico-Problematica-linguistica-e-cultural-Textos-fundamentais-O-seculo-XVIII-o-labor-das-individualidades>; *Literatura Galega*, de A. Tarrío, 1994, que o transcreve; *Historia da Literatura galega* da AS-PG, 1996, mas, sobretudo, vinculado a Pondal e a Vaamonde: Tarrío, 1994, D. Vilavedra, *Historia da literatura galega*, 1999 e *Diccionario de literatura galega*, 2004 -em que não está Vasco Pires de Camões, a quem sim alude o *Diccionario de escritores en lingua galega*, 1990, de F. Fernández del Riego (em cujo breve verbete afirma-se: “Do tronco deste Camões saíu a rama lisboeta do autor de *Os Lusíadas*. O viceconde de Juromenha entende que o soneto “Alá en Monterrei... escribiuno Vasco Pires

de Camões. E o próprio Teófilo comparte esta tese”); e a *Historia da Literatura Galega*, da AS-PG (1996), sem vinculá-lo ao poeta (como tampouco os sonetos de Tonel e Cornide)- e, mais alargadamente, Carvalho Calero, *Historia da Literatura galega contemporânea*, 1981/1975/1963) que acrescenta também a presença camoniana em Rosalia -incluindo as septinas de *Cantares*- ou em Noriega).

O professor de Tradução Xosé Manuel Dasilva é o galego que mais páginas tem dedicado na atualidade a Camões, a questões editoriais e interpretativas [*Os Sonetos de Camões, tipologia textual*, 1995; “Um modelo para a editoração de poesia clássica, Leodegário A. de Azevedo Filho e a obra lírica de Camões”, *Moenia*, 2, 1996a; “O Valor decisivo dos manuscritos para o cânone camoniano: alguns exemplos a partir da poesia espanhola” *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Camonianos*, 1998a; “A propósito das relações editoriais entre o *Manuscrito apenso* e as *Rimas* (1598) na lírica camoniana”, *Homenatge al Professor Basilio Losada: ensinar a pensar com liberdade e risco*, 2000a; “Carolina Michaëlis e a inauguração da modernidade nos estudos camonianos”, *Revista da Faculdade de Letras. Linguas e literaturas*, 18, 2001c; *De tão divino acento em voz humana: (leituras dos sonetos de Camões)*, 2001d], a traduções espanholas e relações luso-espanholas [“Significados dum mito literário-patriótico: Luís de Camões traduzido em *Que farei com este livro?* de José Saramago”, *Actas del VII Congreso Internacional de la Asociación Española de Semiótica*, 1998b; “Aproximação inicial das traduções espanholas da obra lírica camoniana”, *Revista Camoniana*, 14, 2003a; “As traduções camonianas espanholas de José María de Cossío”, *Santa Barbara Portuguese studies*, 7, 2003b; “A tradução do bilinguismo no teatro de Camões”, em *Perfiles de la traducción hispano-portuguesa*, 2006a] e a presenças, estudos e versões na Galiza da figura de Camões e da sua obra [“Em volta de uma versão galega de Camões”, *Agália*, n.º 48, 1996b; “Os Sonetos de Camões em galego são camonianos e galegos?, estado hodierno da questão”, *Estudios dedicados a Ricardo Carvalho Calero*, 2000; “Camões interpretado por Otero Pedrayo, unha conferencia (1940) en galego y un artigo (1953) en portugués”, *Grial*, n.º 150, 2001a, “Curros Enríquez traductor de Camões, as endechas ‘A Bárbara escrava’ en galego, *Grial*, n.º 151, 2001b; “Camões en galego: algunhas versións do soneto “Alma minha gentil, que te partiste”, *Boletín galego de literatura*, 28, 2002; “Francisco Añón en homenaxe a Camões”, *Madrygal*, n.º 6, 2003c; “Lugrís Freire e Camões”, *Manuel Lugrís Freire: Día das Letras Galegas 2006*, 2006b; “O Padre Sarmiento e a estirpe galega do poeta lusíada Camões”, *Actas do I Congresso Internacional de Onomástica Galega*, 2, 3 e 4 de setembro de 2002, 2007].

Referências camonianas aparecem noutros meios -por exemplo à origem na exposição e o documentário “Galegos em Lisboa”, da responsabilidade de X. Leira (www.culturagalega.org/avg/avg_imax/docs/galegosdelisboa.pdf) e, sobretudo, em alguma imprensa, de regra a mais galeguista. No único diário impresso na língua da Galiza [2010], *Galicia hoxe*, Abuín de Tembra tem vários contributos referidos ao poeta. A propósito do Dia de Portugal

salienta o caráter paralelo das vidas de Camões e Cervantes (a que voltará em “Galicia vs Galiza”, de 15-6-2008) para centrar-se em elogiar a épica e a lírica, esta mais “esquecida”, de “un dos maiores poetas líricos de Europa”, “un dos sobranceiros poetas da lírica da dor”, numha leitura biografista da obra e a provável origem galega do poeta (“Día de Portugal I”, 10-6-2007), em quem vê (“Día de Portugal, II, 11-6-2007) o símbolo da história de Portugal, umha “documentada biografía da nación (...), o poeta de “vivos cromatismos”, o impulsor do messianismo sebastianista, símbolo do mundo que Portugal criou, reclamando o “achegamento de Camões e *Os Lusíadas* ós centros de ensino medio e superior de Galicia. Nada máis fermoso que ler uns versos na lingua de Galicia escritos por Camões ¡Gloria a Camões e a Portugal por sempre eternamente!” Mesmo a propósito doutros assuntos, o articulista faz presente Camões, para lembrar as críticas de Torga aos seus versos, “feitos a martelo” e o título de *Os Lusíadas*, como “a expressão da nossa tacanhez” (“Centenario de Miguel Torga, 14-5-2007) ou a “nefanda opinión” sobre os emigrantes galegos em Lisboa cuja raiz situa em Camões (“Ir en AVE a Lisboa”, 19.1.2009). Na imprensa aparecem argumentações com a obra camonianiana, caso de Marcos Valcárcel (“Aquel mover de ollos”, 5-7-2007), aludindo a esta elegia, a “um mover d’olhos, brando e piadoso”, e à cantiga: “Ūa Dama, de malvada”; ou de Xosé Lois García (“Reynaldo Valinho Álvarez”, 4-12-2007, trazendo ao texto um comentário de Leodegário A. de Azevedo Filho sobre o poeta objeto da resenha e a sua origem na Galiza: “um povo, cuja língua, o galego-português, é a própria matriz histórica da língua de Camões, ele próprio de origem galega.” Alguns dos elementos fortes da receção desde o século XIX e antes continuam ativos, da interpretação do Canto IV, 10 como pejorativa (X. Cordal, “Tópicos nacionais”, 29.3.2007) à referencialidade de Inês de Castro em Camões (*Redacción*, “A raíña máis eterna, 23-5-2006”, passando pola identidade, na saudade, Camões-Rosalía, Portugal/Galiza (Xosé Lois García “No centenario de Mircea Eliade”, 2-1-2007). E até em análises políticas assomam versos de Camões (Xulio Ríos, “*De Riga a Minsk*, 5-12-2006: “E se mais mundo houvera, lá chegara”; Manuel Vidal Villaverde, “Tal que os últimos días de Pompeia? (e II)”, 8-8-2007: “Que esperança dão. Se na condición / Está serem verdes, / Por me não vedes?; “Manuel Rivas: ‘Para Galicia, o mellor é máximo autogoberno’, 24-8-2008: “É un contentamento descontente”).

Versos do poeta são usados sem atribuição explícita: a empresa pública de Turismo *Turgalicia* utiliza desde há anos para a sua publicidade da costa http://www.turgalicia.org/presentacion/flash/Inicio_G.html a frase “onde o mar comeza”. A cantora Uxía usa-o em “Pena Gabeira”, canção em parceria com a também cantora Guadi Galego (*Danza das Areas*, 2000) e popularizou “Verdes são os campos”, na versão de J. Afonso (*Estou vivindo no Ceo*, 1995). A progressiva presença que a cultura lusa tem na Galiza está também ligada ao nome do poeta através do intenso labor do Instituto Camões, com acordos com instituições relevantes da cultura galega, que, por vezes, inclui eventos relacionados com a figura do poeta, caso da Companhia do Chapitô, com *Talvez Camões* em 2006. O Instituto tem a sua sede galega em Vigo, onde a estátua de

Camões preside à praça de Portugal; na outra grande cidade galega, Corunha, há umha rua dedicada ao poeta, e o seu nome está em estabelecimentos comerciais em Tui ou em Nigrão, encontrando-se também na freguesia de Camos, e onde atos de homenagem foram rendidos ao poeta em 1988 e 1996.

3 “Dend’as fartas orelas do Mondego (...)”: Rosalia de Castro: intimismo e comunidade galego-portuguesa

Dend’as fartas orelas do Mondego

E dend’ á *Fonte das lagrimas*,
Que na hermosa Coimbra,
As rosas de cen follas embalsaman
Do Miño atravesando as auguas douadas¹
En misteriosas alas,
De Inés de Castro, a dona máis garrida,
Y a mais doce e mais triste namorada,
Do gran Camoens que inmortal á fixo
Contando as súas desgracias,
De cando en cando á acariñarnos veñen
Eu non sey que saudades e lembranzas.
Alá dou froito á pranta bendecida
Con sin igual puxanza,
D’ aquí o xérmen saleu, sabeo Lantaño,
Y á sua torre dos tempos afrentava.²
Por eso, seica, ¡jou, desdichados! Sempre
Levache en vós o xermen da disgracia,
Ti, probe Doña Ines, mártir d’amore,
E ti, Camoens, da envidia empesoñada,
Pesados dos xenios na eistencia dura
Tanto a fama y a gloria canto as bagoas.
A que cantache en pelegrios versos,
Morreu baixo ó poder de mans tiranas;
Ti acabache olvidado e na miseria
Y hoxe és gloria d’altiva Lusitania.
Ou poeta inmortal, en cuyas venas
Nobre sangue gallego fermentaba!
Esta lanbranza³ doce,
Envolta n’un-ha bágoa,
Che manda dend’a terra ond’ os teus foron,
un alma dos teus versos namorada.

Santiago, abril de 1880.
Rosalía Castro de Murguía

From the lush banks of the Mondego⁴

And from the *Fonte das Lagrimas*
in the fair city of Coimbra
perfumed by hundred-petalled roses,
crossing the gentle waters of the Minho
on shadowy wings,
from time to time there come to charm us
countless nostalgic memories
of Ines de Castro, the fairest of ladies
and the sweetest and saddest of lovers
brought by Calliope who immortalised her
by retelling her misfortunes.
There did the blessed plant bear fruit
with unequalled force
but the seed was sown here, Lantaño knows well
and its tower insulted by time.
And so perhaps, O unfortunates
you always bore the seed of ill-fortune
you, poor Lady Inés, martyr to love
and you, Camões, to poisoned envy.
In the harshness of life, fame and glory
weigh heavy on genius as much as pain.
She who you sang in unequalled verses
died under the rule of a tyrant’s hand;
You ended your life forgotten and in penury
and now you are the pride of haughty Lusitania.
O immortal poet, in whose veins
noble Galician blood once coursed!
This sweet memory is sent to you
wrapped in sorrows
from the land where your ancestors dwelt
by a soul enamoured of your verses.

Santiago, April 1880.
Rosalía Castro de Murguía

¹ Erro certo de transcrição por *dondas* (brandas, suaves)

² Erro quase certo de transcrição por *afrentada*.

³ Erro quase certo de transcrição por *lembranza*.

⁴ Tradução de Stephen Parkinson.

Este poema foi exumado por Fermín Bouza Brey (1948), do *Almanach das Senhoras* do ano 1883; veio depois a saber-se que ele aparecera no *Portugal a Camões* Publicação extraordinária do *Jornal de Viagens*. “Comemorando o tricentenário do cantor dos Lusíadas”⁵, dirigido por Emygdio d’Oliveira e Benigno Joaquim Martínez e participado por nomes como Camilo, Teófilo ou Oliveira Martins. Este é o único texto do *Jornal* na variante galega, além dos de autores portugueses e de bastantes autores em catalão e em espanhol, entre os quais os também galegos de origem Emilia Pardo Bazán e Antonio Romero Ortiz.

O poema rosaliano é singular na escolha do tema, frente ao quadro ambiental nitidamente épico das comemorações e, conseqüentemente, da maior parte dos textos do *Jornal*. Só o Conde de Sabugosa seleciona o tema de Inês num dos seus dous sonetos (p. 13), ainda que como pano de fundo e focado em Pedro. E Jayme Victor alude (p. 3) num verso a Inês numha épica composição dirigida ao poeta.

A quem ler o poema sem ter as coordenadas em que o Ressurgimento galego se desenvolve, ele pode aparecer linguisticamente como um misto estranho, em que se adivinha a comunidade linguística galego-portuguesa envolvida num traje, e não apenas, espanhol⁶. Convém precisar que, nesta altura, nengum galego estava alfabetizado na sua língua, que esta deixara havia séculos de ser língua habitual e prestigiada não apenas do Estado, a Igreja, a escola, os jornais... e da burguesia vilega e cidadina, em que Rosalia ou o seu homem, Manuel Murguia, se inserem.

Camões, figura cimeira para o galeguismo, aparece como legitimador e modelo, também produtivo, já nos seus inícios, em poemas de impacto de dous dos poetas mais canonizados da história literária galega: no célebre “A campana de Anllóns”, de Eduardo Pondal (primeira versão publicada de 1858) é visível a presença do *Sôbolos rios que vão*; e nos primeiros esboços épicos do seu inacabado *Os Eoas* (primeiros versos publicados em 1857), num filocamonianismo alargado a outros poemas, como “A Fala”. E já no primeiro livro de Rosalia, na composição em duas partes “Roxiña cal sol dourado” e “Franca, pura, sin enganos”, de *Cantares Gallegos* (Vigo, Imp. De Juan Compañel, 1863, 16, I e II) Jacinto do Prado Coelho detetou a ascendência de “Descalça vai pera a fonte” e “Na fonte está Lianor”; “não só nos processos de encarecimento, como no metro e no esquema de rimas”

A importância disto sobressai ainda mais se tivermos em conta que, no seu programa e repertório, aqui Rosalia e o galeguismo em geral decidiram obviar qualquer problema que a obra do português lhes podia colocar até converter

⁵ Acessível em http://purl.pt/16331/2/478277_PDF/478277_PDF_24-C-R0150/478277_0000_ros-to-18_t24-C-R0150.pdf. 25/01/2012.

⁶ Umha adaptação para português moderno do poema foi feita polo galego Ernesto Guerra da Cal (1985).

Camões no autor não galego mais permanente e sistematicamente transferido. Além das eventuais singularidades que *Os Lusíadas* oferecem à sua receção galega, linguística e geograficamente (nem sempre garantia de fluída comunicação, cultural e espacial) o episódio da galega Inês de Castro e as alusões diretas aos galegos, sobretudo III, 19 (“Galego cauto”), e IV, 10 (“A vós outros também não tolhe o medo,/Ó sórdidos Galegos, duro bando”), são complicadas para enunciar como positivas para com a Galiza e, mais ainda, para um movimento que pretende prestigiar elementos preteridos da sua cultura: Inês é umha nobre galega assassinada em Portugal por ordem dum rei português, apesar da tendência (e o sucesso) de autores lusos, entre os quais, Camões, para converter este episódio sobretudo numha consequência do amor (III, 119) e para ilibar Afonso IV, que atuaria instigado polo povo, transformando-o mesmo num acto do destino irremediável (III, 130).

Rosalía, como antes os autores dos pouquíssimos textos (não chegam a quinze os de carácter culto conhecidos) em galego desde o século XVI na Galiza, estava, sem dúvida, ciente disto. Mas a tradição na Galiza é a obra camoniana cedo se converter em modelo produtivo; em “Turban corran as Agoas, poña luto” (cf. “Correm turvas as águas deste rio”), de Juan Gómez Tonel (1612) ou no soneto do ilustrado José Andrés Cornide y Saavedra “Viche, Filida amada, o pajariño” (cf. “Está o lascivo e doce passarinho”), este já provavelmente conhecedor dos apontamentos da eventual origem galega do poeta, anotada por Manoel Severim de Faria (que fala dum primitivo solar dos Camões em *Finis Terra*, e cita Vasco Pires de Camões como primeiro antepassado em terra portuguesa, apoiando-se em Fernão Lopes) e, depois e mais alargadamente, por Manuel Faria e Sousa: neste, os Camões viriam dos Caamaños, com solar em Noia, passando a família de aí a morar numha “casa fuerte llamada Rubianes, que tenia de la otra parte de un brazo de mar que llaman ‘Ria de Aroça’” Rosalía alude aqui, novidosamente, a Lantanh, como Murguia fazia na mesma altura numha nova nota-de-rodapé ao seu “Camoens y sus rimas” de 1860 que reeditava na *Ilustración Gallega y Asturiana* de 1880: ele justificava a republicação do texto polas comemorações do tri-centenário e por outra razão, para a qual invoca a *auctoritas* da obra dum importante aliado dos galeguistas, Teófilo Braga, em concreto, talvez a sua *História de Camões* (1873): “El insigne Camoens es, en cierto modo, cosa nuestra también. Vasco Pérez de Caamaño, trovador y guerrero, y dichoso antecesor del épico portugués, era gallego. De él venía Camoens; su casa originaria está en Lantanh” (8/6/80, n.º 16, p. 200).⁷

⁷ Quanto à origem em Lantanh, outro galeguista, Alfredo Vicenti, fazendo crónica das comemorações lisboetas *in situ*, também atribuía esse lugar como feudo dos Caamanhos na mesma revista (n.º 18, 28/6/80, 228), que testemunha o grau a que desciam possivelmente os comentários e intercâmbios camonianos no galeguismo e a importância das tais origens. Essas terras de Ruviaes de que se fala estão a 5 km aproximadamente de Vilagarcía e a torre de Lantanh, dos Soutomaior, que nada teria a ver com os Caamanhos, a uns 10. Há, aqui, algumha confusão entre as duas terras próximas, o que explica igualmente a alusão a Lantanh de Rosalía, talvez motivada pola presença das ruínas medievais.

Esse ‘direito de apropriação’ da Galiza sobre Camões como glória própria, fundado na sua origem, está no ambiente galeguista da altura. Rosalia declara-se “namorada” dos versos de Camões, em que “nobre sangue gallego fermentaba”: umha explícita expressão de paixão pola obra de Camões e de manifestação de comunidade, que salta por cima de leituras adversas ao galeguismo na produção camoniana.

É esta coordenada ‘camonianista’ que vem unir-se a mais algumas que convém ter presente no entendimento da produção e receção do texto quanto à invocação de laços e vínculos. A saudade e a lembrança, que chega a Rosalia/Galiza desde Coimbra/Fonte das Lágrimas/Portugal, como mecanismos sentimentais e cognoscitivos na obra da poeta (Pascoaes reconhecera em Rosalia um antecedente fulcral do seu Saudosismo) – em que o “non sei que” tem importância literalmente vital na obra rosaliana e dota o poema da sua mesma essencialidade vital como expressão chave: a tentativa de penetrar num conhecimento que foge, que magoa muitas vezes, com recordações incógnitas, perdas ou ameaças (cf. *Follas Novas*, VI, p. 7; X, p. 11) – com referente real (A família Murguía de Castro estivo em Coimbra) da cidade íntima e lírica frente à épica Lisboa de Pardo Bazán⁸, mas com principal referente alegórico (a saudade é aqui passado que se atualiza), que autoriza, conseqüentemente, umha leitura alegórica de todo o texto.

Camões e Inês têm em comum a desgraça e o reconhecimento posterior, amorosos, políticos, sociais, e o enobrecimento das suas pátrias; e serem vítimas do esquecimento, da incompreensão e da tirania segundo o caso, heróis de amores e ideias. Tudo envolvido numha perspectiva saudosa que permite ativar a lembrança e nessa prestação de homenagem de Rosalia à obra de Camões, e, sobretudo, a Inês e a Camões e ao que umha e outro signifiquem. A explícita voz poética, as interpelações diretas, a temática e a trajetória rosalianas e do movimento em que se inserem (em que a desgraça, a denúncia da injustiça, o combate à tirania, estão presentes, e que nutrem o próprio repertório identitário, o coletivo, mas também o individual feminino de Rosalia), conduzem, nessa autorizável leitura alegórica, a reunir Rosalia no conjunto assim desenhado e a ler o texto como referência à autora e ao próprio movimento. Com efeito, sendo, assim, Inês e Camões elementos patrimoniais e ferramentas culturais da Galiza e do seu relacionamento com Portugal, assistimos a umha comunidade poética e, em boa medida, também nacional ou de *gens*. Um ano antes perguntava-se Vesteiro Torres no apêndice da sua *Galeria de Gallegos Ilustres*, a propósito de Inês: “¿podríamos olvidar el romántico fasto de la mártir de Coimbra, saludada

⁸ Machado da Rosa (1973: 87-88), comenta: “*Entre esta composição e a de Rosalia medeia a distância poética que vai das saudosas margens e campos do Mondego ao majestoso Tejo e às torres imperiais de Lisboa. A inspiração de Rosalia transporta-a da solidão de Santiago à Fonte das Lágrimas e aos amores que ali passaram. A de Dona Emilia leva-a aos mares épicos do Oriente. A primeira encerra o seu poema com uma doce lembrança envolta numa lágrima; a segunda termina o seu com a visão radiosa e triunfal dum “numen de gloria”; com galeras portuguesas misticamente projectadas sobre a imensidade das águas e dos céus. Em Rosalia tudo é vibração íntima, nostalgia e tristeza.*”

al nacer por las suaves brisas de la Erin española, y custodiada al morir por los venerandos muros del poético retiro de Alcobaza?”⁹ E não seria novidade para alguns meios e leitores portugueses que tivessem em mente o *Parnaso* de Teófilo (1877) ou fossem leitores do número 347 do *Diario Illustrado*, de 10/07/1873, em que Luís Augusto Palmeirim falava da obra rosaliana como “protesto, eloquente e melancólico, contra o abandono em que o poder central tem constantemente deixado o antigo reino de Galliza, transformado, apesar do entranhado amor ao trabalho dos seus naturaes, em desvalida e despresada provincia da Hespanha”, e em que Murguia e Rosalia são aludidos como representantes “com outros notaveis escriptores da sua província”, da “reacção illustrada e meditativa da Galiza contra o orgulho e sobrançeria de Castella”.

Também a atmosfera relacional está na construção do poema, relação a que nos autoriza precisamente o motivo de produção do texto, o seu conteúdo e o lugar de publicação. O ritmo desta silva romanceada pode devolver-nos aos *Lusíadas*: a combinação de versos de 6 e, sobretudo, 10 sílabas (na realidade, na contagem à época, entre 7 e 11), reforça-se com um esquema rimático –a/-a que mantém o predomínio do acento em sexta, no primeiro caso, e em sexta e décima no segundo, como predominantes são no poema épico. Rosalia elabora um poema contra-pontuando o esquema camoniano, usando outros moldes métricos, outros conteúdos e tom ao mesmo tempo que dialogando em ritmo e estrutura. Esta lembra a do início de *Os Lusíadas*: complementos e objetos do verbo principal deslocado, colocados nos primeiros versos até ao explícito coletivo (não apenas um plural autoral) *acariñarnos*, prolongada a frase principal no verso seguinte, como no caso do livro camoniano e com ritmos semelhantes, com umha fórmula duplamente bímembre (Do Mondego/do Minho – De Inês/de Camões). Complementos, aqueles, constituídos por vários versos ligados copulativamente, como as duas primeiras estrofes do Canto I. Depois, umha leve divagação (equivalente ao I.3) sobre a origem camoniana, para passar a interpelar a quem o poema se dirige e a quem o inspira, ali tágides e o Rei (I.4 e ss.), aqui Inês e Camões, com qualificativos que estão nos primeiros versos camonianos dedicados ao “peito ilustre lusitano” e nos inesianos da mártir de amor; n’*Os Lusíadas* aludindo logo depois ao tom do canto, no poema rosaliano a ele como “lembranza doce, / Envolta nunha bágoa” (vv. 30 e 31),¹⁰ bágoa como as que conformaram a Fonte das Lágrimas (Canto III. CXXXV), águas como as do Minho e do Mondego, elemento forte rosaliano (como, futuramente, mostrará *En las Orillas del Sar*, 1884).

Um eco camoniano dialogal pode também ser percebido no poema de Rosalia: ela dirige-se a Inês e Camões, como o poeta a Inês em III, 120 ss. A “altiva Lusitania” (v. 27) pode corresponder, nos inícios do poema de Camões,

⁹ Lugo, Imprenta Católica, (1879, VI: 101).

¹⁰ Machado da Rosa (1973:87) fala, a propósito deste verso, dumha “*empatia fecundada pela premonição*, consciente ou inconsciente e tão dolorida quanto esperançosa, dum destino histórico comum: o apreço dos vindouros ea gratidão do seu povo”.

ao “peito ilustre lusitano” de I.3.5. E, sobretudo, nesse quadro dialogal, salienta-se o do episódio de Inês de Castro do Canto III, com palavras e expressões que podem ser sentidas como ecoando ao longo do poema rosaliano: aquele “Amor tirano” de III, 119, são aqui as “mans tiranas” (v. 25). E, a partir de aí, entre outras: “(…)/As **lembranças que na alma** lhe moravam,/(…)/De dia em pensamentos, **que voavam**” (III, 121); “(…)/Vendo estas **namoradas** estranhezas” (III, 122); /“**Sáidas só da mágoa, e saudade**” (III, 124); III, (…)/”Com **lágrimas** os olhos piedosos” (125). (…)/

As rosas de cem folhas, que em algum outro texto rosaliano simbolizam as penas no coração (Castro 1880: 18), são agora bálsamo das beiras fartas do Mondego, da fonte a que a pena de Inês deu lugar, e do *locus formosus* que é construído. Um lugar português conetado com um lugar galego, de maneira misteriosa e, assim, telúrica, em que umha força indefinível transporta um dos sentimentos humanos mais poderosos em Rosalia, a lembrança, a saudade: atualização (“chégannos”) sentimental da galega, “a dona mais garrida”, “a mais doce e triste namorada” (a mesma palavra que coneta Rosalia com os versos camonianos no último verso) e do galego seu imortalizador, germen galaico de fruto incomparavelmente célebre em Portugal. Atualização não pontual mas periódica, que é carícia e carinho; atualização da desgraça, a que estavam votados Inês e Camões precisamente pola marca genética dumha desgraçada Galiza, dumha amorosa e invejada Galiza em Inês e Camões prolongada. Fama, glória, amor e tristeza a que a genialidade, a individualidade, está advogada, frente à injustiça e à tirania. A poeta envia, desde a Galiza, ao poeta, doçura e mágoa, atualização e afeto fraternos, individual e coletivo, do íntimo rosaliano e da “nobre” comunidade galega de Rosalia, da “terra onde os teus foron” (v. 32). Machado da Rosa (1973: 87) considera que, sendo bastante próximo do convencionalismo romântico o tratamento da figura de Camões, é precisamente no “sentimento que o impregna: uma empatia funda, visceral, misto de angustia, ternura e tristeza” que reside a força e o valor do poema.

O facto de este poema ser publicado num periódico e nunca compilado pola autora (ainda que recolhido já em 1882 por Guiomar Torrezão) condicionou o seu desconhecimento e uso posterior; repare-se como a exumação feita por Bouza Brey acontece numhas condições de heterogeneidade extraordinárias com relação ao período de produção, que lhe resta força e valor de uso na altura.

Ora, Rosalia colocou neste seu poema a Camões (e a Inês) elementos centrais do repertório, do programa galeguista, tanto do auto-olhar deste como da sua perspectiva em relação a Portugal; e nutriu-no de palavras e expressões chave da sua poética introspectiva e reivindicadora naquele 1880 que veria o *Follas Novas* editado. Visto como individualidade e, ao mesmo tempo, como expressão coletiva, “Dend’as fartas orelas do Mondego” constitui um poema de relevância singular na trajetória rosaliana e, igualmente, na própria produção galeguista da época.

4 A polémica na *Revista Gallega* sobre o texto da inscrição no monumento “Aos mártires de Carral”: a evidência dum sistema paralisado

4.1 Nota prévia

Nos finais do século XIX e inícios do século XX, as condições de afirmação e progressão do galeguismo são realmente adversas, dada a sua dinâmica interna, mui enfraquecido nos finais de século em agentes e recursos. Entre outras, há também mais duas circunstâncias condicionadoras: a desconexão temporal com o momento romântico das correntes nacionalistas, que deram razão de ser a movimentos reivindicadores similares ao galeguista e que lhe fazia perder recetividade homo-cultural com outros países de que poder beneficiar; e a vaga de espanholismo que, sobretudo a partir de 1898, com o denominado *desastre* espanhol de 1898, após a perda das suas colónias de Cuba e Filipinas, aparece no panorama do Estado Espanhol. A isso unia-se um impulso forte de relacionamento luso-espanhol da altura, propiciado por esse *desastre* e polo Ultimato do Reino Unido a Portugal em 1890, que provocaria o abandono luso do seu projeto de união africana leste-oeste (de Moçambique a Angola), e cuja reação na Espanha Pilar Vázquez Cuesta abordou em detalhe no seu livro *A Espanha ante o “ultimátum”* (1975). Isto tudo significava maior reforço e atenção à unidade peninsular e ao iberismo, com diferentes feições, com prejuízo para as reivindicações regionalistas ou nacionalistas no seio do Estado Espanhol, o que, no caso galeguista, implicava igualmente problemas para o relacionamento galego-luso se nele se obviava a presença determinante espanhola. Nesse quadro, certamente, o relacionamento entre um projeto como o *regionalista*, vacilante entre a sua autonomia e a sua pertença ao polissistema espanhol, em todo caso sem soberania cultural, e menos política, e umha nação soberana, com estado, como a portuguesa, reportava sem dúvida, aspetos melindrosos para os portugueses, sempre a recearem da reação espanhola, e, sobretudo,

sumiam o discurso galego numa polifonia polo menos ambígua; mesmo, ou até, quando intelectuais lusos afirmavam umha unidade, e particularmente concediam umha entidade ao movimento regionalista (são os casos de Teófilo Braga e Leite, por exemplo), que, parece, ia além do que muitos dirigentes regionalistas estavam dispostos a admitir. Tratei desta questão em Torres Feijó (1999 e, mais alargadamente, 2019), trabalhos dedicados a analisar a legitimação das próprias propostas que importantes setores do galeguismo procuraram no mundo intelectual português face às suas vulnerabilidades e aos ataques recebidos naquela altura.

Passada aquela década, ao menos a julgar pola análise dos periódicos não diários da altura, o sistema regionalista está a ponto de, se não desaparecer, sim perpetuar-se numha tendência ruralista sem proliferação sistémica, sem capacidade forte de produção e diversificada, em transe dum atraso substantivo, marginal. É o que denominei um sistema cercado, com um peso importante de tendências sub-sistémicas em relação ao sistema espanhol. Tendências que vinham sendo combatidas, fundamentalmente, polo grupo corunhês galeguista liberal, que se aglutinará em torno da *Revista Gallega* (1895-1907), *Semanario de literatura é intereses regionales* fundado e dirigido por Galo Salinas, sediada na Librería Regional de Carré Aldao, membro da equipa de redação. Nessa livraria terão lugar as tertúlias do grupo que acabará por assumir o nome, galeguizado, cuja invencão, com intenção despetiva, é atribuída a Celso García de la Riega (Carballo Calero, Ricardo, 1981:136), contrário ao galeguismo e ao celtismo representado por Murguía: *La Cueva Céltica*. Esse grupo da *Cova Céltica* será o impulsor da Liga Gallega da Corunha, em 1897, autonomista e liberal, e a *Revista Gallega* será durante um tempo o seu órgão oficial. Nomes como os citados, e Murguía, Luguís Freire, Salvador Golpe, Florencio Vaamonde, Francisco Tettamancy, Waldo Álvarez Ínsua, Martelo Paumán, Martínez Salazar, Pérez Ballesteros, Eladio Rodríguez, etc., participarão nestes projetos.

O cerco ao protossistema galeguista era umha constante crescente. Mesmo umha excessiva prática do idioma podia significar nalgumas mentes mostras de desmedido separatismo. E, se já essa prática estava cercada, era ainda o cerco aguçado se o que se aventurava era o mínimo indício de lusismo, em qualquer ordem ou seção daquele. O assédio desde as fileiras do polissistema espanhol, instituições incluídas, era persistente.

Há um caso que reflete paradigmaticamente esta questão: o do monumento que, desde há anos, querem os regionalistas levantar em honra dos denominados “Mártires de Carral”; um dos atos de afirmação regionalista mais importantes do momento.

O monumento está dedicado à memória dos oficiais sublevados em inícios de abril de 1846, comandados polo Coronel Solís, contra o governo do General Narváez, finalmente derrotados por tropas governamentais em Cacheiras a 23 de abril. Em meados daquele mês constituiu-se em Santiago de Compostela umha *Junta Provisional de Gobierno de Galicia*, cujo secretário, Antolín

Faraldo, exilado após a derrota em Portugal, redigira umha “Proclama” em que podia ler-se:

Galicia, arrastrando hasta aquí una existencia oprobiosa, convertida en una verdadera colonia de la corte, va á levantarse de su humillación y abatimiento. Esta Junta, amiga sincera del país, se consagrará constantemente á engrandecer el antiguo reino de Galicia, dando provechosa dirección á los numerosos elementos que atesora en su seno, levantando los cimientos de un porvenir de gloria. Para conseguirlo se esforzará constantemente en fomentar intereses materiales, crear costumbres públicas, abrir las fuentes naturales de su riqueza, decrépita fundada sobre la ignorancia. Despertando el poderoso sentimiento de provincialismo, y encaminando á un solo fin todos los talentos y todos los esfuerzos, llegará á conquistar Galicia la influencia de que es merecedora, colocándose en el alto lugar á que está llamado el antiguo reino de los suevos.

O Monumento aos Mártires de Carral, obra do arquiteto Juan Álvarez Mendoza, foi inaugurado em 1904 depois de que, em 1855, um governo liberal, reabilitara por lei de 12 de dezembro a memória dos seus protagonistas, condecorara postumamente os oficiais e aprovara a ereção dum monumento na sua lembrança. Essa lei indicava que fosse erigido em Santiago no ano seguinte e por conta do Estado. Nem umha cousa nem a outra aconteceu. Acabou por ser erigido em Carral, onde foram fusilados a maioria dos oficiais sublevados, e por iniciativa da Liga Gallega da Corunha.

O monumento viria igualmente constituir polos seus promotores um marco antecedente capital do galeguismo (para maior aprofundamento, vid. Barreiro, 1977, para o texto de Faraldo, Apéndice II, pp. 245.246). Tettamancy Gastón daría à luz anos mais tarde alguns textos sobre o levantamento, o monumento e as polémicas: *La Revolución Gallega de 1846*, na Imprenta Regional de Carré (1908) e *Los Mártires de Carral*, na Imprenta y Fotograbado de Ferrer (1912), este contendo os documentos da causa contra os oficiais, aquele dedicado fundamentalmente à sublevação e à sua repressão com umha última parte dedicada à ereção do monumento.

4.2 A polémica linguística, umha polémica sistémica

Com o lema *Aos mártires da libertade mortos o 26 de Abril de 1846*, encimando o escudo da Galiza e assinado pola *Liga Gallega n'a Cruña* foi inaugurado a 22 de maio de 1904. Quase seis anos decorreram entre a maturação do projeto, com o início das subscrições¹¹ para custear o monumento, mais modesto na prática que na conceção, e a sua ereção. Mas não isento de polémica, estética (passou de obelisco a um *para-cruzeiro*), política (mui interessante, que pode ser acompanhada nas páginas da *Revista Gallega*, hoje digitalizada na web da Real Academia Galega, mas que não é objeto da nossa atenção aqui) e

¹¹ Subscrições que chegaram a muitos pontos e pessoas. Sirva de exemplo (e de referência dos objetivos e projeto do grupo corunhês) o caso de Carolina Michaëlis: encontraremos-la já em janeiro de 1899 colaborando com 20 pesetas, umha das quantias maiores, para o monumento (*Revista Gallega*, número 201, de 15 de janeiro de 1899).

sociolinguística, sobretudo por duas das palavras da legenda, que é onde entra o mundo português nisto tudo: *Aos* e *libertade*. É sobre esta que irei centrar-me.

Em setembro de 1902, no mesmo número em que era noticiada na *Revista Gallega* a confraternidade dos regionalistas com Leite de Vasconcelos de visita à Galiza, com umha série de atos de exaltação galego-portuguesa¹², Xan do Pobo¹³ informa na página terceira que a “Academia de San Fernando,” instituição dedicada à estética artística, considera “oportuno” “inmortalizar los nombres de Solís y sus compañeros de desgracia,” e indica que “la inscripción «de no redactarse en castellano, se haga en el dialecto provincial más correcto sin mezcla de portugués»”. E é que, no mesmo seio do regionalismo, era discutida, e vivamente, a escolha de *aos* e *libertade*, impugnados como imperdoáveis lusismos. O informe da referida Academia era utilizado como elemento determinante polas autoridades para a aprovação da ereção do monumento.

Xan do Pobo (Tettamancy Gastón) contestava que “nos permitiremos argüirle” a “corporación tan respetable” “que la inscripción está escrita en idioma gallego,” e aproveita para emitir a interpretação regionalista habitual da *Revista Gallega*:

como que el portugués es hijo legítimo de este último [o galego]; aunque andando los tiempos, y con ellos la bienhechora ley del progreso, el portugués buscáse su perfeccionamiento; y el gallego, quedáse relegado al uso puramente familiar; gracias á la indolencia de sus mismos naturales, que muchos, se denigran hasta en conservar la lengua melosa, que para mejor expresar sus sentimientos escogían aquellos reyes castellanos que, en los gloriosos días de su reinado, habían hecho tan feliz á su pueblo.

A Academia de San Fernando acabaria por aprovar o monumento, como conta Tettamancy (1908: 388). Por sua vez, este autor vai entrar assim em *controvérsia sistémica*, talvez sem o esperar; não vão ser vozes do polisistema espanhol, mas, em princípio, do próprio *anfissistema*¹⁴ regionalista as

¹² E onde será publicado o poema que reutilizará Teixeira de Pascoas e ficará mui conhecido nos meios galeguistas, assim transcrito na revista: “GALICIA, terra irman de PORTUGAL/ Onde voan os mesmos paxariños,/E as mesmas froles bordan os camiños,/E as mesmas almas ten o mesmo ideal;

Lindo berce de Curros e Pondal,/—un que escoita os murmulos dos *airiños*,/Outro, que abrindo vellos pergamiños,/Canta as grorias d’un pobo colosal—:

Eu te saúdo! E chamome feliz,/Pois hoxe, preto d’estes bós amigos,/Bebín en paz dous gotos de Xerez...;

Sóño da veira-mar, verde país,/Poida eu por lonxe andar sen correr p’rigos,/Pra acó te vir saudar mais unha vez!.”

¹³ Número 390 de 8 de setembro de 1902.

¹⁴ Tenho utilizado alguns prefixos gregos para matizar o *sentido sistémico* de determinadas situações e tendências: *proto-*, para indicar a tendência a constituir um sistema por parte dum grupo e para caracterizar esse mesmo quadro; *sub-* para aludir a agências que procuram especificidades dentro dum sistema sem pretender substituí-lo; *para-* querendo com ele conceitualizar aquelas atividades e agentes que funcionam à margem do sistema que domina o espaço social em que se inserem, sem pretensões nem de pertença nem de substituição mas de existência independente e não relacional nem conflituosa com aquele. Utilizo agora o de *anfi-* (anfissistémico) para denominar aquelas situações em que o funcionamento sistémico e ambíguo tanto pode funcionar (ser produzido, canalizado, recebido, etc.) como subs-sistémico como como proto-sistémico e, até,

que combatam imediatamente as suas opiniões. Tettamancy seguia a linha corunhesa ortodoxa.

No monumento, acabará por triunfar a formulação *lusista* e lá ficou nele “Aos Mártires da liberdade”. Talvez poucos visitantes do monumento saibam que o que olham como a mostra dum estado de codificação da língua ainda não mui evoluído (*libertade*) foi a máxima expressão de lusismo público que se conheceu na época, e que provocou umha longa polémica. Essa consciência é reflexo do entendimento das propostas e das práticas não no quadro dumha evolução e condicionada polo espaço social e de campo em que se produzem mas como elementos estáticos e acabados, abstraídos e a-historizados. Fenómeno, aliás, de que enferma severamente a visão que do reintegracionismo se usa no olhar diacrónico e, até, sincrónico. Mesmo um nome tão autorizado como Rodrigues Lapa (1983:322) não foge a essa perspetiva e valoriza assim a atitude dos corunheses a respeito desta polémica:

Infelizmente, os corunheses da «Cova Céltica» não levaram a melhor a sua campanha de aperfeiçoamento da língua, cingida ao português, como se verificou na erecção, em 1906 [erro, por 1904], do monumento aos mortos da revolução de 1846. A legenda em galego, *Aos mártires da liberdade* foi tida como português por ignorantes e fanáticos.

O saudoso professor não tem em conta precisamente a evidência do que afirma: que, naquele contexto, a inscrição estava para muitos *em* português, tal era o estado do sistema regionalista, e que a “campanha” dos corunheses enfrentava o problema fundamental de ter que optar por umha rutura que, pode deduzir-se facilmente, estimaram estrategicamente negativa.

Na *Revista Gallega* a polémica que tem como centro concreto precisamente o texto da inscrição do monumento aos Mártires de Carral vai explodir nos inícios de 1905; umha polémica linguística que era a terceira das acolhidas nas suas páginas. Com o título “Del idioma gallego”, os leitores do primeiro número daquele ano¹⁵ encontram na primeira página a extensa réplica que dá *Fuco de Sergude* a umha *consulta*, como ele escreve, que lhe fizera Julio Dávila¹⁶, do grupo regionalista do *El Eco de Galicia* de Buenos Aires. O que

como para-sistémico, e que no momento em que redigim a minha tese de doutoramento, de onde este capítulo procede, não soubem denominar. Tendo em conta o papel da literatura e da língua em particular e da atividade cultural em geral como vinculáveis e veículos dumha comunidade diferenciada, é claro que a constituição de cada um desses projetos sistémicos tem implicações políticas e sociais que podem ser fundamentais.

¹⁵ Número 512 de 7 de janeiro.

¹⁶ As polémicas linguísticas eram na realidade umha expressão do tipo de sistema que se desejava e das transferências e *ubicaciones* sistémicas que eram postuladas. O número 430 de 30 de setembro de 1903, inseria um artigo de Dávila, “El porvenir del lenguaje gallego”, ocupando as suas duas primeiras páginas e parte da terceira. O motivo era o facto de este, no seu citado trabalho sobre o antropónimo de Ortigueira, comentar que o galego estava próximo a desaparecer, e que apenas sobreviveria como língua literária. A apreciação mereceu a contestação de Aurelio Ribalta, quem replica que, se morresse a língua, era o povo quem desaparecia. Dávila aqui tenta mostrar outros elementos constitutivos da Galiza, e diz que se esta fosse anexada (e não por acaso indica como *anexador* Portugal), continuaria a ser a Galiza. Mas o de maior interesse

Fuco de Sergude (enfim, Tettamancy Gastón) entendera ser umha *consulta* particular a respeito do texto da inscrição, fora publicada no *El Eco de Galicia* no número correspondente a 30 de outubro de 1904, comentada polo próprio Dávila, não conforme com as apreciações do escritor corunhês. Afirma agora Tettamancy que ele não desejava na altura contestar, mas sim o fizera um vogal da *Liga Gallega na Cruña*, Marcial Miguel de la Iglesia, nos números 2, 7 e 8 de dezembro desse mesmo ano de 1904 em *La Idea Moderna*¹⁷. Após ouvir *Fuco de Sergude* carta e saberes do seu correligionário, prossegue contando que no dia 10 desse mesmo mês, saíra ainda outro texto de Bernardo Rodríguez no *El Eco*, em que este defendia as ideias de Julio Dávila.

A polémica, mascarada em subtilezas linguísticas, coloca mais umha vez o problema da direção a tomar na codificação linguística; o que, como sabemos, significa falar *do português*. Que cousa impugnava o grupo bonaerense? Pois, em resumo, considerava no texto “*Aos mártires da libertade mortos o 26 de Abril de 1846. Liga Gallega n’a Cruña*”, *aos* e *libertade* como um arcaísmo e um lusismo respetivamente; e em relação a *mortos*, entendia que não expressava (filológica, que não ideologicamente) a causa da morte, e que devia ser substituído por *afusilados*.

Assim conclui *Fuco de Sergude* (“por la copia *Xan do Pobo*”):

Aquí no mendigamos arcaísmos. Sr. Rodríguez: los que unas veces pecan de *oistas* y otras de *aoistas* supone que varían de consejo, como buenos *sábios*. Los que utilizan la última forma, indican que van evolucionando, que se civilizan, que cultivan la lengua gallega inficcionándose de lusitanismos, por ser los más humanos, teniendo en cuenta que el lenguaje gallego es el lenguaje portugués; y que éste se formó, y se civilizó, desde que Portugal ha formado su nacionalidad.

Y de aquí vengo á deducir, mejor diré, a reafirmarme en mis opiniones expuestas en otra ocasión, de que por aquella parte de Sur América «carécese de elementos para averiguar ciertas particularidades respecto al origen de la lengua gallega» que desde que comenzó á sufrir en el siglo XVI la influencia de la castellana, se barbarizó, créame usted, Sr. Rodríguez, ó como suele decir un amigo mío, se *esmendrelló*; y «es necesario retrotraerla y al mismo tiempo civilizarla»¹⁸.

para nós é o seu comentário a respeito do necessário estudo das fontes do idioma (que, citando *El Idioma gallego. Su antigüedad y vida*, de de la Iglesia, situa no século VI), para “recuperar el gallego verdadero libre de lusitanismos.”

O recurso a Antonio de la Iglesia é mais próprio de malabarismo argumental que de adequação à linha de quem fora secretário dos Jogos Florais de 1861; no seu livro afirma o galego ser falado “con ligeras variantes por más de once millones de personas”; e, no tomo III da obra citada, (de 1886, p. 256) diz: “Aún hoy se habla el idioma galaico no sólo en el país ya mermado de las dos Galicia Lucense y Bracarense sino en parte de sus dominios que abrazaron á la inmortal Numancia (...) Háblalo por precisión Portugal que es raza, sangre y reconquista nuestra y con él sus extendidas posesiones de África, Asia y Oceanía y ese vasto y riquísimo imperio del Brasil en la meridional América.” A citação pode também encontrar-se em Vázquez Cuesta (1991: 193). Enfim, recorria Dávila ao amigo de Teófilo Braga, umha das primeiras *auctoritates* galaicas do reintegracionismo.

¹⁷ Números que não pudemos consultar.

¹⁸ Por estas datas, outro Rodríguez, agora M. Rodríguez y Rodríguez (1905), publicava o seu livro *Origen filológico del romance castellano*, em que impugnavia a forma *aos* como “lusismo intolerable” (p. 321).

Na semana seguinte, outra vez na primeira página da publicação, aparece a transcrição dumha carta que Marcial Miguel de la Iglesia envia a Xan do Pobo. Na introdução, este salienta os artigos de De la Iglesia em *La Idea Moderna*. A carta nada acrescenta à polémica, a não ser a invocação que faz de Martelo Paumán, ao comentar “el funestísimo estrago que así en gallego como en castellano están causando esos *afillados do demo*”; “ávidos de notoriedad y fama” e a evidência da cumplicidade ideológica e pessoal entre Marcial Miguel de la Iglesia e Tettamancy.

A polémica não estaca. No mês seguinte¹⁹, Eugenio Carré publica umha carta aberta dirigida a Julio Dávila com o título de “Del idioma gallego”. Carré atua aqui com evidente prudência. Teme que a polémica não traga outros resultados que o enfrentamento pessoal. A sua réplica apenas se refere ao caso de *ao*, e, como dado ilustrativo, nunca fundamenta a sua argumentação no português. A discussão é levada para a *auctoritas* galega na matéria, centrada no uso que Curros Enríquez faz de *ó* ou *ao*, que, segundo Carré, é o recentemente preferido polo autor de *Aires da miña terra*; demais, Carré justifica a razão de converter em *aos* todos os *ós* que apareciam na coletânea de poemas que acrescentara na sua *Literatura Gallega en el siglo XIX* (1903) procedentes do grupo sul-americano.

Talvez no instante em que Carré redigia estas linhas, começasse a escrever Aldrey o conjunto de artigos que, sob o título de “Barbarismos de la inscripción *Aos mártires da liberdade mortos o 26 de Abril de 1846. Liga Gallega. Na Cruña*”²⁰, vai publicar a partir dos finais de fevereiro no *El Eco de Galicia*²¹ bonaerense. O futuro académico, Cayetano A. Aldrey²² impugna a forma *aos* e *liberdade* por espúrias e contaminadas de lusismo. Para o segundo caso indica que a forma correta é *libertá*, procedente do castelhano, onde também é aguda, e que, para a formação do plural deve acrescentar-se *-des* e não utilizar o “vulgaríssimo” *-libertás*:

¹⁹ *Revista Gallega*, número 518 de 18 de fevereiro de 1901.

²⁰ No volume com o título *Barbarismos de la inscripción del monumento a los mártires de Carral*, publicaram Aldrey, Dávila e Bernardo Rodríguez (VV. AA., 1907) os seus trabalhos contra as formas utilizadas na inscrição, em 1907, o que prova tanto a importância concedida ao tema linguístico como a simbologia que o monumento alcançara.

²¹ Desde o número 481, de 28 de fevereiro de 1905.

²² Apesar destas polémicas, os representantes do *enclave* argentino como membros da Academia, vão conviver com os Murguía, Carré, Vaamonde ou Lugrís na instituição, o que dá conta de até onde chegou a vontade de pluralidade e alargamento; o que, se bem lhe concedia maior legitimidade, paralisará os seus projetos mais audaciosos. Aldrey, com as ideias que a seguir se relacionam, era o *linguista oficial* do *enclave*. Com ele fizeram parte da Academia: Ramona de la Peña Castro López, Manuel Castro López, e, como diz a primeira página do número 506 de *El Eco de Galicia* bonaerense do 10 de Novembro de 1905, “el eminente filólogo D. Cayetano A. Aldrey”; e o “distinguido literato D. Adolfo Rey Ruibal”; de nengum temos notícia que escrevessem umha linha em galego nos seus livros.

No sé si esto satisfará los deseos de los retrógrados; pero estoy casi seguro de que los gallegos amantes de la corrección de su lengua preferirán decir y escribir *libertá* y aún *libertad*, al arcaísmo y lusitanismo *libertade*. [...]

Aos y libertade no son palabras gallegas; y, por tanto, su presencia en un monumento histórico es un ataque permanente á la pureza de nuestro lenguaje regional.

O motivo do escrito, obviamente, é sair em apoio de Dávila e [Bernardo Rodríguez *Ignarus*²³], não isento dumha certa desconsideração para com de la Iglesia e Tettamancy:

²³ *Ignarus* é pseudónimo de Bernardo Rodríguez, amigo de Aldrey e Dávila e emigrado também em Buenos Aires. Só para indicar a intensidade e temporalidade destas polémicas e, a propósito de *Ignarus*, baste indicar que, entre as várias polémicas linguísticas em meios regionalistas da época, salienta a sua participação numha no *El Eco de Galicia* bonaerense. Com efeito, este meio recolhia também textos polémicos sobre a orientação linguística do galego, que, em Torres Feijó, 2019, trato num quadro mais alargado. Nele, no número 270, de 20 de abril de 1899, publica *Ignarus* “Sobre el idioma gallego”; que escreve desde o Uruguai. Neste artigo, Rodríguez defende, em síntese, a adaptação “al gallego [de] la actual ortografía de la Academia Española de la Lengua”; e, sobre a costumada pugna entre *equistas* e *jotistas*, defende o *x*, argumentando, frente aos etimologistas, que o castelhano também convertera *ferrum* em *hierro*, e que, para além disso, “nuestros paisanos” não entenderiam o que os sons *g* e *j* queriam representar.

Ignarus comenta, dirigindo-se ao diretor da publicação, Castro López, que em Buenos Aires vive um homem mui ilustrado em gramática castelhana que “con un poco de estudio podría dominar con la misma fuerza la literatura gallega”: era um convite a que Cayetano A. Aldrey se pronunciasse.

Assim o faz o gramático. E um mês mais tarde, no número 273, publica “Algo más sobre el idioma gallego (*El Eco de Galicia*, 20 de maio de 1899), onde argumenta as propostas de *Ignarus*:

“Siendo la índole acentuativa de este medio de comunicación igual à la del castellano con levísimas excepciones, natural es que se tome tal idioma por modelo y se sigan sus leyes ortográficas”

E a respeito do uso do *x*, frisa:

“[...] ¿hay en gallego vocablos, aunque sean técnicos ó designen sustantivos propios, en que aparezca el sonido de *f* o *g* aspirada, y que por etimología deban contener estas figuras? Yo recuerdo haber oído invariablemente *majadero*, *Geo*, *Teología*, *José*, *majo*, etc. con pronunciación castellana”

E, tras estas valorizações, o futuro académico correspondente da Academia Gallega e membro da sua Xunta Protectora, censura os que acodem ao castelhano ou ao português para procurar o que, segundo ele, têm em casa. Neste periódico continuaram publicações na mesma linha de Ricardo Conde Salgado (20 de junho de 1899), cuja língua fora louvada por Aldrey, publicando “Un poquito más sobre gallego”; que, na prática, alicerçava, desaparecido já havia alguns anos o grupo corunhês das páginas da publicação, a doutrina *oficial* do grupo bonaerense representado em *El Eco de Galicia*. Não significava esse desaparecimento inimizade. O que acontece é que o grupo corunhês contava desde 1895 com órgão próprio, e não tinha que acudir já ao que até então fora o seu veículo fundamental de expressão. Virá, depois, no número 282, do 20 de agosto de 1899, um artigo de Martín Díaz Spuch, que anos atrás fora premiado nos Jogos Florais de Tui (Máiz, 1984: 123), e que, andado o tempo seria, como co-fundador da Academia, membro correspondente desta em Tänger. O autor escreve para impugnar a tese da acentuação á castelhana que propusera *Ignarus*, sustentando, tangencialmente, a identidade do galego-português.

Ignarus replica vinte dias mais tarde, e, no número seguinte, de 20 de setembro, aparece umha contrarréplica de Díaz Spuch, que tem contrarréplica de *Ignarus* no número 287, de 10 de outubro, que, para demonstrar que a identificação galego-portuguesa feita por Díaz Spuch é incorreta, transcreve duas frases, em *galego* e em *português*, com o seguinte resultado (os itálicos são de *Ignarus*):

«Gallego: “Usar palabras ou frases estrañas é barbarismo”

Português: “Usar palavras ou frases extranhas é barbarismo”

Gallego: “Frase é unha reunión de palabras que fan sintido”

Ahora comprendo cuán fundados eran los motivos que tenían los Sres. Rodríguez y Dávila para desconfiar de la corrección de semejante letrado; y ahora me explico también la impotencia de los Sres. Iglesia y Tettamancy para desvanecer y desarraigar las dudas y argumentos de aquellos señores. ¿Qué habrán dicho, entonces, con sus cinco ó seis artículos el Sr. Director de colegio en *La Idea Moderna*, de Lugo, y el Sr. Xan do Pobo en la *Revista gallega*, de la Coruña? Este será el tema de la próxima publicación.

E, com efeito, há mais entregas do texto de Aldrey. Em concreto, no número 485, de 10 de abril de 1905, Aldrey vai tornar sobre a teoria da acentuação que *Ignarus* (Bernardo Rodríguez) tinha exposto meses atrás, em 10 de dezembro de 1904:

Lo que muchísimas personas no recuerdan o ignoran completamente son otras observaciones de Bernardo Rodríguez, y el conato de réplica que el Sr. *Xan do Pobo*, idéntico al señor D. Francisco Tettamancy, le dió en la *Revista Gallega*, correspondiente al 7 de enero próximo pasado.

Para Aldrey, Rodríguez é o “autor de la teoría más avanzada y la aplicación de los acentos en gallego”. E, referindo-se aos argumentos de Tettamancy, impugna-os como lusismos fora de lugar.

E a polémica continua. Em 27 de maio, é o turno de *Cidrán de Lemus* no *El Eco de Galicia*, que escreve desde Monforte. O texto de *Cidrán* está já carregado de forte agressividade:

En tierra de ciegos, el tuerto es rey y así nuestro perínclito don Cayetano y algún corifeo que por Galicia le salió, en su afán de lucirse ante los gallegos residentes en la Argentina, se entretienen en tomar el pelo á los que allá los tienen por oráculos, y sólo prueban á los de aquí hasta que punto pueden llegar la desaprensión y el desconocimiento de ciertas cosas. ¡Así conocen el gallego como el castellano!

De resto, e mais umha vez, omite-se qualquer referência ao português, e utiliza-se a autoridade de Saco y Arce, com quem Aldrey argumentara, e Sarmiento para sustentar *ao* versus *ó*.

Ainda no número 533, Marcial M. de la Iglesia escreve para felicitar *Cidrán* e reafirmar os postulados que defendera em *La Idea Moderna*.

Algumha conclusão podemos tirar desta polémica que, reiteramos, é a prévia à constituição da Academia. Para já que o caso *aos* (por *libertade* dão neste momento menos batalha os corunheses) vai converter-se em símbolo e eixo da disputa das correntes enfrentadas; e essas correntes são, *grosso modo*, as que defendem umha maior ou menor (e mesmo nula) aproximação do

Português: “*Phrase é uma reunião de palavras que fazem sentido*”».

Ainda vai intervir na polémica o viguês de origem tudense Justo E. Areal, no número 291, de 20 de novembro, desde Vigo, enviando um artigo conciliador entre o seu “amigo y paisano Díaz Spuch” e *Ignarus*, mas centrando a discussão em apóstrofos e traços, que nada tem a ver com o problema que aqui nos ocupa.

português, o que, como sabemos, é um debate sobre a orientação a tomar polo sistema também em termos literários e culturais.

Em segundo lugar, é oportuno indicar que, tendo em conta a fundação de Academia com diferentes grupos, parece existir um pacto tácito entre eles, no qual o grupo corunhês renunciará por exemplo a *g* e *j* como representações no código. Parece haver sempre umha tentativa de conciliação para impedir que a fundação da Academia não se leve a cabo, ou nasça irremediavelmente pejada desde o início, como, aliás, vai acontecer.

Seja como for, mas nesta linha conciliatória, a *Revista Gallega* vai fixar a sua posição meses mais tarde com um artigo que, com o título “Nuestro idioma”²⁴ assina G. S. R. (Galo Salinas Rodríguez). Nele indica-se como prioritário a unificação de “el lenguaje literario”:

Vasto es el campo de operaciones en que habrán de resolverse las huestes de la incipiente *Academia*; vasto y complejo, por lo que locura fuera intentar sus irrupciones por distintos flancos a la vez.

[...] la primera cosa que debe acometer y solucionar la *Academia* es la unificación de nuestro lenguaje; se entiende del lenguaje literario, del lenguaje culto, que el otro, el vulgar, no podrá nunca conseguirse.

Parece que outros futuros membros da instituição queriam conferir outro carácter a esta, no sentido em que anos mais tarde orientará o Seminário de Estudos Galegos a sua atividade. Para Galo Salinas não é o momento e deve obrar-se no trabalho linguístico, com preferência sobre “excursiones arqueológicas, celebración de certámenes literarios y musicales, museos y exposiciones, etc., etc.”

Para conseguir esses objetivos de unificação linguística renova-se a contínua aspiração galeguista; a de formar umha comissão de recolha de dados para a elaboração dum dicionário e dumha gramática.

Crítica depois os “Zoilos” e “Aristarcos” que prejudgam os autores polas ideias que sustentam

“siendo así que si hubiesen leído los libros de algunos que reputan como clásicos, prescindiendo de la inspiración, observarían que habían caído en idénticos defectos que los que prejuzgan, introduciendo en sus versos y en sus prosas arcaísmos, castellanismos y neologismos á granel?”

Como se vê, elude-se qualquer referência ao português, sendo igualmente significativo que não se mencione o *lusitanismo* entre os “defectos” da linguagem dos escritores; mas era o português o que estava por trás das escolhas.

²⁴ Número 561 de 7 de outubro de 1905.

Demais, Galo Salinas conclui com umha afervorada saudação a Curros Enríquez, cânone literário indiscutido da época, e *factotum* do projeto acadêmico²⁵.

Mas ainda anos mais tarde, páginas galeguistas conhecerão o eco desta polémica. Cessara na sua atividade a *Revista Gallega* a 30 de junho de 1907 e umha nova publicação, impulsada, entre outros, polo mesmo grupo (Murguía, LUGRÍS, Florencio Vaamonde) surgia, a 4 de agosto do mesmo ano, na cidade, *A Nosa Terra* que seria órgão de Solidaridad Gallega. Ainda que virada para o ativismo político, reserva espaço para a cultura e os seus problemas. É agora sob o cabeçalho que acabará sendo o máximo símbolo do nacionalismo em todas as suas épocas, que o regionalismo regenerador vai receber a ofensiva anti-acadêmica e/ou anti-lusista²⁶ que em 1907 é gerada.

Numha seção, “Disparates Filológicos”, cuja mesma existência é já eloquente, em que o semanário respondia habitualmente às polémicas linguísticas aparece um artigo que *A Nosa Terra*, rotula “Nosce te ipsum”²⁷, em que se dá notícia dumha censura aos corunheses: “El autor de la *Carta abierta*, á que aludimos en nuestro último articulito *Disparates filológicos* se dirige á nosotros por medio de otra *Carta*, publicada en un colega regional.” Entendendo que o texto fala por si só, embora aponham alguns comentários, copiam trechos da missiva:

En la costa, y sobre todo en la de la provincia de la Coruña, el dialecto gallego no es tan puro, *ni tan perfecto* (este subrayado es del autor de la carta) como en interior; pero así y todo ya me contentaba yo conque la mayor parte de los escritores corunheses que *cultivan* el dialecto²⁸ lo escribiesen tal y como se habla por los campesinos de la costa. [...]

Pero lo peor no está en que olviden dichos giros y modismos, sino en que los modifican produciendo trabajos literarios que no están escritos ni en castellano ni en gallego, con la ridícula pretensión de perfeccionar el lenguaje, modificándolo caprichosamente [...].

A implícita referência ao português resulta evidente. Mas este, para os leitores da revista e para nós, anónimo autor do artigo, vai ainda ser mais explícito; e vai fazê-lo elucidando o que, pensamos que sem erro, entende foi e está a ser a estratégia deste grupo a respeito da transferência do polissistema português: os indigitados não vão contestar estas afirmações do publicista.

²⁵ O relacionamento de Curros Enríquez com o grupo da Corunha, que mesmo promovera umha homenagem à sua pessoa em 1904, fora sempre excelente (Cfr. Máiz, 1984: 203, por exemplo).

²⁶ Para nada fazemos sinónimas as noções de *Academia* e *lusismo*; o que acontece é que para alguns dos seus críticos assim era; e ocorre, também, que as polémicas a respeito da expansão sistémica e do relacionamento com Portugal correm numerosas vezes paralelas.

²⁷ Número 9 de 29 de setembro de 1907. No mesmo número, quiçá como contributo à réplica do semanário inserem “¡Menten!” de Alberto García Ferreiro, com versos como estes: “Mal te queren algú! Cuase no berce/ Probiña, estás, e xa te dan por morta,/ A tí que diante tés -mar sin orelas/ Xuventú, libertá, porvir e gloria.”

²⁸ Mais umha vez a resistência a falar de “língua” ou “idioma” que unia muitos dos alinhados com posições similares.

A aquellos que creen que el portugués es el gallego perfeccionado yo les diría ¿por qué os molestáis en ir haciendo las cosas poco á poco? No intercaléis palabras ni modismos portugueses en vuestro gallego, á pretexto de perfeccionarlo, porque los que no os conocen creerán que lo hacéis por mejorar el dialecto acercándolo al portugués, y entonces os tacharán de inconsecuentes, porque sería más lógico que de hecho escribiérais ya en portugués, pero yo, que os conozco (*conocer es*), sé que escribís de tal manera porque desconocéis el hermoso dialecto gallego. (*Gracias. Afirmado por Ud...*) Porque no se puede escribir bien el gallego pensando en castellano.

{Aquí NOTA-de-rodapé da Redação: “En esto es en lo único que anda acertado y en lo que vamos acordes. Para robustecer lo que dice transcribimos el siguiente párrafo, tomado al azar, de cierta obra” [transcrevem um trecho em prosa e alguns versos, que julgamos são de Rodríguez López, e continuam] Ah! pero se nos olvidaba decirle que esos escritos son de un poeta del interior de una provincia de Galicia, que también tiene costa y que además es fronteriza á regiones que tienen distinta lengua que nosotros.

Y lo que es nuestro *trasacordo*²⁹ característico. Se nos olvidaba consignar que de esa provincia todos los años van miles de habitantes á la siega á Castilla y á otros puntos. Con que, *tire* ahora la natural consecuencia, *ya que este escritor emplea también el AO}}* y desconociendo el dialecto gallego (*eso según Ud.*), no puede ir á buscarse su conocimiento en el portugués, á pretexto de tener los mismos orígenes, porque también el italiano, el francés y el español proceden del latín y á ninguno se le ocurre estudiar francés para perfeccionar el castellano.

Estava ainda mui viva, como se vê, a polémica suscitada polo *ao* entre outros elementos da inscrição do monumento de Carral. É também nítida a alusão do autor do artigo:

«Hay que convenir en que el Sr. Aldrey, cuyos artículos me han gustado sobremanera, ha dejado muy mal parados á los coruñeses autores de la célebre inscripción, con cuya redacción tampoco estoy conforme» (Era de esperar y es, además, cosa natural: *cada oveja...*),

tanto que a polémica não acaba aqui. Notemos, ao calor dela, como respondem os *coruñeses* a umha opinião, já nos finais de 1907, de Cayetano Aldrey, ou, o que é quase equivalente, ao *enclave* bonaerense. Produz-se na mesma seção da publicação, agora no número 16³⁰: “Seguramente que nuestros lectores recordarán la trapatiesta que con motivo de la inscripción gallega del monumento de Carral se armó entre los filólogos gallegos”

Referindo-se já a Aldrey, lembram como aquele dedicara um livro à questão, onde “proponía que en vez de *mortos* se pusiese la elegante palabra *tronzados*”, prosseguindo: “Y excusaríamos decir que el autor de tal proposición vive en América del Sur de donde, con honrosas excepciones, proceden los filólogos de carácter agudo y fulminante”

E citam, comentando-as, as, em opinião da redação da revista, “atrocidades” de Aldrey:

²⁹ A sua política agrarista.

³⁰ De 3 de novembro de 1907.

- 1º Que los infinitivos de los verbos gallegos deben terminar en *ar, er ó ir*, y que por lo tanto es vicioso decir *pensare, sere y vivire*.

Este señor ignora que en gallego hay verbos terminados en *or*, pues nuestra lengua cuenta con cuatro conjugaciones.

- 2º Que son recusables las desinencias *seren, pensaren, riren* SACADAS (mejor diría *procedentes*) de los verbos que provienen. Esto no le gusta, porque los portugueses hacen lo mismo.

Debemos advertir que la conjugación del infinito es corriente en todo el país, y que precisamente esta circunstancia gramatical, es la que más carácter da á nuestro idioma.

- 3º Llama lusitanismos á las palabras *saudades*³¹ y *leito*, y dice que son de escasisimo empleo *rueiro, xionllos y teito*.

Este era o “estado da questão” na altura.

Assim concluíam esta polémica e algunha das suas derivações nas páginas da *Revista Gallega* com o seu prolongamento para as de *A Nosa Terra*. Fora Francisco Tettamancy e Gastón quem fundamentalmente sustentara a polémica dentro do grupo corunhês. Ele mesmo dera à luz na revista (com algunha intermitência e entre os números 505, de 19 de novembro, e 514, de 21 de janeiro de 1905) alguns trechos do que depois seria o seu livro *La Revolución Gallega de 1846* publicado em 1908, trechos alguns dos quais publicara já nos números de 3, 18 e 23 de outubro, na revista *Galicia* de Havana, como ele mesmo indica

31 Obviando outras apreciações, repetidas noutros lugares, sim queremos chamar a atenção sobre um facto que pode passar oculto noutras evidências. Aludo ao caso da palavra *saudade*, a palavra-chave por antonomásia do relacionamento galego-português. Polo caminho seguido por este termo e este conceito, vai ser, na década dos dez, que na transferência sistémica vai passar a literatura galeguista da quase absoluta periferia no polissistema português a situar-se num dos seus centros mais ativos e decisivos na época, o Saudosismo; por este caminho também, vai conhecer o sistema nacionalista um dos seus motivos mais rendosos do ponto de vista da produção literária; e ideológica. Se a *saudade* chegasse a ser anulada como pertencente ao sistema regionalista (e pudo sê-lo se não existissem reações como as do grupo corunhês), tais processos nunca poderiam ser verificados; porque, não se mantendo a palavra embora sim o conceito, a irmandade luso-galaica de que cedo se vai falar desde Portugal, não poderia estar sustentada ao nível que o fizo, e ficaria quanto muito no nível da *anyorrança* catalã, importante, mas não tão decisiva. Da relevância do termo como galego sirvam apenas dous exemplos: ele centra umha das polémicas intelectuais mais agudas e determinantes no polissistema português no primeiro quartel do século XX a de António Sérgio com Teixeira de Pascoaes; e ela é o núcleo também de vários debates no seio do galeguismo nacionalista, entre os quais, um episódio pouco conhecido mas ilustrador, qual foi o que Risco sustivo com os novos escritores do polissistema que opunham ao modelo Teixeira risquiano, o, não por acaso, modelo Pessoa, a começos dos anos trinta. São por vezes passos como estes com que se percorrem os caminhos da literatura e do relacionamento (vid. Torres Feijó, 2008).

em nota do texto do número 505 da *Revista Gallega*. Por isto mesmo, é oportuno transcrever algumas linhas relativas ao assunto que é objeto desta exposição, porque dão conta do estado de cousas que o galeguismo liberal e protossistémico enfrentava, nos inícios do impulso da Academia Galega e do galeguismo na altura, que levava, como foi visto, mesmo a evitar argumentações lusistas (cuja referência era, no entanto, clara nas escolhas do grupo corunhês, a meu entender). Baste indicar que o autor lembra que diversas pessoas intervinham nos atos com motivo da colocação da primeira pedra, a 23 de abril de 1904, “pronunciando patrióticos discursos los Sres. Velasco, Alvarez Insua, Lugrís y el párroco de Paleo [no adro da igrexa de Paleo fora fusilado Solís], que echó sobre la piedra la primera paletada de tierra”. E conclui: “Los discursos fueron extraordinariamente aplaudidos. El del Sr, Lugrís fué dicho en lengua regional”

Escreve Tettamancy a páginas 389 (1908: 389):

La redacción de esta inscripción, ha sido combatida sistemáticamente por algunos, apoyándose en argumentos que carecen, en nuestro humilde entender, de toda lógica, como los de confundir lamentablemente el léxico gallego adaptándolo al castellano, y trastrocando hasta sus mismos vocablos; sin fijarse en la extraordinaria diferencia que existe entre ambos idiomas, cuales son sus giros, fonética, desinencias, declinaciones, conjugaciones y otras características que no habremos de señalar ahora por no ser nuestro objeto herir susceptibilidades, ni menos volver á suscitar una cuestión que tuvo ya sanción firme desde el momento en que el monumento fué proyectado y levantado. Amigos y compañeros nuestros, refutaron oportunamente con las razones que la filología y la práctica aconsejan, y basándose en autoridades indiscutibles, las apreciaciones y juicios sugeridos á varios impugnadores de la referida inscripción, juzgando á ésta modelo entre las de su índole.

No interrumpamos más con estériles polémicas, la paz de las tumbas de aquellas VÍCTIMAS, que para defender sus nobles ideales, no descendieron á ruines miserias; que miserias y ruindades se reflejaron en algunos ignorantes que intervinieron en la discusión inoportuna de la inscripción del monumento erigido á los Mártires de Carral.

5 Relacionamento literário galego-português. Legitimação e expansão com Sísifo ao fundo

Frente à normalidade portuguesa, a elaboração dum sistema literário galego é paralela à evidência dumha formulação explícita de autonomia política, nos seus diversos graus até à independência. Não é possível explicar esse processo nem as relações culturais galego-lusas, se esquecermos o funcionamento permanentemente político dessa relação, sobretudo por parte galeguista, e o caráter de *locus privilegiado* que a expressão literária e cultural tem em casos em que a política está interdita ou é pouco rendível. O galeguismo, até à fase nacionalista iniciada em 1916³², tinha começado o seu percurso contemporâneo com muitas precariedades e indefinições, mesmo quanto à língua a utilizar, ainda que Rosalia de Castro, Curros Enríquez ou Eduardo Pondal realizaram umha escolha clara (nem por isso absoluta) polo idioma que os vertebrava, no meio do comum desconhecimento do passado, apenas alfabetizados em espanhol como os seus textos (em menor medida os de Pondal, mais decididamente etimologista e conhecedor da história da língua), refletem³³. Apesar da incomunicação notória entre a Galiza e Portugal, estes últimos tinham no Junqueiro poeta civil e satírico social e no Camões épico respetivamente, alguns dos seus principais e explícitos referentes, o mesmo Camões de “Leva na cabeça o pote” que é imitado por Rosalia no seu “Roxiña cal sol dourado” e por ela exalçado, ao lado de Inês de Castro, vinculados pola poeta na comum origem galega, no poema publicado em Portugal na homenagem de 1880 ao autor d’*Os Lusíadas*. Estes eram modelo a imitar para Florencio Vaamonde ou Martelo Paumán, membros do liberal grupo galeguista corunhês, como para outros, como García Ferreiro, o referido Junqueiro ou Antero de Quental eram os guias. Tudo em virtude da invocação da unidade linguística e dos vínculos histórico-culturais e étnicos. Portugal, representava, destarte, o referente de reintegração galeguista,

³² Sintetizarei no termo galeguismo/galeguista as diferentes fases, protossistémicas, de procura da constituição dum sistema literário galego, reservando o termo regionalista para as tendências subsistémicas (quer dizer-se para as elaborações culturais galegas assentes em especificidades que não põem em causa a pertença ao (poli-)sistema literário espanhol.

³³ A falta de fixação linguística do idioma autóctone na Galiza vai ser um constante *ruído* na comunicação, que contribuirá ainda mais para dar por vezes caráter *antigo* e *desarticulado* à sua produção.

como Espanha constituía o seu referente de oposição. Ora, para os que consideravam a hipótese dum sistema galego, as suas possibilidades expansivas conheciam sérias travas: a única via de comunicação era o sistema espanhol, dominando a vida cultural galega e por onde, aliás, chegavam as Importações doutros sistemas. Também, o carácter *essencialista* da produção literária galeguista e regionalista conviventes numha mesma rede, coloca o protossistema em precariedade competitiva a respeito do sistema espanhol e do fundamental objetivo de incorporar aderentes. O seu repertório literário, conservador, com centralidade do elemento folclorizante, e a tendência a se opor às correntes literárias na moda, do naturalismo ao simbolismo, trava a expansão.

5.1 Ponto de partida. A legitimação do protossistema galego e Portugal

Em 1891 celebram-se em Tui uns Jogos Florais, em parte, culminantes de anos de legitimação galeguista, apoiada importantemente em filólogos e historiadores lusos, de Teófilo Braga a Leite de Vasconcelos, sobretudo, de Herculano a Oliveira Martins, provocando polémica de algum deles, e, sobretudo, de Murguía, com Juan Valera, Sánchez Moguel, Emilio Castelar ou Pardo Bazán (Torres, 1999). Para Braga, no seu *Parnaso Português Moderno*, de 1877, Galiza é “um fragmento de Portugal, que ficou fóra do progresso de nacionalidade,” e que, “apesar de todos os esforços da desmembração política,” “não deixou de influir nas formas da sociedade e da litteratura portugueza” (1877: 21). Afirmará (23-24):

Pelo estudo da poesia gallega, é que se podem comprehender as formas do lyrismo portuguez; e a desmembração d’esse territorio, que ethnicamente nos pertence, tem permanecido para nós estranho durante tantos seculos, é que prova a falta absoluta de plano na nossa vida politica. A verdadeira origem da tradição lyrica da Galliza está ligada á sua constituição ethnica; (...).

O afastamento da Galliza de Portugal provém do esquecimento da tradição nacional e da falta de plano politico em todos os que nos tem governado³⁴.

³⁴ Cunha-se, assim, o que anos mais tarde Daniel Castela, denominará o “perigo português” no seu *Sempre em Galiza* (1944), e que não vai passar despercebido para intelectuais de linha espanholista. A primeira contestação que conheço produz-se no prólogo às *Follas Novas* de Rosalía, isto é, desde o sistema galeguista, polo ex-presidente republicano Emilio Castelar, presença lógica para legitimar a produção rosaliana e, em geral, a galega, e para justificar politicamente as ideias autonomistas. Isto fará, reservando as suas palavras finais para reclamar [1933: (1880: 27)] a “los hombres de Estado, los que han tenido el Gobierno en sus manos, que hoy lo tienen, los que mañana pueden volver a tenerlo” averiguarem “la cantidad de satisfacciones que deben darse a las justas exigencias de esas provincias y el remedio que puede colegirse entre todos para sus antiguos e inveterados males”. E, aludindo a Teófilo, prossegue:

No olvidemos que hace poco un escritor insigne del vecino reino trazaba una especie de nacionalidad literaria compuesta por portugueses, brasileños y gallegos (...). Para matar el provincialismo exagerado no hay medio como satisfacer las justas exigencias provinciales. No olvidemos que muchas de nuestras regiones, como Galicia, por ejemplo, tienen brillantísima literatura propia, la cual, respondiendo a una ley de la vida, a la ley de variedad, debe coexistir, sin daño de la patria (...).

O destaque para o caráter nacional da Galiza e dos seus especiais vínculos com Portugal estão presentes noutros intelectuais lusos. Oliveira Martins, desculpando a sua ausência nos Jogos por carta, transcrita no número 5 na galeguista *La Patria Gallega*, em que se faria a “apoteose de Rosalía Castro, á admiravel poetisa gallega”, afirmando a unidade galego-portuguesa (“um e o mesmo povo na lingua e no sangue”), a origem galega de Portugal e referindo vários episódios em que Portugal pretendeu a união com a Galiza frente a Castela, faz umha declaração fundamental na legitimidade patrimonializadora galega, só insinuada na sua *História da Civilização Ibérica*: “Galegos somos pois, qualquer que seja o aspecto por onde nos observemos quando olhamos para as nossas origens historicas”. E conclui dando caráter nacional ao movimento galeguista: “O nome da autora dos *Cantares Gallegos*, esse livro em que vibrantemente pulsa a alma nacional, acode a idea de quantos respiram os *Ayres de miña terra* do seu patricio Curros Enriques”

É o discurso do viúvo daquela, e líder galeguista, Manuel Murguía, o que melhor sintetiza as linhas do reintegracionismo galeguista, colocando a língua como centro da identidade e da ação, num ambiente propício: à beira do Minho, com Valença ao fundo:

a) a comunidade linguística determina a existência dum intersistema galego-luso-brasileiro e legitima a diferente nacionalidade:

O noso idioma! o que falaron nosos pais e vamos esquecendo, o que falan os aldeans e nos achamos a ponto de n’entendelo; aquel en que cantaron reys e trovadores; o que, fillo maor d’a pátreia gallega, no-l’a conservou e conserva com’ un don d’a providencia; o qu’ainda ten n’os nosos labres, as dozuras e acentos que van ô corazón; o que agora oídes coma si fose un himno religioso; o hermoso, o nobre idioma que d’outro lado de ese rio é léngua oficial que serve á mais de vinte millions d’homes e ten un-ha literatura representada po-l’os nomes gloriosos de Camoens e Vieira, de Garrett e d’Herculano; o gallego, en fin, que é o que nos dá dereito á eterna posesión d’a terra en que fomos nados, que nos dí que pois somos un povo distinto, debemos selo.

Assim escrevia, numha carta a Paz Novoa, a 15 de julho de 1891, Castelar, com motivo do discurso de Murguía nos Jogos Florais de Tui daquele ano, antecedente doutros intelectuais que mostravam interesse pola literatura galeguista, entre outras cousas para que esta não significasse umha rutura com o sistema espanhol. Anos mais tarde, em 1891, escreverá: “ese Murguía tiene mucho talento, y escribe a maravilla la lengua castellana, pero está loco. Cuando todo tiende a la concentración, el separarse constituye un crime de lesa humanidad”; in López Morais, 1965: 82-83.

Teófilo reiterará essas ideias, por exemplo, no “Prólogo” ao *Cancionero Popular gallego* de Pérez Ballesteros, 1885 e será contestado por outra figura proeminente, galega, Pardo Bazán, a sua presidenta na Sociedad de Folklore galega (*De mi tierra*, 1888:38):

(...) que no hay nacionalidades peninsulares, ni quiera Dios que se sueñe en haberlas, ni permita, si llega este caso inverosímil, que lo vean mis ojos. Ahora añado que la opinión anterior no me impide estimar cumplidamente la genialidad propia de cada país, ni deleitarme muchísimo con las poesías regionales, si son bonitas, ni reconocer gustosa el parentesco de consanguinidad que existe entre Galicia y Portugal.

¿(...) pero lo del renacimiento [da Galiza] lo entenderemos de la misma manera la fundadora y la Junta directiva del Folk-lore [de que Teófilo era membro de honra], y mi disolvente y sapientísimo amigo Braga? Apostaría que no.

b) Camões, pola sua origem e escrita, é também património galego, as glórias galaicas povos e a comum origem literária reforçam a unidade.

c) Portugal e a Galiza partilham a lírica popular, essência fundadora da nacionalidade.

d) a unidade linguística legitima a patrimonialização galeguista de Portugal:

Vede, po-l'ò mesmo, meus señores, si podemos decir con verdade, que nunca, nunca, nunca pagaremos òs nosos hirmans de Portugal o que nos haxan conservado estes e outros recordos, e sobre todo qu'haxan feito d'ò noso gallego, un idioma nacional. Mais afertunado qu'ò provenzal, encerrado n'a sua comarca propia, non morrerá. N'outro lado d'cceanò onde algúns comprácense, ò torto, ò meu entender, en por a cuna d'as nacións d'ò porvir, oirase sempre a léngua que falamos, que vamos esquecendo e que de novo tendrá a vida que meréz, s'é que temos concencia d'os deberes que por propia vontade nos impuxemos. N'a Asia, n'a Africa, n'a mesma Oceanía falarase ò lado d'as que coñece o mundo europeo e dominador. Dios que nos castigou tanto, déunos esta groria.

Nesta altura, são fortes e relevantes no fluxo galego-português contatos pessoais, como as visitas de estudantes e tunas dum lado para o outro da raia e vice-versa, saudadas muitas vezes como autênticas legações representativas dos dous países na imprensa portuguesa e, sobretudo, pola galeguista *Revista Gallega*³⁵, que se nutre com frequência de notícias de comemorações lusitanas e reportagens sobre Portugal, feitas por intelectuais viajantes. Estas viagens estavam na moda: em 1904 Fialho de Almeida narrará por extenso a sua viagem “De Vigo a Cangas” para o número 2 de 1904 da prestigiosa *Revista Internacional*, transcrito depois polo monçanense *O Regional*. E começam a aparecer textos medievais galego-portugueses na imprensa galeguista, tanto da Galiza como dos seus enclaves, nomeadamente o bonaerense, por vezes propostos como modelo, por exemplo por Florencio Vaamonde no número 107 de 1897 da *Revista Gallega*. Prossegue também a apropriação de Camões, de Garrett e doutros escritores do cânone luso do momento. Menos se regista a presença de autores contemporâneos, atendidos em algum caso, e não duma perspectiva galeguista, por Pardo Bazán (em relação a Eça de Queirós) ou sobretudo Curros (em relação a Junqueiro e outros escritores coevos³⁶). A incomunicação era ainda dificultosa: a mais importante vulgarização que da nova poesia

³⁵ Costume que durará. Cabanillas incluirá no seu *Da terra asoballada* (1926) o poema dedicado aos “escolares lusitanos”; com o subtítulo “Recibimento nsa Casa de Galicia en Madrí”; de tom épico e saudosista dedicado ao irmão que vem a “relembrar as glorias do Pasado/ e a soñar novas glorias no Alén”; utilizando alguns procedimentos já conhecidos: “Irmandados na fala e sentimento/ Fálanos, como nosa, a vosa groria”; aludindo mesmo ao “voo de Sacadura e de Coutinho/por mares nunca dantes navegados”).

³⁶ Durante os anos 1890 e 1891, Curros escreve no *El país* de Madrid sobre republicanos portugueses destacados. Magalhães Lima, Junqueiro, Antero, Eça, Teófilo, Xavier de Carvalho, Camilo, Oliveira Martins, António Feijó, Luís de Magalhães, Manuel Duarte de Almeida e Alves da Veiga. Vid. Pilar Vázquez Cuesta: “Curros, os escritores portugueses e o Ultimatum”; *Grial*, 46, 1974, págs. 385-425. Curros traduziu e manteve amizade com vários deles, como Feijó ou Luís de Magalhães, conhecedores, como os outros, sobretudo do *Aires da Miña Terra* de Curros.

portuguesa se faz na *Revista Gallega* é através do livro de Antonio Padula *I Nuovi poeti portoghesi*, em 1896, com João de Deus, Simões Dias, Joaquim de Araújo... Quase nula é a presença direta de Antero ou Junqueiro e nada se encontra de simbolistas ou de realistas lusos nos meios galegos.

5.2 O relacionamento Galiza-Norte de Portugal

Fora da presença nos estudos de Leite de Vasconcelos³⁷, pouca atenção haverá à literatura do galeguismo nos centros do sistema luso. Crescente é, no entanto, nos meios minhotos. Esta vulgarização fará que, anos passados, as publicações do norte dedicadas a estudos linguísticos, históricos, literários e etnográficos, transfiram materiais galegos; e que essa transferência conflua com os interesses dos saudosistas. Um mediador decisivo para isto é José Valle, o João Verde do *Ares da Raya*, impresso em Vigo em 1902 e diretor literário do *O Regional*. *Ares da raya*³⁸ era o primeiro livro de autor luso, de que eu tenha notícia, que se conforma com modelos transferidos do protossistema galeguista e em que é salientado este facto: assim, *O Regional* publicará umha carta de Fialho de Almeida em que vincula Verde à “pleiade dos Curros Enriques, dos Valentim Lamas Carvajal e Rosalia de Castro, de cujas estrophes sahe o queixume da encantada terra gallaico-minhota que é hoje um dos grandes amores do meu coração de portuguez” e louva-o pola sua autenticidade perante a influência estrangeira que entendia tão perniciosa nas letras portuguesas do momento³⁹:

³⁷ Mui conceituado, Leite mantinha relação regular com os galeguistas da *Revista Gallega*, como manifestam o seu poema “Galicia, terra irman de Portugal”; aparecido nesta no número 395 de 10 outubro de 1902 e afirmações como a seguinte, na página 59 dos seus *Estudos de Phonologia Mirandesa* (v. II, Imprensa Nacional, Lisboa) de 1901: “posso na minha sua livraria particular grande número de trabalhos litterarios gallegos”, mercê, dizia, aos seus amigos galegos Martínez Salazar, Galo Salinas, Carré Aldao e García Ferreiro. Mas, desses conhecimentos de alguns eruditos, a literatura galega não passava.

³⁸ João Verde então encontra um setor importante de recetores que abençoam o uso dos seus materiais poéticos. A obra conheceu atenção na Galiza e um poema do livro tornou-se célebre, já na altura: «Vendo-os assim tão pertinho/ A Galiza mail’o Minho/são como dois namorados/ Que o rio traz separados/Quase desde o nascimento!/Deixal-os, pois, namorar, /Já que os paes para casar/Lhes não dão consentimento». Com motivo dumha visita a Vigo de excursionistas portugueses foi editado um bilhete postal ilustrado que transcrevia o poema, acompanhado, como glossará *O Regional* (157, 11 de junho de 1904) do “eco, felicíssimo, desse grande poeta galego - D. Amador Saavedra que, assim, respondeu ao vate: «Si Dios os fixo de cote/Un pra outro e tenem dote/En terras emparexadas/Pol’a mesma auga regadas/Com ou sin consentimento/D’ os pais o tempo ha chegar/En que teñan que pensar/En facer o casamento». O bilhete deu lugar a umha polémica forte, em que algum interveniente quis sair ao encontro dum pretenso irredentismo.

³⁹ Fialho mostrava-se irredentista, enlaçando com o que já afirmaram alguns pensadores lusos: a Galiza, se não era portuguesa, tinha, ao menos, mais a ver com Portugal do que com Espanha (ideia que reiterará mais tarde Pessoa):

Algumas pequenas excursões por Minho e Galliza, posto imperfeitas e em vias de completar-se um dia, abriram a minha alma á sugestão dos mil problemas pendentes sobre o destino d’esses rincões deliciosos, e que ha tanto tempo aguardam uma transformação economica que os salve. Por ellas senti que não ha fronteira norte; e que o Minho vae até ao Cantabrico e a Galliza se espraia até ao Porto, e que o que no mapa se alastra sob a designação de provincias de Ponteve-

Ha quatro annos ainda eu não teria podido sentir intensamente a melancolia evocativa dos seus versos: ignorava a situação moral e social da terra que os inspirava: não tinha percorrido ainda essas estradas sósinhas, essas montanhas e essas rias, esse paiz de emigração e de pobreza, onde se falla quasi o portuguez do Cancioneiro e ainda parece viver a alma da poesia bucolica e quinhentista.

Em *O Regional*⁴⁰ aparecem textos de ou sobre poetas galegos, em que salienta umha via de consideração da literatura galega como folclorista e subsistémica do sistema espanhol, mais do que como um sistema autónomo, linha similar ao vianense *A Aurora do Lima*. A distância comunicacional era evidente: a morte do talvez mais célebre poeta galego em Portugal, Curros, em 1908, é tratada no *A Aurora do Lima* na primeira página de dous dos seus números de julho⁴¹, na seção “Sciencias, Artes & Lettras”, reproduzindo o artigo «“Curros Enríquez” (Especial para «La Prensa» de Buenos Aires Madrid» de março de 1908 assinado por Francisco Grandmontagne. O tratamento que Grandmontagne dá a Curros é o dum poeta espanhol, da “Suissa espanhola”

dra, Orense, Lugo e Corunha é nada menos que o territorio de quatro provincias portuguezas, legitimas e castiças, que uma estupidez historica segmentou e isolou das outras oito.

(...)

Por ventura um dia, caso as tendencias separatistas da Hespanha fizessem estalar a peninsula pelas divisorias dos antigos reinos independentes, poderiam Portugal e Galliza juntar-se n'um paiz uno e homogeeo, conforme as comunidades de caracter, a inteireza do typo, crenças e tendencias que oito seculos de separação não lograram diferenciar no menor traço. Ter-se-hia então conseguido cimentar o que chamariamos a unidade portugueza, como a fizeram a Italia e a Allemanha, e por ventura conseguiriamos n'essa hora o maximo de expansibilidade a que nos é dado aspirar agora que os Brazis estão povoados, a Africa já não tem pedaço de terra sem dono, e que o portuguez começa alfim a despertar do somno que tanto tempo o trouxe alheado do seu torrão d'origem, e dos carinhos filiaes que deve á Galliza, d'onde ha oito seculos sahiram os nobres do Conde Henrique e as emigrações proliferas dos gallegos, para a terra luzitana, os primeiros nucleos de civilização e de cultura.

Nessa recuperação nacionalista que Fialho defende (e após pedir umha revista galego-portuguesa que sirva de união), afirma:

É V... dos puros espiritos cultos de Portugal que, n'este sonambulismo das letras nacionaes, vivendo de poeiras francezas, obsecado e estúpido, parece terem presentido pela residencia n'uma linha rayana, esta aspiração ainda inconsciente do espirito nacional para uma politica d'aproximação com a Galliza, base de eventualidades pacificas que Deus sabe poderão fixar historicamente um dia os ses efeitos.

Por mais afastado que esteja da fronteira, o gallego, sempre e por todos os motivos, mil e mil vezes mais portuguez do que espanhol; e isto reconhece quem fôr pelos povos do Minho e da Galliza estudar a vida rustica e recolher das conversas, dos livros e da chronica dos jornaes (fallo da Galliza) a sumula das tendencias do povo esquecido dos governos e obrigado a deixar suas aldeias, e das aspirações longinquoas, ancestraes, que sem no sentir prendem a Galliza á terra portugueza a quem ella deu até o nome das suas villas e os apellidos da sua melhor gente.

⁴⁰ João Verde voltará a divulgar elementos da Galiza com a publicação de “Terra Gallega”, umha série de quatro artigos, publicados ao longo de todo o mês de Novembro de 1909, em que a melancolia e a saudade aparecem como marcas características da poesia galega. Ele louva as figuras de Lamas e Curros sem nenhuma referência ao seu elemento reivindicador galeguista. Sobre Curros afirmará ser, este, autor “revoltado contra as iniquidades sociaes, elle o cantor eximio da Galliza cujos versos por vezes têm o sarcasmo de Junqueiro, havendo mesmo entre os dous grandes poetas da peninsula uma afinidade muito notável”; num uso quase paralelo ao do agrarismo galego em relação ao poeta luso.

⁴¹ *A Aurora do Lima*, número 7865, de 20 de julho de 1908 e número 7866 de 22 de julho de 1908 (pp. 1 e 2).

com ‘sabor regional’: mesmo títulos como *A Virxe do Cristal* aparecem reproduzidos em espanhol e para as comparações da obra de Curros procuram-se equivalentes como o Cid ou Garcilaso.

Os contatos entre jornalistas abriam as portas dos meios intelectuais: Óscar de Pratt assina a resenha de 30 de outubro de 1909 no *A Aurora do Lima* sobre *O Miñato e mais a pomba*, de “o meu illustre amigo Avelino Rodriguez Elias”, de origem portuguesa:

Raro me prende hoje a atenção a poesia de género bucólico ou pastoril e não porque me escasseiem motivos de enlevo na suavidade rímica da sua musica, na doçura infinita da sua harmonia, no encanto saudoso da sua singeleza rústica mas porque, adorando o estilo heroico do verso cheio, sonoro, vibrante como um clarim, altivo como um hino de guerra, eu provejo á poesia do futuro o destino triunfal de persursora das redempções sociaes.

E continua: “Como estudo dialectológico o trabalho de Rodriguez Elias figura-se-me consciencioso e profundo”, momento a partir do qual começa a falar de dialetologia. A via dialetológica e umha poesia *rural* e *antiga* confluam como elementos determinantes da receção da literatura regionalista galega em Portugal.

Com certa coerência, a literatura do além-Minho trespassa as fronteiras dos periódicos minhotos e começa a instalar-se nos projetos editoriais de carácter cultural da mesma região. A revista *Límia* é um elo da cadeia. No seu número 2 transcreve-se o comentário elogioso de *La Región* de Ourense sobre a publicação, ao lado doutros da imprensa portuguesa. Nas páginas 39 e 40 aparece umha “Crónica Galega” assinada em Tui, maio de 1910, por Cláudio Basto, que seria pura anedota se ele não fosse, no futuro imediato, um dos intermediários importantes no relacionamento galego-português. Já em 1912, a revista *Límia* acolhe um poema dum escritor galego, “Homes e homes”⁴², do citado Avelino Rodríguez, peça de carácter patriótico. E a literatura popular galega começa a assomar em autores de maior projeção: com grande destaque é publicado na página 101 do *Almanaque de Ponte de Lima* para 1910 “Inverno”, da *Ilha dos Amôres* de Antonio Feijó, que leva por paratexto o seguinte: “Miña Mai, quando m’eu morra,/Se morrer em Ponte Vedra/ Medrarán rosas na cova (Canção Popular gallega)”. Era talvez a herança dos contatos com Curros, ou simplesmente produto da atenção de Feijó pola literatura galega. Como for, era também fruto do tipo de atenção que estudiosos como Teófilo lhe prestaram.

A criação da Academia Gallega não vai servir como o impulso decisivo que alguns galeguistas esperavam para a cultura que defendiam, navegando entre difíceis equilíbrios dentro da tensão interna. Desaparecida a *Revista Gallega*, principal órgão galeguista, apenas lhes resta *A Nosa Terra*, mui virada para a ação agrarista que começava a desenvolver-se em 1907. Junqueiro será

⁴² Número de junho de 1912, p. 59.

o poeta português mais divulgado, *somado* agora à luta contra o caciquismo, pola redenção dos foros e o progresso camponês. Em 1910, a agrarista *Acción Gallega*, inclui no seu número 4 de março de 1910 “A Mocidade das escolas”, poema que indica o teor da transferência: o Junqueiro de *Os Simples*, o poeta dos humildes; em 1912, nessa mesma linha, aparecem textos de Junqueiro no *El Tea*⁴³ e no *O Tío Pepe*, onde Noriega Varela adapta à ortografia galega dominante “Miña Mai (D’o Guerra Junqueiro)”; facto que dá conta já da intervenção, por enquanto indireta, dumha das figuras centrais da literatura galega, o jovem Otero Pedrayo, quem pôs em contato Noriega com poetas lusitanos modernos, e da sua atenção à literatura portuguesa.

5.3 Declínio do relacionamento galeguista e impulso do regionalista nos inícios do século

No momento do surto da “Renascença Portuguesa”, com o seu órgão *A Águia* e como cabeça Teixeira de Pascoaes, não existe na Galiza revista ou espaço institucional que poda acolher (dada a classe de repertórios utilizados) esta linha. O importante *enclave* bonaerense, de atividade em parte dependente da mais débil na altura ação galeguista na Galiza, segue igual caminho: *Almanaque Gallego* e *El Eco de Galicia* quase nada publicam do mundo luso, numha languidescência que espelha o do próprio galeguismo do interior, e reflete o facto de *El Eco* abrir o seu número 625 com “Gallegos lucenses y Bracarenses”⁴⁴ de Rodríguez Carracido, publicado na *Galicia*, em julho de 1892, dezassete anos antes⁴⁵.

Esse largo espaço deixado polo galeguismo vai interromper elos de união prévios e impossibilitar novos âmbitos de encontro. Em 1909 *A Nosa Terra* já não sai, ao mesmo tempo que em Vigo vai irromper com extraordinária força no panorama cultural galego, fundada e dirigida por Jaime Solá, *Vida Gallega*, que rapidamente alarga o seu campo de atuação a todos os enclaves galegos assentando numha grande tiragem (chegará a declarar 40.000 exemplares) num número de páginas elevado e numha composição gráfica de grande qualidade; e nos seus numerosos contatos com as comunidades galegas na emigração e

⁴³ 27 de abril de 1912.

⁴⁴ Número 625 de 28 de fevereiro de 1909.

⁴⁵ Alguma outra, porém, de caráter regionalista menos marcado e não galeguista, sim vai incluir nas suas páginas escritores de além-Minho, homólogos ideológicos, caso da presença de dous poemas do oficial aposentado do Governo Civil de Viana do Castelo, Gaspar Leite de Azevedo, membro dumha histórica família fidalga do Minho, “distinguido literato português” nada conhecido na Galiza, no número 2 de 1908 na revista *Compostela* que, colaborada por muitos regionalistas, saiu à luz em época estival ou por ocasião de algum acontecimento relevante, entre 1908 a 1910. Leite d’Azevedo começará umha extensa colaboração neste e nos anos posteriores, e encontraremos-lo no *Ecos de Vigo*, mui possivelmente pola intermediação dumha figura-chave para o relacionamento regionalista galego-português do Norte destes anos: Avelino Rodríguez Elías, colaborador do *Faro de Vigo* e de vários periódicos lusos.

umha linha informativa regionalista mui moderada, não galeguista, sempre dando conta das atividades sociais das diferentes zonas em que se vende. Para o caso do relacionamento galego-português, desde o seu início conta com correspondentes em Portugal e insere muitas notícias da colónia galega em Lisboa (pouco da do Porto) incluindo habitualmente fotografias das personalidades mais relevantes, onde o rótulo “Vida española en Portugal” é frequente, e muita publicidade deles, talvez a principal fonte de receitas. A primeira atuação do seu redator no Porto (n.º 8), Cervaens y Rodríguez, é organizar “um obsequio á la escritora gallega Sra. Pardo Bazán”, com motivo da sua passagem polo Porto, consistente numha velada musical e literária em que participam, entre outros, Pedro Blanco, Júlio Brandão, Rodrigo Solano, João Grave e José Sampaio Bruno.

Já em 1910 vai dedicar o seu número 26, de 30 de setembro, à comunidade galega em Lisboa, graficamente tratado com especial esmero e constituído por quase o triplo do número de páginas que era habitual. Toda a colónia lisboeta de relevo para *Vida Gallega*, de que meses antes Solá recebera umha homenagem na capital, é passada em revista, com fotografias, comentários e anúncios, sem obviar os aguadores, abrindo o exemplar com fotografia e dedicatória do Marquês de Villalobar, embaixador de Espanha em Lisboa. Inclui também umha Carta do director do *Diário de Notícias*:

Los portugueses se consideran, por el lenguaje y por la sangre, hermanos de los brasileños. Pues no menos pueden considerarse -especialmente los portugueses miñotos- hermanos de sus laboriosos y honrados vecinos de Galicia. [...] Nada pues, más verdadero, que decir que Galicia es la continuación de Portugal... en territorio de España...⁴⁶

Aparece igualmente a fotografia de cada um dos correspondentes da imprensa galega em Lisboa⁴⁷ e figuras de influência social como Velloso Feijó. Consegue mesmo a participação de Fialho, com “Portugal foi a primeira colonia gallega”, em que, apesar do teor da revista, o já velho escritor mantém as ideias expressas em *O Regional*:

Não me hão-de querer mal os feticistas da *patria grande* e da *patria chica* d’eu ches [sic]⁴⁸ dizer que o que a nos lusitanos principalmente nos surpreende, nos alvoroça e nos comóve, ao percorrer [sic] essa terra da poezia e da beleza que vae do Minho ao Cantabrico, á sentir mas que ella, embóra filha adoptiva da Hespanha, é afinal portugeza da lei como as que o sao [sic].

⁴⁶ Neste número aparecem também figuras que vão ter grande importância na imprensa galega, na portuguesa e ainda no relacionamento galego-português no futuro, como Rogelio Rivero (“joven escritor regional, es uno de los conocidos de la colonia gallega de Lisboa”), redator de *El Tea* e colaborador que fora do *Noticiero de Vigo*, Santonillo (José Maria dos Santos) que escreve sobre a colónia ou Alejo Vidal Carrera, que colabora com um “Conto”

⁴⁷ Essa imprensa estava constituída por *Faro de Vigo*, *Tierra Gallega* (Corunha), *Heraldo Guardés*, *La Libertad* (Pontevedra), *La Idea* (Redondela), *El Tea*, *La Lucha* (Vigo: Ramiro Vidal Carreira), *La Voz de Celanova*, *Diario de Pontevedra*, *Noticiero de Vigo*.

⁴⁸ Respeito, neste como em todos os casos, as grafias originais. Só em caso de dúvida obstensível colocarei o [sic].

E, depois dum erudito repasse pola História comum, afirmava:

Do noso lado, o gallego cultivado e literatisado constitue o portuguez, que continua sendo, máu grado o separatismo de vito [sic] seculos, da lingua primitiva, a formas mais proxima, e por ventura aquella que se fallaria hoze em toda a Peninsula se a Galliza n'ella tem mantido o papela hegemónico que houve até á sua divisao en asturo-leoneza e luzitana.

Por todas estas razões nós portuguezes diremos que ha um monumento chamado Cancioneiro da Vaticana, pelo qual dois fragmentos d'um mesmo povo se junjem, por mais que [cita T. Braga do prólogo ao *Cancioneiro* de Ballesteros] «a bossalidade egoista d'uma politica sem plano» conseguisse outr'ora quebrar-lhes a inteireza etnica e politica; e ha uma razao de familia pela qual o gallego será sempre para o portuguez um irmao terno, e é que esse irmao quazi que ainda falla o portuguez do CANCIONEIRO -do *Cancioneiro* que é, com os *Luziadas*, um dos mais altos cimos da civilisação peninsular occidental!

Apesar do domínio e centralidade de *Vida Gallega*, anulando de passagem a centralidade galeguista⁴⁹, o relacionamento com Portugal está estendido. O único número de 20 de abril de 1913 da “revista quincenal literaria” ourensã *Azul* publica umha “Lira Lusitana” do seu diretor Souza Aguiar, “En la agonía” de Constantino Teixeira da Rocha, um fragmento poético de Junqueiro tirado de “O Melro”, um trabalho de Fernández Mato e “El amor de los ángeles” de Teófilo. Era significativa a atenção ao mundo literário luso e a tradução para o espanhol de todos os textos. Colabora também Vicente Risco, com “La Bruja Blanca”: eis a primeira vez que o intelectual que mais vai condicionar a literatura galega dos anos vinte e liderar a relação dela com Portugal, ainda escritor em espanhol, partilhe página com Junqueiro ou Teófilo, que contará entre os seus admirados.

O relacionamento vai continuar a ser um elemento conflitivo na Galiza da época. Se persistem em parte os estereótipos espanholistas sobre o vizinho⁵⁰, a proclamação da República Portuguesa (que causara grande receio em setores espanhóis que olhavam com temor a possível republicanização do seu Estado) e a declaração dum ministro inglês (no sentido de a Galiza vir a ser a compensação para Portugal pola sua entrada na Grande Guerra), já em 1914, fazem assomar mais umha vez o *perigo português*, nem sempre retórico. Também, muitos portugueses estavam pendentes do possível auxílio dos espanhóis aos monárquicos derrotados. As publicações da época fizeram-se eco, crítico, irónico e algo medonho da “especie vertida en Portugal por un político inglés”

⁴⁹ Na medida da sua força, o galeguismo mantém nesta época o relacionamento com os intelectuais portugueses; por exemplo, através do boletim da Real Academia Gallega de 1913, publicado como homenagem a Manuel Murguía, sabemos que enviam comunicação desde Portugal Teófilo, Leite, Alberto Besa, Eugénio de Castro, Carolina Michaëlis, a Academia das Ciências, Juventud de Galicia de Lisboa, a Sociedade de Arqueologia portuguesa (Vilanova de Cerveira) e são publicadas as missivas de Teófilo, Leite e Dona Carolina. A força é pouca. Não passa de algumha avulso artigo em algum meio, como o artigo de de Carré, colaborador esporádico de *Vida Gallega*, no núm. 4 de outubro de 1913, *Galicia Gráfica*, sobre as relações económicas galego-portuguesas.

⁵⁰ Cfr., por exemplo, a colaboração de Xan de Ningures, no número 11 de 1912 de *Ecos de Vigo*.

como dizia *La Idea Moderna* em “¿Galicia Portuguesa?”⁵¹, título talvez tomado do n.º 63 de *Vida Gallega*, que afirma ser essa eventual anexão, “algo más que una suposición.” E o luguês “Diario católico antiliberal” *La Voz de la Verdad*⁵²; inseria na primeira página o artigo “Noli me tangere”; de Cirici Ventallo, com apreciações sobre a “canalla carbonaria” lusa:

(...) escritor, has de reformar tu pluma, católico encadena los impulsos de tu noble indignación; patriota sincero, muérdete la lengua; monárquico leal, ahoga tus sentimientos.

Si lees en la Prensa portuguesa insultos y provocaciones, abstente de contestarlos.

(...) “Patriota: la república puede ofender cuando le plazca, pero a ti te toca sólo respetar a la república. Cuando en Portugal hablen de invadir Galicia no es lícito que te indignes ni siquiera sonrías”⁵³.

Nem todo era unanimidade espanholista. Na mesma *Voz de Galicia* bonaerense, Constantino Horta, personagem relevante da comunidade, vai publicar umha série de três artigos intitulada “Galicia y Portugal, ¿Independencia, autonomía ó anexión?”⁵⁴, encabeçados com umha citação de Alfredo Brañas precedida desta de Rosalia: “Galicia, non debes chamarte nunca española” (e que, no número seguinte, o 59, vai ser contestado por Florencio Gallego Varela), um duríssimo alegato contra a “tiranía española”, defendendo a independência da Galiza e a relação política (federativa ou integrada) com Portugal: “Desde los tiempos del Marqués de Pombal hasta nuestros días se nos espera con los brazos abiertos desde la otra margen del río Miño.” Meses mais tarde, *Vida Gallega* dedica no seu número de 20 de maio 1915 um artigo de Redomil Corticeira a “¿Galicia incorporada a Portugal?” que é continuado no número 70, forte crítica às opiniões de Horta.

5.4 A quase impossível relação com o modernismo português. O caso de Alfredo Pedro Guisado

Os núcleos de emigrantes instalados em Lisboa vão, desde a década de dez, ser decisivos para a orientação do relacionamento galego-português, polo menos até 1917. Umha das publicações que dispõe das melhores relações com o *enclave* é *El Tea*, semanário que desde 1908 sustinha umha família republicana ativa, a Garra, em Ponte-Areas, capital da comarca do Condado, origem da maior

⁵¹ *La Idea Moderna*, 7151 7 outubro de 1914.

⁵² Número 557 de 8 de agosto de 1912.

⁵³ O assunto cruzou o mar. O *Boletín Oficial del Centro Gallego* de Avellaneda trata a questão, na linha já apontada, no seu número 135 (“Portugal”). E *La Voz de Galicia*, de Buenos Aires, que dirigia Francisco A. de Nóvoa, abre o seu número 50 de 18 de outubro com “Galicia y Portugal”; onde rejeita a ideia e reafirma a sua espanholidade: “Pobres ó ricos, adulados ó preteridos, hemos nacido españoles, y españoles queremos morir”.

⁵⁴ Entre os número 56 e 58, de 29 de outubro, 5 e 12 de Novembro (este na primeira página).

parte desses núcleos, a que pertencem pessoas dedicadas à atividade literária e jornalística, como Alfredo Pedro Guisado e Alejo Carrera, correspondente em Lisboa. Fruto desse interesse, o número 139, de 20 de maio de 1911, dedica integralmente a sua primeira página a Teófilo Braga, Bernardino Machado e Afonso Costa, com fotografias ao lado das do proprietário, Amado Garra, e de Ramiro Vidal Carrera e Victoriano Sanmartín, colaboradores em Lisboa. O motivo imediato da crónica era a visita de Garra a Lisboa⁵⁵, mas a notícia fazia parte do esquema vulgarizador da atividade republicana lusa. Nesta altura é habitual *El Tea* abrir com notícias sobre a situação portuguesa, atenção que por vezes se reforça com artigos sobre as consequências políticas para Espanha da instauração da República em Portugal.

Alfredo Pedro Guisado publicará perto de sessenta poemas entre 1912⁵⁶ e 1915. Mas este “decenario defensor de los intereses agrarios” não tinha na literatura a sua principal dedicação. E, apesar da sua relativamente alta expansão (em 1913 anuncia umha tiragem de 1.400 exemplares), o seu âmbito é reduzido. Mas, com *Vida Gallega*, era o único a que o poeta, filho de dous emigrantes proprietários do restaurante lisboeta e lugar de reunião intelectual Dois Irmãos Unidos, podia ter acesso: no panorama galego não havia revistas literárias estáveis e o galeguismo não dispunha nesta altura de nenhuma significativa para acolher umha produção literária como a sua com garantias de fortuna. Ele será pois a expressão dumha das *oportunidades perdidas* na transferência de modelos portugueses à literatura galeguista. Os poemas de Guisado aparecem em destaque, mas não conseguem calhar noutros ambientes literários galegos; ainda que em 29 de maio de 1914, o seu livro *Distância* é vivamente elogiado no *El Tea*, mais parece cortesia para com o colaborador que admiração polo tipo de linha poética utilizada. Este empenho modernista reforça-se recorrendo em algum caso a revistas de atenção quase inédita, como é a transcrição da resenha da *Estudio* barcelonesa sobre *Missal de Trovas* de António Ferro e Augusto Cunha, no número 41 do periódico, de 6 de novembro. *Vida Gallega*

⁵⁵ No número 482 de 27 de maio, *O Regional* publica nos seus “Ecos & Notas” a notícia do recebimento a Amado Garra:

Os diários da capital consagram carinhosas e justissimas referencias aquelle distincto republicano gallego (...) «El Tea», pela penna vigorosa de Amado Garra, tem sido um dos poucos periodicos de Galliza que com mais calor e justiça se ha collocado ao lado de todos os bons portugueses, porque é tambem um apostolo das ideias democraticas na visinha provincia.

Como é possível deduzir a notícia vai dirigida a apagar no possível a ideia que começava a circular por Portugal de que a Galiza era ninho de ações anti-republicanas. Esses rumores sobem de tom um ano mais tarde e *O Regional*, de que já era diretor José Valle, contesta-os com várias crónicas, algumas de claro irredentismo e proclama de auxílio armado galego a Portugal em caso de invasão espanhola, como o que abre em 1915 o núm. 645 de 12 de fevereiro, “Espanña y Portugal” do Dr. Lorenzo Vázquez, “sócio de número de la Sociedad Escritores Gallegos Laureados”, em que defende a integridade portuguesa e envia a ideia dumha Galiza disposta a defender polas armas a independência de Portugal frente ao expansionismo espanhol. O Sr. Lorenzo Vázquez é contundente. Estes são anos mui convulsos, por umhas causas ou outras, no relacionamento galego-luso e hispano-luso. A atenção polas notícias dum ou outro Estado é grande. Factos como a extensa *entreviú* que em *A Entrevista* (número 2 de 8 de Novembro de 1913) se faz a Montero Ríos sobre política espanhola e internacional assim o demonstram.

⁵⁶ O primeiro que temos registado é “Noites de inverno”, no número 171 de 6 janeiro de 1912.

vai dar notícia mui cedo do Modernismo português, da mão de Alejo Carrera, que assina em novembro de 1914 em Lisboa um artigo “Los Poetas Lusitanos”⁵⁷. Trata do que julga certa crise na literatura portuguesa, destaca os “clásicos” como Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Eugénio de Castro, António Correia d’Oliveira, Alberto Mousaraz [sic], Lopes Vieira, Juan María [sic] Ferreira [a quem dedica boa parte da crónica e de quem é publicado o retrato], Teixeira de Pascoais “y pocos más de talla”, “cuadro de brillantes poetas”, e acrescenta:

Fernando Pessoa, Mario de Sá Carneiro, Antonio Ferro, Alfredo Pedro Guisado, Cortés Rodrigues, Augusto Cunha y algunos más, forman otro grupo de jóvenes de la escuela moderna, propiamente dicha, y que ha causado gran revuelo en el grupo de los Renacimiento [alude à Renascença Portuguesa].

Eis o grupo de *Orpheu*, presença tão relevante na sua imediatez que, só treze dias depois de sair o primeiro número de *Orpheu*, os leitores do *El Tea* podiam ler a crónica, a que não seria alheia Guisado, de Alejo Carrera “Revuelo literario. Los poetas de “Orpheu”, assinada no dia 6 e publicada no dia 9 de abril⁵⁸:

Nosotros quisiéramos conocer a fondo la poesía portuguesa para poder formular una opinión propia referente a la escuela sustentada por estos jóvenes literatos, que hoy son señalados por las calles como innovadores de la musa lusitana

Innecesario se hará decir a nuestros lectores que la primera edición se está agotando, porque hoy no hay nadie que no desee ler la ya célebre revista *Orpheu*, tan raras, rarísimas son las inspiraciones que la misma contiene.

Los llamados *paúlicos* han aguantado sobre ellos la implacable metralla de la prensa cotidiana lisbonense. Algunos diarios llegaron a dar la palabra al doctor Julio de Mattos, versado en enfermedades mentales.

A *Capital* lleva su crítica al extremo siguiente [transcrevem-se trechos da dura censura a *Orpheu* por parte do jornal lisboeta] [...]

“Sin embargo, ello es un buen síntoma y demuestra que hay cerebros y que, cada uno en sus diversos modos de pensar, tiene el buen deseo de legar a su patria una obra de grandeza literaria.

Mas o modernismo não tem na Galiza o vigor estrutural doutras linhas literárias e culturais lusas. Isso, apesar de que essa imediatez que a crónica espelha poderia vir a significar um relacionamento certo, e, até, umha eventual transferência de modelos para escritores galegos. Na realidade, ela era pouco menos que impossível. As verdadeiras razões há que procurá-las no carácter das linhas dominantes no repertório do regionalismo galego. As que expressa o anónimo autor da resenha dos sonetos de Menezes (Guisado): *Elogio da Paisagem*, na mesma *Vida Gallega*⁵⁹, sob o rótulo de “Bibliografía regional”:

Gran parte de la juventud del vecino reino entró a roso y veloso por los campos del ‘futurismo’ y debe tenerse en cuenta esta influencia, la proximidad de esta nueva enfermedad literaria, para disculpar ciertos simbolismos del Sr. Guisado que obscurecen su

⁵⁷ Número 65 de 20 de dezembro de 1914.

⁵⁸ Número 68 de 9 de abril de 1915.

⁵⁹ Número 70 de 1 de julho de 1916.

producción, haciéndola perder esa belleza que presta la diafanidad cuando va acompañada del buen gusto, que este joven escritor posee indudablemente.

Esos “futuristas” no son elegantes, ni artistas, ni poetas, ni nada, y los escritores que tienen sensibilidad, y, sobre todo, buen sentido, deben huir hasta de su sombra. Por esto no nos cansaremos de repetir al Sr. Guisado que “beba en su vaso” -que es de buena medida- y no se deje infeccionar por la disparatada moda.

El Tea não era lugar para a moderna literatura lusa; *Vida Gallega* ainda menos. A intermediação dos *galegos em Lisboa* não encontrou parceiros: não os havia. Preferiam-se outros, como Eugénio de Castro (um dos poetas lusos mais celebrados na Galiza da década de dez e vinte), já assimilado e objeto de devoção, como o manifesta o poema que em 1913 dedica Eduardo Martín Losada em *Vida Gallega* “para el divino Eugenio de Castro, Príncipe de los poetas, devotamente?” Guisado acabará colaborando com intelectuais nacionalistas: publicará sob pseudónimo de Pedro de Menezes o seu livro escrito na norma linguística do galego que era hábito em alguns escritores galegos da altura, *Xente d'a aldea: versos gallegos* na Aillaud e Bertrand, passado já o primeiro pulo modernista, em 1921, com capa de Castelao, a quem dedica o livro.

5.5 A Galiza na fábrica Saudosista

No ano de 1912, ela aparece por vez primeira (pondo de parte as esporádicas e pouco significativas aparições oitocentistas na *Revista Internacional* e em *O Instituto*) numha revista central no polissistema português: a portuense *A Águia*. Será a ideia da reintegração pátria um dos mecanismos por que a Galiza comece a ser considerada em certos elementos intelectuais, caso do lusófilo catalão Ribera i Rovira, com a sua teoria das três nações peninsulares⁶⁰.

Do polígrafo catalão, cujo *Portugal e Galicia nación* a “Renascença” publicara um ano antes, insere *A Águia*⁶¹ o seu extenso artigo “A educação dos povos

⁶⁰ Não era inteira novidade esta posição nos meios galeguistas. Defendendo-se dos ataques de Melquíades Álvarez contestava o *A Nosa Terra* intitulando “Nacionalidades Hispánicas, Teófilo Braga y la federación”; abrindo o seu número 36 de 30 de abril deste ano de 1908, reproduzindo “la entreviú que con el sabio literato portugués Teófilo Braga, celebró hace pocos días el escritor catalán Ribera Rovira, y cuyas manifestaciones son la mejor contestación que pueden tener las opiniones sustentadas por el joven diputado asturiano”; e citam: “Toda la historia de Iberia, en sus conflictos internos, consiste en la lucha separatista entre las diversas nacionalidades hispanas y en el esfuerzo brutal de incorporarlas bajo una unificación monárquica”.

Teófilo reclamava a remodelação da Ibéria “bajo la justa base del reconocimiento de las tres imprescindibles autonomías nacionales: la galaico-portuuesa, la castellana y la catalana”; num texto que *A Nosa Terra* acompanhava com o poema de Añón “Galicia”; canto à liberdade das nações ibéricas. A classe de resposta vai ter êxito nos poucos órgãos galeguistas da altura: a revista *Galicia* dirigida por J. B. Cerdeira, relevante no *enclave* havanês, abre dous meses mais tarde com a contestação de *A Nosa Terra*, apenas mudando o título: “Centralismo e Regionalismo” (número 26, de 21 de junho de 1908 sem citar procedência, umha maneira de atuar bastante habitual nos órgãos galeguistas, como fazendo parte todos dum mesmo empenho que não demandava a explicitação de exclusividades.

⁶¹ Série II, número 8, de agosto de 1912 (pp. 52 a 58).

peninsulares’, aludindo a “Portugal e Galliza, formando a patria occidental, com a sua missão atlantica e colonial, que constitue a suprema e unica razão da sua existencia independente”; de que “uma rama nobilissima os azares da política iberica tem desgajado; a Galliza”;

essa região irmã, laboriosa e docissima, que pelo character da sua população, pela sua historia, pelas suas tradições, pela sua mesologia e etnogenia, intégra a nacionalidade portuguesa, como parte constitutiva do nucleo nacional do occidente hispanico, a nação galaico-portuguêsa⁶².

Já em 1912 o médico e filólogo coimbrão A. A. Cortesão assina o artigo “Saudade-Breves considerações filológicas”⁶³, em que recorre a *A Virxe d’o Cristal*, de Curros, para indicar o uso da forma *soedade* em galego, patenteando o lugar central deste na pouca atenção lusa à literatura galega. Um ano e meio depois, o *caso galego* entrará em cheio nas páginas de *A Águia* na polémica que mantiverom António Sérgio e Pascoaes, controversia *depuradora* do programa do Saudosismo. A polémica iniciara-a Sérgio contestando na sua “Epistola aos saudosistas”⁶⁴ afirmações do poeta do Marão no sentido de a *saudade* ser “uma palavra intraduzível nos outros idiomas, a qual encerra todo o sentido da sua alma colectiva”: “O único povo que sente a Saudade é o povo português”; prosseguia, “incluindo talvez o galego, porque a Galiza é um bocado de Portugal sob as poutas do leão de Castela...”; o que Sérgio contesta com exemplos de vários idiomas, dando, a ser o caso, primazia à Galiza e apoiando as suas irónicas críticas com trechos de *Cantares gallegos* da “Santa Rosalia da Saudade” para Pascoaes⁶⁵. Este reafirma-se (p. 107):

Não ha outro povo, além do catalão, que a [a Saudade] compreenda e viva como nós. E assim se explica profunda e já secular simpatia que prende as duas nacionalidades da Iberia.

Afirmei isto na minha segunda conferencia-”O genio português” depois de ter lido o “Portugal litterari” e as “Atlantiques” do eminente escritor catalão Ribera i Rovira; ele mesmo afirma que *Anyorança* é a unica tradução que existe de Saudade, e que este

⁶² Ribera compara o que julga esplendor português com a prostração da Galiza (“submetida, dependente, sujeita a uma hegemonia opressora, sem liberdade nacional e sem finalidade patriótica, desde a sua integração na unidade catolico-monarquica espanhola a Galliza tem visto detido o curso da sua civilização, desnaturada a sua política, estatica a sua língua e interrompida a sua historia”); e acusa os portugueses de negligência por nada terem feito “para reconquistar a alma desse povo que deveria estar integrado nas suas fronteiras espirituas”. “Para emendar o erro secular”, conclui, “é preciso iniciar-se uma intensa propaganda de amor e fraternidade, á qual ajudarão esses milheiros de sofridos e honrados gallegos que se abrigam na hospitaleira terra portuguesa, e ver-se-ha como a alma abandonada da Galliza, virá dôcemente para a alma de Portugal e caminharão juntas n’um futuro de paz e de justiça iberica”.

⁶³ Número 4, Série II, de abril, pp. 114 a 117.

⁶⁴ Número 22 de outubro 1913 p. 100.

⁶⁵ Será célebre a dedicatória da segunda edição de *Marânus*, de 1920, que conhecerá várias versões, feita sobre o poema originário de Leite de Vasconcelos de 1902, elaborado com motivo dumha visita deste à Galiza. Nessa edição de *Marânus* lê-se: “Galiza, terra irmã de Portugal/Que o mesmo Oceano abraça longamente;/Berço de brancas névoas refulgindo/ O espírito do sol amanehcente;/ Altar de Rosalia e de Pondal/ Iluminado a lágrimas acesas./ Entre pinhais, aos zéfiros, carpindo/ Mágoas da terra e místicas tristezas;/ A ti dedico o livro que umha vez,/Embragado de sombra e solidão,/ Compus sobre os fraguados do Marão:/Este livro saudoso e montanhês”.

sentimento só é próprio de catalães e portugueses. Exclue, portanto, os outros povos. Não fálo na Galisa, porque a Galisa é ainda Portugal.

De resto, na 2ª quadra que cita de Rosalia de Castro, vê-se que a ilustre poetisa adoptou o nosso vocabulo, e não se pode confundir soledade com saudade. Nós também temos as duas palavras.

[...]

[Cita na continuação Philéas Lebesgue no *Mercure*, 339, p. 645]

As suas palavras *modernistas* são aviadoras; pairam, portanto, sobre as cousas, sem pousar...

Desça, desça um pouco á alma da sua Raça⁶⁶.

Vão proliferar trabalhos sobre a saudade para alicerçar o seu caráter idiossincrático. Em 1914, Carolina Michaëlis, estudiosa da lírica medieval galego-portuguesa, como Teófilo, publica, na “Renascença Portuguesa”, o livro *A Saudade Portuguesa*⁶⁷. Cláudio Basto publica em 1914 na *Revista Lusitana* (XVIII, números 3-4, pp. 275-280) “Saudade em português e galego”, com umha extensa série de citações de obras galegas⁶⁸, que ilustra a primazia de Curros e Rosalia em Portugal⁶⁹. A atenção à atividade musical galega reforçava ainda mais esta audiência: a primeira referência que na *Atlântida* aparece de poetas galegos é do ano 1916 (Vol. III, pp. 1073-1075) num artigo sobre “Orfeons”, de Júlio Brandão (amigo, como o seu irmão Raul, de Pascoaes), na “Crónica do Norte” da publicação. Ele alude à Galiza e a algumha viagem sua polo País galego, com destaque para Rosalia e o poeta galeguista mais referido em Portugal, Curros⁷⁰. E o reconhecido lusófilo inglês, Aubrey Bell, amigo dos

⁶⁶ O texto sintetiza bem o tipo de mediação e Importação da literatura galeguista ao polissistema português por via do Saudosismo. Note-se que nele é afirmada a vinculação com Catalunha, a quem se *concede, politicamente*, a possibilidade de partilhar a Saudade com o mundo galego-português. A referência a Philéas Lebesgue é também importante. O lusófilo e catalanófilo francês fazia parte da redação dumha das mais afamadas publicações francesas, e será, passados os anos, um vínculo importante também para o nacionalismo galego, marca em definitivo de prestígio internacional dos novos movimentos peninsulares.

⁶⁷ Diz dona Carolina (1914: 7): “Este estudo foi escrito no mês de junho de 1913, para a *Revista Dionysos*. Como ela morresse antes do tempo, entreguei-o aos patriotas que no Porto tentam reacender o facho sagrado do *Renascimento*.” [o sublinhado é meu]

⁶⁸ Algumas são tiradas da *Historia de la literatura Gallega* de Carré, Aldao, que publicara em Barcelona em 1911, e outras de diferentes edições dos livros que cita. Transcreve versos de *O Desterro (camiño de Portugal)* de Bernardo Barreiro (Carré 223), e de *A Galicia*, de Añón (318); alude a *Soidades*, “título dum livro de poesias de Manuel Lugris Freire”; os textos de Ballesteros, Pondal, José Benito Amado, Heraclio Pérez Placer, Cisneros Luces e Míguens Parrado são igualmente procedentes da obra do regionalista corunhês. No entanto, as várias citações de *Follas Novas* tira-as da edição de Havana, a primeira, de 1880; não assim as de *Cantares Gallegos* (1863), que cita por Carré (334-335). E as que faz de *Aires de Miña Terra* procedem da edição de 1881.

⁶⁹ Havia rede e atenção ao facto em Portugal. Repare-se no “Aditamento” que publica Basto no número de Maio de 1915: “Nas *Obras Completas* de Rosalia de Castro de Murguía (Madrid, 1910, III, 49) vem *soedad* - como gentilmente me informou a eminente escritora Sr.ª Carolina Michaëlis de Vasconcelos - em vez de *soledad*, que é como vem no passo correspondente a edição de Habana”.

⁷⁰ “Também me lembro de outros [coros], que tenho ouvido ao luar, em plena rua, na Galiza. Lá lhes andava nos ritmos, em melodias ingénuas, espelhando-se na música como a lua na água, o retrato mais íntimo daquele povo laborioso a humilde. Era umha incomparável delícia regional (sem deixar de ser humana), como os versos, que não morrem, de Curros Enriquez ou de Rosalia de Castro. Tudo vinha à flor das tonadilhas, lentas ou buliçosas -almas, costumes e paisagens”.

membros da “Renascença Portuguesa”, publica o artigo “A palavra «Saudade» em gallego⁷¹”, onde cita diretamente das edições dos livros a que alude; transcrevendo vários trechos de *Follas Novas*, de Rosalia (*Obras Completas*, 1910), e de *Queixumes dos Pinos* (1886), de Pondal, de quem refere também o “celebre poema” “A campana de Anllons” e outros muitos⁷². Bell, que incluirá anos mais tarde na sua *A Literatura portuguesa (história e crítica)* (ed. inglesa de 1921) um apêndice dedicado à literatura galega, mostrava umha grande erudição sobre a “litteratura gallega -litteratura meiga e musical, cheia de soedades”. A Saudade era, com a língua, o mais poderoso instrumento cultural relacional galego-português; em boa medida, em Risco, Cabanillas (o “Poeta da raça”, em que está presente Junqueiro, Nobre, Castro ou Pascoaes), Otero (um dos intelectuais melhor informados sobre o vanguardismo europeu⁷³), Victoriano Taibo⁷⁴, Quintanilla, etc, será também (re-)importação lusa.

5.6 A fase nacionalista galega

Em 1916 sai do prelo *Nacionalismo gallego. Nuestra afirmación regional*, de A. Villar Ponte, O livro, em alguma medida, acompanhava as ideias de galeguistas como Florencio Vaamonde, Lugris Freire, Murguia ou Carré, colaboradores de primeira hora na segunda etapa do *A Nosa Terra* que ele vai impulsar.

Sempre atenta a esta classe de manifestações, *Vida Gallega*⁷⁵ faz-se eco e mostra os temores perante determinadas tendências do regionalismo *extremo*, agora já nacionalismo:

Villar Ponte habla de Portugal, pero no dice que hayamos de incorporarnos a él. Y, prescindiendo en este punto de la doctrina del Dr. Horta, de quien, no obstante, se muestra admirador, deja traslucir, si bien de modo negativo, absteniéndose de ir más allá de la defensa de la lengua -que en eso de la lusitanización gallega no está de acuerdo con él. Tal vez se trate de una cuestión de límites. El Dr. Horta quiere connacionalizarnos hasta

⁷¹ *A Águia*, número 49 janeiro de 1916.

⁷² A relação completa-se com *Soazes d'un Vello* (1886) e «Poesías Selectas» (1888), de Posada; “Contos da terraña” de Pérez Placer (1895); *Folerpas* de Eladio Rodríguez González (1894); *Chorimas* de Garcia Ferreiro (1890), *Poesías Galegas* de Alberto Camiño [sic] (1896), *Aires da miña terra* de Curros, *Salayos* de Núñez González (1895), as obras completas de Lamas (1909), *Rimas* de Barcia Caballero (1891), *Cousas da Aldea* de Aureliano J. Pereira (1891) e *Cancionero Popular Gallego* de Pérez Ballesteros (1886).

⁷³ Vanguardismo que, como Risco, não foi a linha que seguiu. Sirva como exemplo significativo desse conhecimento de quem foi o primeiro tradutor de fragmentos do *Ulisses* de Joyce para umha língua peninsular (em *Nós*, 32, 15-VIII-1926, págs. 3-11) que na sua Biblioteca, o único número de *O Diabo*, na altura dirigido polo galeguista e amigo de Otero Rodrigues Lapa, é o dedicado por este periódico a Fernando Pessoa, com motivo da sua morte.

⁷⁴ Nesta altura, alguns, como Taibo e o próprio Risco, começam a utilizar grafias da tradição galega e portuguesa substituindo-a pelas importadas do espanhol (ou até do bable, segundo Risco, ao comentar a substituição por j e g do x “que os poetas galegos do século pasado tomaran do bable, sen razón ningunha”).

⁷⁵ *Vida Gallega* vai sustentar a ideia de que qualquer obra escrita por um galego sobre a Galiza é *literatura galega*.

con los negros coloniales portugueses. Villar Ponte, más puesto en razón, se contentará con la Galicia actual, acaso poniendo los ojos, iluminados por una luz de esperanza, en las viejas líneas históricas. Es verdad que se respira en gallego más abajo del Miño. Con esto nos conformaremos todos facilmente. Lo difícil es que convengamos con el Dr. Horta en que las vides del Ribero o las algas coruñesas pueden crecer en portugués...

Aqui, Villar Ponte é um galeguista “que levanta la bandera de Galicia sobre el glorioso solar de la unidad de la pátria” para o cronista de *Vida Gallega* (mui possivelmente Solá); mas, perante a fundação das “Irmandades da Fala” na Corunha, primeiro grupo nacionalista constituído como tal, pergunta-se: “¿Hasta donde llegan las aspiraciones nacionalistas de Galicia? ¿Se extienden más allá de las actuales fronteras?”, que eram respondidas por vezes por ‘elevação iberista’ (Banet Fontenla, por exemplo, no número 73 daquele Verão de 1916). Anos mais tarde, Risco (1928^a:4), aludindo ao nascimento deste movimento “c’un senso a un tempo tradicionalista e futurista”, afirmará:

ben cedo, as olladas arelantes dos galegos d’esta geración espiritualmente emancipada, voltáronse cara Portugal. Portugal era pra nós mais do que unha segunda patria. (...) Era a outra metade, mais fina, mais requintada, mais feita, da nosa cultura atlántica. Había tempo que os eruditos galegos se correspondían c’os eruditos portugueses; mais (...) eran gente pedante, engolada, que nin pra escribir aos irmans d’Alén Miño deixaban o idioma castelán. Non tiñan o *esprito* do noso tempo; nin xiquera sospeitaban...

Portugal tornava a constituir-se como a principal ameaça para o antigaleguismo. E num dos principais alicerces do incipiente nacionalismo. O número 1 de *A Nosa Terra*, “Idearium das Irmandades da Fala en Galicia e nas colonias galegas d’América e Portugal”, abre com “Bandeira Ergueita”, editorial assinado por Villar Ponte, onde reafirma a unidade linguística do galego-português e contesta as críticas às ideias nacionalistas.

Se a literatura portuguesa conhece, como em geral as literaturas europeias normalizadas, um período de atividade e de polémica ideológico-estética grande, algo de semelhante acontece com a literatura galeguista dos anos vinte e trinta. Os contatos dos galeguistas e regionalistas corunheses, viguenses e ourensanos e a Importação a que na fase agrarista se procede deixaram um pouso de *normalidade* quanto à presença da literatura portuguesa nos mais variados tipos de publicações. Mas a afirmação da identidade linguística e a prática monolíngue que propugnam as “Irmandades”, acusadas de separatistas, constituem a renovada expressão daquele *perigo*, onde literatura, cultura e política continuam misturadas no seio dum sistema fortemente pragmatizado. O iberismo, a que boa parte do galeguismo aderira, perde o seu caráter inofensivo ou ainda benéfico aos olhos desses setores que percebem agora no nacionalismo umha solução radicalmente contrária ao tipo de relacionamento que consideravam⁷⁶. A sua reação consistirá na *regionalização* dos contatos com Portugal, perceptível na *Vida Gallega*.

⁷⁶ A “Asamblea Nazionalista”, de 1918, reunida em Lugo pretende “conquerire do Goberno da Sua Maxestade El Rey a autonomía integral da Nación Galega”, defende a Federação da Ibéria, “dentro d-esta federación igoaldade de relacións con Portugal”, e afirma: “Crendo n-a accidentalidade

Desde o início, as publicações ligadas ao nacionalismo galego, como *A Nosa Terra* ou *Terra Gallega*, ocupam-se da Importação da literatura vizinha. O intelectual, formado na Institución Libre de Enseñanza, J. V. Viqueira, será um dos principais divulgadores, dando notícia de poetas novos, como Lopes Vieira, de quem transcreverá o poema “Deixa Castela e vem a nós”; já antes e várias vezes depois aparecido no *A Nosa Terra*⁷⁷.

Em 1918, a seção “Letras irmáns” dedicada à literatura lusa (que terá continuidade em *Céltiga*, por exemplo) explicita o anseio de conseguir instituir um intersistema literário comum, sustentado politicamente com a noção do Pangaleguismo. A atenção à vida literária do País vizinho alarga-se quanto ao seu âmbito de possibilidades: estende-se desde a vulgarização de clássicos como Eça até outros como Lopes Vieira, António Sardinha ou Novais Teixeira. Nunca, porém, o Modernismo português. Ele apenas vai encontrar eco em poetas como Correa Calderón (um dos primeiros em adotar a grafia do português de Portugal), já na segunda metade da década de vinte, nas páginas de *El Pueblo Gallego*.

Um dos factos desta linha é Vicente Risco (ávido conhecedor dos movimentos intelectuais europeus, incluídas as vanguardas e autor do primeiro poema futurista galego, “U... ju juu...”⁷⁸), determinante na vida cultural e política nacionalistas. Na sua estratégia as vanguardas têm pouco espaço. É do Saudosismo português (cujo pioneiro introdutor teórico na Galiza fora o falecido Porteiro Garea) que Risco transfere elementos nucleares para a fundamentação teórica da questão nacional galega (em *Teoría do Nacionalismo Galego*, de 1920). A Saudade é para Risco a base da nova Civilização da Memória que estaria por chegar. A sua crescente posição central, que o conduz a controlar, dominar, boa parte da atividade literária do sistema galeguista, faz

das formas de governo, intréanos acrarar que non apelamos por ningunha, mais simpatizaremos, dende logo, con aquela que se amostre mais doada pra chegare á federación con Portugal?”

⁷⁷ O texto foi celeberrimo, publicado em *Em Demanda do Graal* (1912) e no *Século*, 8 de agosto de 1917, cedo passou às páginas galeguistas e funcionará como modelo formal neo-trovadoresco. Está dedicado “A Galiza a modo de velho cantar” e introduzido por umha “trova galega”: “Que Castela e castelhanos/todos num montão, a eito/não valem o que uma ervinha/destes nossos campos belos”.

Este é o texto completo: “Ó Galiza, Galiza dos verdes prados/Tão irmãos dos nossos, por Deus abençoados /- Deixa Castela e vem a nós! /Ó Galiza, Galiza dos campos floridos /Por Deus abençoados, por vós tão queridos, /- Deixa Castela e vem a nós! /Ó velha Galiza dos cantares amados, /Tão irmãos dos nossos, tão bem suspirados /- Deixa Castela e vem a nós! /Ó Galiza, soidosa dos cantares sentidos, /Se és tão longe deles, vem aos teus amigos, /- Deixa Castela e vem a nós!” Viqueira publica-o em 25 de julho de 1919, Dia da Galiza, na série significativamente intitulada: “Pensando na futura patria. Novos poetas de Portugal!” Ele foi um dos principais e mais prestigiados líderes nacionalistas; morrerá com 38 anos, em 1924.

⁷⁸ Respondendo a umha carta de Manoel Antonio, futuro poeta da vanguarda galega, autor com Álvaro Cebreiro do único Manifesto denominável vanguardista na Galiza, “Máis alá!”, Risco exhibe sinteticamente o seu bom conhecimento da vanguarda europeia para acabar recomendando umha linha própria, com marcado carácter saudosista (Carta de 15 de outubro de 1920, in *Manoel Antonio, III. Correspondencia* (García Sabell, ed.) Galaxia, Vigo, 1979, pp. 75-77. Manoel Antonio mostrará-se sempre elogiador de Pascoaes.

com que o Saudosismo e Pascoaes passem a ser modelo para essa atividade. A principal revista cultural do galeguismo, *Nós*, que ele co-funda em 1920, abre o número I com um poema do amarantino, “Fala do Sol”, dedicado “aos jovens poetas galegos”; e com esta introdução: “NOS quixo que o seu primeiro numaro fora honrado c’unha páxina inédita do grande e amado Mestre”. Diz a editorial:

Temos a Teixeira de Pascoaes coma cousa nosa, e n-as nosas internas devociós témol-o moi perto da santa Rosalía e de Pondal, o vervo da lembranza.

Teixeira e o Revelador da Saudade: ‘ise sentimento que deu forma ó noso lirismo, ise sentimento qu’esta na febra das nósas almas e dos nósos corazóns’, según a espresión do Cabanillas⁷⁹, sentimento do que Teixeira fai a Ética trascendente de dous pobos irmaus ... Viqueira sintetizou n-esta verba a psicoloxía galega.

(...) N-as suas verbas, cheas do sentimento relixioso da Terra e da Raza, a y-alma lírica da lusitania virase pra Galizia buscando nún Pasado común a emoción da nosa solidariedade fraterna.

E citando palavras do próprio Teixeira de Pascoaes, em carta dirigida a Risco:

Temos de voltar a viver espiritualmente en comum. Assim o exige o destino das nósas Pátrias que ainda não está cumprido. Esse destino é como disse muito bem a criação da Civilização atlântica...(...) O nósso sentimento saudoso (galaico-lusitano) inclue umha nova e original maneira de encarar a Vida e o Universo.

“Teixeira de Pascoaes é nósso, nósso pol-o sentimento, se non o fora coma íl dí ‘no sangue e na alma’. E Teixeira de Pascoaes é o meirande poeta da Iberia⁸⁰”, afirma-se. A visita de Leonardo Coimbra, o filósofo do Criacionismo e o Saudosismo, a Corunha em de 1921, com o Orfeon do Porto, Alexandre de Córdova, Octávio Sérgio e João Peralta, será o de maior extensão informativa em toda a história de *Nós* até à guerra civil.

Como apontam os textos transcritos, o objetivo do intersistema comum aparece. Dessa tendência vão participar igualmente os novos poetas da Galiza. As vanguardas galegas (é difícil falar em termos homologáveis com outras vanguardas da galega: ela não conhece a extensão e radicalismo formal, verbal e ideológico que noutras latitudes, embora na altura se fale de vanguardistas galegos), que iniciam a sua atividade em publicações como *Ronsel* (em cujo número 1 aparecem textos de Pascoaes e Raul Brandão e a eles somarão-se Eugénio de Castro, Américo Durão, Afonso Duarte ou Maria Leonor Reis) ou jornais como *Galicia*, têm também como referente a literatura portuguesa, e, dentro dela, poetas como Pascoaes ou Américo Durão. E similares Importações apresentam revistas situadas no sistema espanhol mas com presença de escritores galegos, como a luxuosa *Alfar*, primeira na linha vanguardista na Galiza,

⁷⁹ Esse saudosismo é perceptível em Cabanillas já desde os seus primeiros livros. O seu discurso de entrada na Academia galega leva o título de “A saudade nos poetas galegos” (1920), devedor de *Os poetas Lusitadas*, de Pascoaes, como ele assevera no introito.

⁸⁰ Poema e editorial aparecem no número I, correspondente a 30 de outubro.

e o seu antecedente *Vida*, de 1920, sempre com destaque para Pascoaes⁸¹. Anos mais tarde começarão os contatos com a vanguarda portuguesa representada pelo *Segundo Modernismo* e vários poetas e artistas vanguardistas, a começar por Rafael Dieste, vão combater o saudosismo risquiano⁸².

A crescente diversificação ideológica e estética da vida literária galega vai ir definindo o tipo de contatos e transferências. Paulatinamente, publicações de variedades, órgãos de Centros galegos na emigração, revistas especializadas, etc., vão acolhendo nas suas páginas textos ou referências da vida literária lusa. Poetas da linha regionalista, como Noriega, ou, mais tarde, Leal Insua estreitam os seus laços de união com o regionalismo minhoto, através do Instituto Histórico do Minho, por exemplo. Ao mesmo tempo, jovens nacionalistas fundam o Seminario de Estudos Galegos (SEG), ganhando espaços institucionais que permitem contatos com sociedades de investigação lusas: a ele pertencem Bouza Brey, Filgueira Valverde ou Carvalho Calero.

Isto faz que, nos finais dos anos vinte, a Importação de literatura portuguesa constitua um elemento normal no galeguismo, divergente no entanto quanto à orientação: desde o papel de enlace entre a cultura dos dous Estados até à solidificação de tendências radicalmente defensoras da união político-cultural, como a do grupo bonaerense de *A Fouce*; e Importando desde os elementos mais secundarizados até às vanguardas: *Resol* dedica à literatura lusa o número de abril de 1933 (coincidente com a Semana Portuguesa em Vigo), com textos de Dom Dinis, Lourenço Jogra, Gil Vicente, Camões, Bocage, Garrett, Antero, Junqueiro (presente também na juvenil *Cristal*, pola mesma época), Eugénio de Castro, Pascoaes (cuja “Fala do Sol” encerra significativamente o número), Ribeiro Couto, Marta de Mesquita da Câmara, Emílio Moura e António Patrício.

E é também a partir de 1917 que, definitivamente, a cultura galega começa a estar presente nos vários centros sistémicos lusos. Transcende, pois, os limites do regionalismo minhoto e dos estudos filológicos. A presença em revistas como a *Lusa* de Cláudio Basto ou a *Revista Lusitana* fica já como marginal dentro do novo quadro de relações que se abre.

⁸¹ Por intermediação, possivelmente, de Álvaro Cebreiro, que o retrata para o número 30, de julho de 1923, dedicado em boa parte ao amarantino, e a quem Pascoaes dedica um texto no número 57. Em *Alfar* traduzirá Díez Canedo para espanhol versos de João de Deus e de António Nobre e dos novos poetas lusos João de Barros e Afonso Lopes Vieira. Na revista aparecem poemas de Guerra Junqueiro (núm. 31, de agosto) e nela colaboram também Risco, Cabanillas ou Castelaio.

⁸² No referido artigo “Da Galiza Renascente”, Risco vai aludir à questão da saudade (1928a: 6): “A saudade –da que recibemos dos portugueses a teoríã– moveu derradeiramente certa porfía entre avanguardistas e tradicionalistas, sostenendo os primeiros que cumpría desbotar ise sentimento que amolece as almas”. Risco considerava o vanguardismo galego importação parisina via Madrid, “mais compre que digamos que os avanguardistas galegos souperon superar aos seus mestres casteláns”, sublinha.

As citadas *A Águia* e *Atlântida* são perfeitos exemplos da sequência seguida pela literatura galeguista em Portugal. Com diferença a outros períodos e produções, o nacionalismo galego vai fazer que ela se consolide no polissistema português. Tem maior capacidade de ação, conta com órgãos de expressão próprios e produz umha sensível renovação ideológica e estética que coneta melhor com os setores portugueses a que se dirige. É, em boa parte, a herança da “escola corunhesa”; esta, agora, vai ver refletidas as suas ideias reintegracionistas vinte e cinco anos mais tarde, aproximadamente, nas páginas de *A Águia*, *Atlântida* e, posteriormente, noutras cuja importância julgamos ainda maior que a das citadas para o relacionamento galego-português. Na *Atlântida*, poderoso “mensário artístico literário e social para Portugal e Brasil”, que para Portugal dirigia João de Barros, textos e notícias de escritores da Galiza aparecem antes que na *A Águia*. O número 42 de 1919 abre com um texto de Risco, um poema de Cabanillas e um desenho e umha carta de Castelao, publicações que Risco considerará o início do novo relacionamento galego-português⁸³. Na *A Águia* só em 1921 aparecerão versos dum autor galego, o devoto de Pascoaes, Noriega Varela⁸⁴, e apenas desde 1922 começam a ser resenhadas *Nós* e *A Nosa Terra* (número 3, de setembro de 1922), embora haja constância de que Pascoaes recebia *A Nosa Terra* pelo menos desde 1920⁸⁵. Nesse ano aparece comentado *Vento Mareiro* de Cabanillas (n.º 2 de agosto de 1922), e em novembro “Cultura e Natura” de Risco (n.º 5).

Nos finais da década de vinte o panorama está altamente diversificado. A meios como *Húmus*, *A Águia* ou *Atlântida* que desde o início da década de acolhiam textos literários galegos e prestavam atenção ao desenvolvimento cultural do além-Minho vêm agora, progressivamente, somar-se outros. Publicações literárias como *Tríptico* ou *Conímbriga* contam entre os seus colaboradores com desenhadores e poetas galegos, entre os quais os que foram diretores de *Ronsel* Álvaro Cebreiro e Correa Calderón, decididos lusistas, ou Cabanillas. Revistas de estudos literários recolhem trabalhos de autores galegos, como o *Arquivo Literário*, que em 1928 publica um texto sobre o teatro de Álvaro de las Casas, o mesmo ano dum artigo fundamental para o entendimento da cultura galega dos anos vinte, “A Galiza Renascente” de Risco n’*A Águia* (artigo-síntese do percurso literário galego, destinado a “chamar de novo a atenzón do Portugal culto ca a Galiza que pensa e que loita, na qual debe ollar un renovo da sua cultura gregoriosa”, após o decaimento da relação, entre outras por causa das duas ditaduras.

⁸³ No seu balanço para a *A Águia*, “A Galiza Renascente”, Risco explica que foi a visita à Galiza do Dr. Dr. José de Figueiredo, Diretor do Museu Nacional de Arte Antiga, de Lisboa e o conhecimento de Castelao o que provocou essas publicações: na altura Risco era considerado o principal ideólogo, Castelao o principal artista e Cabanillas o principal poeta do galeguismo.

⁸⁴ Números 115, 116, 117, vol XX, 2ª Série, julho-dezembro de 1921.

⁸⁵ Vid. Carta de V. Casas a Teixeira de Pascoaes de 26 de julho de 1920 em que inclui bilhete de assinatura assinado em 23 de julho de 1920 por Teixeira. A breve missiva do diretor de *A Nosa Terra* acaba com a frase “;Portugal e Galiza!”

As revistas da órbita do Integralismo Lusitano dedicam também espaço ao decorrer da cultura galega, com textos, resenhas, desenhos, etc., de obras e autores galegos, e em ocasiões comentários sobre a atualidade galega (sem reciprocidade: o galeguismo sempre se relacionou com grupos liberais ou esquerdistas), vista, de regra, como parte de Portugal oprimida por Espanha, visão comum a outros setores, para a qual reclamam a sua independência e/ou (re-)integração em Portugal. Outras publicações afins ao Integralismo, da década de trinta, como a monárquica conservadora *Fradique* vão também interessar-se com frequência pela literatura e a política da Galiza.

A linha regionalista galega conta também com eco em Portugal. De facto, na homenagem que a Universidade de Coimbra dedica a Pascoaes em 1924 (ano em que se homenageia Camões na Corunha, com presença de Eugénio de Castro) colaboram Noriega Varela e Francisco Luis Bernárdez, não aparecendo nenhum escritor nacionalista.

A convivência das linhas regionalista e nacionalista nos meios portugueses, a que há ainda que acrescentar a presença de escritores galegos de produção literária em espanhol, integral ou maioritariamente, provoca alguma confusão nos meios portugueses. Em princípio o movimento literário da “Galiza Renascente” é visto como uno e as suas divergências não aparecem refletidas nas publicações do outro lado do Minho. Há, sim, lugares preferenciais para uma ou outra tendência, como o Instituto Histórico do Minho para o regionalismo ou a *Seara Nova* para o nacionalismo (onde Cunha e Vasconcelos publica “A Moderna Galiza. O seu regionalismo” em fevereiro de 1929), mas é frequente a aparição de representantes das duas tendências na mesma publicação e, em muitas ocasiões, usando como veículo escrito os primeiros o espanhol e os segundos o galego-português (por exemplo em *O Diabo*, onde a linha nacionalista salienta na época da direção dum principal agente galeguista admirador de Castelao: Rodrigues Lapa⁸⁶). Neste período intenso de presença galega em meios portugueses, salienta a aludida *Seara Nova*. Por exemplo, ao longo de 1933, nesta revista central do sistema luso aparecem textos da também centralidade galega, como contos de Castelao, ou poemas de Victoriano Taibo ou Curros. E, como entidade associativa, organizará eventos como o concerto em 1934 sobre *Cantares Gallegos*, ou a comemoração do centenário de Pondal, em 35, a que somam um monográfico coordenado por Lapa e nutrido de artigos de Castelao, Risco, Villar Ponte, Otero, e dous escritores novos, Álvaro de las Casas e Bouza Brey.

Umha das provas dessa consolidação e diversificação do sistema galeguista no polissistema português que aponto é a sua presença nos meios literários, culturais, de variedades (revistas ilustradas) ou de informação geral. Ao lado de exemplos como os de *O Século*, *Civilização*, *Arte Peninsular*, etc.,

⁸⁶ Cujo entusiasmo aquando da sua estadia em Lugo, em 1932, participando na homenagem a Castelao reflete-se de imediato em «Castelao e a Galiza», *Seara Nova*, núm. 309, pp. 327-330.

é expressivo o facto da publicação dum número extraordinário “dedicado à colônia galaica” (significativo sempre este uso do gentílico polo mais ambíguo na sua aceção pejorativa *galego*) do *Notícias Ilustrado*, um dos semanários de maior audiência do país, em 1929. Nele, juntamente com elementos que lembram aos seus leitores a sobrevivência do *galego* aguador, aparecem textos literários (secundarizados no sistema galego), notícias sobre os elementos relevantes da colônia, colaborações, etc. A celebração da Semana Portuguesa na Galiza em 1933 ou, sobretudo, do encontro com intelectuais portugueses dos membros do SEG na Universidade do Porto e na Casa-Museu de Gaia, em abril de 1935 (em que Leonardo Coimbra ditará umha conferência sobre Rosalia) serão elos importantes na cadeia da consolidação do relacionamento, embora o caráter dum e outro evento seja bem diferente.

A produção vanguardista galega, com menos contatos que a linha representada por Vicente Risco, tem eco em publicações lusas de relevância. Por exemplo, a *Descobrimiento*, de 1931, dirigida por João Osório de Castro, acolhe trechos de romances como *Conceición singela do Céu* de Correa Calderón, o extenso “Da Europa Central. O Antisemitismo”; de Risco, duas séries antológicas dedicadas aos novos poetas galegos. A publicação de *O Soneto Neolatino* de 1929, onde convivem consagrados como Otero ou Noriega com outro novel como Aquilino Iglesia Alvariño (participa também Álvaro de las Casas, mas em espanhol), é mais um exemplo desta linha. Nas primeiras obras deste poeta nascido em 1909 (*Señardá*, 1930, prologado por Júlio de Lemos, Secretário do Instituto Histórico do Minho, e *Corazón ao vento*, 1933) assomam o romantismo, o existencialismo metafísico, o simbolismo e o saudosismo portugueses de Antero, Eugénio de Castro ou Pascoaes, com as filtragens de Cabanillas ou do seu amigo Noriega, na forma, na conceção, na escolha linguística, ao lado das tentativas vanguardistas (Carballo Calero, 1975:743).

O quadro relacional destes anos permite elucidar a linha fundamental que o preside desde o galeguismo: a da constituição e consolidação dum intersistema literário galego-português, sendo Portugal nítido referente de reintegração. O galeguismo aparecia, para os setores lusos empenhados no relacionamento, como o principal motor que lhe permitiria a integração cultural perdida e a defesa perante o sempre presente *perigo espanhol*.

Eis fatores decisivos para a consolidada presença galega na vida cultural lusa:

a) Em primeiro lugar, a proliferação sistémica da literatura galega (poética, mas também narrativa, especialmente curta, e ensaio) e a consecução de espaços institucionais próprios; e a notória diversificação nos seus repertórios ideológicos e estéticos, com materiais, normas e modelos vindos do sistema português, como os Importados do Saudosismo, ou comuns a ambos os

sistemas⁸⁷, como o Neo-trovadorismo (assim batizado por Rodrigues Lapa em carta de agradecimento a Bouza Brey em 1933 pelo envio a ele de *Nao Senleira*), que ganha força na década de vinte, paralelo à renovada atenção à poesia medieval, facilitada também pelas edições de J. J. Nunes⁸⁸ e o conhecimento de escritores lusos na mesma trajetória, como Lopes Vieira, com Bouza Brey e Cunqueiro como mais destacados neo-trovadoristas do pré-guerra (López, 1997).

b) Também, os contatos estabelecidos por grupos galegos, nomeadamente vanguardistas, com portugueses através de Madrid, implicando presença de escritores galegos em projetos editoriais relevantes da altura como *Civilização* ou *Arte Peninsular*, casos de Correa Calderón ou Ramón María Tenreiro, para citarmos apenas dois. O encontro com a vanguarda da *Presença* (para além da receção direta da sua publicação) produz-se nas páginas de *La Gaceta Literaria* madrilenha, em que se prolonga a relação.

c) São importantes os estudos científicos que se começam a desenvolver na Galiza. Algumas relações vinham de tempo atrás, mas outras surgem desde meados dos anos vinte. A criação do SEG é, neste sentido, determinante, porque coloca imediatamente em relação investigadores galegos e portugueses (nas áreas da etnografia e da arqueologia, por exemplo), impulsionando a colaboração que em revistas como *Nós*, ou em instituições (pouco ativas) como a Real Academia Gallega, vinham já de anos antes. A criação do Instituto de Estudios Regionales e do Instituto de Estudios Portugueses (plataforma por onde realizam estadias ou ditam conferências Joaquim de Carvalho, Jaime Cortesão, Mário Cardozo, Mário Saa, Hernâni Cidade, Fidelino de Figueiredo, António Sérgio ou Lapa) na Universidade de Santiago em 1933 permitirá umha maior cobertura deste tipo de encontros, labor em que salienta o Reitor Rodríguez Cadarso, falecido no exercício do cargo.

d) A cada vez maior relevância sócio-económica do *enclave* galego em Lisboa e a quebra de estereótipos negativos é também um elemento de peso para a afirmação do relacionamento, como testemunha a presença de galegos nas páginas de informação geral ou de atualidades de *O Século*, *A Voz*, *ABC* ou *Notícias Ilustrado*.

e) A atenção, generalizada na imprensa lusa, ao processo político republicano no Estado Espanhol (a autonomia da Catalunha e a potencial da Galiza, sobretudo⁸⁹).

⁸⁷ E ao brasileiro: o próprio Guilherme de Almeida aparecerá nas páginas de *Nós*.

⁸⁸ Este e Michaëlis de Vasconcellos participaram na Corunha no I Congresso do “Instituto de Estudios Gallegos, em 1919, dissertando sobre literatura medieval.

⁸⁹ Pode ver-se, a este respeito, O trabalho de Norberto Ferreira da Cunha “A Autonomía galega na imprensa periódica portuguesa (1931-1936)” em *Galiza e Portugal: Actas do IV Simposio Internacional Luso-Galaico de Filosofía*, Santiago, 28-29 novembro, 2003 /edição de María Xosé Agra

Com orgulho e algum esquecimento, resume Villar Ponte o decorrer do galeguismo até 1935, prévio introito do verso de Lopes Vieira “Deixa Castela e vem a nós”⁹⁰:

Fui eu quem primeiro que ninguén falou de «nacionalismo galego» Até min, nunca, en ningures, esa frase tinha-se dito. O nacionalismo galego con nome propio, que agora já ten corpo propio, de min nasceu. De min nasceu também o primeiro sondeio d’unha posibilidade separatista razonada.

E o libro no que isto dixen pechábase con as seguintes palabras de Teophilo Braga: ‘A Galiza é a provincia mais duramente submetida á unidade política, e mais sacrificada polo centralismo administrativo; ella resiste pela sua tradição lyrica, em que conserva a sua feição étnica... A Galliza perde a sua existencia política e, por tal acto, apaga-se a sua cultura’.

Para evitar isto, embora criei as ‘Irmandades da Fala’. E o seu fruto, desde o ano 16 a hoje, foi a alianza política con a Lliga Regionalista de Catalunha do ano 17, as assembleias nacionalistas galegas, o Seminario d’Estudos Galegos, a ORGA republicana, o Partido Galeguista, os grupos enxebres das Américas e isa espléndida colheita de libros escritos en galego, que pasan de dous centos, e que abranguen todas as disciplinas intelectuaes: teatro, poesia, novela, critica, filosofia, ciencias e política.

Hoje o galeguismo político militante ja púido ter un posto na seición das minorias nacionaes de Ginebra e entrar nun pacto con Catalunha e Euzkadi, que se chama ‘Galeuzca’.

É que a conciencia da galeguidade áchase, por fin, desperta.

Ora pensem. O signo maior da nacionalidade é a lingua. Nós temos unha lingua patria natural. Pela perda desta lingua nas esferas da cultura, cuando os Reis Católicos nos submeteron à unidade centralista, depois de lhe roubaren o trono à Dona Xoana, a principesa de Portugal, con a que moitos nobres galegos fixeran causa -cousa que nunca nos perdonou Castela, como no-nos perdoara tampouco o alzamento do noso povo contra da teocracia e a aristocracia, que foi o primeiro da Europa de pre-sentimento democrático, -a Galiza sofríu a terríbel escravitude de cinco séculos, sendo branco de case todos os escritores e poetas castelãos en punto de aldraxes e calonhas.

Agora, pois é lógico, voltamos ao emprego da nosa lingua nos actos da política e da cultura. Sabemos que a autonomia dos povos, mais forte que a das armas, afínca-se na propia lingua. E por iso, fuxindo das fazanhas estérís do Quixote, que tiveron por escaerio o mar morto de ermas terras de Castela, olhamos aos irmãos Lusiadas, que bautismaron as ilhas atlánticas con palabras suas que também son nosas, a pensar que o idioma de Camões, falado nas cinco partes do mundo, pode ser o idioma d’unha gran cultura atlántica e superocidentalista.

Para que asim seja percisa-se unha só cousa: que o Portugal novo olhe à Galiza agarimosamente, o mesmo que a gran República brasileira d’além mar. Como se ten feito a Gal-euz-ca -tríada de nações da Hespanha c’o aneio de se rexeren por si mesmas -compre na seara nova chegarmos à alianza galaico-portuguesa e brasilenha. Unha assembleia lingüística internacional dos tres países para pôense d’acordo na proteccion, perfeccion e unificacion da lingua común a todos, perfilhando unha maneira de *entente* cultural entr’eles, trazieria ao longo, sen dúbida, un senso de fecunda futuridade, tentador para un estadista de genio.

Esta prova d’amor vos oferece un homildoso apóstolo do galeguismo ¡ó políticos novos da noble Lusitania [denominação de Portugal em Pondal]!

Romero, Nel Rodríguez Rial, Santiago de Compostela:Universidade de Santiago de Compostela, Servicio de Publicacións e Intercambio Científico, 2003, pp. 231-303.

⁹⁰ “Ideia trascendente O caminho do nacionalismo galego ...”, *Seara Nova*, número 425 de 7 febreiro de 1935. O diretor da publicação era na altura A. Sérgio e o editor Camara Reys.

Prova d'amor que comparten connosco todos os galegos que se non achan influidos pelos maragatos, gente de sangue berebere -como afirma Oliveira Martins no seu livro *Historia da civilização ibérica* -que pretende, ademais de nos levar os cartos, asasinarnos o espírito. ¡Sanchos Panzas enemigos do Amadis!

A sublevação militar fascista fará que a pedra subida a tanto custo polo galeguismo na íngreme montanha da liberdade conquistada rolasse outra vez, mais umha vez na sua história: a todas as perdas uniu-se a da memória. O movimento recuperador só mui tarde e precário começou outra vez, até hoje.

6 O 25 de abril e as suas imediatas conseqüências para e no protossistema cultural galeguista⁹¹

Queremos com este texto avançar, em linhas parciais e gerais⁹², as incidências que o processo revolucionário português (PRP) tivo no protossistema cultural galeguista⁹³ (PCuG) e em que medida o fizo. Limitamos o âmbito temporal de análise a 1974 e 1975 para detetarmos nos modos de reação dos agentes galeguistas as expetativas e dispositivos que esses grupos tinham colocado a respeito do construto ‘Portugal’ e ‘português’. Por claridade expositiva tratarei separadamente os grupos em foco.

Frente à dominância da ótica espanholista nos dous elementos do par no relacionamento, no campo galeguista Portugal constituía um histórico e complexo referente de reintegração. Nele, o denominado Grupo Galaxia e as pessoas e instâncias ligadas a esse projeto, central na altura no PCuG, reclamavam-se herdeiros da linha de comunicação galego-portuguesa do galeguismo do pré-guerra e, nesse esquema, a existência dumha comunhão espiritual, cultural, e abundantemente linguística, é continuamente invocada por estes grupos e agentes. Em parte dessa mesma fonte bebe a Unión do Pobo Galego (UPG). Esta modula o seu discurso na teorização e praxe dos

⁹¹ Este trabalho inseriu-se no projeto “Portugal e o mundo lusófono na literatura galega das últimas três décadas”, parcialmente subsidiado pola Xunta de Galicia. PGIDT01PXI20414PR

⁹² O espaço oferecido nas *Actas* em que originariamente se publicou o texto era, logicamente, limitado; por isso aqui adiantamos, e sinteticamente, apenas os resultados referidos às esferas do Grupo Galaxia e da UPG. Põem-se de parte outras, como a vinculada ao PCG e, igualmente, os enclaves sulamericanos, neste caso sobretudo o bonaerense e o mexicano. Da mesma maneira, não podemos tratar outros campos, de forte inovação, como são os casos do teatral, do cinematográfico e, especialmente, do musical.

⁹³ O termo ‘galeguista’ é usado aqui indicando o sentido da ação dos agentes comprometidos no e com o PCuG e PSLG. Entendemos por tal protossistema cultural aquele que, deficitário na conformação dos seus macro-fatores sistémicos (tal como definidos por Even-Zohar, 1990) pretende balizar-se a respeito doutros, particularmente do espanhol, invocando como norma sistémica fundamental (ainda que nem sempre única) o uso do galego. Para um desenvolvimento mais alargado da noção de protossistema e norma sistémica pode ver-se Torres Feijó, (2002).

partidos marxistas-leninistas de inspiração maoísta, considera a Galiza como colônia interior do Estado Espanhol e sente-se parceira de todos os processos guerrilheiros de descolonização do momento.

O PCuG é um campo em construção da sua própria definição e autonomia a respeito do espanhol, que conhece um alto grau de heteronomia em relação ao campo do poder, verificado na preferência dada em bastantes casos à atividade cultural como elemento de resistência e/ou afirmação (repare-se, aliás, que o submetimento a umha importante repressão de muitas das intervenções culturais dos grupos opositoristas, faz aumentar o valor simbólico dessas mesmas intervenções). Cabe indicar igualmente que, nos anos 70 e progressivamente, se vive em todos os grupos referidos com a expectativa da queda do regime, o que contribui para a geração dum importante acúmulo de energia⁹⁴. Por exemplo, em âmbitos como o sócio-linguístico, coloca-se a expectativa da entrada no ensino não universitário do galego a partir da Ley General de Educación de 1970, o que acelera igualmente umha preocupação pola normalização e a normatização do galego, em que salientam a produção de materiais do Instituto de la Lengua Gallega da USC ou as polémicas suscitadas polo *Informe dramático sobre la lengua gallega* de Alonso Montero e polo artigo de Rodrigues Lapa na *Colóquio/Letras* e em *Grial*, “A recuperação literária do galego”.

6.1 O Grupo Galaxia; o ILG

Galaxia dá nome ao grupo que surge como consequência do entendimento dos seus membros da inviabilidade da ação política e da necessidade dum labor de progressão cultural, acabando por ocupar um lugar central no PCuG. Nessa altura reatam-se as presenças e os contatos com o mundo luso-brasileiro, que têm em Rodrigues Lapa o mais ativo agente do lado português e principal filólogo no esquema de *Grial*-Galaxia. Polo geral, a sua atuação está presidida por umha clara vocação reintegracionista no plano cultural, que se verifica na atenção a elementos consagrados no sistema literário de origem e a repertórios secundários⁹⁵ como os representados por Camões ou Teixeira de Pascoaes.

Nem na Editora Galaxia nem na revista *Grial* detetamos variação atribuível ao efeito do PRP. Seria esperável maior presença de elementos do sistema português contemporâneo, o que poderia significar umha indireta manifestação de simpatia com o processo luso, ou até umha resposta à reclamação que, no número de janeiro a março de 74, que recolhe os depoimentos de Celso Cunha, Stegagno Picchio e Jacinto do Prado Coelho, este fazia (pp. 80-81) para um maior espaço na revista para a literatura portuguesa “de hoje [...] sem dúvida das suas páginas não estão ausentes Camões e Fernando Pessoa (ambos com

⁹⁴ Para este conceito, vid. Even-Zohar, (2000).

⁹⁵ Para esta noção vid. Even-Zohar (1990).

ascendentes galegos), nem Pascoães (sic), nem Antero, nem Torga... mas, claro, desejaria mais]”, concluindo:

Finalmente, bom seria que se intensificasse, em revistas como GRIAL, COLÓQUIO/ LETRAS e outras, o diálogo luso-galego; que se multiplicassem para tanto iniciativas como o artigo de Rodrigues Lapa sobre o galego nas suas relações com a língua portuguesa –artigo que, em 1973, veio reavivar esse diálogo em termos fraternos, suscitando, entre outras, a réplica de Ramón Piñeiro.

O Catedrático de Literatura da Universidade de Lisboa era um principal aliado luso, dada a sua tripla condição central no campo universitário português, no da crítica literária (era diretor adjunto da principal publicação do campo da crítica literária portuguesa, a *Colóquio*), e no intelectual, dado o estado dos campos culturais na altura e a sua imbricação importante com o campo do poder.

Não é este o melhor momento nas relações luso-galaicas veiculadas através de Galaxia. Ao temor certo de serem censuradas as suas iniciativas pelo poder político, com maior perigo com o PRP, soma-se agora a distância desencadeada pelo artigo de Lapa e a contestação de Piñeiro, a que se uniram, ainda que com tom diferente, Otero e Cunqueiro⁹⁶. Na *Grial*, deteta-se, aliás, umha tendência para afirmar umha pertença do galego ao mesmo sistema lingüístico mas umha consideração de três línguas diferentes, com a ambiguidade de que se reveste o conceito ‘língua’ nestes escritos: galego, português e brasileiro, caso do artigo de David Felman ou da utilização dos depoimentos de Jorge Amado na seção “O rego da cultura”, que fala de dous ramos da mesma língua para o caso brasileiro e o português, nesse mesmo número, em que é expressiva a ausência de Lapa. Nele mesmo são anunciados 4 prémios da editora, de romance, poesia, ensaio e linguística, este centrado na explicitamente denominada “unificación normativa” do galego. Galaxia era o setor do PCuG mais preocupado polo assunto, rumando agora para um certo isolacionismo, o que não obstava para que aparecessem outras opiniões, se não discordantes, polo menos matizadoras dessa linha, de pessoas representativas de Galaxia, mesmo de Piñeiro ou Carballo, nas mesmas páginas de *Grial*, o que redundava numha dominante indefinição das posições. Por outro lado, e dentro desta orientação, o grupo Galaxia concorria com o emergente Instituto de la Lengua Gallega, que mantinha umha posição normativa em bastante medida mais isolacionista que a sustentada por aqueles⁹⁷, e que pretendia fazer valer *auctoritas* universitária no campo cultural. Reflexo destas controvérsias são as opiniões de Guillermo Rojo (ILG) e Franco Grande (Grupo Galaxia) no *Almanaque* de 1975. Escrevia o primeiro (95-97):

⁹⁶ Não assim outros como R. C. Calero e V. P. Andrade. Vid Montero Santalha (1989).

⁹⁷ Nos seus *Ga(l)lego* 1, 2 e 3 e na revista *Verba* reiteram-se artigos, resenhas e notas insistentes nos traços diferenciadores de galego e português, ainda que outros trabalhos apontam para um certo lusismo, como o de R.C. Calero “La constitución del gallego como lengua escrita”, no n.º 1, 1974, 31-39.

Nestes vintecinco anos, o galego ‘literario’ (con demasiada frecuencia alonxado da lingua falada) percorreu a súa identidade no lusismo, no medievalismo ou no vulgarismo. (Hai que ter en conta, para xustificar esta situación, a carencia dun modelo de lingua e que moitos dos noso escritores chegaron ao galego por motivacións político-culturales, pro sin teren a conciencia lingüística que dá o seu uso como lingua materna).

Hoxe temos Galaxia e outras, e temos a Academia Galega e a Universidade (por medio da Cátedra de Galego, a de Filoloxía Romanica e máis do Instituto da Lingua Galega) (...) Conocemos o galego millor que nunca. (...) A solución non está en lusizar o galego ou en castelanizalo, senón en adaptar o léxico patrimonial ás necesidades do mundo moderno (en certo modo, unha regaleguización, como fixeron sempre todas as linguas. Cando estamos a contraer a obriga de aprenderlles aos nosos rapaces en galego nas escolas, ese galego culto, literario, non pode ser outra cousa que un galego popular requintado, pulido, unificado nos aspectos básicos, pro galego auténtico.

E, sob o rotulo de “o mercado do libro”, indicava X. L. Franco Grande (100-101):

(...) son moitas as posibilidades do libro galego. E non soio dentro, senón tamén fora de Galicia. Pensemos un intre nese futuro incalculable que temos ahí á nosa veira: o mundo de lingua portuguesa, que polo de agora aínda non se soupo, ou non se puido, explorar. E que polo de agora tampouco semella moi facedeiro, a menos que teñamos un pouco de realismo, e, dando os pasos que haxa que dar e co vagar que se queira, cheguemos a unha aproximación ortográfica co portugués –hasta onde o consintan as realidades das dúas linguas-, semellante á portuguesa-brasileira. Non ver isto é estar cegos para as máximas posibilidades culturais que a nosa cultura ten e que xa outros quixeran para sí. É estar cegos para o porvir.

Ora, o efecto fundamental do PRP no Protossistema Literário Galeguista (PSLG), para o caso deste grupo, como em geral, para o conjunto dos agentes deste, viria das novas posicións e funcións ocupadas e desenvolvidas por anteriores contatos no sistema cultural portugués. Já foi aludido o caso de Coelho. Lapa, ligado, aínda que non organicamente, ao Partido Socialista (PS), ocupará igualmente unha posición de relevo, à frente da *Seara Nova* e da Associação Portuguesa de Escritores (APE). Nesta altura, Lapa leva a cabo unha série de accións tendentes a fortalecer a via reintegracionista, propondo, por exemplo, vários escritores galegos como membros da APE: Otero Pedrayo, Guerra da Cal, Cunqueiro e Celso Emilio Ferreiro, em que não deixa de enfrentar problemas com setores vinculados ao Partido Comunista Português, PCP⁹⁸, publicando, mantendo correspondência e participando em diversos foros que têm a ver com o relacionamento galego-português. O aludido distanciamento, a falta de estruturas de relacionamento sólidas, a mesma idade avançada dos protagonistas, além das dinâmicas políticas geradas nos dous estados, podem explicar que não houvesse continuidade nem estabilidade nesta linha.

Tampouco parece haver efeito do PRP no aumento e alargamento da presença desta corrente em Portugal. Na *Seara Nova* é inexistente (Lapa, aliás, deixa a direção da revista, que dirigia desde fevereiro de 73, no outono de 74,

⁹⁸ Vid. Lapa, 2000 (cartas de 22/1/75 e 22/2/76). Devemos indicar que Fernández del Riego testemunhou-nos não lembrar que esses contatos e propostas se produzissem e que nos, incompletos, arquivos da APE nada encontramos a este respeito.

perante a sua tomada por elementos do PCP); quanto à *Colóquio*, detetam-se reflexos da polémica linguística aludida, mantêm-e os vínculos com *Grial*, e até aparecem recensões de obras galegas assinadas por Carballo Calero⁹⁹, mas não se solidifica um relacionamento estável nem acresce a presença via Galaxia. Nem havia condições nem disposições.

6.2 O caso do “Manifesto para a Supervivência da língua galega”

Em 1974, Lapa recebe umha carta do para ele desconhecido José-Martinho Montero Santalla, com data de 28 de maio (Marques 1997: 345), em que lhe envia um “Manifesto para a Supervivência da língua galega”, que assinam, para além do remetente, mais doze pessoas, com a solicitude de publicação na *Seara Nova*. Escreve Montero Santalla:

O nosso desejo seria que em Portugal se criasse um certo ambiente de solidariedade com a cultura galega, que é essencialmente idéntica à cultura portuguesa (...) desejamos uma progressiva integração cultural –prescindimos, claro está, do aspecto político- galego-portuguesa. A língua portuguesa –nós dizemos galega, ou galego-portuguesa, mas referimo-nos à mesma cousa– atravessa em Galícia um momento dramático: a política espanhola encaminha-se a extirpá-la, aproveitando sobretudo o influxo decisivo dos medios de comunicação de massas. Precisamos da solidariedade dos nossos irmaos portugueses para salvá-la. Até agora estamos em tempo.

Não estará demais advertir que o nosso manifesto foi elaborado antes do câmbio de régimen em Portugal e que, polo mesmo, não está determinado por razões políticas do momento mas por motivos histórico-culturais.

A advertência expressa um dos potenciais efeitos do PRP, o de contribuir para um maior desenvolvimento da ação sócio-cultural de grupos galeguistas¹⁰⁰ podendo encontrar-se nesses efeitos alcances de vinculação política que são expressamente negados, num texto, embora concebido antes do PRP, cuja receção certamente mudava significativamente na nova situação. As propostas apresentavam duas novidades salientáveis: a primeira é a dumha vontade programática de reintegração cultural no mundo luso-brasileiro: para isso, denominam a língua galego-portuguesa, utilizam umha ortografia reintegrada e realizam propostas de transferência e interferência sistemáticas com Brasil e, sobretudo por proximidade geográfica, Portugal. A segunda é a de, partindo da base da irreversibilidade da existência de dous grupos linguísticos na

⁹⁹ No n.º 27 de janeiro de 75 a *Olladas no futuro*, de R. Piñeiro e no seguinte a *Elipsis e outras sombras*, do militante da UPG Méndez Ferrín, ambos editados por Galaxia.

¹⁰⁰ E de solução do problema normativo. Dias antes de receber a carta de José Martinho Montero, escreve Lapa a Xavier Alcalá (Marques, 1997: 345 de 31/5/74):

“Recebi a sua crónica, *Portugal, tan perto*, que muito lhe agradeço. Está cheia de verdade e simpatia por esta Galiza daquéminho (...) a carta do nosso bom amigo Piñeiro, (...) me impressionou pelo seu tom suicida. Não é esse o tipo de galego que o momento exige, sabe bem porquê: a revolução portuguesa, entre outras coisas, pode abrir novas perspectivas a umha solução do problema galego”

Galiza, fixar um programa de atuação normalizadora centrado nos meios de comunicação de massas, postulando neles umha atenção preferente ao mundo luso-brasileiro e a captação na Galiza das emissoras de rádio e TV, ao lado do “ensino oficial, a administração e a Igreja”.

Ora, o caráter excêntrico dos assinantes era já umha peja importante, acrescentada pola sua nula intervenção no campo até à altura, o que estará na base da sua escassa capacidade de interlocução e de eventual progressão das suas propostas. Na sua resposta a J-M Montero, Lapa, anunciando-lhe que o texto sairá na *Seara Nova* ou na *Colóquio*, recomenda enviá-lo à *Grial*, a RAG, a Piñeiro, a Xavier Alcalá e a Guerra da Cal. A primeira via resultara já fracassada. Segundo me testemunhou J-M Montero, o texto fora concebido e endereçado para *Grial*, escrito com a ortografia dominante para o galego na época. Em resposta por carta, de que tenho cópia facilitada por Montero Santalha, Piñeiro manifesta a sua coincidência com os postulados do “Manifesto”, afirmando estar “moi ben pensado”, mas indicando que nas “circunstancias” da altura, era impossível publicá-lo. Montero atribui essas circunstâncias ao conteúdo político do texto e ao quadro político-ditatorial vigorante. Piñeiro sugere-lhe que o faça chegar a elementos da Editora Nós de Buenos Aires, cousa que fazem mas sem fruto. Posteriormente, e ao socairo do PRP, decidem enviá-lo para Lapa (modificando o código linguístico para umha maior reintegração) por considerá-lo a figura cimeira do intercâmbio galego-português, e, depois, em espanhol, para *Cuadernos para el Diálogo*, onde sairá, com notas-de-rodapé, nas primeiras páginas, em outubro. O “Manifesto” sai publicado no número de setembro na *Seara Nova*, introduzido por Lapa, indicando que ele chegou acompanhado dum documento de maior profundidade, “Em prol da integração linguística galego-portuguesa”; Lapa comenta o seu caráter novidoso e vê na *ubicación* excêntrica do grupo, em contato com outras culturas, a base da sua compreensão do problema linguístico galego, reiterando a possibilidade de solucioná-lo assim “se os nossos amigos galegos o quiserem, bem entendido. E, pelo visto, querem mesmo”.

Lapa abriu a resposta àquela carta com as seguintes palavras: (de 10/6/74, in Marques 1997: 346-347): “A sua carta, acompanhada do ‘Manifesto’ (...) proporcionou-me uma das maiores alegrias da minha vida.” Um mês mais tarde escreve (de 20/7/74, in Marques 1997: 347), a Prado Coelho: “A semente que lançamos à terra germinou lentamente, mas floriu e está dando frutos.” Certamente, pessoas como Da Cal, Alcalá, Paz Andrade ou membros do chamado Grupo de Londres eram referentes ou contatos de Lapa no campo galeguista, mas ninguém até ao momento manifestava umha prática e um projeto reintegracionistas como esse e, menos, organizadamente¹⁰¹. Perante a hipótese de mudança política em Espanha e a evidente em Portugal, Lapa encontrava no

¹⁰¹ Na realidade este “Grupo de Roma” não passou dum coletivo que assim manifestava a sua preocupação pola situação cultural da Galiza, mas nunca funcionará de maneira orgânica nem terá continuidade.

âmbito galego¹⁰² um interlocutor com umha proposta acabada e publicável, que não tinha nem em Galaxia nem na Universidade nem nas plataformas políticas atuantes.

6.3 A UPG

A conceção cultural da UPG era, nalguns pontos, abertamente combatidora de Galaxia. No n.º 1 de março de 1974 da *Galicia emigrante*, elaborada em Genebra, “Voceiro da Unión do Pobo Galego”, podia ler-se pontos do Programa do “Frente Cultural galego”, vinculado à UPG, que indigitam sem citá-lo também esse setor galeguista. Programaticamente a UPG não explicita nengum vínculo cultural com Portugal (e ao mesmo tempo percebe-se umha conceção linguístico-cultural afastada de propostas reintegracionistas), o que está igualmente ausente nos seus princípios políticos, ainda que falam dum vínculo federativo peninsular. Era de esperar que fosse na esfera política onde maior peso atingisse o relacionamento galego-português através da UPG. E, com efeito, assim foi, sendo a sua reação imediata. Logo a seguir do 25 de Abril, endereçam umha “Carta de UPG pra Portugal”, que reproduz a revista indicada na página 7 do seu n.º 3, “Ao Movimento Militar, aos Partidos, correntes e persoalidades, democráticas de Portugal (representantes das camadas populares e, as orgaizaciós armadas anti-feixistas)”, em que afirmam:

A UPG (...) vive niste intre unhas das eisperencias máis fermosas da súa hestoria: o país fraternal que é Portugal ven de aniquilar o feixismos e camiña cara á democracia.

Todo o pobo galego vibra de solidaridade i entusiasmo. Os muros das aldeas e cidades de Galicia cóbrense de letreiros nos que se le VIVA PORTUGAL! Xamáis a concencia da antiga unidade cultural galego-portuguesa foi tan lúcida no corazón das masas oprimidas da nación galega. Xamáis o sentimento de que a vosa loita é a nosa loita foi tan fonda e cordialmente asumida por toda a xeografía galega.

Este era pois o sentido que para a UPG cobrava o processo português, suscitando, como se vê, umha referência, mas também um potencial aliado, para a sua atividade política. Já vários militantes tinham contatos prévios com outros da esquerda portuguesa, com intervenção no sistema cultural português. Já foram publicados poemas e livros (em jornais e nas editoras Razão Actual e Poesia & Ficção, de homólogos políticos portugueses) de Celso Emilio Ferreiro ou Manuel Maria, sobre o qual Lapa publicara em *República* em 1972 “Manuel

¹⁰² A reintegração era possibilidade apoiada desde agentes não galegos mas atuantes no sistema galeguista, por exemplo os provenientes do catalão e do português. Por citar dous exemplos dos primeiros meses de 1974, Félix Curucull apoia as teses de Lapa no n.º de janeiro de 1974 na *Seara Nova* (pp. 22-23), não detetando em Portugal preocupação “em promover uma profunda conexão cultural galego-portuguesa”, excetuando Lapa e Prado Coelho, o que umha Nota da Redacção corrobora. No livro *Encuesta mundial sobre la lengua y la cultura gallegas y otras áreas conflictivas: Cataluña, Puerto Rico*, de Alonso Montero (Madrid: Akal, 1974), sem que no inquérito se aluda nem ao português nem a Portugal, nem à questão ortográfica, Carlos Barral, Ramón Carnicer, Sánchis Guarnier e Ricard Salvat recomendam por vários modos essa reintegração. De resto, os portugueses selecionados (polo geral, contatos prévios de Alonso Montero, em que não estão Lapa nem Coelho) não se pronunciam nessa direção.

Maria: um poeta do povo”; consequência desses contatos fora a publicação de *Introdução ao Nacionalismo galego* de Viale Moutinho, militante do PCP e talvez a pessoa portuguesa com maiores relações políticas no oposicionismo galego. A sua mediação e o apoio decisivo de Óscar Lopes, militante comunista e na altura Diretor da Faculdade de Letras, e de Avelãs Nunes, economista prestigiado na esquerda portuguesa, amigo de militantes da UPG como Ramón López-Suevos e, ao tempo, Secretário de Estado dos Desportos e da Acção Social Escolar (e de dezembro de 74 a setembro de 75 Secretário de Estado do Ensino Superior e da Investigação Científica) e membro da redação de *Vértice*, farão que Margarita Ledo, que em setembro passa clandestinamente a Portugal, seja contratada para lecionar galego na Universidade do Porto desde inícios de 75¹⁰³.

Importante consequência imediata do PRP foi a vulgarização da literatura e da cultura galegas nas novas plataformas emergentes no sistema cultural português. Salienta o número quase integral que com o lema “Galicia com Portugal U.P.G.” a longeva *Vértice*, “revista de cultura e arte” vinculada à esquerda, lhes dedica. O número 367-368 de agosto-setembro abre com “Duas atitudes face ao problema do galego”, de Lapa, e encerra, na parte em que a Galiza é homenageada, com “A circunstância de Portugal”, de Aníbal Almeida, contato da UPG. O resto é preenchido por textos de galegos. Lapa ataca as teses sustentadas pela UPG, criticando três artigos aparecidos no número 1 da *Rego*¹⁰⁴, em que, perante a descrição da colonização política, económica e cultural que a juízo de *Rego* vive a Galiza, pergunta e responde:

Remédios alvitrados para estes males? Nada menos que o derrube do imperialismo político e económico, nada mais que a intensificação do galego. Nem o próprio bilinguismo os autores admitem, a não ser transitariamente, pois, como dizem, e com certa razão, ele é a primeira etapa da assimilação completa.

E contrapõe:

A esta penúria metodológica, a este radicalismo desesperado de opções procura fazer face o “Manifesto” dos 13 de Roma, baseado no excelente e documentado estudo “Em prol da integração lingüística galego-portuguesa”. Na verdade, chega a ser inconcebível que nenhum dos autores de *Rego* se tivesse lembrado umha vez sequer da existência duma língua e cultura portuguesa, que tem muito a ver com a galega.

O texto é, pois, umha reiteração da defesa das suas teses reintegracionistas, agora apoiado numha tática emanada de agentes galegos e procura encontrar as, a seu juízo, insuficiências e contradições das propostas de *Rego*:

¹⁰³ Testemunhos pessoais de Ramon López-Suevos e Margarita Ledo.

¹⁰⁴ Lapa, na carta de 23/8/74 que envia ao diretor da revista *Rego*, em que assina os 10 primeiros números, anuncia este artigo e surpreende-se de que nada se diga de Portugal nem da língua portuguesa, “que representa literariamente o galego”. Responde Carlos Xohan, sem falar nada do assunto mas indicando que “Nos intresaría moito tamén si nos podes remesar algún traballo encol de temas relacionadas con Galicia, en particular, sobor de temas onde se mencione ou analice a perspetiva de Galicia e dos seus problemas ollados dende Portugal, sobor de todo agora onde o apoio verdadeiro pode sere unha realidade”.

(...) não deixa de ser muito estranho que um desses autores chegue a escrever esta enormidade, em contradição flagrante com as suas próprias teses: que o galego é língua facilmente restaurável por via da sua semelhança com o castelhano! Destes paralogismos se tem nutrido a discussão em torno dos problemas do galego, virando deliberadamente as costas à realidade.

E conclui com a sua reiterada recomendação de incentivar o estudo do português na Galiza, o que, desde poucos meses atrás, permitia, com caráter opcional, a legislação vigente.

Ora, as teses de Lapa não podiam ser aceites sem contradizer parte do edifício teórico e da praxe da organização. Tempo mais tarde, Francisco Rodríguez, considerado (de novo segundo testemunhos de militantes na altura da UPG) o referente sócio-linguístico do partido, contestará-as em *Conflicto lingüístico e ideoloxía en Galicia*, de 1976, na Xistral, num capítulo intitulado “As teses de Lapa ou o culturalismo e cosmopolitismo intelectual”, em que adverte (Rodríguez, 1976:110), “sen poñer en dúbida as ventaxes do aportuguesamento do galego hastra os lindes que non traicionan o espírito da língoa”, que nelas “latexa un conceuto do problema, culturalista, elitista, que non pon en correlación axeitada idioma e política; mais, esta correlación faina nun senso de acentuación da ideoloxía dominante”.

À parte o texto de Lapa, deve notar-se que, como costumava acontecer na relação galego-portuguesa de caráter galeguista, os agentes portugueses adotavam os elementos repertoriais dessa relação tal e como definidos desde o campo galeguista. É significativo disto o título do número da revista, em que se adota a forma ‘Galicia’, usada pola UPG, em clara renúncia à utilização da própria portuguesa; ou mesmo o uso de ideologemas cunhados que contradiziam a prática escrita dos galegos, como a da identidade linguística, passando assim a fórmulas de retórica relacional. O teor do que assinalamos é bem expresso no texto editorial que antecede ao artigo de Xosé Manoel Beiras, o único texto, por certo, que é adaptado à norma padrão portuguesa...:

Ora, de entre os povos da Península, o povo galego apresenta-se mais próximo de nós, portugueses, do que nenhum outro: temos uma raiz cultural comum, uma língua ainda hoje muito semelhante, uma evolução económico-social com características afins (lembramos apenas o triste destino de portugueses e galegos como povos emigrantes). Por isso, pareceu à *Vértice* que seria interessante trazer junto dos seus leitores o estudo que segue sobre a história económica e social da Galiza e as perspectivas que poderão oferecer-se actualmente às gentes do outro lado do Minho. São páginas extraídas –com autorização do autor e com ligeiras adaptações– dum livro editado não há muito em língua galega pela Editorial Galaxia (Vigo), e intitulado *O atraso económico da Galiza*.

Beiras, líder do PSG, Partido Socialista Galego, partido que, por sua vez, mantinha relações com a UPG, era, na altura, a figura nacionalista de maior centralidade no campo académico económico, mantendo posições analíticas próximas desta última, o que justifica a sua presença, excepcional dentro das restantes, todas elas vinculadas à UPG.

O conjunto de poetas e poemas publicados mostra como elementos da UPG, juntamente com outros procedentes da esquerda portuguesa, tinham já construído umha rede de relações e um conjunto repertorial definidor da sua atuação no campo cultural, em que os textos e o seu funcionamento se referenciavam na denominada poesia social e de resistência. Domina Manuel Maria, abrindo a pequena antologia “Poesia Galega de hoje” com seis poemas (em que se intercala a parte V do poema rosaliano “¡Pra Habana!”, que fora adaptado musicalmente por Correia de Oliveira para o “Castelao e a sua época” de Salvat, proibido em 1969 polo Governo português), tomados de *99 Poemas*, publicado na *Razão Actual* em 1972; isto não sucede no caso dos seis que igualmente se reproduzem de Ferreiro, apesar de a sua *Auto-escolha poética* ter saído no mesmo ano e editora, e que são antecédidos de “O mayo” de Curros Enríquez; e encerra-se com “Quevedo” de Heriberto Bens, heterónimo de Méndez Ferrín, acompanhados por um glossário de quase cinquenta palavras e um desenho de Castelao. Na continuação reproduzem-se o texto de Beiras “O Atraso económico da Galiza: explicação e alternativas actuais” e “Relações urban-ruráes e relacións de clase. Un intento de situación do problema”, de Vilas Nogueira.

Aparece depois um texto orgânico da UPG, sem assinar, intitulado “O movimento de liberación nacional en Galicia” datado em 28 de maio, em que se critica as organizações de esquerda que entende de obediência espanholista e define o conjunto organizativo nacionalista.

O privilégio dado a Manuel Maria fica ainda mais relevante com o texto de Camilo Gómez Torres: “5 notas a *Laio e cramor pola Bretaña*”, seguido de “Galicia e a sua narrativa”, por Lois Diéguez. Outro desenho de Castelao dá passo ao artigo que encerra esta série “A circunstância de Portugal”, de Almeida, versando sobre a situação peninsular da Espanha após Franco. Nele reitera o discurso comum: (660): “Aqui, portas com portas, há um pequeno povo que fala a nossa língua e tem umha longa história comum com os do noroeste português, a quem impõem outra língua e outra história, de Numância a Lepanto; a quem a terra empobrecida expulsa para *Bos Aires*”.

A UPG conseguia ir impondo-se como o referente político-cultural na Galiza para determinados setores esquerdistas lusos, sem dúvida alicerçado no vínculo galego-português sobrepujando o hispano-português (a que tradicionalmente a esquerda lusa dera preferência quando não exclusividade) o que não deixará de provocar incómodos aos colaboradores com a UPG, principalmente os vinculados ao Partido Comunista Português, PCP, cuja relação orgânica no estado espanhol era a estabelecida com o Partido Comunista Español, PCE, que tentará impedir essa progressão. A presença de Margarita Ledo e o apoio legal facilitado polo novo regime, mesmo com comprazimentos do campo do poder, caso de Avelãs Nunes ou do Governador do Porto na época, Cal Brandão, de origem galega, serão decisivas. Aos poucos meses de chegar, Ledo conduzirá umha emissão periódica semanal do Rádio-Clube Português para a Galiza,

sintonizável desde este território, onde se fazia propaganda política e cultural nacionalista e pró-UPG¹⁰⁵. Este partido, aliás, verá mais garantida a sua atuação clandestina ao ter o suporte e o sustento dos camaradas lusos¹⁰⁶. Nestes meses imprimiram-se em Portugal as “Bases Constitucionais” e o “Programa provisório” da UPG, com apoio, entre outros, do aludido Moutinho, que constituiu em Portugal um Comité de Solidariedade com a Galiza e que verterá para padrão português *O Catecismo do Labrego* nesse mesmo ano, apresentando a versão original em edição auto-dita “bilingüe” (a evidenciar tratarem-se de duas e não dumha mesma língua). Além disto, movimentavam-se atividades solidárias, conjuntamente com Euskadi Ta Askatasuna, ETA e o Partit Socialista d’Alliberament Nacional-Provisional, PSAN (p), e mesmo isoladamente. Essa dinâmica de apoio, reflete-se em comunicados como o publicado em *Terra e Tempo*, órgão da UPG, em novembro de 1974, “A loita en Portugal”¹⁰⁷.

A presença de Ledo e outros militantes em Portugal e os importantes apoios conseguidos pela UPG possibilitarão mesmo a organização dumhas “Xornadas das Letras Galegas” na Universidade do Porto para onde as editoras galegas enviaram pacotes de fundos. Ledo Andión cita (2001) como entidades colaboradoras, além da Universidade, a Cooperativa Árvore¹⁰⁸, a Fundação Gulbenkian, a livraria Leitura e mesmo umha tabacaria de Caminha “onde se vendía a nosa prensa clandestíña”-e, como pessoas importantes para levar a cabo as “Xornadas” Avelãs Nunes, Óscar Lopes, Calvet de Magalhães, Cal Brandão ou Moutinho. Nelas, decorrem um curso sobre a situação galega, apoiado pola Árvore, em que participam Vilas Nogueira e López-Suevos, que apresenta as suas teses de *Cara unha visión crítica da economía galega*, publicado nesse ano na Galiza mutilado pola censura, conhecendo o texto integral, em padrão português, a luz em 1976, na editora Afrontamento, com prefácio de Beiras e apoio da Gulbenkian que arranjava Ledo; e umhas “aulas abertas” sobre a língua e literatura galega conduzidas por Lapa e Coelho¹⁰⁹ (recorria-se,

¹⁰⁵ Era na rádio pública portuguesa, no seio do espaço “O Norte Dia a Dia”, como lembra Margarita Ledo (2001). O programa era conduzido por um jornalista português e por Ledo, até que os protestos do PCE forçaram a retirada do jornalista, invocando que a sua presença podia ser interpretada como um apoio oficial do Governo à UPG.

¹⁰⁶ Também com cartas de solidariedade de intelectuais lusos contra a repressão franquista sobre atividades promovidas pola UPG. Vid., por exemplo, em *Rego* (n.ºs 4-5, Maio de 1975, p. 12) “Carta aberta de traballadores intelectuais portugueses”

¹⁰⁷ Neste número, em que, por sinal, algumas palavras da gíria política lusa são incorporadas, como “palabra de orden”, aparece igualmente o seguinte “Aviso”: “Na cidade de Oporto pódese conqueir prensa democrática galega nas libreirías ‘Leitura’, Rúa José Falção [onde estava ‘Razão Actual’] e ‘Saber’, Rúa Libertade”

¹⁰⁸ Em cujo *Boletim Cultural* Lapa publica “Ainda a recuperação Literária do galego” (n.º 2, 1975, pp. 1 e 7).

¹⁰⁹ A *Colóquio* noticiava assim o evento (p. 101): “Como todos os anos desde 1963, celebrou-se em 17 de Maio de 1975 o Dia das Letras Galegas, tendo desta vez como patrono o poeta Ramón Cabanillas. Ao facto se fez referências durante as 1.ªs Xornadas de Cultura Galega no Porto, promovidas pela Faculdade de Letras e a cooperativa Árvore e realizadas entre 19 e 22 de junho. Nelas se integraram dois colóquios sobre a literatura galega, um com a presença de Jacinto do Prado Coelho, o outro sob a orientação de M. Rodrigues Lapa.” Convém salientar que a revista ‘aceitava’ o “patrono” promovido pola esfera da UPG frente ao da RAG (Pintos), o que prova a

pois, às *auctoritates* académicas e melhor conhecedoras do mundo galego na intelectualidade central portuguesa). Também decorre umha exposição de livros, com apoio da Académica do Porto e intervêm cantores do na altura Movimento Popular da Canción Galega -Emilio Cao, Rodrigo Romaní, Antón Seoane, Xurxo Mares- e passa-se um filme de Carlos Velo, este com apoio do grupo denominado “Dinamização Cultural do MFA”, que paga por exemplo o cartaz elaborado por Xan Casabella.

Dias antes, tivera lugar a apresentação em Portugal da Assembleia Nacional Popular Galega, ANPG, nucleada pola UPG e de que informa largamente o *Diário de Notícias* não sendo incluída “no extenso trabalho do ‘DN’, qualquer referência às semelhanças culturais entre a Galiza e Portugal, ou acerca da hipótese dumha federação ibérica” (Lima 2002: 114-115). Na realidade, Galiza, e mui particularmente as iniciativas e ideias da UPG, contarão com relativa atenção na imprensa portuguesa, na da esquerda sobretudo, em que é regra quase comum a manifestação de desconhecimento dos portugueses a respeito da realidade galega e a invocação dumha unidade cultural e espiritual galego-portuguesa (Lima 2002: 121 ss).

Umha das fundamentais características do PCuG na altura foi o importante acúmulo de energia antes aludido. Este, importante na ação dos agentes vinculados a Galaxia, foi qualitativamente superior na trajetória dos referenciados na UPG, cuja ação cultural tinha um maior grau de heteronomia, e para os quais o PRP supujo um reforçamento da própria atividade e da progressão dos seus repertórios culturais. Aquela energia, aliás, foi umha das maiores geradas no PCuG até à atualidade, em que se elaboraram materiais, normas e modelos hoje vigorantes (a respeito da língua, do relacionamento galego-português, ou da função da literatura) e determina, ainda na atualidade, os olhares e atividades dos agentes de ambos os lados em relação ao outro, sendo ao seu través que em boa medida se estabelece hoje mesmo o quadro relacional. Começam nesta altura a constituir-se ou consolidar-se redes de relação galego-portuguesa, atuantes desde então até à atualidade, que permeabilizam a ótica dessa visão, sobretudo, e com a exceção de Lapa ou Coelho, na direção galego-portuguesa e não ao contrário. A desconexão entre Galaxia e agentes como Lapa ou Coelho, que visam constituir umha rede de relações com capacidade de intervenção no PCuG, que eles mesmos praticam, provocará umha reorientação na sua trajetória, sobretudo no primeiro, que começará a contactar com agentes e grupos que partilham as suas propostas, caso de elementos como J-M Montero ou, pouco tempo depois, do professor universitário Carvalho Calero, quando este se desvincular de Galaxia. Mas, frente ao caso da UPG, a morte de Lapa e Coelho, e a falta de estruturas organizadas por parte destes na altura, ao contrário que no caso da UPG, fará mais dificultosa essa atividade.

debilidade desta e a crescente capacidade de impugnação no campo galeguista por parte daquela.

O campo cultural português constitui um importante sistema recetor, de apoio e retroalimentação¹¹⁰ à atividade galeguista, mesmo produzindo-se umha forte assimetria relacional favorável ao campo galeguista. Essa assimetria produz, sempre para os casos aqui focados (no campo musical as cousas serão mui diferentes), que a transferência de materiais repertoriais ou autores lusos ao campo galego seja praticamente inexistente e que, polo contrário, a Galiza atinja no sistema cultural português, mui especialmente através dos agentes da UPG, umha das maiores vulgarizações desde o final da Guerra Civil Espanhola. A praticamente nula repercussão em plataformas culturais na Galiza da atividade homóloga portuguesa mostra que não existia por parte destes grupos expectativa (e possivelmente conhecimento ou conservadorismo, segundo os casos) sobre ela (isto *versus*, por exemplo, a plataformas do sistema espanhol, como as representadas por revistas como *Ínsula* ou *Cuadernos para el Diálogo*) e que apresentavam um programa repertorial relativamente fechado na altura.

¹¹⁰ Vid., por exemplo, o livro de Roy Rolim, *A oposição em Espanha* (Gleba, Lisboa, 1977), que espelha nas suas entrevistas ao PSDG e à UPG, isto que anotamos.

7 Cultura, cultura galega e mundo lusófono em Valentin Paz-Andrade. Alguns contributos¹¹¹

(para Rosa, marítima, entre camoniana e pessoana)

7.1 Considerações prévias

O historiador é sempre umha parte do que estuda. Não podendo atingir o prístino grau da pureza, deve conformar-se com a consciência da aproximação perene, e com saber que há umha relação inversamente proporcional entre a rigorosa tomada de distância do objeto estudado e o necessário entusiasmo e calor. Ponho um caso referido ao assunto da literatura nacional: I. Chernov advertia que a definição dela é, como atividade *posfactum*, o resultado dumha polémica ideológica, manifestada na valorização que da biografia do escritor, ou do leitor, poda ser feita em confronto com os valores oficiais dum segmento da sociedade ou do seu grupo dirigente; fica assim, acrescenta Chernov, suplantada a reflexão polo preceito político. Parece-me que em boa medida é de aplicação à literatura galega. O historiador, pois, vê-se também ele obrigado a ser *programático*; a intervir como tal no processo de recuperação da palavra silenciada (González Millán, 1992); é parte do sistema.

Em casos como o que nos ocupa mais; porque são tratados assuntos de natureza conflitiva no presente, e o passado relativamente imediato corre então o risco de ser aparecido como umha Patrística ortodoxa, ou como um oráculo de cuja consulta é alcançada a verdade perseguida, quando não previamente desejada. Algo assim acontece com o Galeguismo do pré-guerra. Se, ponho por outro caso, alguém invocar que algumha cousa “já a dixo Castelao”, parece que nesse mesmo instante a discussão deve parar, porque a autoridade convocada é irrefutável. Não é raro costume essa prática. A consequência é, a meu ver, umha

¹¹¹ Este texto foi oferecido em síntese na conferência pronunciada polo autor em maio de 1997 em Vigo, com motivo dos Atos organizados pola AGAL em homenagem a Valentin Paz-Andrade.

permanente parálise no pensamento (e da ação) na vontade de carregar-se de razão por via teológica passadista; e igualmente umha confusão de planos que convida à autossatisfação tanto como impede a evolução. Em definitivo, que ir ao passado à procura de sentenças que podam confirmar o acerto das nossas previsões atuais é umha tentação que acabano esquematismo e cujo idealismo conduz a umha espécie de redenção imaginária.

Se digo isto, é porque a obra de Valentin Paz-Andrade pode ser perspetivada, particularmente polo reintegracionismo, com esta atitude, anulando as razões e as dinâmicas que a justificam, sendo estas o autêntico centro da questão. Só umha hagiografia não chega; é, aliás, contraproducente. Como tampouco avonda umha lista mais ou menos exaustiva de citações estelares. A presente aproximação quer ser, pois, mais do que a apresentação das *evidências reintegracionistas* de Paz-Andrade, umha tentativa de compreendê-las. Um convite (o espaço, de que já abuso demais, não permite umha extensa exposição) para tentar interpretar a sua dinâmica e assim melhor perspetivar a sua génese e desenvolvimento; porque também não acreditamos em biografias que, conhecendo o resultado final, foquem teleologicamente o passado como indefetível preanúncio, do tipo: “já aos cinco anos manifestava a sua vocação jornalística”, quando o biografado jornalista pudo acabar de notário e lendo o jornal só no fim de semana. Por tudo isto decidimos umha exposição cronológica da sua atividade que, não sendo possível acompanhar em todas as suas manifestações, escolhas e objetivos através do tempo e do estado de cousas com que se ía encontrando (a pessoa leitora deverá i-los preenchendo), contribua, ao menos, para apresentar de forma esquemática a constituição e praxe dos seus pensamentos¹¹².

Valentin (seja permitida esta familiaridade prática de quem não o conheceu) é pessoa de vários saberes, complexos ainda mais quando integrados, com a curiosidade e a polifacécia dos renascentistas e a importante capacidade reflexiva e pedagógica procurada polos ilustrados, que ele estudou. *Homo Nós* daquela época em que eram assumidas várias dedicações. Esta valorização quer indiciar a complexidade do entendimento. A de Valentin Paz-Andrade é, penso, umha das biografias mais interessantes por escrever no mundo galego contemporâneo para, assim, podermos completar a visão do homem jornalista galeguista e ativo advogado do pré-guerra, com a do empresário e, sobretudo (polo tema que nos ocupa) a do pensador sobre o destino da identidade e da soberania cultural galegas.

¹¹² Para as considerações sobre a “escrita de biografias” assentamos nas ideias de Pierre Bourdieu em *Raisons pratiques* (1994; particularmente os três primeiros capítulos).

7.2 Produção e conceção cultural de Valentin Paz-Andrade no pré-guerra

7.2.1 Umha ação vasta e pluridimensional

É ingente a produção jornalística de Valentin Paz-Andrade. Basta com revisar os apêndices do seu Epistolário preparados por Portela e Díaz Pardo (1997) para verificá-lo. A essas múltiplas referências poderemos ainda acrescentar outras. Paz-Andrade, com dezoito anos, estava à já do movimento galeguista; investiria os dez céntimos que custava o *Maruxa*¹¹³, “semanario escolar”, onde a dedicação à “Literatura, ciências y artes” era proclamada ao serviço dum “incansable labor de cultura”. Com efeito, o número 4 do semanário dirigido por Marino López Blanco publica umha carta sua que assim o testemunha. A manifestação das suas ideias e impressões através dos meios de comunicação escritos aparece cedo e continuamente. E nelas estão certamente alguns dos assuntos que vertebrarão a sua atividade posterior. Na *Suevia* de Santiago publicará, no número 7, antes da interrupção do semanário, “La inconsciencia política en el agro”; descreverá Combarro para os leitores da revista vanguardista *Vida*, da Corunha (n.º 2 de agosto de 1920); em plena atividade política (pré-)republicana escreverá nas páginas do *Heraldo de Galicia*; manifestará a sua homenagem a Castela em 1932 em *Vanguardia Gallega*, Lugo (n.º 216, 18 junho de 1932), aparecerá como colaborador em projectos como *Ser*, o «semanario gallego de izquierdas», de 1935, que tinha como diretor Suárez Picallo; atento também aos projetos institucionais galeguistas escreverá sobre a RAG e o SEG na *Revista del Centro Gallego* de Montevideo (n.º 143). Da mesma forma é notória nestes anos a sua vinculação com a realidade emigrante de Além Mar. A sua assinatura aparecia não só na *Revista del Centro Gallego* referida, mas também em *Céltiga*, onde, por exemplo, no número 82, publica «En el cincuentenario del poeta Añón», onde salienta que o poeta galego «acogióse a Portugal, donde le fueron propicios el afecto de sus hombres de letras y las variantes del idioma». «En Portugués», acrescenta, «escribió el Himno dos Pobos¹¹⁴». Anos antes, em 1928, escrevera para esta revista, com motivo dos números 85-86 de 25 de julho, dedicados ao Dia da Galiza, o artigo «Miño»

¹¹³ Tempo depois entrará nas Irmandades da Fala; testemunha-o por exemplo Ramón Piñeiro (1991: 89): “O primeiro encontro de Paz Andrade co galeguismo organizado aconteceu na II Asamblea das Irmandades da Fala, que se celebrou en Compostela os días 7, 8 e 9 de novembro de 1919, na que estiveron presentes bastantes rapaces universitarios. Castela, tamén presente na asamblea, foi o encargado de organizar un mitin público no que deberían participar dous estudantes e, con ese motivo, dirixiuse a Valentín para que fose un dos participantes. Foi así como xurdíu entre eles unha relación personal que axiña se transformaría na amizade fraterna que había de durar toda a vida”

¹¹⁴ Este artigo será também objeto de referência no número 34 de *La Gaceta Literaria* de Giménez Caballero (projeto literário de encontro peninsular que muitos galeguistas virom com bons olhos, antes da viragem ideológica deste), através da sua publicação no *El Sol*. É de salientar que Valentin Paz-Andrade era colaborador de *La Gaceta*, onde contribuía para vulgarizar a cultura galega no âmbito peninsular.

(«especial para *Céltiga*» sublinhava a revista) título revelador para a celebração, onde, ao lado dumha fotografia da ponte internacional, os leitores encontravam estes apóstrofes ao rio:

Sutura eterna de dous pobos, que xurdiron da man de Deus, irmáns. [...] Entrégaste ao mar, despois de te revoltar escontra as veleidás da Hestoria. Arrolas con agarimo igual terras que a inxusticia arredou coma se quixeras afirmar a identidade do seu espírito por enriba das transitorias disensións estatales¹¹⁵.

São estas algumas referências gráficas da atividade de Paz-Andrade, pequena amostra de como aquele jovem advogado era cada vez mais conhecido pola sua atividade política e cultural na Galiza de pré-guerra, polo seu labor galeguista e de quais eram alguns dos assuntos que lhe interessavam. É naturalmente impossível aqui sistematizar toda essa tarefa; aparecem, entre outros, textos referidos à construção política do país, ao seu desenvolvimento económico, à questão linguística e cultural, ao relacionamento com Portugal, direções várias e muitas vezes interrelacionadas, de pessoa vinculada a empresas inovadoras e ativas, vanguardistas no campo intelectual¹¹⁶ da altura, o que pode ir apontando-nos elementos definitórios do seu pensamento.

Perante essa impossibilidade, vamos escolher aqui dous momentos diferentes daqueles anos, que podam ajudar à perceção da sua conceção da cultura, da cultura galega e do mundo lusófono. Eles são os anos da sua direção do *Galicia* e alguns artigos publicados em *A Fouce*, na passagem da ditadura para a democracia, já, pois, na década de trinta.

7.2.2 Cultura como ação e dinamismo

Está por fazer a história da(s) conceção/ões e do(s) conceito(s) que de cultura e de cultura galega funcionavam no galeguismo do pré-guerra. Ela explicaria sem dúvida aspetos que hoje aparecem confusos ou revestidos de forte esquematismo, como forneceria dados sobre as estratégias propugnadas e o peso que cada um dava à atividade cultural; e mesmo iluminaria conceções e atitudes presentes. E é que é o próprio conceito de nação o que está em causa e por trás das diferentes tendências. E ela, enfim, permitiria-nos colocar melhor Valentin no panorama cultural e político daquela época de importantes movimentações, em que a sua atividade tanto aparece ligada a clássicos do galeguismo, já centrais, como Castelao, Otero ou Vilar Ponte, como vinculada igualmente a todo o tipo de vanguarda minimamente galeguista, como em *Vida* ou como em

¹¹⁵ Salvo lapso, todos os textos são transcritos fielmente, para assim evitarmos o contínuo *sic*. É conhecida a multiplicidade de formas das várias normas galegas, mas deve indicar-se que a transcrição feita de textos em norma brasileira e portuguesa nos livros de Paz-Andrade não foi, em geral, mui feliz.

¹¹⁶ Utilizamos este conceito sobre a base dos trabalhos sobre o assunto de Pierre Bourdieu, algum dos quais citamos na Bibliografia. Tomamo-los quase só como apontamento e intenção, porque não podemos obviamente aqui nem expor a teoria nem mesmo realizar umha análise da obra de Valentin Paz-Andrade desse ponto de vista com mínimo rigor.

Galicia (Amado Carballo ou Cebreiro, por exemplo), e assim com J. J. Casal ou Francisco Vighi na *Revista del Centro Gallego* de Montevideo, já referida, ou com Álvaro Cunqueiro, Manteiga, Del Riego, Fole, Seoane, Maside, Colmeiro, etc. na revista *Ser*; e isto por dar apenas alguns nomes.

Seja como for, em Valentin Paz-Andrade deduzem-se algumas características que, não sendo absolutamente originais nem exclusivas, sim contribuem para perfilar e singularizar a sua atividade e pensamento. Delas é talvez o seu principal traço a consideração do *cultural* como dinâmico e não como *totum* adquirido e estático. E se modernas aproximações no campo dos estudos literários e culturais têm assinalado que o peso excessivo da Tradição numha cultura é sinónimo do seu estagnamento, Valentin foi um precursor da insurgência contra a cultura entendida como a coleção de objetos-fetiche ou contra umha reducionista consideração essencialista dela. E num contexto onde a primazia do sentimentalismo sobre a racionalidade deriva(va) num desequilíbrio inerme frente à absorção espanholista, é patente na sua ação e pensamento, e já desde os inícios da sua atividade pública, a denúncia do atraso ou atraso em que atitudes desse género colocam essa cultura, permitindo assim a invasão a que o grupo cultural ameaçado está exposto. Se bem será nos anos cinquenta, em *Galicia como tarea*, onde o autor ofereça em extensão e intensão um corpus mais acabado do seu pensamento neste sentido, ele já se manifesta em escritos do pré-guerra, o que nos permite compreender a essa luz a sua obra e ação desde tempos recuados. Com efeito, se surpreendermos a obra de Valentin mesmo em momentos de intensa atividade política e intervencionista poderemos perceber as características assinaladas como feição própria e animadora da sua visão da cultura e ainda da atividade humana. Elas aparecem no discurso “A nosa definición autonomista”, pronunciado, juntamente com os de Otero e Castelao, no Teatro García Barbón de Vigo com motivo da celebração do Dia da Galiza de 1930 e que, organizado polo Grupo Autonomista Galego, foi publicado por *Nós* no mes seguinte¹¹⁷. E são ainda mais nítidas na série de artigos publicados em *A Fouce*, o órgão independentista galego de Buenos Aires ligado à Sociedade Nacionalista Pondal. Escrevia Valentin em 1931, ainda antes de proclamada a Segunda República Espanhola, num deles, publicado no n.º 30 de 1 de abril de 1931, tratando o assunto do ideal como motor da ação galeguista, chamando a superar as atitudes sentimentalistas tendentes a *imaginar-se* mais do que a *fazer-se*:

Os verdadeiros apaixonados de Galicia, han de amal-a d-outro xeito: convertindo o sentimento en ideal, en acción. Facendo do amor unha forza nova e dinámica, limpa

¹¹⁷ Foron discursos como este e actividades em defesa da língua e identidade nacionais as que íam merecendo a admiração dos nacionalistas mas a crítica dura do regionalismo espanholista. No n.º 489 de *Vida Gallega*, nos finais de 1931, em pleno debate sobre a cooficialidade do galego e as eleições a Cortes da República pode ler-se umha dura crítica aos candidatos galeguistas, pronunciando-se a revista de Jaime Solá a favor da oficialidade do espanhol, em comunicado que assina, entre outros, Montero Díaz, e censurando-se noutro artigo os candidatos Castelao, Cabanillas e Paz-Andrade, a normalização linguística que propõem e o caminho separatista que, a seu juízo, estão tomando.

e xenerosa, que atope na loita autonomista o seu cauce fecondo, o seu campo natural d-actuación.

Non é tempo de salayos tenros, nin de cantigas moles; senon de rexos, de craros feitos [...].

Falamos par-os que, sen finximentos, antepoñen a calquera outro ideyal, o de ser cibdadáns conscentes d-un país liberado [...].

Hai, pois, un labor inaprazable, a loita e capacitación a vez, que recrama o esforzo dos homes galegos, Unha xesta hestórica; que non pode ser eludida. Que todos veñan a obra con fé, cheos de azos e optimismo, mais con afán de crear, con inqueda de traballo, con anxeios de facer, aínda que sexa desfacendo.

Con menos sentimento, pr-ó con mais ideial; cambeando a retórica pol-a acción?

Combatia nesse artigo Paz-Andrade, que intitulava significativamente “Sentimento e ideial”:

“Ningún tópicoo tan sobado como o do amor a Galicia. Escoitamol-o a cotío, nos mais deversos tons decramatorios, ora pra matizar sentidas protestas de galeguismo, ora pra encubrir a turba aparencia de accións inustificabes.

D-esa crás de amor a Galicia, pra uso de brandos sentementales e de malabareiros retóricos, queremos denunciar hoxe o que ten de truco inxenuo. Con tud-o amor a Galicia en que andan se derreter xentes tales, ningún positivo ben se recada par-a Terra. Seguirá vivindo Galicia, coma dende fai catro longos séculos, en rexime de colonia, sen concencia esperta pra se rebelar e manumitir. E un amor que arrola, e, pol-o tanto, adurmiña no actual estancamento, na indinidade e na servidume.

A umha conceção, pois, estática, lirista e paralisante, opõe um conceito dinámico da cultura, como instrumento de identidade e comunicación. Isto chega a converter-se em *leiv-motiv* do seu discurso e da sua atividade. E, podendo à primeira vista parecer um tópicoo do galeguismo, na realidade não o é tanto; nem polo que tem de iluminador da sua própria ação, nem mesmo se contrastado com outras formulações galeguistas. Há em Valentin um constante apelo à superação do estado de cousas, fora de qualquer vontade contemplativa, acreditando que só a produção pode tirar a Galiza do seu estagnamento. Num artigo na mesma publicação, dum mês antes, manifesta mais umha vez essa sua sistemática preocupação, censurando a perceção como natural das contingências políticas opressoras:

Os caciques, jora esa!, coñecen ben con que bois labran.

Compren-os pos, os loitadores, os que tratamos d-erguer unha Galiza ceibe, encol das ruiñas da vella Galicia serva, a misión de tirar ó pobo d-aquel espellismo enganador en que aínda vive enfeitizado. El está co poder, sen decatarse de que o poder está n-él. Está co poder, hastr-a cando este dexenere en arbitrariedade y-en treición, como se fora unha forza sobrenatural, contra a que somente cabe que se poñan os tolos.

Temos de acabar con ese “senso reverencial” do mando. Ao pobo ten de revelarselle, alumeando a escuridade calculadora das concencias, que ningunha representación nin poder político e alleo a vountade colectiva, poden eisistir lexitimamente. E que se alguen os usurpa, non é porque unha forza fatal o asisa, senon porque os demás lle deixan (De “A Nosa Terra”¹¹⁸).

¹¹⁸ O título era já revelador: “A suxestión do mando”; *A Fouce*, n.º 29 de 1 de marzo de 1931.

E meses mais tarde, em plena atividade política nacionalista nas Cortes constituintes da República, assinava em Vigo, novembro de 1931¹¹⁹, um outro texto onde insiste na necessária ação e nos perigos da absorção a que antes fazíamos referência; e aparece aí também a dimensão do futuro da cultura, mui por cima de qualquer visão passadista, e trata a Tradição como nutriente, “mais sin cair na superstición das antigas forzas vidales”:

O movemento autonomista loita por lle dar á Galiza a posesión dos seus destiños. Zuga do pasado o celme das decantacións hestóricas, que constituen o fondo tradicional e típico, específico e diferencial dos pobos, mais sin cair na superstición das antigas forzas vidales. Pol-a contra, mais ben se vira cara o porvir, pra ensaiar n-el un novo estilo de vida galega.

Responde, pois, a un pulo restaurador, de rescate integralista, mais sómente como a condición previa de recandramento biolóxico diante os problemas do futuro. É unha xesta creacional a remover vellos conceptos deformadores do ser colectivo, da unidade natural que é Galiza; a desbotar os froitos serodios d-unha cultura de imitanza e d-unha gobernación tutelada [...] ¹²⁰

7.2.3 O jornal *Galicia*: prática cultural e conceção do mundo lusófono

Ora bem, se nestas manifestações mesmo naqueles momentos de encruzilhada (pouco antes, durante e pouco depois da proclamação da República no Estado Espanhol), podemos ver parte do seu pensamento cultural exposto, é para a sua atividade jornalística à frente do jornal *Galicia* para onde teremos que virar para perfilar as bases orientadoras do seu pensamento e atividade ulteriores. E, lido o jornal que ele dirigiu anos antes destes artigos procurando nele a prática das pequenas observações que precedem, bem se percebe que os enunciados de *A Fouce* respondem aos objetivos e concretizações de *Galicia*. Com efeito, quando Valentin Paz-Andrade, jovem advogado de vinte e três anos, assumiu em 1922 primeiro a chefia de redação e imediatamente a direção daquele novo jornal viguense, ia iniciar-se, com ele, umha das plataformas mais ativas dos primeiros anos da década de vinte.

Era o novo diário um projeto do galeguismo progressista, cujo programa resumirá muitos anos mais tarde Paz-Andrade a V. Freixanes (1976: 44):

Independencia política dentro do xogo da democracia; militancia na causa das liberdades e reivindicacións políticas, sociais, económicas e culturais de Galicia; obriga de abordar de cheo a defe dos intereses rexionáis secularmente esquencidos ou aldraxados.

¹¹⁹ O trabalho autonomista de Paz-Andrade cedo tem eco em Portugal. No *Primeiro de Janeiro*, por exemplo, publica o emblemático Primeiro de Dezembro de 1931 o artigo «A demanda autonomista de Galicia», acompanhada dum debuxo de Castelao.

¹²⁰ *A Fouce*, n.º 44, 17 janeiro de 1932.

Acrescentando: “Penso, falando de *Galicia*, que a intelectualidade galega atopou de súpeto unha tribuna nova, de aire europeo, predisposta tanto ao pao coma á loubanza”

A idea surgira de Ernesto Cádiz Vargas, “un señor chileno, cónsul honorário do seu país na capital galega, que viña teimando (e ninguén soupo por qué) na idea de fundar un xornal de información en Vigo. Chamábase don Ernesto de Cádiz Vargas, home despido de toda cobiza política, ao menos tocante a unha terra que non era súa” (44).

A motivación talvez fosse a de ter un jornal que publicitasse as empresas que com ele estavam relacionadas em Vigo. Seja como for:

Cando retornéi a Pontevedra desvencellado xa da obriga e fardamenta militares, o primeiro que fixen foi pór ao corrente da nova aos mestres da miña corda: Alfonso R. Castelao, Antón Lousada Diéguez, Juan Bautista Andrade, etc. Todos atoparon a idea e a oportunidade dinas de ser aproveitadas: víamos a posibilidades dun xornal enteiramente libre ao servicio da nosa terra (...).

E assim foi; sustentado para a captación de noticias no vínculo estabelecido com o famoso jornal progressista madrileno *El Sol*, o periódico reuniu um grupo do mais florido da intelectualidade galeguista do momento¹²¹; e não só dos intelectuais da palavra, porque ali participavam também como colaboradores os debuxantes Castelao, Carlos Maside, Manolo Torres, Álvaro Cebreiro, Fernández Mazas (Dichi) e Huici; fotógrafos como Ksado; e pessoas do bom fazer como Moret na imprensa. No grupo de colaboradores da escrita estavam Antón Vilar Ponte, Risco, Otero, Núñez Búa, Xaime Quintanilla, Ramón Vilar Ponte, Roberto Blanco Torres, Cañizo Gil, Roberto G. Pastoriza, Bernardo Bernárdez, Eloy L. André, Otero Espasandín, Rafael Dieste, Zenitram e Cabanillas, que foi Administrador do jornal.

Foi o seu chefe de redação primeiro Lustres Rivas e depois Blanco Torres.

Da mesma relação de pessoas do jornal é fácil deduzir já umha conceção ativa e progressiva, menos enraizada no lirismo que outras galeguistas coetâneas, mais virada para a novidade; menos saudosa do Passado e da Tradição, mais preocupada com o destino e o papel no futuro. Menos épica também, não ancorada em discursos. Onde a vanguarda galega encontrou um espaço relevante de expressão. Um meio de comunicação, aliás, que vai acreditar mais na capacidade da sociedade civil que na oficial, mais no quotidiano que no

¹²¹ Certamente *Galicia* foi umha experiência singular; encerrado o 15 setembro de 1926, após resistir não poucos ataques, ameaças, censuras e encerramentos da Ditadura, o jornal vendia, como lembra X.-X. S.C. (Xoán Xosé Santamaría Conde in *Enciclopedia Gallega*, vol. 24, p. 90, Silverio Cañada, editor) 12.000 exemplares, só superado polos 15.000 do *El Faro e La Voz*. “Frente a *El Pueblo Gallego* de Portela Valladares y el *Faro de Vigo*, los dos importantes vigueses, surge *Galicia* como alternativa liberal y democrática desarrollada muy activamente a pesar de su corta vida”; refere X.-X. S.-C.

espetacular. Nesse conceito dinâmico e ativo, reflexivo e não passadista, insere-se o jornal *Galicia*.

E nele vai ter espaço também um dos maiores labores de dimensionamento e intercâmbio do mundo lusófono, mais particularmente o português, daqueles anos. Essa vocação integradora nem será circunstancial nem, tendo na criação literária um dos seus eixos, ficará por umha aproximação puramente estética. Olhando no seu conjunto as notícias da Galiza, do Estado e de Portugal, é perceptível a normalidade com que as relações luso-galaicas querem ser estabelecidas: em quantidade e em qualidade. Era a comunicação o que os preocupava. E assim haverá polo menos um correspondente habitual desde Lisboa (tarefa que desenvolveu Alejo Carrera, pontareano eminente da emigração galega na capital lusa, e que já desde bastantes anos atrás vinha exercendo esse labor mediador entre a sua terra de origem e de adoção). Já desde o número 1, de 25 de julho de 1922, *Galicia. Diario de Vigo* informa os seus leitores de assuntos portugueses, com notícias datadas em Tui e Lisboa. Para além deste tipo de notícias, *Galicia* estará atenta a toda a presença cultural ou recreativa em terra galega vinda de Portugal, ou ao contrário; a todo o que considere exercício prático e ativo de conhecimento. Assim, por exemplo, em maio de 1923 informam da gira galega da agrupação Portugália e nos números 426 e 427 de 1924 noticiam a viagem da tuna do Porto pola Corunha, Compostela e Ponte Vedra. Também atividades singulares do “lado de lá” importam: o raid Lisboa-Macau merecerá o destaque no jornal viguês do dia 28 de junho (n.º 546), ilustrado com fotografias de Brito Paes e Sarmiento Beires e Gouveia. Enfim, são estas pequenas amostras de “crônicas de sociedade” testemunhos dum interesse endereçado a todas as esferas do noticiável que tivessem a ver com o mundo luso.

No entanto, eram notícias de índole económica e política as mais habituais, e sobretudo as referidas a vida cultural portuguesa, que não raro ocupavam a primeira página e ainda o principal titular. Entre elas destacam as que informam das mortes de Guerra Junqueiro e de Teófilo Braga, ocorridas em menos dum ano, dous “clássicos” da literatura e o pensamento portugueses, e de grande importância referencial para a Galiza, que ocuparão não apenas o lugar principal mas varios números subsequentes.

A morte de Guerra Junqueiro merecerá mesmo um artigo em primeira a duas colunas de Lustres Rivas em julho de 23, “Remembranza de Guerra Junqueiro”, no número 298, onde com efeito rememora o redator-chefe o seu encontro com o poeta luso num restaurante do Porto, que afirma nunca esquecerá, e desenha um sentido elogio ao escritor, “todo apostólico era el bardo, todo genial era el Genio”.

Meses mais tarde, o 30 de janeiro de 1924, *Galicia* fará-se eco doutro acontecimento luctuoso para a cultura portuguesa e galega: “Ha muerto el sabio polígrafo Teófilo Braga”, intitula a três colunas na primeira do número 467, que começa assim:

Ha caído uno de los robles más recios y frondosos de la nación portuguesa. Teófilo Braga no era sólo uno de los valores más acendrados y culminantes, un índice del fastuoso florecimiento intelectual de la República portuguesa en estos últimos lustros; era un precursor, uno de los precursores más prestigiosos y aureolados por la llama de su talento y de sus virtudes patricias; era el maestro de una juventud que es hoy la avanzada espiritual del pueblo lusitano, el caudillo y el guía de una legión de hombres que sienten como pocos la voz de sus antepasados y los destinos futuros de su país, en cuyo engrandecimiento están vinculadas las más aquilatadas y luminosas mentalidades del país hermano.

Percebe-se no tom da crónica umha rendida admiração polo intelectual luso, aproximado ainda mais da Galiza com qualificativos como o de precursor, nome como sabemos reservado aos primeiros galeguistas de quem, aliás, Teófilo fora amigo. Esse mesmo tom continua noutros parágrafos:

A Braga le sorprende la muerte cuando de su saber y de su amor a la cultura patria esperaba Portugal óptimos frutos. Pero ya le había dado cuanto un hombre superior puede dar a su tierra y a su tiempo. En su obra admirable, como en su propia vida, que fué una correspondencia ejecutoria bajo los pliegues de una noble bandera, está el mejor elogio y el epitafio más honroso para una memoria veneranda e inmortal¹²².

E, finalmente, o jornal lembra os contributos de Braga para a cultura galega:

Galicia siente también como una pérdida propia la muerte de este eximio repúblico que, al enaltecer con un fulgor extraordinario las letras de su país, trajo también al acervo de nuestra cultura y de nuestro resurgimiento literario una llamarada de su espíritu.

Se este era o teor para os mortos ilustres lusos, essa mesma admiração e elogio nota-se com os vivos, nomeadamente com Teixeira de Pascoaes. A aparição deste poeta, símbolo para o galeguismo da irmandade com Portugal, nas páginas de *Galicia* sempre merecerá rendidas palavras. O jornal pede várias vezes a colaboração expressa do poeta de *Marános*¹²², e cada correspondência dele é posta em destaque. Assim, na comemoração do 25 de julho de 1924 o

¹²² Transcrevem-se a seguir duas cartas a Teixeira de Pascoaes do redator-chefe de *Galicia*, Blanco Torres, sempre com o timbre do jornal:

“Vigo, 17-agosto 1924

Meu admirado poeta e ilustre amigo:

Pol-o noso gran colaborador [??namorador] Paco Luis Bernárdez foime entregado, como un presente honrosísimo, o seu retrato que gardarei cal unha xoya preciosísima. Ningunha causa podería envanecerme tanto como ter entr’as miñas reliquias mellores a vera efixie do mais grande poeta do Portugal irmán a quen tanto admiro.

Reciba o mais fondo agradecimento e a eispresión da miña amizade e veneración Roberto Blanco Torres”

“Vigo, 17 de xulio de 1925:

Meu querido e admirado amigo: O próisimo día 25 publicará *Galicia* unha edición estraordinaria conmemorando a data da súa saída e o “día de Galicia.” Queremos que n-este número se reúnan nomes ilustres i-escrarecidos. ¿Quere V. facernos o regalo d-unhas liñas súas? Ficaríamoss-ille muito abrigados.

Saúdao con gran afeuto e repútase seu cordialmente RBT”

lugar central e superior da página literária é ocupado pelo título “El poeta de Portugal a Galicia”, com dous poemas, “A Onda” e “A Minha Musa” antecedidos do seguinte texto:

Amigo e confrade:

Felecitando-o pelo segundo aniversario de GALICIA, que é un jornal da «minha terra» pelo muito que a amo, envio-lhe alguns pobres versos; o melhor que posuo n’este momento. Espero que me perdóe a pequenez da oferta.

Confrade muito amigo e agradecido

Nos emblemáticos 25 de julho a presença lusa era ampla e significativa. De facto, nalgum caso como o de 1925, já a Ditadura primorriverista perfeitamente instalada, as únicas palavras que aparecem em (galego-)português na primeira página são de escritores lusos. Com efeito; e acompanhados dum «editorial», intitulado «Patria Nueva» e sob o rótulo habitual de «Los hechos y los días», em que é denunciada a perseguição a que o jornal de Vigo é submetido e promete-se continuar no labor liberal e galeguista, aparecem textos de Júlio Dantas, Leonardo Coimbra e, claro, Teixeira de Pascoaes. De Dantas aparece o poema «A Rainha Santa», onde o português fala da peregrinação a Santiago, ao «Chão sagrado da Galiza» de Dona Isabel de Aragão, rainha de Portugal. O texto do professor universitário Leonardo Coimbra, o «filósofo do Saudosismo» com fortes vínculos galeguistas, datado três dias antes no Porto, trata da «Galiza, terra da Saudade», texto eminentemente lírico, onde sobranceia o canto à unidade espiritual galego-portuguesa e à «Santa Rosalia» como farol dela. Por sua vez, Teixeira de Pascoaes fazia «O regalo d-unhas liñas súas» (vid. carta segunda de Blanco Torres, nota 122 deste volume) que o jornal intitula «TEIXEIRA DE PASCOAES A «GALICIA»:

El eminente poeta lusitano nos envía la siguiente hermosa carta: Amarante, 18 de Julio 1925

Sr. D. Roberto Blanco Torres.

Querido amigo e confrade:

Venho felecitá-lo, com o maior entusiasmo, pela comemoração da data de nascimento do GALICIA, jornal que eu tanto amo e admiro.

Venho felecitá-lo a si, ao ilustre director e a todos os colaboradores.

GALICIA é um diario superiormente escrito, defendendo as mais nobres ideias e encarando admiravelmente o espirito da raça galega -esse espirito que é uma das minhas Divindades. Sabe quanto adoro e admiro a Galiza. Não é ela mãe de Portugal? E a Galiza que principia o Moráo [sic], erguido, ao longe, em frente da minha janela, como o templo grandioso da Saudade. Da Galiza veiu Camóes; e é para a Galiza maternal que dirijo sempre os meus olhos de filho amoroso e obediente.

Já ve, meu querido confrade, o entusiasmo com que o felecito n’este dia e a todos os meus irmãos galegos.

Um grande e saudoso abraço de TEIXEIRA DE PASCOAES».

A presença da poesia portuguesa é mesmo alta na vida do meio viguês; desde os clássicos como Camões até vanguardistas como Júlio Valflor, a nova poesia portuguesa tem um amplo espaço consoante a orientação do jornal passando por outros nomes de grande relevo na altura como o poeta simbolista Eugénio de Castro.

Toda esta multifacécia que vai caracterizando o relacionamento galego-português em *Galicia* vê-se ainda coroada por comentários e mesmo alguma editorial do jornal dedicadas também ao relacionamento (onde é plausível pensarmos na mão direta de Valentin ou com a colaboração do seu redator-chefe). É o caso da aparecida no primeiro 10 de junho da publicação de 1923, data denominada o “Dia de Camões”, no número 273. Leva esse editorial por título “Lusitania y Galicia. Abrazo de Almas”, inserido na primeira página. Transcrevemo-lo na íntegra, sem mais comentários que o de fazer notar como a coluna vertebral do pensamento de Paz-Andrade que vimos tentando analisar aparece aqui em plenitude, referida a dimensão externa da cultura galega, e o acréscimo de indicar que nessa primeira página é noticiada a excursão que o Casino de Vigo organiza a Viana do Castelo:

Con íntimo alborozo, con hondo amor cordial, venimos recogiendo y glosando en estas columnas cuantas manifestaciones de intercambio espiritual y afectivo se registran entre la tierra de Camoens y la tierra de Rosalía.

Felizmente, los nuevos tiempos, las etapas que vivimos las generaciones novecentistas, parecen orientarse hacia una compenetración fecunda y vindicadora de funestos y artificiosos divorción (sic por *divorcios*), que crearon viejos azares dinásticos y que han de deshacer futuras revisiones históricas [...]

Este creciente movimiento bilateral de familiarización luso-galaica, fomentado y mantenido, ora por la visita a nuestras ciudades de colectividades artísticas y deportivas de la nación hermana, ora por la correspondencia de entidades nuestras organizando excursiones como la que hoy envía Vigo, ora con la desinteresada colaboración del intelectualismo, abre sobre el borde común del Atlántico, un horizonte luminoso para el porvenir del Occidente ibérico.

Y lo más confortador y simpático de todo este movimiento, es que vive en la ausencia de toda acción oficial, sin la intervención, casi siempre interesada y desnaturalizada, del profesionalismo gubernamental. El alma popular alienta el ansia viva de la amistad luso-galaica, y cuando en uno u otro pueblo se produce una manifestación del genio racial con efectos de universalización, es en la entraña de la raza, en los elementos populares, donde mejor se siente y se comprende.

Por eso es hoy motivo de honra para nosotros que Vigo colabore a esta gran empresa, asociándose a la celebración de una gloriosa efemérides lusitana. Nuestra ciudad, por imperativos geográficos, tiene acaso reservado un puesto de vanguardia en las futuras gestas atlánticas, que han de servir para el alumbramiento de nuevas culturas nacionales.

Bueno es que se vaya preparando para el advenimiento de esas jornadas el espíritu de las gentes. El alma gallega y el alma lusitana -almas hermanas, almas gemelas-comienzan a comunicarse.

El mismo conocimiento ha aventado ya de ellas antiguas suspicacias e injustificados recelos, para trocarlos en recíproca admiración para las glorias de ambos pueblos.

¡Que ese abrazo espiritual de Portugal y de Galicia se haga cada día más fuerte y sea cada día más fecundo!

A/O nossa/o mui paciente leitor/a encontrará noutros escritos posteriores de Valentin retrincos deste fato com que o galeguista foi trajando o seu pensamento.

Na qualidade de pessoa na cultura pertencente ao mundo nacionalista galego de pré-guerra a vocação reintegracionista constituía em Valentin Paz-Andrade umha das suas feições características. De facto, podemos acrescentar, não

se arreda da prática comum e mesmo do sentido e tom orientador do discurso dominante no nacionalismo sobre Portugal e o mundo lusófono. Ainda assim, muitos anos mais tarde, Paz-Andrade procederá à elaboração dum quadro, reflexivo e programático ao mesmo tempo, sobre o assunto, que os seus primeiros anos de produção intelectual contribuem a interpretar, mas cuja especificidade não é possível entender minimamente sem atender à sua trajetória neste campo e aos conceitos que sobre cultura e cultura galega irá dando à luz. Isso será muitos anos passados da Guerra Civil.

7.3 O após-Guerra Civil: elaboração do corpus conceitual

7.3.1 *Galicia como tarea*

As consequências da Guerra Civil são em geral conhecidas. Entre elas, para o caso que nos ocupa, está a parálise da ação política na Galiza e a impossibilidade de praticar minimamente as ideias de anos antes. Do ponto de vista da reflexão e da produção política, económica, social, cultural, houve um silêncio grande, apenas alterado em parte pelo *Sempre en Galiza* e alguns outros escritos. Essa situação prolongou-se durante largos anos. E nessa precariedade dos anos cinquenta em que *Galicia como tarea*¹²³ surge como a formulação do que a juízo de Paz-Andrade deve ser a reorientação do esforço cultural, título este do terceiro capítulo. E é aí onde podemos assistir à mais extensa e acabada síntese do que para o antigo diretor de *Galicia* é a cultura, neste caso a cultura galega. Em *Galicia como tarea*, vai apresentar, enfim, um corpus teórico e reflexivo que se relaciona com a prática que verificavam as atividades anteriores, mas que nunca tinha sido assim teorizada. Não era este aliás um facto insólito: repare-se que *Sempre en Galiza* é tanto expressão teórica dum nacionalismo do pré-guerra (quando já a guerra tinha acabado), como manifestação dos poucos corpora com suficiente profundidade e desenvolvimento que o galeguismo daquela altura produziu. Certamente, se os tempos passados foram predominantemente tempos de ação, parece a conjuntura agora mover a (e apenas permitir) aspetos programáticos do que se espera seja a ação futura durante e sobretudo depois do regime ditatorial. Desconhecemos até que extremo a atividade profissional que desenvolvia nesses anos conduziu Valentin a este livro. Pensamos no entanto que ela tivo que ser pelo menos condicionante. Paz-Andrade desenvolvia desde anos antes umha intensa atividade de assessoramento no âmbito da FAO relacionada com questões pesqueiras; a sua preocupação pelo desenvolvimento da atividade pesqueira e pelo futuro económico da Galiza eram patentes em *Producción y fluctuación de las pesquerías*

¹²³ Ediciones Galicia, Centro Gallego de Buenos Aires, 1959. O livro publica-se em Buenos Aires, entre outras razões, porque há ali umha editora disposta a isso, com a que Valentin entrara em contato diretamente já anos antes, aquando da sua estadia por terras sulamericanas.

(Madrid, 1954) e *El sistema económico de la pesca en Galicia* (1958, Buenos Aires). Anos antes também, em 1954, fora o autor do primeiro tratado que se publicou no mundo sobre *Principios de Economía pesquera* (FAO, Santiago de Chile, 1954), como lembra X.-X. S. C. na *Enciclopedia Gallega*.

Pois bem, *Galicia como tarea* inclui estas preocupações e, levado polo conceito de cultura que aqui ele mesmo manifestará, não vai negligenciar, ao lado da atenção ao desenvolvemento social e económico da Galiza, a sua vertente cultural. Mais: como veremos, não julgará alheia à cultura a vida socioeconómica da nação. E será também em termos de proceso e de progreso que encare a problemática cultural; cultura pois, “como proceso, antes que como estructura, si bien entre ambas formas del mismo ente exista una trabazón sustancial”.

Cultura dinámica, então; criativa. Esse precisamente é o título dum dos parágrafos do livro. E afirmando com Hocart que “el elemento individual de cada uno de nosotros es muy pequeño comparado con el tradicional”, acrescenta:

Acaso por la misma desproporción, la tradición se convierta a veces en el lastre histórico de la cultura desfasada. A lo largo de las edades, va sedimentando en el fondo nutricional de la memoria colectiva la experiencia perpetuable de la comunidad. Si este acarreo secular no se renueva, puede llegar a cegarse el curso vivo de la producción cultural”.

Aun sin llegar a la exhaustividad, pueden producirse situaciones equivalentes. Basta que el movimiento entre en las vías muertas del estancamiento, la insularidad mental, la imitación o la desviación de las esencias creadoras del progreso humano. Por algo se trata de un ‘sistema de comunicación intelectual adaptado a los fines de la sociedad’. Y no de la sociedad en general, sino de aquella a que la cultura pertenece. De otro modo, las facultades de recepción anularán a las de creación, y se hará mínimo el beneficio social resultante.

Olhar para atrás, mas sobretudo para adiante é o seu intuito (p. 129). Dinâmica, criação, renovação, palavras de ordem; renovação em tempos onde era habitual muitos considerarem que o Antigo era sinónimo de único genuíno; e só esse “único genuíno” era galego; onde se afirmava que a morte dum velho era a morte dum tesouro irreparável; a caminho de formar um povo de pasmados diante do passado, opondo costas ao próprio futuro enquanto o alheio entrava por todas as partes e fendas. De novo, Paz-Andrade:

[...] No es el camino recorrido el que ahora nos proponemos recorrer. No ha de tentarnos aquí el incentivo de la exégesis. Ni el sentido reconsagradorio de lo que fuimos, desde que los celtas poblaron la esquina más occidental del continente ario, el que ahora habrá de inspirarnos. Tampoco se trata de posponer los valores permanentes que prestigian nuestra tradición cultural. Más bien de utilizarlos como índices de la vitalidad del país en cuanto la exposición exija apoyaturas testimoniales, sin caer en el gozo de la pura retrospectión.

Más que volver la mirada al pasado, quisiéramos referirnos al presente. Y tratarlo como una operación en vivo. No como mero repaso de los tópicos conspicuos. Por eso, más que la revisión de los orígenes a través de los signos epigráficos, la impronta de Roma sobre el macizo galaico-duriense, la rebelión gnóstica decapitada por el hachazo de Tréveris, el movimiento de transculturación europea en torno al Sepulcro de Santiago, el auge gallego del románico y la escasa expansión del gótico, la guerra de

la hoz de Rui Xordo por la liberación campesina, la alborada lírico-popular que clarea en los Cancioneros galaico-portugueses, la ondulación dulce y turgente del barroco sobre los granitos sagrados, o la restauración de la conciencia de unidad cultural con la generación de los Precursores ... nos interesa en este trance la actualización del problema total. Su replanteo en términos de más palpitante e imperioso realismo. Con un propósito distinto al que ya puede considerarse cumplido, más brillantemente, por otros. Con el propósito de comprender, más que de ilustrar, el tema de la cultura gallega (128-129).

“Con un propósito distinto al que ya puede considerarse cumplido”, “comprender más que ilustrar”; é desse ponto de vista, realmente inovador no galeguismo, e nestes termos, da mesma maneira originais, que Paz-Andrade analisa o conflito cultural galego.

A cultura, a cultura galega, não é então e como consequência umha contínua representação dos valores assinalados pola Tradição como essenciais. A ancilosada e preponderante conceção essencialista da cultura, encontra em Paz-Andrade umha reformulação drástica, onde o Passado é conjunto patrimonial só atuante quando integrado no processo cultural e assim concebido; o que para nada significa menosprezo ou indiferença pola cultura popular; polo contrário, ela é a garantia da genuinidade e identidade da cultura dum povo no seu conjunto: “Toda alta cultura debe coexistir con una cultura popular. Sin la segunda, por mucha calidad que la primera conquiste, será pura especulación” (p 161).

Daí se deduz, para o intelectual ou para o criador, um duplo papel: o de mediador entre a Tradição e a Comunidade, e o de inovador sobre esa Tradição. Curiosamente, na biografia de Valentin, em pensamento e obra, encontramos múltiplas provas desse empenho. A sua atenção, por exemplo à Ilustração galega, a biografia de Castelao, e as contínuas referências à história da Galiza evidenciam esse intuito transmissor. Por outro lado, o labor de ação-inovação patenteia-se na sua própria atividade profissional, cultural, linguística e literária, e, veremos-lo, no seu mui particular atendimento ao mundo lusófono.

Há ainda mais umha vertente em que o pensamento de Paz-Andrade sobre a cultura apresenta umha importante inovação, num ánimo integrador e globalizador da comunidade, neste caso a galega. É o referido à definição de que seja a cultura quanto ao seu âmbito. Para o pensador galego, a cultura não é apenas a produção de objetos *artísticos*, nem a sua coleção mas um sistema complexo interrelacionado com a dinâmica social, política e económica dessa comunidade; o que contribui a fixar, em suas palavras, o seu *o logos específico*, um sistema de expressão próprio, que, a seu juízo, é constituído na Galiza nos primórdios da Idade Média.

Ninguno de los avatares del *homo galaicus* puede ser considerarse indiferente al esfuerzo cultural del país.

Por consiguiente, todos los problemas relativos a la existencia gallega y de los medios en que se desenvuelve, deben nutrir en primer término la actividad cultural. Así los problemas en que juegan los factores formativos, como los que condicionan la

suerte próspera o adversa de la población por imperativo de cualquier determinismo económico (133).

Umha consideração da política, da sociedade e da economia vinculadas ao *ser cultura*, onde a língua joga um papel preponderante (p. 146)

7.3.2 A “dimensão externa”: a lusofonia

E ainda há mais: dumha consideração da cultura como comunicação, como dinâmica frente ao estatismo, ciente das origens mas em contínua recriação frente a qualquer sorte de essencialismo, os elementos culturais, particularmente o *legado cultural*, não são monológicos; não são elementos dados e indiscutíveis, puramente épicos, mas elementos de diálogo. Um diálogo que se estabelece por sua vez numha dupla direção: a que sustentam os indivíduos dumha comunidade entre si (*interna*), e a que sustenta essa comunidade no seu conjunto, através dos mais variados agentes, com o mundo (*externa*); a cultura como possibilidade e maneira de relacionar-se com o outro, chave mesmo do Estado Espanhol com o mundo Latino-americano no seu conjunto, argumentará Valentin como vinteito anos antes fizera Castelao nas Cortes Republicanas (p. 147)¹²⁴.

Galiza não é, então, essência apenas, mas muito principalmente dinâmica; não é pura produção artística mas complexo sistema interrelacionado com outros; não é simples veículo de consumo interno, mas necessário diálogo internacional. É, a partir de aqui, desta perspectiva da cultura e da cultura galega, onde aparece o mundo lusófono e todas as peças se encaixam: ciente da especificidade cultural galaica, ciente das possibilidades da sua dimensão internacional, a obra de Paz-Andrade vai constituindo, desde as suas origens como diretor do *Galicia* até o seu livro *Galiza lavra a sua imagen um totum* coerente desfrutando dessas possibilidades e visando esses objetivos, não, então, com a congruência que deriva dum pobre catecismo, mas com a coerência feita derivar da solidez conceitual, da abertura sensitiva e da confiança nutricional.

Com toda essa bagagem reflexiva a que aludíamos, e não com umha simples palavra de ordem, conforma Valentin a sua presença no mundo lusófono. É por isso que ela, não sendo totalmente original, é particularmente singular; inserida na tradição galeguista moderna de há mais dum século, mostra-se surpreendentemente nova e inovadora. E, em minha opinião, quem ler Paz-Andrade

¹²⁴ Castelao, “Proyecto de Constitución”, 18 de setembro de 1931:

“Pero aun hay más: con la dignificación de nuestra Lengua logramos quizá o nos acercamos a realizar el gran hecho histórico: la compenetración ibérica que todos anhelamos; porque tengo que recordaros, Sres. Diputados, que el galaico portugués es hablado por unos 40 millones de personas; es preciso decir que es el último lazo que une a España con Portugal. Se habla muchas veces de una Confederación ibérica como bella ilusión; pero es preciso decir que no hay más que una puerta por donde España pueda comunicar con Portugal”. In *Discursos Parlamentarios*, O Castro, A Coruña; ed. de X. L. García.

com alguma atenção, cedo pode captar que há ali um galego que fala desde a Galiza inserido com total naturalidade na dimensão internacional galego-luso-afro-brasileira. Com efeito, percorrer a obra de Valentin revela esse dado substantivo, cuja aparente obviedade não deve deixá-lo passar despercebido: o *homo culturalis* que é Valentin, e que Valentin propõe, que fala desde a Galiza, implica necessariamente falar desde o mundo lusófono; desde e num sistema intercultural que se constitui em património, veículo e interlocução em vários países do mundo. Não é o seu um *estar* fora; não ao lado; não, muito menos, de costas; é um *estar em e desde o sistema intercultural lusófono*¹²⁵

Nas páginas de *Galicia como tarea*, e após um breve excuro pela História da Galiza e a sua língua, em que afirma que a monarquia de Afonso Henriques, “había de asegurar definitivamente el porvenir del idioma. La corte hizo suya el habla del pueblo”; e repassa brevemente o seu decorrer, renova a doutrina histórica do galeguismo: “De este modo, el destino histórico de la lengua gallega no se ha frustrado, pero quedó escindido. Su supervivencia, expansión geográfica y apogeo como lengua literaria, oficial e imperial, resultaron asegurados por la secesión y subsiguiente independencia de la Lusitania en el siglo XII”

Mas não apenas é o mundo português que ocupa o seu interesse. É mui especialmente o âmbito brasileiro onde ele vê o futuro promissor de “el idioma de Camões y Rosalía”. Sobre o potencial do Brasil afirma:

Basta tener presente el índice de acelerado crecimiento demográfico y económico del Brasil y valorar su porvenir como potencia mundial.

Imperativos de orden económico y cultural, le abrirán cada día mayores cauces para el intercambio, en los países anglo-sajones. Tiene, por tanto, brillantemente asegurado su destino entre los grandes idiomas atlánticos.

Aí não esquece Paz-Andrade, para vencer inércias fruto de séculos de complexo, comentar aspetos relacionados com o pragmatismo e as possibilidades que enunciava, a que adiante nos referiremos. Neste sentido, e tratando da superior importância que concedia à dimensão internacional da língua, comentava (139 ss.):

La jerarquía de un idioma no depende solamente de lo que fué a través de las edades. También proviene de su utilidad presente.

[...]

Tampoco depende esa jerarquía de la mayor identidad formal entre la rama originaria y la más evolucionada y extensa. Puesto que las diferencias de fonación y grafía no constituyen obstáculo grave para el recíproco entendimiento, la eficiencia del sistema en su conjunto debe considerarse plena. Y en su doble alcance funcional: como medio de comunicación y como instrumento de creación cultural.

¹²⁵ Entendemos o conceito de sistema intercultural a partir da noção de sistema interliterário de Naftoli Bassel (áreas internacionais que partilham espaços linguísticos, étnicos ou políticos comuns, cujos elementos neles se revêem), sustentado por sua vez no de polissistema no sentido que Even-Zohar o utiliza (Even-Zohar, 1990): rede de produtores, consumidores, produtos, instituições, mercados, repertórios que configuram a vida literária.

E combatendo igualmente as ideas que aínda circulavam sobre a “condição vernacular” do galego, somava:

Que el mismo idioma se module con distinto acento y hasta con un cierto número de palabras y giros se pronuncien o construyan de manera diferente en Galicia, Portugal y Brasil, tiene una importancia secundaria. Nunca podrá explicar satisfactoriamente la desconexión práctica entre la rama galaica y la lusa, del idioma común. Y mucho menos, la orientación del problema, cerrando sus perspectivas dentro del marco regional y el concepto vernacular del idioma.

También la Unesco, en una reciente reunión de especialistas, ha establecido la definición en vigor de la “lengua vernácula”:

Es la lengua materna de un grupo dominado social o políticamente por otro que habla una lengua diferente. No consideramos vernácula la lengua de una minoría de un país *cuando es la lengua oficial de otro país* [sublinhado de V. P-A.].

Por tanto, no puede parecer razonable cualquier tendencia que reduzca el problema a la rehabilitación literaria de una lengua retardada en su forma escrita, haciendo caso omiso, o poco menos, de la evolución que experiment  durante siglos de uso múltiple y pleno, fuera del área de origen. Mucho más constructiva sería la tendencia a la asimilación de las voces necesarias, cuyo uso es normal en la otra rama del mismo árbol ling stico.

Foi esta, nota-se nos seus escritos, umha das preocupa es mais relevantes na obra de Valentin: a de que a Galiza daquele seu presente e do futuro devia p r de parte com urg ncia o que ele percebia como ensimesmamento, o sentimentalismo como único modo de conhecimento, como perigosíssima tendência para a resigna o de quem s  (mal-)vive no complexo e na secundariza o, e tender ao reintegracionismo com o restante domínio lusófono. Podemos agora sintetizar como Paz-Andrade, quer no terreno da investiga o e do ensaio, quer no da crítica artística ou na cria o literária (como adiante veremos), e ainda no do jornalismo, manifesta tr s caraterísticas fundamentais para a sua exegese no mundo lusófono que   objeto desta aproxima o:

- a de assumir(-se) (n)umha Tradi o¹²⁶ e (n)um espaço cultural referencial que   da lusofonia.
- a de desenvolver um papel de mediador entre os diferentes  mbitos lusófonos, facilitando a interferência entre eles, entendida a interferência como a comunica o entre dous ou mais sistemas culturais.
- a da procura da inova o dentro desse espaço.

¹²⁶ Este aspeto, de capital importância para a sobrevivência dumha cultura como a galega, mereceria de seu umha aten o que aqui não pode ser fornecida. Digamos apenas que um sistema cultural   constituído por Tradi o, Produ o e Importa o de elementos culturais (Lambert, vid. Bibliografia), cuja propor o e peso determinam em cada momento o estado desse sistema. No caso galego, cuja Tradi o culta  , em língua autóctone, inexistente desde os finais do Medievo até ao século XIX, o recurso de tomar como própria a Tradi o ling stica, literária, artística, cultural em geral portuguesa e lusófona,   para alguns galeguistas determinante como substituto daquela que conforma o seu referente de oposi o: a Tradi o espanhola.

Um corolário

Pouco depois desta *Galicia como tarefa* publica um artigo em *La Voz de Galicia* (7-2-60) em que foca exclusivamente o assunto linguístico e cultural, vertebrando com elementos novos os seus argumentos. «La proyección espacial y etnológica de la lengua galaico-lusitana» é o título, algumas das suas palavras passando a ser recorrentes em trabalhos ulteriores. Porque neste, de não mais de três páginas, estão não todas as propostas, mas sim todas as bases do seu pensamento sobre a normalização cultural galega: a de, sendo o mundo lusófono o espaço talvez mais heterogêneo do mundo, o vínculo da língua comum oferece o uso e desfrute de riquezas culturais de todo o tipo; a extraordinária dimensão do fenómeno, nascido à margem do poder político; o papel preponderante presente e sobretudo futuro do Brasil; as possibilidades que entende abrirem-se à Galiza se inserida nesse espaço cultural; o seu papel de chave entre o mundo hispanófono e o lusófono. Aparentemente, as mesmas ideias que apontara em *Galicia como tarefa*.

Mas, então, o que motiva esse artigo? De princípio, a diferença é de «género», entre um artigo e um livro. *Galicia como tarefa* era um texto destinado à legitimação do galego e à sua reabilitação, no conjunto dumha mais ampla reflexão sobre aspetos sociais e económicos; era ademais um texto, publicado em Buenos Aires, surgido das conferências que em Sul-América ditara nos finais dos anos cinquenta; sendo um texto de propostas, era sobretudo um texto de estudo; um livro a que, como tal, é inerente a demora e a reflexão; o meio e o longo prazo; não um artigo em jornal que pretende a intervenção pola sua própria imediatez.

Mas não só. Em «La proyección espacial...» é sobretudo novidoso o peso dado ao valor da heterogeneidade do espaço lusófono e, como consequência, ao valor comunicacional direto que a língua permite. Dizemos ‘direto’ porque talvez essa seja a chave para entender este artigo de Valentin, que desde a Guerra Civil nunca se tinha referido de maneira expressa e explícita ao espinhento (sem dúvida polas circunstâncias pessoais e políticas) problema do idioma. Será precisamente o contato com a população brasileira o que determina a paixão que o artigo manifesta. Certamente, Paz-Andrade já conhecera brasileiros na Galiza, como Guilherme de Almeida, e tinha viajado ao País de Ultramar em 1950 e, naturalmente, em 1957, em que dita as conferências que darão corpo a *Galicia como tarefa*. Mas, ao que parece; nunca tinha experimentado a possibilidade de que «un labrador de Castroverde pueda dialogar con un ‘facendeiro’ de Río Grande do Sul; que un minero de Silleda pueda entenderse directamente con un ‘garimpeiro’ de diamantes en Corguiño ou en Rochedo (Matto Grosso); una pescantina del Berbés de Vigo o del Muro de La Coruña, con una ‘varina’ de Peniche o de Porto Alegre; un intelectual luso-galaico con un ‘brugre’ del Matto Grosso». É, pois, a sua particular descoberta do Brasil (sempre é brasileiro o interlocutor dos exemplos que refere) o que sem dúvida está por trás das suas calorosas opiniões. “La proyección espacial...” constitui-se enfim como síntese e conclusão da dinâmica cultural que Paz-Andrade propõe em *Galicia*

como tarefa, que, repare-se ainda, estava sendo publicada por fascículos em *La Noche* desde o 3 de dezembro de 1959, enfim, desde apenas dois meses antes. Mais do que as suas viagens anteriores, incluída a das conferências, é a que realizou em novembro e dezembro de 1959 a determinante para perceber a gênese deste trabalho; conhecemos essa viagem e o seu destino pela carta que a 13 de novembro de 1959 escreve a Díaz Pardo, Valentin, desde Madrid, onde espera embarcar para o Brasil (p. 136):

Cando ti pases por Santos o 8 ou 9 de Nadal, é bastante probable que eu me atope no Brasil. Teño que intentar en Campo Grande, Matto Grosso, resolver pol-as boas, ou as outras, unha desavenenza familiar en torno a unha herenza importante. Pol-o asunto de que antes falei non puđen sahir denantes, e estou aranaxando todo pra voar do 25 d-este mes en adiante, para estar fora duas semanas. Pol-o tanto estarei de volta denantes de que ti chegues a Vigo, onde teréi o pracer de darche a aperta de benvida, cecais iniciada en São Paulo ou Santos (Madrid, 13 de novembro de 1959).

São Paulo, Santos, e, polos vistos, sobretudo Matto Grosso é a paisagem e a interlocução humanas definitivas no artigo do advogado e economista, e o que o singulariza a respeito do livro anterior.

7.3.3 A produção literária e a sua homologia com a atividade no campo intelectual: *Sementeira de Vento*

A atividade ingente e polifacetada de Paz-Andrade deixou ainda espaço à criação literária. Este nível é, digamo-lo vulgarmente, umha prova do 9 do discurso que antecede. O literato, de quem se espera vocação universal, tem perante si um conjunto vastíssimo de elementos, materiais com que construir a sua obra. Não apenas aqueles que são denominados “conteúdos”, nem tampouco só os que o estruturalismo felizmente passado chamou “forma” mas o *totum* da comunicação que a proposta literária tem. Aí Paz-Andrade mostra-se autor desde o intersistema cultural lusófono; sem renunciar ao universalismo e a pluralidade de saberes, Paz-Andrade concebe o seu espaço comunicativo e as referências que como próprias o nutrem dentro do sistema lusófono combinando o genuinamente galego, assim procurado conscientemente, com os elementos nutritivos que transfere do mundo português e brasileiro, autor e mediador, porque nos seus livros estão poetas e escritores lusógrafos, trazidos a sentido paratexto ou então diretamente falando a quem lê desde o espaço que Valentin lhes reserva ou lhes reclama.

O primeiro livro de poemas da personagem objeto do nosso estudo é *Sementeira de Vento*¹²⁷, de 1968. Poderia parecer arriscado ver já no título

¹²⁷ Excluímos *Pranto Matricial* (Buenos Aires, 1954) porque ele é, na realidade, um único poema, dedicado a Castela. A ele haveremos de referir-nos mais adiante.

algumha relação com o pensamento que de Paz-Andrade vimos expondo. Não o pensamos assim. Parece-nos ainda que existe umha homologia estrutural (a que pode derivar-se da intervenção em campos diferentes mas em algumha medida afins) entre a sua atividade literária e a sua reflexão crítica e teórica. Poeta em boa medida do mar, na sua obra transparece essa dimensão de empreendimento e internacionalidade que referíamos a propósito da sua participação no campo intelectual. Dentro de “Cantarol do mar”, as suas “Boas-vindas, mariñeiros” (pp. 57-8), é como um lema sentimental, e cultural, e de empresa. No poema II, “Bem-chegados” fala desse mar no “Hemisferio que o noso irmao abrira”; e em “O Farol de Montedor” (73), datado no Porto, escrito na hora do solpor, quando “calaran os minhotos campanarios”, desfilam ante o leitor Henrique o Navegante, Camões, Dom Dinis ou Dom Sebastião, toda a epopeia marítima em definitivo do País irmão que Valentin canta e sente seu.

O poemário respira esta classe de evocações. Não falta o Brasil ao encontro (103: “As miñas horas sin ti”; Sao Paulo, 1 959): “Mañáns do Matto Grosso, / co sabiá cantor nas mangabeiras, fatos de garimpeiros aos diamantes, vaqueiros e boiadas / ao trote nas veredas do sertao”

O livro, ilustrado por Laxeiro e editado por Salnés, de Vigo, introduz já desde o início nesse ambiente de abertura na lusofonia; com efeito, os versos são antecedidos dumha “Carta-prefacio” de Guilherme de Almeida, “Príncipe dos Poetas do Brasil”¹²⁸, assinada em São Paulo a 20 de outubro de 1967. Na carta refere-se Almeida à poesia de Valentin, “nosso sangue, um mesmo sangue, da matricial Galisa aos filiais Portugal e Brasil ritmadamente fluído”

E acarreta sentidas palavras sobre a poesia e as palavras de Valentin: “sinto-a em mim palpitante mas intangível”; “somos i rmaos, Valentin”; e dados de interesse: “Foi daquele seu Vigo de 1933 -donde vi voce trovar e vi Colmeiro lavar- que me veio a veia alimenticia dêsse sangue; assim como daquêlo reino onde teve a sua corte Dom Denis. Rei Trovador e Rei Lavrador”

Eis o mundo lusófono reunido; e eis o papel de mediador a que antes aludímos de Valentin; afinal, aquele pendor brasileiro vinha também já de antigo..., quando já Guilherme de Almeida se consolidara como um dos poetas e intelectuais mais importantes do século XX brasileiro.

¹²⁸ O qualificativo principesco não é hiperbole saída da estima de Valentin. Guilherme de Almeida detentava certamente este título desde 1959, em que substituiu Olegário Mariano, em concurso promovido polo popular *Correio da Manhã*. Da grande estima que Paz-Andrade nutriu polo brasileiro ainda adiante encontraremos abundantes testemunhos. Nascido em 1890 em Campinas e falecido em São Paulo em 1969, Guilherme de Almeida foi crítico e ensaísta de vasta formação, modernista e neo-parnasiano, com umha obra de cunho nacionalista, que lhe valeu um rápido reconhecimento, ingressando na Academia das Letras em 1930, e desenvolvendo umha mui intensa atividade no âmbito da cultura brasileira.

7.3.4 “A evolución trans-continental da lingua galaico-portuguesa” em *La marginación de Galicia*: síntese e projeto do pensamento pazandradino

Nesse mesmo ano, verá a luz outro dos escritos fulcrais de Paz-Andrade para o tema que nos ocupa. Trata-se do texto *A evolución trans-continental da lingua galaico-portuguesa*¹²⁹ (1968), texto que juntamente com outros é publicado em Lugo por iniciativa do Círculo de las Artes. O título genérico proposto polo “Círculo” aos autores foi o de *O Porvir da lingua galega*, e, como se pode deduzir polo rótulo empregado polo autor de *Galicia como tarefa*, o seu traballo vai girar em volta das reflexións que quase dez anos antes formulara. Para já, o seu texto abre com um paratexto de Olavo Bilac talvez o poeta brasileiro mais conhecido e difundido polo galeguismo do pré-guerra: “Amo teu viço agreste e teu aroma de virgens selvas e oceano largo, ámote, ¡o rude e doloroso idioma!”, transcreve Valentin. E, a partir daí, e após refletir resumidamente sobre a teoría da linguagem e as funcións da lingua com Croce, De Mauro, Novalis, Jevons, Marshall Urban e Hegel (Luca de Tena e Carballa, 1987)¹³⁰, necessário preámbulo para o desenvolvemento das súas ideas, começa a súa defensa da necesidade reintegracionista para o galego. Na lingua, diz Hegel e retoma Valentin, “actualízase a cultura”, notando que:

A imaxe do que unha lingua foi ou deixou de ser no percurso das edás, non se debora interpor na comprensión do seu destino. Tampouco debora reducir o reconecimento da capacidade funcioal que teña, no orde daqueles fins, ben ao presente ou ben car-o futuro. Aínda que viñera remontando o ‘rude e doloroso’ proceso que ecóa no verso de Bilac.

Já conhecíamos estas ideas do intelectual galeguista, agora talvez formuladas em síntese mais perfilada. Mas repare-se em que Paz-Andrade está a responder, em tempos bem duros como os da Ditadura, à pergunta sobre o porvir da lingua autóctone, e ele aí não se deixa guiar nem polo lirismo nem polo dramatismo; nem pola imediatez de pensamento e visã; antes polo contrário, fiel ao seu ideário, já fixado publicamente anos antes, e talvez também ao seu caráter, olha o problema em termos positivos e de ação; e com força e firmeza; os parágrafos a seguir são fulcrais para o entendimento da conceção pazandradina:

Da teimosía n-unha óptica revirada ao pasado ningún proveito poderá agardarse. Con concencia do mal, ou sin ela, semellante visión é a que mantén aínda hoxe, envolto n-un senso reverencial de reliquia, ao idioma galego.

[...]

¹²⁹ É extraordinária a formación intelectual de Paz-Andrade para defrontar os vários e variados asuntos que foram objeto da súa atención. Por exemplo, baste indicar que por este breve artigo desfilam com propriedade, e para além dos citados, C. Trabalza, O. Jespersen, M. Bandeira, M J Herskovits, J. Vendryes, Teófilo Braga, Henri Berr e Pedro Salinas.

¹³⁰ Na entrevista a Valentin conduzida por Gustavo Luca de Tena e Xan Carballa, publicada n’*A Nosa Terra*, días depois do falecemento dele, há comentários de Paz-Andrade que iluminam outros aspetos aquí focados.

Temos diante de nós un “status” posicional vicioso e falaz, que algún día entrará no desxelo. Mais pra conquistar tan lexítimo obxectivo, non abonda co-a denuncia isolada e teórica. Cando menos si se exerce com-a deica agora, arrefecida nos sentimentos rei vindicativos, e pouco mais.

Recuncando n-este xeito de obrar, é ben seguro que non se vencerá a xordeira das esfinxes entronizadas. Mais a cousa podería mudar de vez, si fóramos libres d-abondo pra ligar o problema do idioma, a un pensamento social moito mais que á reaccion sentimental.

Ecoam, sem dúvida, palabras suas não já de dez, mas de quase quarenta anos antes; mas também é verdade que agora a formulação ganhou em solidez conceitual. Vêm depois mais umha vez trechos sobre a história da língua, onde aparecem os mesmos espaços e personagens que na sua poética. E tampouco está ausente a preponderante dimensão externa que ele dá à língua “galaico-portuguesa” como gosta de denominá-la (120):

(120) Con ela [a grandiosa aventura mundial que viña chamado a correr o primoxénito do latín] fíxose adulto como idioma do mundo moderno. Do mundo do que nacéu das Descobertas, en sorte parella co castelán. Non se pode esquecer que despois, a existencia externa do galego resultou condicioada pol-o fondo ecolóxico e vivencial d-outras terras, outros climas, outras razas... E que un idioma “est né de la vie, comment la vie, après l’avoir créé, l’alimente?” (Henri Berr).

(121) Non podían deixar de producirse influxos, e adaptacións, chamados a disminuir a identidade formal, entre a ponla primitiva e a fortemente evolucionada e longal. Mais unha e outra pertencen ao mesmo albre lingüístico. As diferencias de formación ou de grafía non son barreira infranqueable pro entendimento recíproco. Non anulan, nin moito menos, o valimento do sistema común, nin como meio de comunicación, nin como “outillage mental” da cultura.

Sô desrespeitando o resultado histórico de tan fecunda andadura se pode deixar de comprender que hoxe pouco representa o destiño autónomo da fala galega. O que importa, por enriba de todo, é o destiño conxunto da lingua galaico-portuguesa. A integración e desenvolvemento d-un dos grandes dominios lingüísticos da civilización atlántica.

Naturalmente, o Brasil, com o seu potencial humano e socioeconómico, tem nas suas palavras um papel de destaque, a que soma Angola e Moçambique, preanunciando a sua rápida descolonização, que haveria de concretizar-se poucos anos depois:

(119) Compre engadir que, entre o continxente super-maioritario do Brasil, e o núcleo orixinario, aquelas desemeallanzas son minguadas. Maiormente no idioma escrito. O exemplo da prosa de Guimaraes Rosa, entre outros menos ao día, constitue o mellor testemuño pra reforzar a nosa apreciación” (119):

(120) Os datos que describen o expandimento xa arrecadado pol-a lingua galaico-portuguesa son impresioantes. Mais o son moito menos do que terán de ser ao cabo d-algúns decenios.

Depois de defender as possibilidades da “lingua galaico-portuguesa” como meio de comunicação de milhões de pessoas distantes por climas, credos, raças, costumes, continentes, hemisférios, paralelos, meridianos, mas unidos polo idioma que faz possível o entendimento e que um “labrador de Castroverde poida parrafear c-un «facendeiro» de Río Grande do Sul” (124-125). Denomina a língua galaico-portuguesa “chave de mundos fechados”: Chave derivada da

sua experiencia (Paz-Andrade andou muito tempo por terras brasileiras nos anos cinquenta):

Ningún experimento mellor que o de mergullarse por certo tempo n-esta estalante bolsa do orbe, escoitar a disforme cadencia dos seus latexos, tomar o achego dos feitos violentamente diferenciables, para coñecer a percusión, profundamente humana, do fenómeno socio-cultural a que me veño referindo. Hai xa algúns anos percorrín, cuase de punta a punta, a xeografía lingüística galaico-portuguesa. Poucos ensiños mais fecundos pra un galego de hoxe, que o recibido da comunicación na súa lingua, cos inmigrantes xaponeses radicados en Campo Grande ou Cuyabá, ou exprorando a y-alma dos tupí-guaraní que baixan da tribo ao mercado das cidades por citar so dous exemplos.

Note-se que este tipo de discurso e defensa da lingua prodúcese en momentos de extraordinaria precariedade no mundo intelectual galeguista, aínda máis no interior. A dimensión da lingua e os seus procesos de normalización non conforman, na altura, nengun corpus programático estruturado. A “viragem brasileira” que Valentin propoë é novidosa quando colocada por ele no centro da preocupación galeguista, tanto máis quando Portugal é igualmente un País, como o galego, vivendo sob um regime ditatorial. Valentin dirige indirectamente o conxunto da súa argumentación ao Estado Español e principalmente aos seus concidadãos galegos, facendo ver a utilidade e o interese da súa proposta, do idioma como chave, no sentido em que atrás o referimos (126):

Non deba botarse a esquecemento, o fenómeno de subordinación entre o florecimento das linguas e o desenvolvemento das sociedades a que veñan incorporadas. Aínda que da parte do Estado se persistira en abandonar o galego a súa sorte, a lingua extravencula seguirá evolucionando e mellorando súa marcas nos territorios que a profillaron. De xeito que a-o descoñecer este proceso multiplicador, sin proporcionar a Galiza axudas pra acompañal-o, serán tamén os intereses xerais de España os que resulten danados. Sufrirían a perda da mellor vía de influencia humana, económica e cultural, no trópico ultramarino.

É nesse contexto praticista que defende a presenza do galego, idioma quase prohibido em todos os seus ámbitos.

No ano 1932 Risco comentava que o nacionalismo galego, sem Portugal, não passaria dum “preito provincial”. “Pleito rexional” é a denominación que Paz-Andrade usa para referir-se ao desatendimento da dimensión externa do idioma. Nas súa palabras parecen estar presentes as incipientes tendencias do galeguismo pinheirista (e não só) no sentido isolacionista do galego, assunto que se manifestará com força uns anos depois. A elas é possível que estejam dirigidas em geral muitas reflexões que antecedem; em concreto estas (128-9):

Virando de seguido o anteollo pra cara interior do tema, aínda pode haber algunha causa a perceber. Arestora como denantes, o da lingua ven entendéndose sô com-a un pleito rexional, sin implicacións colateraes. E tamén, por decantado, sin nutril-a defensa co-a executoria que o idioma, desdeixado na casa, conquerú por fora.

Semellante rotina herdada, non sementes empanicóu a verdadeira visión do problema. As veces até levóu a supervalorar os factores de variación advindos entre o portugués e-o galego, brazos dereito i-esquerdo do mesmo corpo. De este xeito, dentro

da Galiza, ficou reduzida a verdadeira talla do asunto. E tampouco se fixo luz d-abondo sobre a natureza e accidentalidade das diferencias fonéticas, sintácticas ou ortográficas, non obstativas pra comunicación ordinaria no ámbito da comunidade lingüística.

Certo que a condición rexional do pleito ten outra razón prósima. Por sabido que na sub-estimación da fala propia, a partir da escala, atopan seu alcaloide mais enérxico, as reivindicacións galegas. [...].

Mais nos termos d-unha demanda tan lexítima non se encerra todo. Xuntamente con ela temos de xogar outra carta. Aquela que se baraxóu no proceso forizo de evolución da lingua, e levoun-a ao nivel d-espallamento trascontinental que hoxe ten.

Cando esta fazaña estear, carregada de contido social vivente, se valore na sua verdadeira magnitude, a perspectiva tradicional que ten o problema cederá a mellor. Mais non se pode agardar que mude por fora, se non empeza a mudar por dentro.

Tradição e Modernidade voltam aqui unir-se, agora a propósito da questão lingüística. Repare-se em que não há um praticismo a-reflexivo no pensamento de Valentin: as suas ideias sobre os problemas culturais surgem derivados da sua conceção teórica sobre, neste caso, a cultura. A Tradição oferece garantia de genuinidade, como a modernidade contribui para a comunicação ativa, a riqueza e a sobrevivência. Paz-Andrade propugna, para o alargamento comunicativo e a solidez identitária do idioma, que este transfira do mundo lusófono, do património comum então, os elementos que a esse fim forem precisos. Ao falar das “variacións na unidade” (129), e depois de indicar que surpreende a diferenciação das variantes da língua não ter chegado a mais, afirma (130):

D-unha mais chea interpenetración do galego no portugués, ou as avesas, so ventaxas comúns poderán colleitarse. No primeiro aínda mana a fonte hoxe con mais caudal que en ningún tempo. Aínda garda no fondo do manantial a soleira da fala. No segundo, latexará sempre o pulo ensanchador dos dominios da lingua, a forza do constante anovamento. Da dobre conxugación do mesmo verbo poderían agardarse aínda acentos endexamais ouvidos.

Note-se que este *outsider* vai ocupando posições de vanguarda no campo intelectual galeguista, longe do grupo dominante e por isso com pouca capacidade de influência. Valentin não tem exército: esse é o seu défice.

Já se ouviam vozes que reclamavam ser o peremptório a questão da normalização e depois a normativização e argumentavam com a história genuína do galego e o assunto de ele ser a fonte da língua comum. Anos antes, e relacionem-se estas reflexões de *A Evolución* com aquelas sobre a hierarquia da língua em *Galicia como tarea*, já denunciara as atitudes ao seu entender paralisantes e cativas que entendiam o idioma de maneira patrimonial exclusiva (como acabarão por fazer alguns portugueses a respeito dos brasileiros), no alegado orgulho da sua pretensa fidelidade às origens (aí está outra vez a vertente apenas sentimentalista e acomplexada que sempre critica Valentin), e que não reparavam, a juízo de Paz-Andrade, na degradação do idioma nem na insuficiência do seu estado para toda a expressão intelectual ou artística, impossibilitada a sua evolução durante séculos, e nutridos os seus vazios com o espanhol. Estas perspectivas aparecem nítidas na sua proposta de unificação lingüística em “Galiza e a evolución”, com que encerra o seu artigo (131-132):

Partindo das premisas que nos impoñen os feitos consumados, pode chegarse axiña ao punto crítico? Qué camiño debe escoller Galiza pra-a axustar a futura evolución da súa lingua? A pregunta presupón que o porvir da nosa fala, non pode somentes dos factores alleos que veñen interferindo a súa rehabilitación en cheo? Non pode d-algún xeito estar recramando certa virada no rumbo da política interna do idioma?

Unha é a evolución continxente que deica agora seguíu. Outra a que en adiante deba ter. Aínda que a opción non veña por primeira vez ás nosas maos, podemos estar chegando ao intre no que deba ser exercida. O galego ha de seguir mantendo unha liña autónoma na súa evolución como idioma, ou ha de pender a máis estreita similaridade co-a lingua falada e sobre todo escrita, de Portugal e-o Brasil? Os termos da custión non deben ser tomados no senso de que o galego, pra marchar en maior irmandade formal co portugués, teña que deixar se ser o que é.

Non se pretende chegar a unificación literal. Mais trátase de conter a disociación, facendo os axustes necesarios pra aproveitar as ventaxas mútuas que un intertroque permanente podería proporcionar. A ninguén se lle oculta que, da parte da Galiza, hai a gañar moito mais que a perder, si a relación entre unha e outra fala se avivece e sostén.

Non sô pol-o perfeccionamento que se acadaría prô idioma como meio de comunicación debido ao maor uso na área falante do portugués. Tamén porque abriría pra nosa produción literaria un mercado de posibilidás máis alá de todo cálculo. E aínda, como recíproca doación, o enriquecemento léxico-gráfico que derivaría, por unha banda do máis íntimo achego ás fontes, e por outra, da familiarización galega c-unha literatura de calidade e alento humano extraordinarios, como é n-este intre a que se fai no Brasil.

O cadro xa é hoxe ben tentador. Moito mais o será deica poucos anos, pol-o camiño que leva o mundo.

Os mesmos argumentos aquí expostos nutrirão o libro *La Marginación de Galicia* (1970), na editora Siglo XXI de Madrid, dous anos mais tarde. Um livro então que alarga o seu âmbito ao espaço do Estado Espanhol, e ao domínio linguístico hispanoamericano, onde devemos incluir não poucos leitores galegos a quem livros como o do “Círculo” não chegariam, ou que não estariam interessados nem habituados a ler em galego. Para este último aspeto Valentin serve-se como anotávamos, e quase em sistemática tradução, das ideias expostas em *A Evolución*.

Mas não é idêntico, nem muito menos. Convém indicar aqui, embora sinteticamente, que *La Marginación de Galicia* é um livro em que são focados problemas sociais, económicos, políticos e culturais da Galiza. Portanto a presença aí da “questão cultural” reforça a visão integral e interrelacionada que Paz-Andrade pretende desde polo menos *Galicia como tarea*, e que, por isso mesmo, eleva a tal “questão cultural” para o/a leitor/a ao espaço do debate sobre sobrevivências e necessidades, não apenas então como apêndice de maior ou menor importância.

Talvez por isso também apresenta umha mais demorada e aínda mais documentada atenção em alguns assuntos (como o da história da língua, capítulo inicial onde começa por argumentar com o Padre Feijóo «que el idioma gallego y el lusitano son uno mismo») ou o dedicado a “composición de la comunidad lingüística” (p. 102 ss.), que inclui mapa e estatísticas de “La lengua de Camões y Rosalía”). Este capítulo ganha assim em formulação rigorosa e objetivista, abandonando aspetos externos de maior polémica, derivados talvez tanto da conjuntura como do carácter imprimido ao livro. Assim mudam títulos

como “As tres linguas marxizadas” que passam aqui a “periféricas” ou “A supervaloración de variantes” que substituí a “O Pleito rexional”, por exemplo; e aparecen epígrafes como o dedicado a “La Escuela y el bilingüismo”.

É, em todo o caso, um livro destinado mais a dar a compreender que a litigar. E isso sem abandonar, mui possivelmente, o destinatário que definia *A Evolución*: sem dúvida os galegos, e mais particularmente o galeguismo; são muitas as referências particulares (mesmo a persistência da proposta de unificação da escrita: “La evolución a esperar”) que assim o parecem testemunhar; ele mesmo justifica a reiteração, escrevendo num dos capítulos iniciais, “El servicio a la civilización” (106): “La magnitud del fenómeno que venimos estudiando permanece más o menos subestimada, cuando no ignorada, Razón por sí misma suficiente para insistir en la revisión del tema”.

Onde, em *A Evolución*, o seu equivalente “Os froitos de transculturación” (123) era desta maneira introduzido: “A magnitude do fenómeno que vimos estudando, xustifica que levemos un pouco mais lonxe ésta pequena escolca”.

7.3.5 O *Pranto matricial*: convocatória de identidades

Na Galiza do ano 1975, em que se cumpriam vinte cinco anos da morte de Castelao, foram várias as tentativas de comemorar aquela morte. Os tempos permitiam umha mínima possibilidade de fazê-lo e foom diversas as instituições e pessoas que se debruçaram sobre ela. Naquele vértice de tantas cousas, em que alguns intuían menos talvez do que desejavam algunha mudança radical e próxima, Valentin reedita o seu *Pranto Matricial*, mas agora com a particularidade de ele aparecer em edição pentalingue. Há aí, sem dúvida, umha mensagem de fraternidade com as restantes línguas do estado (espanhol, catalão e euskera); e há também um pronunciamento de mais profunda irmandade com a área lusófona; pudera parecer que a adaptação do texto à norma brasileira (neste caso) seria umha prova de distância e diferenciação. Nada mais longe; não condiziria ela com as ideias tantas vezes expressas por Valentin; antes polo contrário era para a unificação que tendia, como vimos, o seu pensamento. Ela deve ser entendida, em nosso parecer, como a reclamada presença dessa irmandade a que nos referíamos. Não é esta umha presunção; o sentido esclarece-o o autor do texto em norma brasileira, Guilherme de Almeida, a quem Valentin cede a palavra (caso que não se dá com os tradutores do poema) na página 28:

É esta a grande elegia pranteada por Valentin Paz-Andrade, em Memória de Castelao (Alfonso Daniel Rodríguez Castelao), símbolo que foi da sua Galiza, e no exílio ‘finóu en Buenos Aires o 7 de Xaneiro do 1 950’. Escrito em galego, e já vertido ao castelhana por M^a de Villarino, recebo agora o comovido poema para o seu tratamento em português; dever que me impuz com o pensamento e a vontade de prestar homenagem a Castelao e Paz-Andrade (muito amigos meus desde os idos de 1933) e de determinar a umbilical similitude entre o tronco e o derivado, a denunciar a perenidade do galécio-português, vera fala da Raça.

E não será esta a única presença da área lusófona, para além do próprio autor; não a sua única mediação. O livro abre com a transcrição manuscrita dum poema da autoria de Ângelo César, empresário e poeta português¹³¹, como o galego, e a quem aquele dedica, entre outros, estes versos: “Ao Valentin Paz Andrade, irmão / galego, irmão querido, limpando / as lágrimas que o seu Cântico / de Castelao me fez chorar”

Concluindo com “Tambem espero o vosso Castelao!”

7.4 O Após-Franquismo: Práticas, convites e caminhos por percorrer

Os anos setenta, nomeadamente os subsequentes à Ditadura, registam umha formidável ação em Paz-Andrade, tanto política como editorial. Anos em que publica em *Estudios Regionales*, de Madrid, “Transferências etnológicas de Galicia en el Brasil Ulterior”, artigo em que estão presentes muitos dos elementos que dous anos após integrarão *A Galecidade na obra de Guimarães Rosa*, e cuja análise por isso omitimos. Prosseguia também a sua atividade sobre economia e pesca, e agora era a ação política a que vinha somar-se a tanto empenho. Em 1976 e 1977 fará parte representando a Galiza da Comisión Negociadora de Oposición con el Gobierno Español, umha das plataformas opositoras formadas na altura, e nesse último ano será eleito senador por Ponte-Vedra. Um ano mais tarde verá a luz em *Testimñas e prespectivas de homenaxe ao Seminario de Estudos Galegos* (umha das tantas colaborações com Isaac Díaz Pardo) o seu trabalho *O modelo federal para a constitución do Estado Galego*.

7.5 *A Galecidade na obra de Guimarães Rosa*. Um convite e umha convocatória na lusofonia

Foi, como se vê, a sua constante reflexão sobre a Galiza como projeto de futuro, pretendendo nos seus escritos deixar constância dum entendimento global da questão galega, interrelacionando os diferentes campos em que considerava que o nosso País se jogava o seu futuro, umha das principais linhas de força do trabalho intelectual de Paz-Andrade. Aquela conceção da cultura que referíamos páginas atrás como lugar e efeito da interpenetração das atividades humanas passadas e presentes, em permanente dinamismo e diálogo com a Tradição e o Presente conhece talvez na sua atividade crítica a mais acabada expressão. E é igualmente esse espaço de trabalho onde podemos atestar a

¹³¹ Nascido em 1900 a sua obra poética desenvolve-se particularmente nos anos vinte e trinta; destacou também como dramaturgo, senda premiado por duas vezes (prémio Gil Vicente e de Peças Inéditas de Teatro Declamado) em 1962 e 1965 respetivamente.

consideração e o uso pazandradinos do mundo lusófono não galego como património cultural próprio, contínuo conjunto de referências, território cultural por onde passeia o escritor apanhando os elementos que precisa ou deseja para incorporá-los como seus ao seu mundo. É assim como, ao nosso entender, pode (e deve) ser compreendido o seu interessante e pioneiro trabalho sobre a galecidade de Guimarães Rosa. O interesse pela obra do brasileiro, a quem nunca Valentin conheceu, vinha de longa data, pelo menos desde os anos sessenta, como o próprio autor testemunha em *A evolución*. Ela, *A Galecidade*, é uma obra concebida desde a lusofonia que manifesta no seu modo e objetivos (eis ao nosso juízo um dos elementos de maior interesse) o modo e objetivos que sustentam a atividade lusófona de Paz-Andrade. E manifesta uma evidente homologia entre a sua posição no campo intelectual galego e lusófono e o modo da sua tomada de posição através do texto. Dito por outras palavras, o intelectual galego trabalha a obra de Guimarães Rosa como nutre e concebe a sua atividade intelectual a respeito do mundo lusófono. A sobrevivência da raiz galega nesse mundo (em concreto na de Guimarães Rosa) não vai aparecer apenas como resto de primitiva unidade, nem pitoresca exotização, mas como forma transmitida, viva e atuante da comunidade que hoje partilha o nosso idioma comum.

A Galecidade (1978) traz, por mão de Valentin, contínuo mediador¹³² outra ilustre figura da intelectualidade brasileira à leitura galega; trata-se de Paulo Ronai, autor do prólogo, e amigo já de Paz-Andrade, com quem afirma ter visitado Vigo, Ponte Vedra, Baiona, Santiago¹³³. Nele, Ronai sublinha a originalidade, mestria e fecundidade da obra do galego, num caso aliás tão polémico e difícil como o que enfrentava, a língua de Guimarães Rosa; ao mesmo tempo, o estudo de Paz-Andrade é um novo motivo de encontros e afinidades:

[...] O nosso autor soube encontrar um novo ângulo de abordagem: o da galecidade de Rosa, que ninguém podia enfrentar melhor do que ele. Na leitura de *Grande Sertão: Veredas* e dos outros livros rosianos depararam-se-lhe inúmeros elementos que evocaram irresistivelmente a Galícia: suas vozes, seus modos de falar e de sentir, seus costumes, seus ritos e crenças, seus viventes e seus objetos. Encontros tão frequentes e insistentes que o levaram a empreender uma ampla investigação, não já de influências, mas de identidades.

Não de influências mas de identidades. Falar de influências seria presumir as distâncias, físicas, mentais culturais e sensitivas que a seta influente tem de percorrer. Falar de identidades é cousa diversa: é falar como anos antes fizera Guilherme de Almeida ao introduzir a sua versão do *Pranto Matricial*; falar desde o mesmo âmbito, com distinto acento, o mesmo instrumento. Esta classe

¹³² A tarefa mediadora não se esgota com estas atividades. Paz-Andrade destina alguma da sua atividade a vulgarizar entre nós figuras da cultura brasileira, como o caso de Drummond de Andrade (Cfr. *Epistolario*, pp. 45 a 63).

¹³³ Nascido em Budapeste em 1907, Ronai foi um afamado filólogo, considerado Mestre das Ciências da Linguagem e fundador da Associação Brasileira de Tradutores.

de perspectivas são as alimentadas por Valentin no seu papel de mediador sendo esta umha das suas pricipais feições reflexivas sobre a lusofonia, como vimos.

A essa comunidade de pessoas em que Paz-Andrade medeia e a que contribui soma também a comunidade de assuntos e perspectivas, permitindo integrá-las no e como património comum. Assim o vê igualmente Paulo Ronai:

O meio montanhês de Minhas Gerais, longe da costa, conservado em suas essências graças ao isolamento, onde se desenrolam as ‘estórias’ de Rosa, contadas com incrível riqueza de pormenores guardada pela memória infantil, assim como o esforço consciente do escritor para voltar as raízes da língua procurando-as na fala dos simples e ingénuos, tornam essa ideia justificada e fecunda em resultados (pp. 6-7).

O livro começa por umha exploração das origens e ontologia da Galiza, acompanhando a produção fundamentalmente portuguesa e brasileira sobre o assunto; assim recorre a Joel Serrão (*Cronologia Geral*), António Sérgio (*Breve interpretação e Introdução Geográfico-Sociológica*), o *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa* de Nunes, textos de Teófilo Braga (entre os quais o célebre “Da Galliza recebemos língua, poesia e aristocracia” do estudo preliminar ao *Cancioneiro Portuguez da Vaticana*), que lhe era tão caro; cita igualmente Gilberto Freyre, *Aventura e Rotina*, e Euclides da Cunha: “Quanto ao facto aristocrático da nossa *gens* o português nos liga à vibrátil estrutura intelectual do celta...” (de *Os Sertões*). Com esta importante bagagem vai aproximando-se do peso que o elemento galego deixou nos ramos futuros da cultura comum. Recorre então ao Prof. Rodrigues Lapa e as suas *Lições* (p. 16):

Polo que à lingua atingue, e a poeσία -para o caso non disociables-, outro crítico luso, o prof. Rodrigues Lapa, tense adiantado a soster:

«... as primeiras manifestações de arte trovadoresca, e até os maiores trovadores, tirante D. Diniz, acusam o predomínio do elemento galego sobre o elemento português».

Com profunda e pertinente erudição, outros autores que se referem ao assunto, em que pretende alicerçar o seu estudo, são convocados (p. 16):

De Portugal, como «nascido no século XII em un ângulo da Galiza», escreve Herculano. Composto «con un retalho de Galiza», fala Oliveira Martins. Da Galiza como... “prolongamento do Norte de Portugal”; trata ainda Silva Teles».

Cita também Damião Peres e Jaime Cortesão; e ainda *Armas y Triunfos de los Hijos de Galicia* do seiscentista Fray Felipe de la Gándara. A exegese histórica continua polos finais da Idade Média, falando da participação galega na empresa marítima portuguesa (pp. 17-18), o que justifica em sua opinião as palavras do primeiro Conde de Gondomar, don Diego Sarmiento de Acuña, em carta a Andrés de Prada, secretário de Filipe II:

Gallegos son toda la nobleza y conquistadores de Portugal, y los que no descien den de gallegos descien den de moros, porque en aquellas comarcas no había otras gentes, ni el Conde don Enrique, ni el Rey don Alfonso el I, su hijo, las llevaron de otras partes, más que de la parte entre Duero y Miño, que era Galicia.

O libro avanza entre consideracións da unidade lingüística galego-portuguesa apesar da separación do século XII (“a comunidade lingüística mantúvose. A invariante estrutural se non cuartea e aínda agarda a súa era de apoxeo unívoco”), o entendimento de *Os Lusíadas* como “tan galego como portugueses”, polo seu léxico (20), e a expansión da língua com a descuberta do Brasil (20):

Ao mesmo tempo o idioma, xa de cheo desenvolvido na función oral e na escrita, e mantendo toda a súa unidade na estrutura, afronta a fazaña da penetración frontal no conxunto multiracial indiano. É precisamente aquela senlleira esperencia, en tanto engloba unha transmisión da lingua a determinado nivel, e d-outros elementos etno-gráficos, aínda sobreviventes, o que fixo posíbel no noso tempo o milagre literario de que foi protagonista João Guimarães Rosa.

Ainda dirá algunhas palabras sobre “Apelidos de linaxes medioevaeas galegos transferidos aos territorios descubertos por Portugal” (21 -23). *A Galecidade* vai constituindo assim um sintético mas bem documentado percurso pola afinidade galego-luso-brasileira dos tempos passados até desaguar em Guimarães Rosa de quem, como do Brasil, fala com grande paixón e emoción lírica visando sempre o laço galego-brasileiro: “A criatura viñera ao mundo no ano 1908. Certamente o 27 de San Xoán. Cando non enfriaran de todo as cinzas das fogueiras que alí, como na Galiza, se acenden na vispra da festa”, dirá na páxina 31, para aprofundar na orixe familiar “galaico-duriense” do biografado (32):

Os Guimaraes veñen citados nos folios do ‘Nobiliario de D. Pedro, Conde de Barcelos, hijo del Rei D. Dinis de Portugal [ref. o *Nobiliário*]. E también nas notas do Marqués de Motobelo, coa variante Guimaraens (sic), aínda hoxe perduradeira na Galiza [em Nota de rodapé: “O Pazo de Guimaraens ainda se conserva, habitado, nas terra da Ulla (Provincia de Pontevedra)"]

Seguem-se depois muitas consideracións sobre a obra de Guimarães Rosa; entre elas, as circunstancias que propiciaram o seu prémio da Academia Brasileira em 1936, que o dera a conhecer, estimando Valentin que valeu a Guimarães Rosa que naquele ano fosse nomeado ponente do júri Guilherme de Almeida, “novo aínda, mais xa sonado poeta, apóstolo lírico da Revolución Constitucionalista, e a quen eu tivera a fortuna de conocer en Vigo, pol-a primaveira do 1933”. Isto permite ao que fora director do *Galicia* fazer um excursão esclarecedor sobre essa personalidade, cujos leitores conheciam já de *Sementeira de Vento* e o *Pranto Matricial*, onde Valentin inserira uns apontamentos biográficos sobre ele (pp. 44-5):

Chegara no mesmo ano a Lisboa, como eixiliado político, na resaca d-aquela revolta armada, que estalou en São Paulo e foi sofocada por Getúlio Vargas.

Catorce anos después do 36, débuse producir o meu primeiro reencontro en São Paulo con Guilherme de Almeida. Era o 1950, ano de malfado para Galiza. Nos seus primeiros días morrera en Buenos Aires Alfonso R. Castelao, a quen o máis galego dos poetas do Brasil, da miña mao levado desde Vigo, conocera dezasete anos antes en Pontevedra.

Eu non descubrira aínda a Guimarães Rosa. Tampouco o descubrín n-aquel reencontro co verdadeiro descubridor. Penso hoxe que foi por interposición na lembranza

da grande figura espiritual, por un e por outro amada, que os galegos acababamos de perder.

E já, deixando atrás “a saga do romancista”, ingresa Valentin na “Galecidade da língua” e na “transmisión mítico-oral” da sempre complexa obra de Guimarães Rosa. Aí coloca como luz de guía/paratexto as seguintes palabras de *Ave Palavra*: “Toda lingua son rastros de vello misterio” (p. 83). E aí também aparece a auténtica motivación e sentido da obra: a que tem a ver com o futuro e dimensão externa (é o termo de Paz-Andrade) da língua comum (p. 84):

Por un fado tan alleo ao pensamento canto a vontade de GR -mais non a súa persoal eixistencia de autenticidade e selectividade, a súa maieútica-, a materia de Galiza resultou subsumida na obra. De Galiza como unidade orixinaria de unha cultura. Non somente chamada a perdurar. Chamada también a se transfundir na órbita de outros povos con máis benevolentes fados da súa evolución histórica.

Foi de abondo a teimosía rosiana de recurrencia as fontes, para aquele resultado sincrético poder coallar como n-un prodixio. Elementos galegas que perderan vixencia no portugués, maormente no literario, ou que dentro da mesma área da comunidade lingüística viñeran a menos, se non ficaban esmorecidos, recobran a súa plenitude ou a súa pristinidade na obra rosiana. Reagroman nos tecidos do idioma con insospeitados valores expresivos, con beleza reconquerida.

Tudo, longe de qualquer passadismo, de qualquer tendência arcaizante, fácil tentação sem dúvida. É digna de notar a coerência de Paz-Andrade ao reparar nestes elementos como ativo lingüístico e património comum. A recolha do que é genuíno porque vivo, não como elemento arqueológico ressuscitado, mas como projeção estética e comunicativa. As mesmas palabras de Valentin fará ocioso o recurso aos princípios que animam o seu pensamento (fecundidade, dinamismo, vida, reavaliação sobre cultura e mundo lusófono) a que nos temos referido. Diz, na continuación, ao falar de “O Sertão aniñador da língua” (p. 91):

Como seiva fecunda d-aquel esquecido mundo, había aínda outro elemento dinámico. Había... *outra forma de linguaxe*. Ou si se quere a mesma lingua funcionando a outro nivel. Había a *lingua do sertão*. Aquel manancial de formas verbaes que fixeran seu niño na boca dos sertanexos con psicoloxía de mineiros¹³⁴. Formas nin novas nin vellas. Sinxelamente vivas. Con vida no tempo paralela e a que mantiñan na lonxica terra que fara seu berce. E da que aínda poderían recibir unha nova reva luación, cal moedas reacunadas de beleza expresioal.

O propio autor é quen tal segredo nos descobre. Un segredo para moitos transparente desde o primeiro libro, máis totalmente revelado nos outros que foron a clave da súa gloria:

Os sertanexos de Minas Gerais, *isolados entre as montañas*, no imo de un Estado Central, conservador por excelencia, *mantiveran cuasi intacto* un idioma *clássico-arcaico, que foi o meu da infancia, e que me seduz*. Tomandoo por base, *de certo modo instintivamente*, tendo a desenvolver as súas tendências evolutivas, aínda embrionarias, como camiños que uso¹³⁵.

¹³⁴ Paz-Andrade inclui aquí unha extensa nota citando Xosé Landeira Irago. “Nota sobre João Guimarães Rosa, ou o espléndido rexionalismo”, *Grial*, n.º 15 jan-mar de 1967, pp. 79-85, sobre a psicología e hábitos do mineiro.

¹³⁵ Carta do autor a Mary Lou Daniel, de 3 de novembro de 1964. (N. de V. P.-A.).

E então, a reiteração agora na prática da sua formulação teórica, das suas ideias-força; parece-nos que vale a pena esta citação a propósito agora da obra de Guimarães Rosa, de admirável coerência, coesão e homologia com as páginas de *Galicia como tarea, A evolución transcontinental* ou ainda *Sementeira de Vento*:

Non tan embrionarias como semellan. No *sertão* non afloróu o manancial das palabras, nin cecáis o xeito de as falar. En xeral, non as aportóu *ex novo*. Recibéunas por transculturación da terra onde viñeron ao mundo, trasegadas por un terceiro povo, que foi o conquistador ultramarino portugués. Da vella entrana da latinidade, refundindo na súa os materiaes recibidos, a Galiza foi o pobo-fonte para Portugal. Para Brasil foi Portugal o pobo-fonte. Compre engadir que, nas maos d-un taumaturgo da lingua, os elementos asimilados do seu entorno vivencial, non obran sempre como no falar da xente. Pódense tornar de feitío distinto, a traveso do talento do artista, que sempre como artista se comporta.

[...]

É lóxico que nas formas sintácticas, a lei do orixe se teña modificado, en maor medida que nas transferencias vocabulares. De calquera xeito, non se pode por en dúbida que onde primeiro e maormente a forza expresional se acugula é na estrutura das palabras¹³⁶.

Outras consideracións deste teor vai tecendo Paz-Andrade ao falar do “transvertimento da fala”, e da riqueza, “mais que da pureza”, idiomática -é realmente notável a precisión com que o autor quer expressar-se-, que as terras do interior do Brasil e a Galiza supõem como “canteiras en reserva” para o mundo lusófono (“ficaron ao marxe da recepción de moitos elementos foráneos, hoxe soldados a estrutura do portugués”); aquela riqueza, adianta, “da cal, ao cabo dos séculos, o mineiro xenial, viría a obter os achádegos estilísticos máis deslumeantes da lite ratura dos tres países.” (pp. 102-103).

Estas opinións adiantam umha perspetiva sobre a lusofonia a que já fizemos referêncía e que aparece como consecuencia do pensamento reintegracionista de Valentin: a de que, falando desde a lusofonia, todos os materiais culturais com que esse mundo é construído constituem o seu património, como galego; e isso sem hierarquia de nengumha classe. Comentando que “despóis de *Saragana*, foi quando a língua de Rosa acada o clímax estético (...)”; anota:

(...) Mais si n-esto concordamos, implícitamente déixase fora de xogo calquera reparo encol da prioridade das fontes. Non ten dereito o artista para escoller a vontade os materiaes que mellor calidade poidan fornecer à súa manufactura? Moito máis partindo d-unha língua que aínda se fala hoxe no grande sertão, como se fala na Galiza” (pp. 104).

No capítulo seguinte “O manancial que trasega” procederá ao estudo comparativo de todo o tipo de manifestación de cultura que aparece na obra do autor brasileiro, e que aqui não trataremos. Será aí onde apareça também e com maior clareza essa sua visão sobre o património cultural comum; e não

¹³⁶ Eduardo Moreiras, “Vivencias galegas nas narracións de Guimarães Rosa”, *Grial*, abril-julho, 1975 (N. de V.P.-A.)

só património sincrónico, mas diacrónico. Referia B. Croce que toda a história é história contemporânea; podemos aplicar essa ideia à perspectiva de Valentin da cultura lusófona: toda a língua, todo o material de cultura, de ontem e hoje, é também contemporânea, património ativo do utente lusófono. O capítulo é iniciado com este significativo paratexto do escritor luso e ‘regionalista’ Aquilino Ribeiro: “Un renascimento literario ten de volver as orixens, aos clásicos, ao povo, e o primeiro paso -e unha cuestión apenas de vontade- dou-o eu aquí” (prólogo a *Terras do Demo*, Bertrand, Lisboa, 1963).

Atente-se agora nos seguintes comentários:

Máis de un, entre a morea de escoliastas da obra, atribue a Guimarães Rosa o inicio de un “proceso de arcaización” da lingua. Abálame a sospeita de que se pudiera tratar d-unha diagnosis encobridora de algún erro de perspectiva. A que, de certo, pode non ser a mesma, se o anteollo se manexa desde Portugal ou do Brasil litoral, que si para o enfoque tomamos outros miradouros, o propio sertão ou a Galiza (p. 107).

Os valores estéticos han de aproveitarse onde se atopen, aínda que viñeran en grea de séculos desfollándose sin froito nas ponlas marxina das do mesmo arbore linguístico (p. 109).

Isto dito num contexto em que alguns impugnavam a obra de Guimarães Rosa como arcaizante, tirando de aí conotações negativas, embora outros, como Guilhermino César¹³⁷ vissem na prosa do criador de *Sagarana* a *fonte galega* e ainda um *saudosismo incurável*. Porque a obra é precisamente umha reivindicação da lusofonia de Guimarães Rosa feita por um galego desde a Galiza frente aos ataques de arcaísmo que sofria (cf. p. 190).

Como evidencia, pois, o intelectual pluridimensional que Valentin Paz-Andrade era no intersistema cultural galego-luso-afro-brasileiro. Um sistema de que é não só legítimo como enriquecedor o exercício das transferências¹³⁸ dos seus vastos e diversos domínios, tanto da Tradição como da Modernidade. Em *A Galecidade*, que, como prova do antedito, acabaria sendo adaptado à norma brasileira para a sua circulação no Brasil (prática também comum, e em minha opinião infelizmente, aos livros em norma portuguesa e brasileira a funcionarem no outro espaço), Paz-Andrade estabelece um diálogo na lusofonia para precisamente reivindicá-la; e, nela, assinalar os contributos galegos à regeneração e reintegracionismo do idioma no léxico, na fraseologia, no mito (e aqui citará mais umha vez Pessoa: “O Mito é o nada e o tudo/ O mesmo sol que abre os Céus/ é um mito brilhante e mudo”), procedendo a umha continuada comparação e equivalência com a realidade galega e a sua produção cultural (costumes, festas, Castela, Pandal, etc.) para mostrá-lo.

¹³⁷ Este Professor das Universidades de Minas Gerais (de cuja Faculdade de Filosofia foi diretor) e do Rio Grande do Sul (aí catedrático de Literatura Brasileira), nascido em 1908 e pioneiro do modernismo mineiro, foi também umha das amigas brasileiras de Paz-Andrade.

¹³⁸ Cfr. Even-Zohar, 1990 e 2000.

A Galecidade é, mui fundamentalmente, e assim funcionou na Galiza¹³⁹ e no grande País americano, umha reivindicação reintegracionista dum autor brasileiro, dum dos considerados maiores autores da História do Brasil, feita por um galego, o que pode resultar curioso na Galiza para estes tempos de indigência a respeito do mundo lusófono.

Se livros como *Galicia como tarea*, *A Evolución* ou *La Marginación* manifestam um caráter programático e projetivo, em tempos de ditadura, *A Galecidade* funciona como um convite e umha prática para a recuperação, e isso tanto na sua dimensão interna como, trataremo-lo a seguir, na sua dimensão externa. E repare-se que os dous grandes livros que Paz-Andrade em que deu atenção exclusiva a obras de personalidades históricas são este e *Castelao na Luz e na sombra*, os dous da mesma época; e os dous sobre personagens-símbolo para muitos dos seus concidadãos.

A Galecidade é, talvez, o livro de maior escopo internacional de Valentin, suscitando novos encontros na lusofonia.

Para além da sua concreta intervenção no panorama cultural brasileiro, incorporando-se como bibliografia obrigada sobre Guimarães Rosa e como iluminador de transferências e presenças entre ambos os sistemas culturais, o galego e o brasileiro, vale a pena pôr em destaque o eco e a impressão que provocou nalguns intelectuais de Além Mar. Ademais da já assinalada de Ronai, queremos aqui exemplificar com dous testemunhos igualmente reveladores... e solares!, como polo seus nomes se verá: os de Hélio Jaguaribe e de Hélio Dutra Domínguez. Eles, por sua vez, prolongaram, com a sua admiração e difusão da obra de Valentin, aquele seu labor mediador.

O interesse de Hélio Jaguaribe conhecemo-lo através de Osorio-Tafall (1991) (como Paz-Andrade, homem vinculado as atividades da FAO por Latino-América). “Fue precisamente en el CEESTEM¹⁴⁰”, narra a testemunha, “en

¹³⁹ A começar por Álvaro Cunheiro, que também se refere, embora de passagem, a este aspeto no seu “Epílogo”, p. 210. “Hai que decir que, en primeiro lugar, é o idioma galega o que o preocupa. Porque n-unha dimensión mui amplia Galicia é o idioma galego, e porque o noso compañeiro sabe que non se nos pode matinar a existencia de Galicia sen o seu idioma. Pro tamén sabe que o galego non pode, nin debe, ser un cementerio lingüístico, e así coido que a súa primeira publicación sobre o galego tratou de «a evolución transcontinental da lingua galega-portuguesa». E é quizaves, e sin quizaves, que no discurso que acaba de ler, está a preocupación pol-a expansión ultramarina da fala nosa. Paz-Andrade, quen fixo un estudo tan sutil, tan lúcido sobre a obra de Valle-Inclán, foi a fixarse n-un escritor brasileiro, Guimarães Rosa, en cuia obra vai o noso compañeiro a atopar e analizar a «galecidade» da súa lingua, a galecidade da lingua do sertão, que Guimarães recria no plano artístico, como apunta Wilson Martins a quen Paz-Andrade cita, «sem perder as súas fontes, a lingua prodigiosa do sertão imprimíndolle a mesma flexividade que lle dá o sertanejo elocvente, imaginoso». Pro, ¿de qué se trata? Cóntanos Paz-Andrade, como os presentes ouviron, tal afirmación pois lera tratarse d-unha diagnosis encobridora de algún erro de perspetiva, que de certo non podía ser a mesma «si o anteollo se manexa dende Portugal ou do Brasil litoral, ou si para o enfoque tomamos outros miradoiros. O propio sertão ou a Galiza».

¹⁴⁰ Centro de Estudios Económicos y Sociales del Tercer Mundo, de que Osorio Tafall foi Diretor Geral entre 1976 e 1980, “creado a finales de su administración por Luis Echeverría, Presidente de México”, conta o próprio Osorio-Tafall.

donde con ocasión de la visita a este Centro del polígrafo brasileiro Helio Jaguaribe” este,

impresionado por “un libro del escritor gallego Valentín Paz Andrade y titulado *A Galecidade na obra de Guimarães Rosa*” me preguntó si conocía al autor. Mi buen amigo Helio era a la sazón Director del Instituto de Sociología de la Universidad de Río de Janeiro, se mostró asombrado por la erudición de Valentín al tratar un tema de gran interés para la cultura del Brasil. En varias oportunidades, tales como entrevistas de prensa y conferencias, Jaguaribe no escatimó sus elogios a esta obra magnífica de Valentín Paz Andrade que había sido escrupulosamente editada en gallego por el gran amigo que es Isaac Díaz Pardo (19-20).

Diga-se que não era pouca a consideração que o intelectual brasileiro tinha dentro e fora do Brasil. Jaguaribe, nascido em 1923, fundara aos trinta anos o Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política e três anos mais tarde o Superior de Estudos Brasileiros, e os seus escritos sobre economia, política e sociedade eram largamente apreciados e seguidos; umha autoridade pois no assunto por que Valentin enveredara.

O outro testemunho é já direto, pois aparece nas páginas de *Grial* (248- 250), no n.º 64 de abril-junho de 1979. Trata-se dumha “Carta sobre «A Galecidade na obra de Guimarães Rosa»” escrita polo intelectual brasileiro-cubano Hélio Dutra Domínguez. Mais mediação e difusão; aqui conhecemos igualmente o intermediário: Neira Vilas, como o mesmo Dutra afirma já no início; e novos nomes e ideias aparecem: da carta desprende-se que Dutra envia para Paz-Andrade umha entrevista com Antônio Houaiss, importante académico brasileiro, “sobre problemas do idioma português no Brasil e em Portugal”. A carta, que mostra como por exemplo a Cuba chegou *La Marginación* (e não *A evolución*, que não é citada). Na carta, emocionado testemunho, vê-se o alcance que as reflexões de Paz-Andrade atingiram no mundo da lusofonia e as consequências práticas que daí se derivavam. Damo-la integral em nota¹⁴¹

¹⁴¹ [p. 249] “Felizmente para nós, o correio de Galiza tem chamado algumas vezes as nossas portas. Das *Memorias dun neno labrego* até a *Galecidade* e, mais recentemente, a *Marginación da Galiza*, estamos aprendendo cousas que jamais havíamos intuído em nossa já demasiado estirada existência.

Entusiasmados com os descobrimentos, confiamos ao amigo Neira Vilas um documento jornalístico, que acreditamos será de interesse para o amigo Paz-Andrade: nos referimos à entrevista do académico brasileiro Antônio Houaiss, sobre problemas do idioma português no Brasil e em Portugal. Não sabemos se em suas viagens ao Brasil o amigo conheceu este extraordinário estudioso do nosso idioma. Pensamos que Antônio Houaiss responde em certa extensão algumas de suas perguntas no capítulo sobre a “Marginación do Idioma.” E os interessantíssimos problemas abordados em suas considerações acerca da marginación e sobre qual seria a “evolução a esperar” no desenvolvimento futuro do galego, do português do Brasil e o de Portugal.

Particularmente, como leitor anónimo, coincidimos em que não seria possível alcançar uma unificação literal. Esta tentativa foi feita várias vezes, com iniciativa governamental ou oficiosa, através das Academias de Letras do Brasil e de Portugal. Os resultados, como se vê, não foram bons. Houaiss dá algumas razões dos desencontros, que vão do desconhecimento de alguns negociadores até a má fé de alguma das partes, senão das duas, passando pelo “monopólio” do idioma pelos portugueses... Mas seguramente há uma grande possibilidade de “enriquecimento lexicográfico recíproco”, e este deveria ser o espírito da sabedoria, da ciência e da sociologia do idioma. Como o amigo está dotado dessa capacidade para esse novo renascimento, vemos em

(impossível aqui analisá-la) por constituir um mui interessante documento para as perspectivas que a obra de Valentin abria e de como a sua conceção cultural encontrava cada vez mais ecos ativos no domínio lusófono extra-galego; era a dimensão externa que esperava este Valentin, aliás, de já oitenta anos e carente de organização que o valesse...

seu intercâmbio com Brasil -e naturalmente com Portugal- a chave duma nova era para nossos idiomas, mais nossos porque são no fundo a mesma linguagem.

[...] Como livro excecional, *A Galecidade* desperta uma multidão de ideias no coração dum devoto de G.R. Mas, depois de ler a *Marginação*, compreendemos que G.R. deslumbrou não somente o beletrista e catador de gemas raras, para alcançar o político e o sociólogo - que todas essas condições concorrem em sua personalidade.

Mas, como vê, prevalece em nós a preocupação prática; e por esse motivo nos atrevemos a recomendar ao amigo -se ainda não está em marcha algum plano nesse sentido- estabelecer contato urgente com os meios literários, culturais e editoriais do Brasil, para chegar a esse enriquecimento recíproco, que é um dos fundamentos do espírito internacionalista dos povos. Os brasileiros compreenderão perfeitamente suas preocupações e inquietações com a marginação da região, do homem, da língua e de outros factores da sociedade, pois são problemas históricos e atuais no Brasil. A marginação do idioma ali é parte do instrumento de dominação. E a obra de G. R. parece ser uma contribuição prática à sua tese, tanto do ponto de vista lingüístico, idiomático, como do sociológico.

Ao ler *A Galecidade*, nos lembramos da frase de Unamuno sobre José Martí, ao reconhecer que a América Hispânica estava devolvendo a Espanha um novo idioma. Suas expressões sobre G.R.; sua declaração de que “a glória de sua definitiva salvação (do galego) a devemos a Portugal”; sua menção à “qualidade e extraordinário hálito humano que caracteriza a literatura portuguesa nesta hora poderosamente enriquecida pelos modernos escritores do Brasil”; nos convencem que seus domínio sobre essas ciências sociais está alicerçado numa probidade intelectual.

Sua tese da influência galega na obra de G.R. tem, pois, a nosso ver, uma importância à altura da significação transcendental da expansão ultramarina do/ [p.250] idioma. Que, ao contrário de outras expansões foi levada no lábios de seus portadores. E se a “letra com o sangue entra”; a nossa veio das fontes nutritivas navegando em leite, e por algo nos sentimos orgulhosos e emocionados de chamá-la nossa língua materna.

Seu livro explicará aos brasileiros a chave do idioma em que se nutriu G.R. e que tanta perplexidade ainda desperta nos meios nacionais e internacionais. Porque ele mergulhou nas raízes, Paz-Andrade pôde descifrar o “misterio esse” de G.R. Ainda que os escritores, os críticos e os leitores assim não o entendessem, G.R., como um Mr. Jourdain às avessas, usava o galego e fazia seus “rosoemas” - “a sabiendas”

Seu livro se derrama como bálsamo de sândalo sobre ondas encapeladas, no tormentoso universo tricontinental luso-galaico-brasileiro -e africano. G.R., com sua obra (que representa seguramente o espírito de muitos outros, que não souberam expressá-lo tão bem como ele fez) é uma prova que os herdeiros de Taveirós estão orgulhosos de sua linhagem e o demonstram com a palavra. Ave-Palavra. E suas palavras, como representante da pleiade de escritores nascidos de Rosalía -escritora nutricia- são um reconhecimento de nossos maiores aos ascendentes luso-brasileiros.

[...]

Saiba quanto lhe agradecemos, como natural do Brasil, por escrever esse livro, e ao fraterno Neira Vilas pelas primícias de sua leitura. Disponha pois de seu... (ia dizer “novo”; mas seu livro estabeleceu já entre nós uma amizade de infância); assim, considere-nos como um velho seu amigo e seguro servidor, que o saúda com a convicção de que, com um povo marinheiro como o da Galiza e com homens como Curros Enríquez, Guimarães Rosa, e tantos mais.

“Ti non morrerás, Cristo das linguas”

Referências como a citação final desse verso de Curros manifestam umha cumplicidade de argumentos, porque ele é citado por Valentin em *La Marginación* (p. 1 1 8), no Capítulo “La Excomunióón del Habla propia”

7.6 Mais umha produção literária e mais umha homologia de repertórios com a produção intelectual: *Cen chaves de sombra*

Cen chaves de sombra (1979), outro título, polo já visto, de inequívoca fé valentiniana, é o nome do seu segundo e último poemário. Liga-se perfeitamente com assuntos poéticos daquela *Sementeira de Vento* de onze anos atrás. De novo o mar, e mais outra vez a língua sobre esse mar como abraço continuamente procurado. A lusofonia abre-se como património próprio do poeta, que recupera os vanguardistas lusófonos para introduzir os seus versos, ao lado de Joyce, Neruda ou César Vallejo, a quem sem dúvida propendeu também por razões culturais e afetivas: o mundo irlandês e o hispanoamericano. E assim, a “Romanceira de Casteligo” é aberta com texto do brasileiro Carlos Drummond de Andrade: “A soma da vida é nula./ Mas a vida tem tal poder:/ na escuridão absoluta/ como líquido circula”; e “Agora eres canzón,” dedicado a Otero Pedrayo morto, nasce com os versos do outro grande modernista da lusofonia, agora o português Fernando Pessoa, transferido aqui, é claro, antes da sua glorificação: “A lembrada canção/ amor, renova agora/ na noite, olhos fechados, tua voz”.

São estas igualmente provas do carácter moderno, dinâmico que Valentin imprimia também na sua criação literária, e que Lorenzo Varela, autor do prólogo do livro ilustrado por Seoane (mais umha outra prova do que indicávamos), não deixará de notar.

Merece ao nosso juízo alguma audiência aqui esse “Limiar”; polo que tem de revelador dum pensamento e dumha orientação cultural que foi calhando noutras mentes:

Houbo un tempo no que ainda era noviño, cásique adolescente, que lle din. E nise tempo non soio eu sinon que moitos outro tivémonos que dar conta de que o pazo i as camelias asoballantes, a leira i a xugada coa sua enxebre e merdenta vaca loira non findaban de darlle xeito ó país. Pra entón, o país xa era Galicia, que naqueles tempos chamabamoslle Galiza, como saben os lectores de Castelao. E tamén naquel tempo soupen que tal como se debe conquistar a cultura, pois non abonda según Malraux, con herdala, asin hai que conquistar a Matria, e, aínda máis, a Patria.

I entón xurdíu unha xeneración de galegos rexidores: a máis de Castelao, Bóveda, Otero Pedrayo... Tinha poucos anos menos Valentín Paz Andrade, mais pra nós xa era un guieiro da xornada a facer (p. 8).

Mais adiante, referido à sua poética, delimita Varela todo um quadro referencial cujas origens, dimensões e homologias¹⁴² com outros âmbitos da atividade já conhecemos:

¹⁴² Exemplo dessas interrelações e homologias entre as tomadas de posição de Valentin nos diferentes campos é, para além dos muitos citados, o artigo “Evaluación del sector pesquero en Galicia”, in *perspetivas de Galicia ante el 2º Plan de Desarrollo*, Instituto J. Comide de Estudios

Hoxe, quero decir agora, nestas páxinas suas, o que importa é a súa calidade de poeta. Eu non sei se lle gustará a Paz-Andrade cando vexa estas liñas, o que vou a decir. Penso que il ten -xa quixera telo eu -, un fío da brétema milagreira que o leva de xionllos pé da pedra dos máis lonxanos devanceiros, perto dos druidas. Na lingoa da cátedra, se diría que polo tanto entronca coa lembrada poesía bárdica. Na liña de Pondal, inda que pareza, no comenzo, está pousándose no vieiro de Curros. Ou dos portugueses que tanto ama (portugueses ou brasileiros, que prá nós, cos debidos respetos, é o mesmo).

O seu galego é un idioma con arrepiós, con frouseiras que o levan a barlovento, escorado, no lombo do mar céltico, a sotavento, no peito do mar que se dispara camiño dos mundos (p. 10).

Quadro referencial e vivencial, que rebenta a cada lado como querendo sublinhar agora na palabra poética essa experiencia intensa do mundo que conheceu e desfrutou. Sob o título de “Ora na Hora”, proclama na “Contraofenda a S ant Yago” (pp. 34 ss.), que assina na capital galega em 1976: “O árbore da lingua, árbore agosto, / cubrir ben pudo catro continentes, / pra ter no seu leito de Procusto / e vivir d-unha fé para creentes”.

7.7 *Galiza lavra a súa imaxe* e Valentin a da Galiza

Nesse ano da publicación de *Cen Chaves de Sombra* Valentin fazia oitenta anos.

Inegavelmente, foram oitenta anos de vida agitada, pessoal, política, socialmente. Podia recontar múltiples e mui variadas actividades e experiencias: soldado, jornalista, político, advogado, empresário, ensaísta, poeta, economista, viajante..., com várias vezes a vida em risco. No entanto, ainda havia dar obras de fôlego numha força e ánimo realmente admiráveis, se se nos permitir o apontamento, manifestando nos seus assuntos algunhas das suas vocações (e, em parte, advocações) mais prezadas¹⁴³. Entre elas merecem especial destaque a súa biografía de Castelao, *Castelao na luz e na sombra* (A Coruña, O Castro, 1982), o *Estudio Preliminar* a reedição em facsímile de *Ensayo de una historia de peces y otras producciones marinas de Galicia*, do ilustrado José Cornide, e *Galiza lavra a súa imaxe*, a que agora nos havemos de referir polo que ao objeto do noso estudo interessa.

A obra apresenta-se em duas maneiras complementares à leitura: para quem conhecia na altura a súa produção anterior, esse livro era sobretudo a síntese e a prática do seu pensamento; para quem não estava nessa disposição, *Galiza lavra a súa imaxe* aparece como um conjunto heterogêneo de textos sobre diversos assuntos unidos polo conceito que dá título ao livro: diferentes

Coruñeses, maio-junho de 1968, pp. 77- 104, Coruña, onde, sob epígrafes como “La predestinación marítima” ou “el marco geográfico”, faz referência à comunidade com Portugal.

¹⁴³ Ainda serão várias as conferências ditas por Valentin, entre as quais a de maio de 1984 na Juventude de Galiza, em Lisboa, como informa a imprensa lusa e destaca, em artigo elogioso, Montezuma de Carvalho no *Jornal de Sintra* desse dia, e a de 7 de dezembro do mesmo ano, em Vila Nova de Gaia, resenhada, entre outros, polo *Jornal de Notícias*. O assunto dumha e doutra é a vida e obra de Castelao.

elementos, pessoas, ideias da Galiza atual e passada vinculados por darem, ou terem-no tentado, umha imagem da Galiza progressiva, moderna, genuína, inovadora, auto-identificada e auto-centrada com vocação universalista. Esse é o perfil, com diferentes acentos, da coletânea de textos ali reunidos.

E assim é para o nosso assunto. *Galiza lavra a sua imagen* está transido das, e sustentado nas referências culturais, de todo o tipo, galego-luso-brasileiras, desde o paratexto de abertura (p.7):

A alma modela a face como o sono do antigo oleiro modela o vaso fino” (tomado de *A Correspondência de Fradique Mendes* de Eça de Queirós, e que sintetiza extraordinariamente o pensamento de Valentin que aqui vimos expondo, mesmo na autoria selecionada) até recuperações de passadas atenções, como o caso de Cornide (“O Delfín Galego da Ilustración, pp. (133- 153),

a quem classifica como o “Precursor do lusitanismo” galego.

Outros aspetos salientam. O mais evidente é a adoção dumha grafia mais próxima das normas portuguesa e brasileira. Certamente, na sua escrita vinha Paz-Andrade utilizando, nos vários domínios da língua (desde a forma ‘Galiza’) mas sobretudo no léxico, muitas formas de uso escasso nas épocas em que escrevia nos seus coevos galegos e propugnando, como vimos sobejamente, a reintegração progressiva do galego nas normas referidas. A proposta fica reafirmada em *Galiza lavra a sua imagen* com essa transferência da área luso-brasileira, passo que, aliás, lhe provocaria mais dum dissabor; observe-se que era a altura, 1985, momento de forte controvérsia e violência, sobretudo simbólica¹⁴⁴ no campo literário, intelectual e do ensino, em que a tendência contrária às ideias de Valentin vingara oficialmente; e momento também em que deveu parecer-lhe a altura de acompanhar a orientação que defendia, “o intre” em que devia “ser exercida”, tomando a posição que mais de quinze anos atrás sustentara¹⁴⁵ diante dum novo estado do campo intelectual e do poder¹⁴⁶.

¹⁴⁴ Sobre este conceito, vid. Bourdieu (1994).

¹⁴⁵ Lembremos as suas palavras de 1968, já citadas, sobre a evolução da Língua (e note-se a coerência delas com a prática de *Galiza lavra a sua imagen*):

“Unha é a evolución continxente que deica agora seguíu. Outra a que en adiante deba ter. Aínda que a opción non veña por primeira vez ás nosas maos, podemos estar chegando ao intre no que deba ser exercida. O galego ha de seguir mantendo unha liña autónoma na sua evolución como idioma, ou ha de pender a mais estreita similaridade coa lingua falada, e sobre todo escrita, de Portugal e-o Brasil? Os termos da cuestión non deben ser tomados no senso de que o galego, pra marchar en maior irmandade formal co portugués, teña que deixar de ser o que é?”

¹⁴⁶ Não deve para nada ser negligenciado nem o fator em que a situação se apresentava nem o entendimento das diferentes tomadas de posição de Valentin ao longo da sua vida, que explicam estas escolhas. É verdade que já em *Castelao na luz e na sombra* (1982) essa orientação aparece, e que é perfeitamente perceptível em poemas como os publicados em *Nordés*, (n.º 4, 1976, pp. 22-3), mas repare-se em que, com toda a segurança, no momento da redação e mesmo da impressão do livro, as *Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego* não eram oficiais. A atitude pois de Valentin em *Galiza lavra a sua imagen* é de evidente insurgência e consequente distanciamento daqueles de quem, por biografia e partilha de ideias (não todas), podia considerar-se próximo. De facto, sabemos por boca dum conhecido intelectual galeguista que esse livro, pola sua escolha linguística sobretudo e também polo seu conteúdo, provocou iradas reações e

Paz-Andrade atende aqui muitos aspetos que julga identitários da cultura galega. À par, vai sendo utilizada para defini-los toda umha ampla gama de materiais e imaginística, de repertório enfim do património lusófono. Ao tratar da “semiótica da paisagen” elabora um discurso lírico sobre as diferenças de sensibilidade entre Castela e a Galiza, simbolizadas em dous pássaros, o melro e a cegonha; aí, os seus exemplos literários procedem de Guerra Junqueiro e de Gonçalves Dias. Páginas adiante trata o tema do humorismo como peculiaridade galaica, que qualifica de “indefinível” e onde faz desfilar Camilo e Eça. Ao, mais umha vez, debruçar-se sobre o futuro da língua galego-portuguesa assomam as conhecidas referências. *Galiza lavra a sua imagen* constitui assim a ideia da Galiza que o mesmo Valentin quis contribuir a lavar. A dumha Galiza colocada no mundo porque colocada no âmbito galego-luso-afro-brasileiro, intersistema cultural das diferentes comunidades de língua comum.

Camões, Eça, Ramos Rosa, Guerra Junqueiro, Olavo Bilac, Guilherme de Almeida, Ângelo César, Pessoa, Drumond de Andrade, com Rosalia, Pondal, Castelao, Seoane, etc. formam a sua particular “Santa Companha” literária, como P. Ronai, Gilberto Freire, Lapa, T. Braga, Oliveira Martins, Guilhermino César, António Sérgio, J.J. Nunes, Euclides da Cunha, Damião Peres, Jaime Cortesão... a intelectual, património do sistema intercultural que quer igualmente comum, constituído polas duas nações europeias, as africanas e o grande Brasil transcontinental. Percebe-se bem isto em todas as suas obras programáticas ou reflexivas, como também nas literárias já analisadas, com um pendor que, iniciático e tópico nos primeiros anos, vai, a partir da década de cinquenta (em que parece determinante o seu conhecimento do Brasil), firmando-se como central e original; e percebe-se bem em artigos breves, obras talvez menores quanto ao seu peso no campo intelectual, mas mui reveladoras da quotidianidade e naturalidade com que Valentin usa aquele património para o seu trabalho intelectual. Assim, em “O cinzel de Faílde”, a falar do escultor, as referências comparativas são as dum galego e dum brasileiro, inserindo-o assim no imaginário do sistema intercultural (*Galicia Emigrante*, n.º 15, novembro de 1955, p. 7):

Conociéndole un poco, nadie dudará de que su arte nació con él. Como nació con Laxeiro, otro gran artista gallego de esta hora, su pintura. O con Antino Francisco Lisboa, o Aleixandinho, su arquitectura y su escultura barroco-brasileiras (GE, n.º 15, 1955)

E assim também em (e citamos palavras de Filgueira Valverde, [1991: 30]): “un belido ensaio, «A lingua que en nos nasceu» codifica criterios e aspiracións”; em “El área espacial de la lengua gallega” (1966) exalta a comunidade co portugués e o brasileño, tal que a recensión do “Diccionario galego-portugués” de

hostilidade nos meios intelectuais que consolidavam o seu papel dominante. E, igualmente, esse passo significava a renúncia aos benefícios que umha posição central e oficial podia oferecer-lhe, passando a ocupar o lado dos vencidos/dominados polo intervencionismo e determinismo que no campo intelectual vai derivar da *oficialização* das *Normas* e do seu uso como instrumento de violência simbólica posterior.

Williams de Melo, inserta en “Grial”? E falando da literatura espanhola marcada por dous humoristas galegos, “os mais grandes cecais que despóis de Cervantes e Quevedo tivo: Julio Camba e Wenceslao Fernández Flórez”, afirma (p. 3-4):

Os dous, o mesmo que Castelao, inxenios da faixa atlántica, como fora Eça de Queiroz, e como Castelao era [...]

O pendor do humorismo foi estudado como cualidade do espírito de certos pobos. Máis de unha vez tense falado de humorismo atlántico. E citando a Eça de Queiroz por Portugal, Chesterton, Shaw, Joyce... por Irlanda, parte de outros conspicuos cultivadores. Semella claro de abondo que na mesma afiliación terían de ser aforados os humoristas galegos da xeneración de Castelao, aínda que algúns escribiran en castelán¹⁴⁷.

7.8 Final

Não nos parece que as palabras aquí analizadas de Valentin devam ser atendidas superficialmente, procurando puerilmente a súa coincidencia ou divergencia com os nossos postulados. Mais, além disso, é deseñável, se dela se quer beneficiar, nutrir-se das sólidas reflexións de Valentin, e desfrutar dumha obra certamente original. Muitas das súas valorizacións deberían ser afixadas nas portas da catedral da cultura galega, como Lutero afixou as súas na igrexa do castelo de Wittenberg.

A obra de Valentin coloca-nos no mundo e situa-nos no mundo lusófono. Repare-se que é o primeiro teórico reintegracionista sólido do após-guerra na Galiza, e sendo-o, parece-me um dos mais modernos. Em minha opinión, parte dessa modernidade bebe também na fonte da súa experiencia política e económica, e da pessoal descubrindo reclamando atención para o Brasil emergente. Concebendo (e practicando) o mundo lusófono como espaço humano e cultural propio, exerceu igualmente umha magnífica tarefa de mediador (não só desfrutou das transferencias, transmitiu-nas), talvez a mais parentória, assim como recuperador da memoria e impulsador da modernidade. A isso tampouco deveu ser alheia a súa solidíssima formación intelectual, que mesmo o leva a impugnar Freire¹⁴⁸ ou Levi-Strauss, onde não parece haver muito espaço à preguiça: outro dos males do tempo. E que o conduziu a perspectiva da acción cultural deseñada do ser humano em contínuo dinamismo e diálogo, em constante renovación das fontes cuja genuinidade não deve esquecer-se

¹⁴⁷ “A fonte autobiográfica de Castelao...”, *Grial*, n.º 71 de janeiro-março de 1981. Esta valorización vai incorporar-la também a *Castelao na luz e na sombra*. Não esquece, aliás, aquí Valentin essa elaboración do galeguismo sobre a área celta que partilharian Galiza, Portugal e, sobretudo, Irlanda dos Países a eles setentrionais. Quanto à referencia aos galegos escritores em espanhol podería ser acrescentado Valle-Inclán que, embora não sendo da mesma geração, foi também perspectivado por Valentin desse ponto de vista da criatividade humorística (Cfr. por exemplo Paz-Andrade, 1967, que citamos porque também quis ver nele afinidades com os humoristas lusos).

¹⁴⁸ Por exemplo em *Los Gallegos* (1966), p. 51, no capítulo “La Sociedad y la Economía” (45-93) da súa autoria.

para ser. E todo isso, num pensamento ele também nada estático, progressivo e respondendo aos estados da sociedade, dos diferentes campos de intervenção programático e respondedor; não imobilizado e inábil.

Resulta pois evidente que a biografia de Valentin é urgente para contribuir a conhecer, digamo-lo brutalmente, o galeguismo do século XX. Não foi possível aqui acompanhar as diferentes posições que este *outsider* (conceda-se-nos o expressivo anglicismo), fora das doutrinas dominantes e oficiais de muitas das épocas vividas, foi ocupando. A sua obra pode parecer agora inovadora a muitos, mas é preciso indicar que ela foi vezes sem fio ignorada. A isso contribuiu talvez o estigma da sua rutura com Castelao aceitando ir nas listas de Portela Valladares para conseguir mais um deputado galeguista nas Cortes Republicanas que debateriam o Estatuto Galego¹⁴⁹ e o seu posicionamento político nos anos setenta, o mesmo curiosamente que na atualidade é ocupado por muitos detratores ou indiferentes. A mim não me ensinaram a apreciar a sua obra, nem fum capaz de fazê-lo até passado bastante tempo. Hoje reparo, não a ele mas a mim, essa injustiça.

¹⁴⁹ Estigma que, que no entanto e, desfazerá o próprio Castelao ao escrever a Valentin em 1944 para a reorganização política do galeguismo interior; o mesmo Isaac Díaz Pardo (1991).

Bibliografía citada

- AA. VV. (1996): *Historia da Literatura galega*. Vigo: AS-PG / A Nosa Terra.
- Álvarez, Eloísa, e Alonso Estraviz, Isaac: (1999), *Os Intelectuais Galegos e Teixeira de Pascoaes: Epistolário*, Sada/A Coruña, Ed. do Castro.
- Añón, Francisco: “A Lisboa” (1857), *Revista Peninsular*, II, p. 367, in Branco, Bernardes, *Portugal e os estrangeiros*, II, [Lisboa, Imprensa Nacional, 1879.]
- Barreiro, Xosé Ramón (1977). *El levantamiento de 1846 y el nacimiento del galleguismo*. Editorial Pico Sacro.
- Bassel, Naftoli (1991). “National Literature and Interliterary System”, *Poetics Today*, 12 (4): 773-780.
- Beramendi, Xusto, e Nuñez Seixas, Xosé M. (1995): *O Nacionalismo Galego*, Vigo, A Nosa Terra.
- Bourdieu, Pierre. (1991). “Le champ littéraire”, *Actes de la Recherche*, n.º 89, Setembro: 4-46.
- Bourdieu, Pierre. (1994): *Raisons pratiques. Sur la théorie de l’action*, Paris, Editions du Seuil.
- Bouza Brey, Fermín (1925): “A formazón literaria de Eduardo Pondal e a necesidade e unha revisión dos seus Queixumes”, *A Nosa Terra*, n.º 208, 1-I-1925; n.º 209, 1-II-1925, n.º 210, 1-III-1925, e n.º 211, 1-IV-1925.
- Bouza Brey, Fermín (1935): “Camoens e Pondal”, *Nós*, 134, 15-II-1935, pp. 25-30.
- Bouza Brey, Fermín (1948): “Escritos no coleccionados de Rosalía de Castro”, *Cuadernos de Estudios Gallegos*, 9, pp. 705-707.
- Braga, Teófilo (1877), *Parnaso português moderno; precedido de um estudo da poesia moderna portuguesa*, Lisboa: Francisco Arthur da Silva.
- Branco, Bernardes, Manuel (1879): *Portugal e os estrangeiros*, III, Lisboa, Pereira. [Lisboa, Imprensa Nacional, 1895.]
- Brea, Ângelo: “Análise comparativa do episódio do ‘Velho do Restelo’ d’Os Lusíadas com o ‘episódio da donzela’ d’Os Eoas”, *Nós*, 35-40, 1994.
- Carballo [Carvalho] Calero, Ricardo (1960), “Os Eoas”, *Miscelânea de estudos a Joaquim de Carvalho*, Biblioteca-Museu Joaquim de Carvalho, Figueira da Foz, n. 4: pp. 404-415.
- Carballo [Carvalho] Calero, Ricardo (1961), *Versos ñorados ou esquecidos de Eduardo Pondal*, Vigo, Galaxia.
- Carballo [Carvalho] Calero, Ricardo (1963): *Historia da Literatura galega contemporânea*, Vigo, Galaxia.
- Carballo [Carvalho] Calero, Ricardo (1971): “A América descuberta”, in Carballo [Carvalho] Calero, Ricardo, *Sobre lingua e literatura galega*, Vigo, Galaxia, pp. 85-100.
- Carballo [Carvalho] Calero, Ricardo (1975), *Historia da Literatura galega contemporânea*, Vigo, Galaxia.
- Carballo [Carvalho] Calero, Ricardo (1981), *Historia da Literatura galega contemporânea*, Vigo, Galaxia.

- Carré Aldao, Eugenio (1903): *Literatura Gallega en el siglo XIX*, Corunha, Librería Regional de Carré.
- Carré Aldao, Eugenio (1911): *Literatura gallega*, Barcelona, Casa Edit. Maucci.
- Carré Aldao, Eugenio (1925): “Nota sobre el apellido Camoens”; *Diário de Notícias*, 6/6/1925.
- Carvalho Calero, Ricardo, “Camoens e Pondal”; *La Voz de Galicia*, 8-VII-1980.
- Carvalho, José Adriano de Freitas (1981), “Frei Martín Sarmiento OSB e Os Lusíadas”; *Arquivos do CCP*, XVI, Paris, pp. 345-358.
- Castelao, Daniel (1944): *Sempre en Galiza*, Buenos Aires, Edición “As Burgas”.
- Castro, Rosalia de, *Follas Novas*, (1880), Madrid/Havana, *La Ilustración Gallega y Asturiana* La Propaganda Literaria, XVII.
- Chernov, I. (1991): “National Literature. Theoretical Marginalia”; *Poetics Today*, 12 (4): 769-772.
- Coelho, Jacinto do Prado (1952): “O Clássico e o Prazenteiro em Rosalía”; *Sete ensayos sobre Rosalía*, Vigo, Galaxia, pp. 59-68.
- Dasilva, Xosé Manuel (1995): *Os Sonetos de Camões, tipologia textual* [Microforma], Tese de Doutoramento, Universidade de Santiago de Compostela.
- Dasilva, Xosé Manuel (1996a) “Um modelo para a editoração de poesia clássica, Leodegário A. de Azevedo Filho e a obra lírica de Camões”; *Moenia*, 2, pp. 395-420.
- Dasilva, Xosé Manuel (1996b): “Em volta de uma versão galega de Camões”; *Agália*, 48, pp. 451-462.
- Dasilva, Xosé Manuel (1998a): “O Valor decisivo dos manuscritos para o cânone camoniano: alguns exemplos a partir da poesia espanhola” I Congresso Internacional de estudos camonianos.; UERJ/SBLL, Rio de Janeiro, pp. 237-288.
- Dasilva, Xosé Manuel (1998b): “Significados de um mito literário-patriótico: Luís de Camões traduzido em *Que farei com este livro?* de José Saramago”; *Actas del VII Congreso Internacional de la Asociación Española de Semiótica*, Alberto Navarro González, Juan Carlos Pueo Domínguez, Alfredo Saldaña Sagredo e Túa Blesa, coords. Vol. 2, pp. 167-173.
- Dasilva, Xosé Manuel (2000a): “A propósito das relações editoriais entre o *Manuscrito apenso* e as *Rimas* (1598) na lírica camoniana”; *Homenatge al Professor Basilio Losada: ensinar a pensar con liberdade e risco*, Isabel de Riquer, Elena Losada Soler e Helena González Fernández (ed. lits.), págs. 291-302.
- Dasilva, Xosé Manuel (2000b): “Os Sonetos de Camões em galego são camonianos e galegos?, estado hodierno da questão”; *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*, vol. 2, José Luís Rodríguez (ed.), Santiago de Compostela: Parlamento de Galicia; Universidade de Santiago de Compostela, pp. 179-203.
- Dasilva, Xosé Manuel (2001a): “Camões interpretado por Otero Pedrayo, unha conferencia (1940) en galego y un artigo (1953) en portugués”; *Grial*, 150, pp. 165-208.
- Dasilva, Xosé Manuel (2001b): “Curros Enríquez traductor de Camões, as endechas ‘A Bárbara escrava’ en galego, *Grial*, 151,
- Dasilva, Xosé Manuel (2001c) “Carolina Michaëlis e a inauguração da modernidade nos estudos camonianos”; *Revista da Faculdade de Letras. Linguas e literaturas*, 18, pp. 93-106.
- Dasilva, Xosé Manuel (2001d): *De tão divino acento em voz humana: (leituras dos sonetos de Camões)*, Vigo, Servicio de Publicacións, Universidade de Vigo.
- Dasilva, Xosé Manuel (2002): “Camões en galego: algunhas versións do soneto “Alma minha gentil, que te partiste”; *Boletín galego de literatura*, 28, pp. 125-138.
- Dasilva, Xosé Manuel (2003a): “Aproximação inicial das traduções espanholas da obra lírica camoniana”; *Revista Camoniana*, 14, 3ª série, v. 14, pp. 245-304.

- Dasilva, Xosé Manuel (2003b): "As traducións camonianas españolas de José María de Cossío"; *Santa Barbara Portuguese studies*, 7, pp. 191-211.
- Dasilva, Xosé Manuel (2003c): "Francisco Añón en homenaxe a Camões"; *Madrygal*, 6, pp. 41-50.
- Dasilva, Xosé Manuel (2003d): "A. Ruivo Mouzinho (org.) Camões grande Camões, Porto, Unicepe, 1996" [recensión], *Boletín Galego de Literatura*, 30: 152-156
- Dasilva, Xosé Manuel (2006a): "A tradución do bilinguismo no teatro de Camões"; em *Perfiles de la traducción hispano-portuguesa*, Dasilva, Xosé Manuel (ed.), Vigo, Servicio de publicacións, Universidade de Vigo, pp. 83-97.
- Dasilva, Xosé Manuel (2006b): "Lugrís Freire e Camões"; in *Manuel Lugrís Freire: Día das Letras Galegas 2006*, Santmarina, A. e Tarrío, A., coords., Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 71-95.
- Dasilva, Xosé Manuel (2007): "O Padre Sarmiento e a estirpe galega do poeta lusíada Camões"; *Actas do I Congreso Internacional de Onomástica Galega*, «Frei Martín Sarmiento», Santiago de Compostela, Asociación Galega de Onomástica-Instituto da Lingua Galega, pp. 69-96.
- Díaz Pardo, Isaac (1991): "Valentín Paz Andrade lembrado dende a emigración" in *Homenaje a Valentín Paz Andrade*, Ponte Vedra, Academia Gallega de Ciencias, Diputación Provincial de Pontevedra, pp. 53-56.
- Even-Zohar, Itamar (1990): "Polysystem Theory"; *Poetics Today* 11 (1): 27-96.
- Even-Zohar, Itamar (2000): "The Making of Repertoire, Survival and Success, under Heterogeneity"; *Festschrift für die Wirklichkeit [To Honor Sigfried J. Schmidt]*, Ed. De Guido Zurstiege. Darmstadt: Westdeutscher Verlag, pp. 41-51. Acessível em <http://www.tau.ac.il/~itamarez/papers.htm>.
- Extremera Tapia, N. (2000): "Los gallegos en *Os Lusíadas* y la crítica española"; *Homenaje al Professor Basilio Losada: ensinar a pensar con liberdade e risco*, Isabel de Riquer, Elena Losada Soler e Helena González Fernández (ed. lits.), pp. 350-364.
- Fernández del Riego, Francisco (1990): *Diccionario de escritores en lingua galega*, Vigo, Galaxia.
- Fernández Freixanes, V. (1976): "Valentín Paz-Andrade, crónica dun xornal" in *Unha ducia de galegos*, Vigo, Galaxia, pp. 39-60.
- Filgueira Valverde, X. (1924/1925): "La oriunde de Camões"; *Diario de Pontevedra*, 31-12-24 e 3-01-1925.
- Filgueira Valverde, X. (1958): *Camoens*, Madrid, Labor [2ª ed., 1975, Editora Nacional; ed. em português, Almedina, 1981].
- Filgueira Valverde, X. (1967): "Alma minha gentil que te partiste..."; in *Primera y segunda asambleas lusitano-gallega: Actas y comunicaciones*, Madrid, Real Academia Gallega, pp. 127-132.
- Filgueira Valverde, X. (1968): "Un inédito de fray Martín Sarmiento sobre los ascendientes gallegos de Camoens"; *La ascendencia pontevedresa de Camoens*, Ponte Vedra, Imp. Hogar Provincial, pp. XXIII-XXVII.
- Filgueira Valverde, X. (1985): "Camoens en Rosalía"; in *Arredor do centenario de Rosalía 1985*, Amancio Liñares Girault, ed., Padrão, Patronato Rosalía de Castro, pp. 107-110.
- Filgueira Valverde, X. (1991): "Valentín Paz Andrade na cultura galega"; in *Homenaje a Valentín Paz Andrade*, Ponte Vedra, Academia Gallega de Ciencias, Diputación Provincial de Pontevedra, pp. 25-33.
- Gómez Torres, Camilo (1999): *Manuel Maria. Os traballos e os dias*. A Coruña: Liovento.

- González Millán, X. (1992). “A configuración historiográfica dunha literatura marxinal”, *Actas do Primeiro Congreso Internacional da Cultura Galega*, Santiago, Xunta de Galicia, pp. 445-452.
- Guerra da Cal, Ernesto (1985): *Antologia poética. Cancioneiro rosaliano. Rosalía de Castro*. Lisboa, Guimarães editores, pp. 11-12.
- Iglesia, Antonio de la (1886): *El idioma gallego. Su antigüedad y vida*. Corunha: Latorre y Martínez Editores.
- Lago González, M. (1906): “Elogio de la Lengua Gallega”, *Boletín de la Real Academia Gallega*, núms. 6 e 7, de 20 de novembro, pp. 137-141.
- Lambert, J. (1986): “Les relations littéraires internationales como problème de reception”, *Oeuvres et Critiques*, 11 (2): 173-189.
- Lapa, Manuel Rodrigues (1983) “A reintegração linguística galego-portuguesa. Um drama que afecta a nós todos”, *Nova Renascença*, 9, pp. 321-329.
- Lapa, Manuel Rodrigues (2001). *Cartas a Francisco Fernández del Riego sobre a cultura galega*. Vigo, Galaxia.
- Ledo Andiñón, Margarita (1982), *Prensa e galeguismo: da prensa galega do XIX ao primeiro periódico nacionalista: 20 anos de “A Nosa Terra”, (1916-1936)*, Sada, ed. do Castro.
- Ledo Andiñón, Margarita (2001): “As quintas feiras, no Norte día a día...”, *I Congreso Internacional “O Exilio Galego”: Santiago de Compostela: Arquivo da Emigración Galega – Consello da Cultura Galega*, 2001. Acessível em http://culturagalega.gal/exilio/pdf/margarita_ledo_exilio.pdf.
- Lima, Teresa (2002): As relações políticas entre a Galiza e Portugal após o 25 de Abril através da imprensa (1974-1981). TIT em “Estudos Contemporâneos”, Universidade de Santiago de Compostela. Inédito.
- López de la Vega (1857): “Un recuerdo a Camões”, Santa Cristina de Valeije, 1857; id. *El Porvenir Hispano-Lusitano*, 1858.
- López Fernández, Teresa (1997): *O Neotrobadorismo*, Vigo, A Nosa terra.
- López Morais, A. (1965): “Castelar y el regionalismo gallego. (Cartas inéditas en torno a la polémica Castelar Murguía)”, *La Estafeta Literaria*, 320-321, pp. 82-83. http://archivo-municipal.betanzos.net/AMB%20FONDO%20ALVAJAR%20web/Hemeroteca%20Xeral%20do%20Fondo%20Alvajar/1965-Estafeta%20Literaria/1965%2006-07_Estafeta%20Literaria_arquivo_municipal_de_betanzos_fondo_alvajar.pdf.
- Machado da Rosa, A. (1957): “Heine in Spain (1856-1867). Relations with Rosalia de Castro”, *Monatshefte*, XLIX, 2, pp. 65-82.
- Machado da Rosa, A. (1972): “Camões e Rosalía”, *Atenea*, 1-2, 1972 (também *Agália*, n.ºs 73-74, 2003).
- Máiz, Ramón (1984): *O rexionalismo galego: organización e ideoloxía (1886-1907)*, Sada, Edición do Castro.
- Marques, Maria Alegria et alii (1997): *Correspondência de Rodrigues Lapa. Selecções (1929-1985)*. Coimbra, Minerva.
- Mar[tínez] Sal[azar] (1888): “En tela de juicio”, *El Álbum Literario*, 5, 4 de março, pp. 159-167.
- Medeiros, António (2003): “Discurso nacionalista e imagens de Portugal na Galiza”, *Etnográfica*, Vol. VII (2), pp. 321-349 Acessível em http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_07/N2/Vol_vii_N2_321-350.pdf.
- Méndez Ferrín, Xosé Luis (1993): “Os Eoas”, *A Trabe de Ouro*, 14, pp. 287-290.
- Montero Santalha, J. Martinho (1989): “Na morte de Rodrigues Lapa”, *Agália*, 17, pp. 109-111.

- Montezuma de Carvalho, J. (1995): “Rosalía de Castro festeja Camões”, *Atas do Congresso Internacional de Língua, Cultura e Literatura Lusófonas*, VII-IX, in *Temas de O Ensino*, n.ºs 27-38 (antes n.º O Arrais de Peso da Régua), pp. 291-296.
- Morán Cabanas, Isabel (2003): “Transferência das normas e do modelo camoniano à literatura finissecular galega: *Os Calaios* e *Os Lusíadas*”, *Lusorama*, 53, pp. 29-49.
- Neto, Almeida (1870): *Álbum de Homenagens a Luiz de Camões. Nova edição dos principais escritos em verso e prosa publicados pela imprensa periódica por ocasião de se erigir o monumento que à memória do egrégio poeta*, Lisboa, Lallemand Frères.
- Osorio-Tafall, B. F. (1991): “Valentín Paz Andrade en el mundo internacional”, in *Homenaje a Valentín Paz Andrade*, Ponte Vedra, Academia Gallega de Ciencias, Diputación Provincial de Pontevedra, pp. 11-24.
- Pardo Bazán, Emilia [1888 (1988)], *De mi tierra*, Corunha/Vigo, Tip. de La Casa de Misericordia / Xerais.
- Parga Sanjurjo (1907): “El renacimiento de la literatura regional”, *Boletín de la Real Academia Gallega*, n.ºs 16 e 17, do 20 de novembro, pp. 77-96.
- Paz-Andrade, Valentin (1967): *La Anunciación de Valle-Inclán*, Madrid, AKAL.
- Paz-Andrade, Valentin (1970): *La marginación de Galicia*, Madrid, Siglo XXI de España Editores.
- Paz-Andrade, Valentin (1978): *A Galecidade na Obra de Guimarães Rosa*, Introducción de Paulo Ronai; Epílogo de Alvaro Cunheiro, Sada, Edición do Castro.
- Paz-Andrade, Valentin (1979): *Cen Chaves de Sombra*, Sada, O Castro.
- Pena, X. R. e Forcadela, Manuel (2005). *Estudos sobre Os Eoas*, Santiago de Compostela, Sotelo Blanco.
- Pereira Caldas, J. J. (1881): “Encomio a Camões numa poesia hispanhola de D. José Lopez de la Vega” [em 1855, Braga, Typ. Lealdade].
- Piñeiro, Ramón (1991): “Presencia de Valentín Paz Andrade no Galeguismo”, in *Homenaje a Valentín Paz Andrade*, Ponte Vedra, Academia Gallega de Ciencias, Diputación Provincial de Pontevedra, pp. 89-95.
- Pondal, Eduardo (2005): *Poesía Galega Completa. IV. Os Eoas*, edición de Manuel Ferreiro, Santiago de Compostela, Sotelo Blanco.
- Portela Yáñez, Ch. e Díaz Pardo, I. (1997): *Epistolario / Valentín Paz-Andrade*, Sada, Edición do Castro.
- Ricón, Amado: *Eduardo Pondal. Novos Poemas*, Vigo, Galaxia, 1971.
- Rios Panisse, M. C. (1978): “Análise estilística de três sonetos de Camões”, *Revista Letras*, de Curitiba, 27, pp. 111-129.
- Risco, Vicente (1928/1929), “Da Galiza Renascente”, *A Nosa Terra*, 252, 1-IX: 4-9; 253, 1-X: 4-9, 256, 1-I: 4-10.
- Rodríguez y Rodríguez, M.: (1905) *Origen filológico del romance castellano* Santiago, Escuela Tipográfica Municipal.
- Samartim, Roberto (2014). “O 25 de abril na Galiza dos anos setenta: impactos e consequências”, *Revista Diacrítica*, 28(2), pp. 15-32.
- Silveira, Joaquim da (1927): “Sobre o nome ‘Camões’”, *Biblos*, III, pp. 425-446.
- Tarrio Varela, A. (1994): *Literatura Galega. Aportacións a unha historia crítica*. Vigo, Xerais.
- Tettamancy Gastón, Francisco (1908): *La Revolución Gallega de 1846*, Corunha, Imprenta Regional de Carré.
- Tettamancy Gastón, Francisco (1912): *Mártires de Carral*, Imprenta y Fotograbado de Ferrer, Corunha.

- Torres Feijó, Elias (1995): *A Galiza em Portugal, Portugal na Galiza a través das revistas literarias: (1900-1936)*, 3 vols. (Dissertação de doutoramento inédita). Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela.
- Torres Feijó, Elias J. (1995): “A polémica sobre o texto da inscrição no monumento ‘Aos mártires de Carral’: a evidência de um sistema paralisado”; in *A Galiza em Portugal, Portugal na Galiza a través das revistas literarias: (1900-1936)*, 3 vols. (Dissertação de doutoramento inédita). Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 1022-1031
- Torres Feijó, Elias J. (1997): “Cultura, cultura galega e mundo lusófono em Valentin Paz-Andrade: alguns contributos”, *Agália*, 51, pp. 297-336.
- Torres Feijó, Elias J. (1999), “Cultura portuguesa e legitimação do sistema galeguista: historiadores e filólogos (1880-1891)”; *Ler História*, 36, pp. 273-318. Acessível em <http://www.agal-gz.org/modules.php?name=News&file=articlecomments&sid=2708>.
- Torres Feijó, Elias J. (2003) “O 25 de Abril e as suas imediatas conseqüências para e no campo do protossistema cultural galeguista.” In *Actas do VII Congresso Internacional de Estudos Galegos. Mulleres en Galicia. Galicia e os outros pobos da Península. Barcelona 28 ó 31 de maio de 2003*, Helena González e M. Xesús Lama (eds.), Sada: Edición do Castro / Asociación Internacional de Estudios Galegos/Universitat de Barcelona, pp. 689–701. Acessível em <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2944796.pdf>.
- Torres Feijó, Elias J. (2005): “Sistemas emergentes, intersistemas culturais: o estudo do mundo lusófono no sistema literário galego” R. Zilberman (coord.), *Actas VII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*. Providence, Brown University, CD-ROM.
- Torres Feijó, Elias J. (2008): “A mais poderosa ponte identitária: Portugal e a Saudade no nacionalismo galego”, *Actas do III Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade em Homenagem a Dalila Pereira da Costa*, Natário, Maria Celeste; Braz Teixeira, António; Rocha, Afonso; Epifânio, Renato, orgs. (2008), Lisboa: Zéfiro; pp. 149-166.
- Torres Feijó, Elias J. (2010): “Relacionamento literário galego-português: legitimação e expansão com Sísifo ao fundo.” In *Suroeste: Relaciones literarias y artísticas entre Portugal y España (1890-1936) / Relações Literárias e Artísticas entre Portugal e Espanha (1890-1936)*, vol. 1. Antonio Sáez Delgado e Luis Manuel Gaspar, eds., Armas y América. Badajoz: Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales / Junta de Extremadura / MEIAC / Assírio & Alvim, pp. 163–85.
- Torres Feijó, Elias J. (2011): “A Receção de Camões na Galiza.” In *Dicionário de Luís de Camões*, Vítor Aguiar e Silva, ed., Lisboa, Caminho, pp. 721–740.
- Torres Feijó, Elias J. (2013): “Intimismo e comunidade galego-portuguesa. Rosalia de Castro: Dend’as fartas orelas do Mondego.” In *Reading Literature in Portuguese. Commentaries in Honour of Tom Earle*, Cláudia Pazos Alonso e Stephen Parkinson (eds.), London, Legenda.
- Vázquez Cuesta, Pilar (1991), “Portugal e nós”, *A Trabe de Ouro*, 6, pp. 41-53.
- Vázquez Cuesta, Pilar (1975) *A Espanha ante o “ultimátum”*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Vázquez Cuesta, Pilar (1995): “Portugal-Galicia, Galicia-Portugal: Un diálogo asimétrico”: Colóquio. *Letras*, n.º 137/138: 5-21.
- Verdini Deus, [“Sobre o paralelismo temático, a linha argumental, passagens paralelas, métrica e vocabulário”], *Grial*, n.º 79, 1983.
- Vilavedra, Dolores (1999:) *Historia da literatura galega*, Vigo, Galaxia.
- Vilavedra, Dolores (2004): *Diccionario de literatura galega*, 4 vols., Vigo, Galaxia.
- Villares, Ramón (1983): “As relacións da Galiza con Portugal na época contemporánea”, *Grial*, 81: 301-314.

Viqueira, J. M., (1972): *Camões y su hispanismo*, *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, XXIX.

VV.AA. (1907): *Barbarismos de la inscripción del monumento a los mártires de Carral*, Buenos Aires, Imprenta de los Hermanos Coni.

O presente volume recolhe seis trabalhos em que se analisam factos, acontecimentos, períodos ou processos em que o referente português, quer seja individual, quer seja coletivo, jogou um papel importante na fabricação de ideias culturais na Galiza e/ou explica a perspectiva de quem as elaborou: Camões ao longo dos séculos, um poema de Rosalía de Castro, a polémica linguística havida por causa da inscrição do Monumento aos Mártires de Carral, o século xx até 1936, os imediatos efeitos do 25 de abril de 1974 em setores galeguistas e a produção de Valentín Paz-Andrade em relação ao mundo luso/brasileiro. Usos e utilidades de Portugal como construção e prática que, a juízo do autor, permite entender dinâmicas passadas e presentes e as formas de futuro que foram imaginadas por diversos agentes e grupos para a cultura galega e/nem a sua relação com Portugal e o mundo de língua portuguesa.

O autor cede os seus direitos em favor da associação educativa nos tempos livres Altair Galiza e da Escola Semente de Santiago de Compostela.


andavira
e d i t o r a

ISBN 978-84-121509-8-8

9 788412 150988